

ERMELINDA A. PAZ

Muito obrigado, Ermelinda!
Muito obrigado por mais este excelente livro, documento absolutamente cuidadoso sobre um dos maiores patrimônios deste nosso país: Edino Krieger.
Mais que cuidadoso, amoroso e refinado, pois que foi escrito por uma musicóloga experiente e apaixonada pelos seus temas. O exemplo fora de série de Edino Krieger, entidade onipresente na música brasileira – compositor, regente, intérprete, jornalista, produtor e dirigente cultural – é exibido aqui em toda a sua plenitude, para que brasileiros mais jovens possam usufruí-lo integralmente.
E nós, amigos, colegas e contemporâneos de Edino, recebemos a rica informação de sua excepcional trajetória artística.

Turíbio Santos

SESC

www.sesc.com.br



EDINO KRIEGER

CRÍTICO, PRODUTOR
MUSICAL E COMPOSITOR

Volume I

ERMELINDA A. PAZ

SESC

EDINO KRIEGER

Volume I

CRÍTICO
PRODUTOR
MUSICAL
COMPOSITOR

ERMELINDA A. PAZ

EDINO KRIEGER

Volume I



ERMELINDA A. PAZ

EDINO KRIEGER

Volume I



CRÍTICO

PRODUTOR MUSICAL

COMPOSITOR

SESC | Serviço Social do Comércio
Departamento Nacional
Rio de Janeiro, março de 2012

SESC | SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO NACIONAL

ANTONIO OLIVEIRA SANTOS

DEPARTAMENTO NACIONAL

Direção-Geral

MARON EMILE ABI-ABIB

Divisão Administrativa e Financeira

JOÃO CARLOS GOMES ROLDÃO

Divisão de Planejamento e Desenvolvimento

ÁLVARO DE MELO SALMITO

Divisão de Programas Sociais

IVALDO DA COSTA PEREIRA

Consultoria da Direção-Geral

JUVENAL FERREIRA FORTES FILHO

PROJETO E PUBLICAÇÃO

Coordenação

Gerência de Cultura / Divisão de Programas Sociais

MARCIA LEITE

Equipe de Música

GILBERTO FIGUEIREDO

SYLVIA LETÍCIA GUIDA

THIAGO SIAS

PRODUÇÃO EDITORIAL

Assessoria de Divulgação e Promoção / Direção-Geral

CHRISTIANE CAETANO

Supervisão Editorial

JANE MUNIZ

Concepção, pesquisa e texto

ERMELINDA A. PAZ

Projeto Gráfico de miolo

CECÍLIA JUCÁ DE HOLLANDA | LIVROS & LIVROS

Projeto Gráfico da capa

ANA CRISTINA PEREIRA (HANNAH23)

Revisão de Texto

DAMIÃO NASCIMENTO

ELANIE BAYMA

Revisão de Conteúdo

FERNANDO KRIEGER

Catálogo Temático

Edição:

ANTONIO JOSÉ

Editoração:

FÁBIO ADOUR DA CÂMARA, SÉRGIO DI SABBATO e THIAGO SIAS

Revisão:

SÉRGIO DI SABBATO e THIAGO SIAS

Produção Gráfica

CELSO MENDONÇA

2012 © SESC Departamento Nacional

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem autorização prévia por escrito do SESC Departamento Nacional, sejam quais forem os meios e mídias empregados: eletrônicos, impressos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Paz, Ermelinda A., 1949-

Edino Krieger : crítico, produtor musical e compositor / Ermelinda A. Paz. – Rio de Janeiro : SESC, Departamento Nacional, 2012.

280 p. : il. ; 20,5 x 28 cm.

Inclui Bibliografia

ISBN 978-85-89336-77-2

1. Krieger, Edino, 1928-. 2. Compositores – Brasil - Biografia.
I. SESC. Departamento Nacional. II. Título.

CDD 927.813

Imagem da folha da capa e folha de rosto: Autorretrato de Edino Krieger publicado na *Folha da Manhã*, São Paulo, 23 dez. 1956. [Suplemento] *Atualidades e Comentários*, p. 5.

Fotos do álbum de família: Acervo Edino Krieger.

DEDICATÓRIA

A meus pais, Pacífico e Ednéa (*in memoriam*), minha filha Luciana e meu esposo Zanini, por terem sido meu apoio constante em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

- Ao CNPq, pela concessão da bolsa de Produtividade em Pesquisa no período 1999-2001.
- À funcionária Lise Rodriguez, do Centro de Documentação e Informação da Funarte.
- À Sociedade de Amigos de Brusque, na pessoa do sr. Otto Kuchenbecker, pelo envio de material e livros sobre a cidade e pelo trabalho de consultoria.
- À Secretaria Municipal de Brusque/Secretaria de Turismo, na pessoa do sr. Sérgio Petruschky, pela remessa de material sobre Brusque.
- À Editora *Tribuna da Imprensa*, ressaltando sua diretora-presidente Nice Lourdes Garcia Dante e, em especial, o arquivista Silvio Henrique de Paula e Carlos Silva, que colaboraram sobremaneira, facilitando a consulta ao material.
- À Fundação Biblioteca Nacional, na pessoa de Elizete Higino, diretora da Divisão de Música e Arquivo Sonoro.
- Às entidades e pessoas que autorizaram o uso de imagens: Carol Pires, Else Baptista, Leonor Scliar, Marcelo Jaffé, Marlene Moreira Neves, Nenem Krieger, Paulo Alimonda, Pedro Paulo Koellreutter, Renato Krieger, Ricardo Tacuchian, Saloméa Gandelman e Turíbio Santos.
- À sra. Jane Guerra-Peixe, pela cessão das cartas da Coleção Guerra-Peixe.
- À comunidade familiar e musical, pelos importantes depoimentos que contribuíram em muito para o enriquecimento deste trabalho: Hans-Joachim Koellreutter (em 29/7/1997), Mário Tavares (em 31/7/1997), Maria Teresa Madeira (em 6/8/1997), Henrique Morelenbaum (em 18/8/1997), Turíbio Santos (em 25/8/1997), Laís de Souza Brasil (em 11/9/1997), Elza Lakschevitz (em 22/9/1997), Ronaldo Miranda (em 26/9/1997), Luiz Paulo Horta (em 8/10/1997), Ricardo Cravo Albin (em 10/10/1997), Ricardo Tacuchian (em 13/10/1997), Saloméa Gandelman (em 20/10/1997), José Maria Neves (em 20/10/1997), Vânia Bonelli (em 3/11/1997), Valéria Peixoto (em 7/11/1997), Marisa Rezende (em 9/11/1997), Sonia Maria Vieira (em 11/11/1997), Ernani Aguiar (em 25/12/1997), João Guilherme Ripper (em 11/1/1998), Cecília Conde (em 3/3/1998), Eladio Pérez-González (em 7/3/1998),



Gertrudes e Aldo Krieger com os filhos Edino (4 anos), Renato e Myriam. Brusque (SC), 1932.

Paulo Bosísio (em 14/3/1998), Maria Lúcia Godoy (em 16/3/1998), Odete Ernest Dias (em 17/3/1998), Lilian Barreto (em 21/3/1998), Carmelo Krieger (em 24/3/1998), Tim Rescala (em 5/5/1998), Dante Krieger (em 13/5/1998), Zito Baptista Filho (em 15/5/1998), Maria Júlia Vieira Pinheiro (em 20/7/1998), Gertrudes Régis Krieger (dez. 1998 e 7/5/2001), Jamary Oliveira (em 12/1/2000), Marcelo Fagerlande (em 22/5/2000), Paulo Moura (em 5/6/2000), Hermínio Bello de Carvalho (em 12/7/2000), Rodolfo Caesar (em 2/8/2000), Antonio Jardim (em 13/8/2000), Heitor Alimonda (em 18/8/2000), Rodrigo Cicchelli Velloso (em 18/8/2000), Miguel Proença (em 21/8/2000), Almeida Prado (em 9/3/2001), Maria Constança Audi de Almeida Prado (em 12/3/2001), Jocy de Oliveira (em 14/3/2001), Amaral Vieira (em 15/3/2001), José Vieira Brandão (em 16/3/2001), Adelaide Moritz (em 29/3/2001), Rosa Myriam Krieger Costódio (em 31/3/2001), Marcelo Krieger (em 2/4/2001), Carmen Krieger Wachowicz (em 3/4/2001), Renato Rocha (em 16/4/2001), Raul do Valle (em 19/4/2001), Rildo Hora (em 20/4/2001), Alexandre Dossin (em 4/5/2001), Dinorah Krieger Gonçalves (em 7/5/2001), Aylton Escobar (em 28/5/2001), Roberto Saturnino Braga (em 13/7/2002) e Alceo Bocchino (23/2/2011).

- Às professoras Márcia Trigueiro (*in memoriam*), Valéria Peixoto, Saloméa Gandelman, Rosa Zamith e a Fernando Lyra Krieger, pela diligente leitura e revisão do texto, fornecendo importantes subsídios e sugestões.
- A Edino Krieger, pela inestimável colaboração, ressaltando, em especial, a grande contribuição evidenciada por meio da preparação do catálogo temático. Obrigada, ainda, pelos importantes depoimentos – de 19/8/1996 a 8/6/2001 – que enriqueceram sobremaneira o trabalho.

SUMÁRIO VOLUME I



Edino Krieger aos 12 anos. Brusque (SC), 1940.

Abreviaturas, 8

Apresentação, 9

Prefácio, 11

Introdução, 15

I. O homem e seu mundo, 19

II. O crítico musical, 63

Depoimentos da Comunidade Musical, 71

Resenha das Críticas Levantadas, 74

Tribuna da Imprensa, 75

Jornal do Brasil, 159

III. O produtor musical, 217

Depoimentos da Comunidade Musical, 258

Índice, 268

ABREVIATURAS

ABC – Associação Brasileira de Concertos
ABI – Associação Brasileira de Imprensa
ABM – Academia Brasileira de Música
ACC – Associação de Canto Coral
ACM – Associação Cristã de Moços
ACO – American Composers Orchestra
AV-Rio – Associação de Violão do Rio de Janeiro
CBM – Conservatório Brasileiro de Música
CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil
ENM – Escola Nacional de Música
FCB – Fundação Cinema Brasileiro
Funabem – Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor
Funarte – Fundação Nacional de Arte
Fundacen – Fundação Nacional de Artes Cênicas
Funterj – Fundação dos Teatros do Rio de Janeiro
GB – Guanabara
Ibeu – Instituto Brasil-Estados Unidos
Inciba – Instituto Nacional de Cultura y Bellas Artes
INM – Instituto Nacional de Música
ICBA – Instituto Cultural Brasil-Alemanha
INL – Instituto Nacional do Livro
MEC – Ministério da Educação e Cultura
MPB – Música Popular Brasileira
OSB – Orquestra Sinfônica Brasileira
PRO-MEMUS – Projeto Memória Musical Brasileira
Rádio JB – Rádio *Jornal do Brasil*
SEC – Secretaria de Educação e Cultura
SIMC – Sociedade Internacional de Música Contemporânea
SRE – Serviço de Radiodifusão Educativa
OSN – Orquestra Sinfônica Nacional
Soarmec – Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC

APRESENTAÇÃO



Edino Krieger aos 14 anos.
Brusque (SC), 1942.

O reconhecimento da arte como meio de expressão essencial ao ser humano leva o SESC a desenvolver projetos culturais que colocam esta entidade como referência na promoção e difusão de diferentes linguagens artísticas, com foco na ação socioeducativa.

No âmbito da música, o SESC oferece à clientela comerciária e ao público geral atividades de formação e de apreciação por meio de programação variada e do desenvolvimento de projetos que visam ao aprimoramento estético e à formação de plateia.

O livro sobre Edino Krieger é uma obra de referência para professores e estudantes de música. Dividido em dois volumes, aborda a trajetória profissional do artista e suas múltiplas facetas e dimensões – crítico, produtor musical e compositor. Como crítico musical, em especial nos periódicos *Tribuna da Imprensa* e *Jornal do Brasil*, tratou de temas de grande relevância, como políticas culturais visando à formação musical acurada, discussões estéticas e outros de igual importância. Sua atividade como compositor vem enriquecendo cada vez mais o repertório solista, camerista, coral e orquestral brasileiro. Como produtor musical é responsável pelo desenvolvimento e pela preservação da música brasileira, especialmente as dos períodos colonial e contemporâneo. O segundo volume traz informações sobre o compositor, prêmios, distinções, homenagens, referências e indicações de fontes de pesquisa e consulta, um catálogo temático completo e uma discografia do compositor, bem como os anexos e o índice onomástico.

O SESC considera oportuno publicar e distribuir esta obra por entender tratar-se da biografia de um músico de indiscutível importância para o cenário da música no Brasil.



Edino Krieger aos 19 anos. Rio de Janeiro (RJ), Natal de 1947.

PREFÁCIO

É magra a bibliografia dedicada aos mestres da nossa música – bastando dizer que só recentemente pudemos dispor de um estudo abrangente sobre a vida e a obra de uma figura exponencial como a de Camargo Guarnieri. Nesse sentido, merece aplausos o trabalho da professora Ermelinda A. Paz dedicado a Edino Krieger – o primeiro do gênero sobre um compositor de raça que acabou de comemorar os seus 84 anos. Além de ser muito informativo, o estudo tem a vantagem de dar a palavra ao próprio meio musical brasileiro, mobilizado em uma amplíssima série de depoimentos.

Tem-se assim um eco do que Edino Krieger significou e significa para este meio musical; e nesse rumo, aparece um dos aspectos mais originais do que é o objeto deste estudo.

É comum a figura do artista na sua torre de marfim. Algumas manifestações artísticas parecem propícias a essa atitude – a pintura, por exemplo, que pode ser praticada em absoluto silêncio, em qualquer lugar que convier ao artista.

O músico moderno também sofreu essa tentação – até por uma espécie de entranhada incompreensão da época. A música contemporânea custa a furar o bloqueio dos *mass media* e até da rotina de concertos. Não é preciso muito, depois disso, para que o compositor se sinta um isolado, um incompreendido, e vá cuidar da sua vida, desanimado ou ressentido com o meio que não lhe dá eco. Edino Krieger poderia ter furado essa barreira pela sua própria obra – em que uma das principais características, sem prejuízo da profundidade, é a capacidade de comunicação, por uma combinação especial de qualidade musical e firmeza de desenho. Mas ele fez mais – e nesse sentido é que o estudo de Ermelinda A. Paz fornece os maiores detalhes. Quando se examina essa carreira que começou em Santa Catarina e chegou muito cedo ao Rio de Janeiro, o que salta aos olhos, além da evolução artística, é a intenção muito firme de inserir-se no processo social, na discussão da época, nos assuntos que diziam respeito à vida do músico, extrapolando o simples trabalho de composição.

É verdade que Edino teve boas oportunidades, a partir da bolsa inicial concedida pelo seu estado natal. Outras bolsas vieram, que o levaram aos Estados Unidos e, depois, à Inglaterra. Mas nada disso perturbou a sua decisão de fincar pé num meio musical como o do Rio de Janeiro; e de, nesse contexto, atuar de todas as maneiras no sentido até altruístico – o que é especialmente raro, tratando-se de uma personalidade de artista necessariamente envolvido no seu próprio trabalho.

Edino mal passara dos 20 anos e já dividia seu ofício musical com uma participação efetiva no jornalismo cultural. Foi, ao longo de toda a sua vida, um crítico de música atuante (um dos aspectos mais úteis do atual estudo é o levantamento completo dessa atividade crítica); e um crítico que, para além do puro fato musical, sabia enxergar o meio, as correntes de ideias, e entrar no debate quando isso se fazia necessário.

Assim se concretizou, por exemplo, uma participação efetiva na polêmica que sacudiu o início dos anos 1950, em São Paulo e Rio de Janeiro, tendo como tema os supostos malefícios do dodecafonismo tal como ele era ensinado e praticado por músicos como H. J. Koellreutter. No polo oposto ao de Koellreutter estava um grupo de que o porta-voz foi o próprio Camargo Guarnieri. Os ânimos se exaltaram – muito mais no sentido do ataque ao dodecafonismo e a Koellreutter; o qual, por seu lado, não tinha temperamento para esse tipo de debate e, de qualquer modo, ficava numa posição incômoda, por ser estrangeiro, acusado de corromper esteticamente os jovens músicos brasileiros! Como crítico da *Tribuna da Imprensa*, Edino entrou sabiamente no debate – sem agravar as questões, mas mostrando o que havia de artificial e prejudicial naquilo tudo (veja-se, nos anexos deste estudo, a carta magistral que ele escreveu a Guerra-Peixe, que com ele participara do grupo Música Viva, mas que, de repente, abria fogo contra as “influências de fora”).

Esse gosto das ideias, em Edino, não é gratuito: corresponde ao seu forte intelecto, que pode ser visto no próprio trabalho de composição. Mas é uma capacidade intelectual que, de modo muito raro, se coloca como que à disposição do meio, num sentido positivo e construtivo. Pelo menos no Rio de Janeiro, isso marcou uma trajetória invulgar – quase que se diria única: a do artista que trabalha pelo meio onde ele está inserido; que, muitas vezes, parece até deixar em segundo plano o seu interesse pessoal, de modo a mais eficazmente articular os caminhos que levam ao progresso nessa área específica de atuação.

Pode-se assim acompanhar, neste estudo minucioso, o desdobramento da atividade “pública” de Edino Krieger – seus longos anos de trabalho na Rádio MEC, na Rádio *Jornal do Brasil*, posições de onde podia trabalhar com o maior proveito na divulgação e na defesa da boa música – e sobretudo da música nova, tantas vezes esquecida.

Por um desdobramento natural, dessas posições específicas Edino acabou passando ao próprio centro da nossa atividade musical. Assim é que lhe coube organizar, em 1969, o primeiro Festival de Música da Guanabara – acontecimento memorável que, não por acaso, foi a ocasião de se revelarem diversas obras importantes de compositores novos. Daí se chegaria quase que naturalmente (mas à custa de muito esforço) à primeira Bienal de Música Brasileira Contemporânea – um evento que iria desdobrar-se, desde então, na maior amostragem da música nova brasileira, e que Edino coordenou por 12 edições. Nessa longa série de eventos, a energia do coordenador supriu muito apoio oficial não confirmado; superou muita incompreensão de quem sempre acha que está recebendo poucos benefícios; e terminou estabelecendo um padrão de qualidade e objetividade que se desejaria permanente.

Ainda uma outra etapa, numa vocação pública que se afirmava cada vez mais, foi a série de trabalhos realizados no âmbito da Funarte. Como diretor do Instituto Nacional de Música, Edino Krieger pôs de pé o que foi simplesmente a coleção mais eficiente de projetos de que já se beneficiou a música brasileira: o Pro-Memus, que produzia partituras e discos; o Projeto Villa-Lobos, voltado para o canto coral; o Projeto Bandas; a Rede Nacional de Música (concertos por todo o país). A destruição desses projetos, com o advento da era Collor, só pode ser comparada às loucuras fundamentalistas que andam acontecendo lá pelo distante Oriente – sendo que, aqui, nem havia justificação “teológica” para o exercício da barbárie.

E assim se poderia enumerar infindavelmente projetos e trabalhos que, nas mãos de Edino Krieger, ganhavam uma particular eficácia – como suas passagens pela direção do Teatro Municipal ou da Academia Brasileira de Música. Nisso tudo, o músico quase parecia esquecido, subjugado ou soterrado pela quantidade de “trabalho braçal”!

Mas de tal modo é importante a sua obra, que nunca houve confusão quanto ao Edino músico e o Edino administrador. Quanto ao primeiro desses aspectos, vale citar o depoimento do compositor Almeida Prado, diligentemente recolhido pela autora desse estudo, e que resume muito bem o perfil musical do objeto deste trabalho. Diz Almeida Prado: “Nos diversos aspectos da vida de Edino Krieger, coloco em primeiro lugar o compositor, porque considero que tudo o que ele fez tão bem gira em torno do fato de ser ele o maior compositor brasileiro, um compositor maior. [...] Você sente que o estilo Edino Krieger é ele; ele tem uma qualidade como compositor que é a da comunicação da obra com o público. [...] Ouvindo Edino Krieger, você não sente o esforço do intelectual, do compositor; tudo flui naturalmente, como em Mozart, que, na *Sinfonia Júpiter*, pode às vezes trabalhar com quatro ou cinco temas, mas você sente que é uma melodia que flui. Essa qualidade da simplicidade é que eu acho genial no Edino. [...] Um dos exemplos mais marcantes da sua última obra – que conheço bem porque fui companheiro dele no trabalho de escrever as ‘Sinfonias dos 500 anos’ – é a *Terra Brasilis*: é como se você assistisse a um filme numa imensa tela, os índios, a fauna, a flora, a viagem de Cabral... você se deixa levar nessa viagem, nessa obra genial, pela orquestração suntuosa que mostra a alta maturidade do compositor. Ele hoje pode se permitir tudo, porque está numa altíssima maturidade.”

Luiz Paulo Horta

Jornalista e crítico de música no jornal *O Globo*.

Membro da Academia Brasileira de Música



Uma das formações do Jazz Band America. Em pé: Nilo Krieger (cavaquinho), Oscar Bernardes (banjo), Érico Krieger (trombone sem vara), Oscar Gustavo Krieger (tuba), Aníbal Diegoli (banjo). Sentados: Aldo Krieger (violino), Axel Krieger (violínofone), Rudi Diegoli (bateria), Seifert (clarinete), Primo Diegoli (sax alto) e Augusto Diegoli (trompete). Brusque (SC), década de 1930.

INTRODUÇÃO

Em meados de 1995, com uma pesquisa recém-concluída sobre “Ritmos Populares – sua prática nas baterias das Escolas de Samba e o ensino formal do ritmo na Universidade”, pretendemos iniciar uma nova pesquisa, desta vez na área da música erudita. Contatamos o amigo Dr. Vasco Mariz para conversar sobre o assunto. De imediato, ele sugeriu-nos quatro grandes mestres – José Siqueira, Guerra-Peixe, Cláudio Santoro e Edino Krieger –, todos eles marcos na história e evolução da música brasileira de todos os tempos e merecedores de uma acurada biografia.

Edino Krieger, por sua tríplice atuação – compositor, crítico e produtor musical –, guardando em cada aspecto alto nível de excelência, seriedade e integridade, motivou de modo especial e decisivo nossa escolha.

Como crítico musical, em especial nos jornais *Tribuna da Imprensa* e *Jornal do Brasil*, abordou temas de grande relevância, muitos dos quais, ainda atualíssimos, poderiam se transformar em leitura obrigatória para estudantes de música em nível de graduação e pós-graduação.

Sua atividade como compositor vem suprimindo e enriquecendo cada vez mais o repertório solista, camerista, coral e orquestral brasileiro, com a produção de algumas obras premiadas e já consagradas como *Suíte para cordas*, *Divertimento para cordas*, *Quarteto nº 1*, *Sonatina para piano*, *Ritmata para violão*, *Brasiliana para viola ou sax alto e cordas*, *Canticum Naturale*, *Estro Armonico*, *Ludus Symphonicus* e *Variações Elementares*, para citar apenas algumas. A obra de Edino Krieger é excelente representante das práticas musicais da segunda metade do século XX e XXI, tanto no Brasil quanto no exterior, assegurando a seu autor lugar de destaque no panorama musical de nossos dias.

Por oportuno, sua atuação como produtor musical revela um Edino nobre, generoso, batalhador incansável, zeloso, responsável quase que absoluto pelo desenvolvimento, resgate e preservação da música e da criação musical brasileira desde o período colonial. Cremos que, no futuro, ao avaliarmos a produção musical brasileira – em especial a contemporânea – e a atuação de Edino Krieger nos diversos órgãos públicos por onde passou, iremos nos deparar com um importante marco: a produção musical brasileira antes e depois de Edino Krieger, tamanha tem sido a sua contribuição em prol da música e do músico brasileiro. Soma-se a esses Edinos um homem simples, excessivamente tímido, bondoso, íntegro e amigo.

Com o carinho e a admiração que sentíamos por esse músico de excepcionais qualidades, fomos construindo paulatinamente os alicerces que tornaram possível este trabalho. Tínhamos como meta principal cobrir o universo do homem e do músico em todas as suas facetas e dimensões. Passamos de simples admiradores a pesquisadores, nos transformamos em críticos e, por fim, já nos sentíamos amigos. Construimos sua história contando com sua efetiva participação, em especial na revisão do catálogo temático, e ainda em depoimentos ao longo de nossos encontros, somando-se a essas consultas e buscas em arquivos públicos, privados e no arquivo particular de Edino Krieger, além de importantes depoimentos colhidos na comunidade musical.

Este trabalho possui três grandes segmentos, aqui representados pelo Edino Krieger compositor, crítico musical e produtor musical. O resultado da pesquisa – que teve como primeiro impulso uma bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq – se encontra dividido em dois volumes. O primeiro volume compreende os capítulos o homem e seu mundo, o crítico musical e o produtor musical, bem como as referências e índice onomástico.

No primeiro capítulo, buscamos situar o personagem no seu mundo, percorrendo um pouco da história de Brusque desde a sua criação, passando pelo seu convívio em família, de modo a melhor conhecer o homem, sua história, suas raízes e tradições.

No segundo capítulo, abordamos a grande contribuição de Edino Krieger como crítico musical, detendo-nos mais acuradamente no estudo das matérias por ele produzidas para o jornal *Tribuna da Imprensa* de 1950 a 1952 e, ainda, sua contribuição como crítico do *Jornal do Brasil* de 1956 a 1977 – em um total de 663 críticas –, fornecendo ao leitor sínteses de todas elas em ordem cronológica, dividindo-as em categorias, selecionando ainda algumas para apresentá-las integralmente no texto sob a forma de anexo, passando por outras crônicas mais esparsas, escritas para outros veículos de comunicação, com inserção de depoimentos da comunidade artística.

No terceiro capítulo, ressaltamos a grande contribuição de Edino Krieger para a preservação e divulgação da música brasileira de todos os tempos, evidenciada em suas ações político-culturais, na administração pública e privada, percorrendo toda sua trajetória nas rádios MEC, Roquette-Pinto e *Jornal do Brasil*, levantando todos os programas sob sua responsabilidade, abordando ainda grandes eventos por ele organizados como os Festivais de Música da Guanabara (I e II), os Concursos Corais (do I ao XI), as Bienais de Música Brasileira Contemporânea (da I até a XII edições) e, ainda, sua passagem pela Funterj, na qualidade de diretor artístico e sua marcante atividade como diretor do Instituto Nacional de Música e presidente da Funarte, relacionando os projetos por ele implementados, com ênfase no Projeto Memória Musical

Brasileira – que nos permite afirmar que a produção musical brasileira se divide em dois tempos: antes e depois de Edino Krieger – e, por último, sua atividade como presidente da Academia Brasileira de Música.

Aqui vamos encontrar fatos marcantes da trajetória desse compositor, uma oportunidade de mostrar como sua história, suas raízes e tradições foram fundamentais para a compreensão de sua postura aberta e equilibrada ao longo de sua vida como crítico e gestor de importantes políticas públicas culturais. E, como veremos no segundo volume, esses traços revelam, ainda, um compositor plural, que transita com maestria por diferentes gêneros da música popular brasileira com requinte e pleno domínio das técnicas de composição, passando pelos dobrados, pela música serial e chegando ao Carnaval, em uma bem-sucedida e reconhecida trajetória como criador.

Ermelinda A. Paz

Fle. *Schaffer*

Republica d'os E. U. do Brasil



Comarca do Brusque, Estado de Santa Catarina

Certidão de Nascimento No. 90

GERMANO SCHAFER, Escrivão municipal de Jure de Paz e do Registro Civil de Primeira Classe da Sede da Comarca do Brusque, Estado de Santa Catarina, no Jure de Lei etc.

Certifico que no dia N. 33 a julho N. 5. de 6 foi registrada no dia 21 de Março de 1922 uma criança do sexo masculino de cor branca nascida em Brusque no dia 17 de Março de 1922, peso 6 1/2 libras, a qual recebeu o nome de Edino Krieger

de pais: Sr. Antonio Krieger e Sr. Frederico Krieger
de mãe: Srta. Estevana Krieger e Adeline Krieger

Maternidade: Joaquim Egydio Reis e Albertina Reis
(Atestada) O marido: Guilherme Schaffer Ald. Krieger
por Arthur Bernack e Alexander A. Bernack

O referido é verdade e dou a Ex. Germano Schaffer
escrevendo e cobrando e assinando em público e sem, nos Y.

Em H. G. P. de Brusque

Brusque, *de* Março de 1922

O Escrivão: *Schaffer*



GOVERNADOR DO ESTADO DE SANTA CATARINA

R - Cr. 1/20
E - Cr. 1/20
C - Cr. 1/20
S - Cr. 1/20
Gr. 1/20

Certidão de nascimento de Edino Krieger.

CAPÍTULO I
O HOMEM E
SEU MUNDO

A cidade de Brusque, localizada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, foi fundada em 4/8/1860, por ocasião da migração de 55 colonos alemães oriundos do grão-ducado de Baden, sul da Alemanha, que aportaram a Vicente Só.¹ Consta da documentação da Prefeitura Municipal de Brusque que era fundada então a “Colônia Itajahy”, que posteriormente passou a denominar-se Brusque, sendo instalada por Maximilian Von Schneéburg, seu primeiro diretor. Só no ano de 1860 chegaram mais três grupos de colonos. Nos anos que se seguiram, a corrente imigratória era composta somente de alemães,² oriundos de Baden, Holstein, Oldenburg, Westphalia e Prússia. Mais tarde, outras nacionalidades somaram-se a esta. Os elementos francês e irlandês não se adaptaram à colonização imposta, embora tenham recebido todo o auxílio dispensado aos outros imigrantes: alimentos, dinheiro, ferramentas – um machado, uma foice e uma enxada –, assistência médica e religiosa. O pesquisador Ayres Gevaerd assinala que, por volta de 1875, começaram a chegar, em elevado número, imigrantes italianos, instalados nas linhas Porto Franco, Ribeirão do Ouro, Águas Negras, Limeira e Poço Fundo: “Nos três primeiros lugares os colonos italianos dedicaram-se à exploração das matas e conseqüente montagem de engenhos de serra, iniciando também a fabricação de cal aproveitando as riquíssimas jazidas de calcário.”³

Segundo Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart, em seu trabalho *A imigração polonesa nas colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro* (1984, p. 14), “o elemento alemão – chegado primeiro à Colônia Itajahy – tomou para si as melhores terras, nela desenvolvendo uma economia rudimentar, basicamente de subsistência, sobrando ao italiano o recurso de estabelecer-se nas matas. [...] A invasão de suas terras ocorria não só por parte do imigrante italiano; outros indivíduos, habitantes da vizinha Colônia Itajahy, incursionavam ao local, abastecendo-se de madeiras de que a região era fértil. Foi nesse clima de disputas que se deu a chegada do imigrante polonês”. A autora também analisa o contexto em que se deu a primeira imigração polonesa: em agosto de 1869 desembarcaram 16 famílias oriundas da Silésia e foram estabelecidas na linha *Sixteen Lots*, então abandonada pelos irlandeses (GOULART, 1984, p. 16-17).

Gustav Schlösser em carta aos amigos que ficaram na Polônia, traduzida pela supracitada autora, relata que Brusque, quando da chegada dos imigrantes poloneses, era uma pequena cidadezinha de aproximadamente 400 habitantes, sem vida comercial. Os comerciantes que ali faziam seus negócios eram alemães, não empresários, que assim gostavam de negociar à sua maneira com os colonos (GOULART, 1984, p. 47).

Em 1889 chegou ainda um pequeno grupo de poloneses originários de Lodz, que, não possuindo dotes para o trabalho na lavoura, iniciaram aos poucos a era da tecelagem, em modesta indústria artesanal doméstica, que se tornou mais tarde a sede da primeira indústria de fiação de Santa Catarina – a Fábrica de Tecidos Carlos Renaux, fundada em 1892 – transformando-se em 1924 nas Indústrias Têxteis Renaux S.A. Em 1/1/1911 surge outra importante indústria, a Cia. Industrial Schlösser, passando a cidade de Brusque a ser considerada o berço da Fiação Catarinense. “O estabelecimento dos imigrantes poloneses em Brusque foi, sem dúvida, o caminho para o desenvolvimento alcançado pelo setor industrial de que a cidade hoje desfruta.”⁴

Mais adiante a autora enfatiza que, além de fornecer um excedente de mão de obra altamente capacitada para o povoamento do vale do Itajaí-Mirim, os poloneses contribuíram de modo decisivo para o aparecimento das tecelagens, no deslanche da industrialização do “Berço da Fiação Catarinense”, ainda que fosse pequeno o número de seus imigrantes em Brusque.

Em 23/3/1881, pela Lei Provincial nº 920, a Colônia Itajahy transformava-se em município, com o nome de São Luiz Gonzaga. A partir de 17/2/1890, pelo Decreto nº 77, passava a denominar-se definitivamente Brusque, em homenagem a Francisco Carlos de Araújo Brusque, presidente da Província de Santa Catarina por ocasião da fundação da Colônia.

Euvaldo Schaefer (1996, p. 875) falando sobre o desenvolvimento da Colônia, assim se expressa:

Brusque era uma vasta e pobre colônia. Nenhuma essência preciosa, nenhuma especiaria, nem ouro, nem prata, nem diamante, nenhum elemento imediatamente utilizável existia para despertar a cobiça dos conquistadores, dos colonos etc. Eis porém, que o acaso, um acaso histórico, veio transformar completamente a Colônia de Brusque, dando-lhe possibilidade de um rápido desenvolvimento. A Colônia, de paupérrima, tornou-se riquíssima. [...] Desembarcados os colonos, estabelecidas as primeiras toscas moradias, abertas as primeiras picadas que deviam construir as vias públicas, todas as valetas nas suas margens, a fim de drenar o terreno bastante alagadiço, localizaram-se os novos habitantes das terras longínquas nos seus lotes e a luta contra o desconhecido futuro sob o clima tropical. [...] Os colonos foram-se habituando, e as relações fizeram surgir ideias que lhes amenizassem os dias afanosos, sem

contar as tradições comuns que lhes ligavam. Surgiram, pois, as sociedades escolares, as comunidades religiosas, mais tarde as sociedades recreativas, quais as de canto, as desportivas e a de ginástica.⁵

Giralda Seyferth (1974, p. 90-91) atesta que houve um grande crescimento de sociedades para fins de recreação e entretenimento, salões de baile e associações ligadas às igrejas, tendo como papel integrar os membros da comunidade colonial, que não congregavam apenas os seus sócios, mas sim refletiam a vida pública da comunidade inteira. Na publicação intitulada *Brusquer Zeitung – Organ zur Förderung der Interessen Brusques*, de 3 de agosto de 1912, traduzida e publicada pela revista *Notícias de Vicente Só. Brusque, Ontem e Hoje!*, Ano V, nº 48, de agosto de 1996, consta que em 14/7/1866 foi fundada a Sociedade Caça e Tiro – *Schützen-Verein Brusque* –, em 22/7/1896 a Sociedade de Canto – *Singerbund* –,⁶ e ainda a Sociedade de Cantores – *Gesangverein Sängerbund* –, sem indicação de data. Em 16/6/1900 surge a Sociedade Ginástica Brusque – *Turnverein* –, hoje conhecida como Sociedade Esportiva Bandeirantes.

Ao se encetar estudos sobre Brusque, percebe-se nitidamente que Igreja e Escola sempre estiveram estreitamente ligadas no período colonial. Sabe-se que o governo deixou a educação por conta e sorte da iniciativa particular – os professores pagos pelo governo para este fim eram em número insuficiente –, cabendo às igrejas grande parte deste trabalho. Tão logo se viram organizadas e estruturadas, com pastor e vigário residentes na cidade, elas tomaram a si a tarefa de ensinar e integrar os membros da comunidade. Vida escolar e vida religiosa caminharam neste período lado a lado. As religiões professadas pela comunidade eram a Evangélica Luterana e a Católica Apostólica Romana, que tinha Nossa Senhora do Caravaggio como símbolo maior da religiosidade dos colonos italianos recém-chegados e, por parte dos colonos poloneses, Nossa Senhora de Czestochowska. Estudos publicados na revista *Notícias de Vicente Só. Brusque, Ontem e Hoje!*, Ano V, nº 49, p. 926, sobre o início das práticas religiosas na comunidade brusquense, apontam junho de 1861 como sendo a data da primeira visita do primeiro vigário católico, padre Alberto Gattone, à vila. A comunidade evangélica foi fundada em 17/4/1863 pelo pastor Hesse de Blumenau, no rancho provisório dos imigrantes, sendo que o primeiro pastor com residência fixa em Brusque foi Sandreczki, que realizou o primeiro culto em 5/2/1865, criando ainda a Escola Evangélica local.

O perfil europeu, tendo como suporte as culturas germânica, italiana e polonesa, representa o somatório de um povo com forte disposição para o labor e a tradição. Esta última evidencia-se mais na arquitetura – construções antigas

ou novas deixam transparecer o estilo enxaimel, que solidifica-se através dos tempos, evidenciando-se nos edifícios e praças, como os prédios da prefeitura e do Fórum –, na gastronomia e na religiosidade.

A música surge em Brusque quase que juntamente com a instalação da colônia alemã. Aos poucos começam a surgir conjuntos, bandas e coros, resultando num número bastante significativo nos primeiros 100 anos de existência. Consta nos periódicos que os primeiros conjuntos eram formados principalmente por homens que se dedicavam durante o dia ao trabalho braçal e que, nos momentos de folga da lavoura, dedicavam-se à música, quase sempre em família, cultivando desta forma um hábito bem europeu. Famílias quase que inteiras dedicavam-se aos instrumentos e, ainda, ao canto.

Segundo registro extraído do *Diário Catarinense* de 31 de julho de 1999, sob o título “Música está no sangue”, o primeiro conjunto brusquense data de 1874 [sic] – o Schützen-Verein Brusque –, dirigido e criado por Augusto Maluche, que foi um grande fazendeiro na região. Outrossim, pesquisa realizada no setor de documentação da Sociedade dos Amigos de Brusque revela que a criação do conjunto data de 14/7/1866, com seu centenário de criação comemorado na cidade em 14/7/1966. Suas primeiras atuações deram-se nas festas de Páscoa promovidas pela Sociedade Schützen-Verein Brusque.⁷ Ainda que não haja documentação sobre a data provável de sua criação, encontramos ainda registros sobre a banda Orthmänner Kapelle,⁸ que atuava a seis quilômetros da sede, em Guabiruba. Em 1896 surge o conjunto vocal masculino Gesang-Verein Brusque,⁹ que teve longa existência, com quatro integrantes da família Krieger: Willy, Otto, Guilherme e Hermann. Consta que, ao participar de concursos intermunicipais, várias vezes voltou com o prêmio principal. A partir de 1900, foram surgindo outros conjuntos como: o Orfeão Evangélico de Brusque, dirigido por pastores e professores da Igreja Evangélica¹⁰ (1903), inicialmente denominado Coral da Comunidade Evangélica, que persiste até hoje com pequenas interrupções; o Madrigal da Associação das Damas de Caridade (6/12/1907),¹¹ criado para participar dos cultos evangélicos; a Pequena Orquestra de Câmara¹² (1910), sob a direção de Primo Diegoli – cunhado de Gustavo Krieger e tio de Aldo Krieger –, que alegrava bailes e saraus familiares; o Coro Católico (1910), tendo o compositor Humberto Mattioli como um de seus dirigentes, sendo ainda um exímio tocador de pistão, que aprendeu com Antônio Schwartz; a Banda Musical Concórdia¹³ (1910); a Banda Musical Liberdade¹⁴ (1913), também conhecida pelo nome de um de seus fundadores – Willy Appel Kapelle; a Schola Cantorum (1927), resultante das atividades religiosas do Seminário de Azambuja, tendo como fundador e ensaiador Dom Jayme de Barros Câmara, responsável pelos primeiros corais a quatro vozes; o Jazz Chopp com

Rosca (1928), fundado por Vitor Ademar Gevaerd; o Jazz Band America (1929), fundado por Aldo Krieger, tido como o mais importante conjunto de danças da cidade; o Ideal Jazz Band (1933), também fundado por Vitor Gevaerd; o Clube Musical (1935); o coral denominado Madrigal (1940), criado por Aldo Krieger, seu primeiro regente; a Sociedade Musical Concórdia (1942), também criada por Aldo Krieger, que, junto com seus companheiros, almejava reativar a Banda Musical Concórdia, fundada por Humberto Mattioli; a Banda Musical Aurora (1946), fundada em Azambuja pelo padre Gregório Warmeling;¹⁵ a América Orquestra (1949); a Urca Jazz (1949), que, além de alegrar a região com suas apresentações, participava de programas de rádio; o Orfeão Juvenil Amadeus Mozart (1951), criado por Aldo Krieger; o Conservatório de Música de Brusque, também fundado por Aldo Krieger¹⁶ em 18/11/1954; e o Conjunto Serenata, que, conforme o próprio nome indica, destinava-se a fazer as serenatas sob a janela das moçoilas.¹⁷ Todos estes conjuntos – de acordo com o seu perfil – estiveram presentes nos eventos da comunidade.

Sobre o Conservatório de Música de Brusque, o sr. Otto Kuchenbecker nos dá o seguinte depoimento: “Sua permanência foi por poucos anos, mas o suficiente para contribuir para difundir a arte e a cultura musical”.¹⁸

A história de algumas famílias se confunde com a própria história da música de Brusque. A trajetória dos Krieger¹⁹ data de 1861, com a chegada ao Brasil de imigrantes alemães vindos de Oldenburg para a província recém-criada. Iniciando aqui os preparativos de uma nova vida, os evangélicos luteranos Jacob Krieger e Augustine Fridericke Luise Kuchenbaecker se casam (KRIEGER, 1978, p.4). Dessa união, nasceu em 26/1/1878 Gustav Philipp Krieger, mais conhecido por Gustavo Krieger, que, juntamente com outros imigrantes europeus, ajudou a escrever a história de Brusque. Em decorrência de sua contribuição para o estabelecimento da cidade de Brusque, o nome Gustavo Krieger foi dado à rua que liga a rua Felipe Schmidt com a rua Vereador Guilherme Niebuhr, por meio da Lei nº 763/77 de 12/12/1977. Consta que ele apreciava a música e que em seu tempo livre tocava flauta – considerado exímio flautista –, clarinete, concertina e viola de concerto. Gustavo Krieger era um notório alfaiate; sua “Alfaiataria Elegante”, fundada em 1898 e posteriormente denominada “Irmãos Krieger”, era única no gênero. Sabe-se que “a fama da qualidade dos serviços era tamanha que Carlos Renaux, cônsul do Brasil em Baden-Baden, encomendava-lhe seus ternos, quando tinha à disposição os serviços de alfaiates europeus” (KRIEGER, 1978, p.5). Em 19 de novembro de 1902, Gustavo Krieger se casa com Adelaide Diegoli, uma imigrante italiana, oriunda de Bolonha. Dessa união resultaram 17 filhos – Aldo, Bertilha, Oscar, Érico, Oscar Gustavo, Melida, Lilly, Oswaldo, Axel, Nilo, Élide, Walkyria, Dirce, Aurora,



Aldo Krieger aos 8 anos. Com essa idade, Aldinho tocava bandoneon e fazia as trilhas sonoras para os filmes mudos da época. Brusque (SC), 1911.

Jeanette Aurora, Zita Adelaide e Raynerio Osvaldo (KRIEGER, 1978, p. 49). A trajetória musical dos Krieger data de 1896, conforme anteriormente citado, com Willy, Otto, Guilherme e Hermann, todos antepassados do maestro Aldo Krieger, que estreou musicalmente em 1911 aos 8 anos de idade, fazendo trilha musical para os filmes mudos da época tocando bandoneon. Mais tarde, com



Aldo e Gertrudes Krieger
(sentados) com os filhos.
Atrás: Carmen, Renato, Edino,
Myriam, Mozart e Dante.
À frente: Dinorah, Marcelo e
Carmelo (sentado).
Avenida Cônsul Carlos Renaux,
Brusque (SC), 21/11/1949
(véspera do retorno de Edino ao
Rio de Janeiro (RJ)).

14 anos, ingressou na Banda Musical Concórdia, onde chegou a atuar como mestre. Sua presença é uma constante em quase tudo que se fez de música no município de Brusque. Outra família que também registrou sua presença em diversos grupos foi a Diegoli, que em 1910 participava da Pequena Orquestra de Câmara – com Primo, Willy e Augusto –, sendo que outros Diegoli foram também importantes para a Sociedade Musical Concórdia: Guilherme, Aníbal, Wladimir, Rudi e novamente Primo, na qualidade de regente. A família Moritz foi outra que se destacou neste contexto, figurando desde 1896 na Gesang-Verein Brusque, sendo representada por Mathias e Lehmann, integrando mais tarde outros conjuntos. Citamos ainda a família Walendowsky – representada por Adolpho –, que tocou na Banda Musical Concórdia, no conjunto Ideal Band e no Conjunto Serenata.

Em 17/3/1928, nasce Edino Krieger – que viria a ser o mais importante compositor catarinense e um dos grandes de sua geração –, como fruto do casamento em 11/10/1923 de Aldo Krieger (5/7/1903-12/10/1972) – filho mais velho de Gustavo Krieger e Adelaide Diegoli (ambos comumente chamados por seus familiares de “ôpapa” e “ômama”) – com Gertrudes Krieger (17/11/1905

-2/11/2002) – filha de Joaquim Egydio Régis e Albertina Mafra Régis. Aldo era alfaiate, músico e torcedor do Sport Club Brusquense e Gertrudes, funcionária do Laboratório Boettger e torcedora do Clube Esportivo Paissandu. Edino (Nino) era o terceiro – que se tornou o segundo com o falecimento do irmão Harry Nelson (14/1/1926 – 10/6/1926), que o antecedeu – de uma família integrada por mais oito irmãos: Rosa Myriam (Maninha, 2/3/1924 – 10/8/2008), Renato (Tato, 26/11/1930 – 10/9/1996), Carmen (Cacá, 7/12/1934), Mozart (Quinho, 26/10/1938 – 27/2/2003) e Dante (Lenta, 26/10/1938) – estes dois, gêmeos –, Marcelo (Celo, 18/8/1940 – 2/2/2011), Dinorah (Tica, 31/1/1943) e Carmelo (Nique, 5/10/1946), de acordo com informações constantes no trabalho inédito *Gertrudes Régis Krieger – 90 anos*, de autoria do filho Marcelo. Edino recebeu este nome em homenagem a um soldado músico (clarinetista) que seu pai conheceu quando prestava serviço militar no 15º Batalhão de Caçadores de Curitiba, em 1926, e que havia se tornado seu amigo.

Dona Gertrudes Régis Krieger em comunicação pessoal datada de 7/5/2001 nos fala sobre essa época:

Quando o Edino nasceu, a Myriam tinha quatro anos. O Aldo já tinha voltado do quartel (15º Batalhão de Caçadores de Curitiba) e nós estávamos morando novamente em Brusque, porque durante o tempo em que o Aldo serviu eu fiquei em Rio do Sul, na casa de meus pais. Em Brusque, fomos morar na casinha da rua Paes Leme, aquela que aparece no quadro que o Aldo mandou pintar. E Edino nasceu em casa. A parteira era a Frau Bordes. [...] Ele nasceu de manhã cedo. [...] Então, todo dia de manhã a Martinha [Martinha era a 9ª de uma família de 12 irmãos: Militão, Maria Lina, Alice, Juvenal, Gertrudes, Albertina, João, Ambrósio, Martinha, Antão, Júlia e Casemiro] ia lá em casa me ajudar a cuidar do Edino. Ela lavava a roupa dele e fazia o almoço para mim.

Anotações feitas por
Aldo Krieger.



CASA ONDE NASCEU EDINO KRIEGER
EM BRUSQUE - RUA PAES LEME, 141
NO DIA 17 DE MARÇO DE 1938

Por ocasião do nascimento de Edino, a família morava numa pequena casa de madeira na rua Paes Leme, 141. Em 1934 mudou-se para Rio do Sul, de lá retornando em 1936, passando a morar numa pequena casa (Edino não lembra o nome da rua). Posteriormente, aproximadamente em 1941, a família se mudou novamente. Foi para uma propriedade do Dr. Carlos Moritz, que, no dizer de Mozart, meio emprestou, meio alugou a casa para seus pais.

Lembro-me da mudança para a cadeia velha. As tralhas vieram de carroça, que entrou pelos fundos, [...] que ficava para a indústria Renaux. A casa, que não existe mais e nunca foi fotografada, era um chalezão, com porão alto e o acesso pelos fundos se fazia por uma escada de madeira, alta e empinada, por onde subiu a mudança. (Palavras do irmão Mozart)

A citada casa – de acordo com o relato do irmão Mozart no trabalho inédito *Quod Scripsi, Scripsi*, por ele escrito entre 1988 e 1993 – possuía quatro quartos amplos, uma sala de estar, uma sala de jantar, uma cozinha, uma grande varanda com vistosa trepadeira que se prendia a uma armação de madeira em treliça larga, com vãos em arco, muito bonita, especialmente quando a roseira floria, e um sótão. O terreno era muito grande e comportava uma bela plantação de hortênsias, cuidada com esmero pela irmã Myriam, além de diversas árvores frutíferas. Tinha ainda uma cumeeira alta, que trazia ao centro um buraco redondo para entrada de corujas, buraco este observado pelo irmão Dante quando ainda na carroça com as mudanças. Ligando a sala à cozinha e passando por entre os quartos que ficavam à direita e à esquerda, havia um comprido, estreito e escuro corredor que se interligava com todos os cômodos. Segundo descrição de Dante, era possível, entrando pela porta da sala que abria para a varanda, seguir pelo corredor e, passando pela cozinha, sair novamente para a varanda pela porta da sala de jantar.

E era exatamente assim que o Edino nos punha – Mozart, Marcelo e eu – a correr em círculos pela casa enquanto ele mesmo se escondia subindo pelas paredes do corredor até o teto – apoiando-se mãos e pés nos dois lados do corredor estreito – e nos fazia rir às gargalhadas quando o descobríamos lá em cima junto ao forro, num canto escuro. (Depoimento do irmão Dante)²⁰

Edino, para nós, era como um cometa, uma estrela maior, que aparecia de tantos em tantos anos. Lembro-me, quando ele esteve na Inglaterra e tinha um programa na BBC de Londres, que fazia a produção e a locução ao vivo e nós ficávamos ouvindo ele falando, era pura emoção! (Depoimento do irmão Carmelo)

Lá eles permaneceram aproximadamente até 1947 ou 1948. Aldo Krieger trabalhava no comércio para o sustento de sua família, tendo sido gerente da Loja Renaux antes de abrir uma casa de sapatos – a Casa Renato, em homenagem ao filho, seu braço direito no trabalho. Quando o estabelecimento começou a produzir lucro eles voltaram a se mudar. Foram morar na casa do sr. Hobus. Era um casarão de três andares que ficava em frente ao Hotel Gracher, bem no coração da cidade. Lá a família permaneceu até o início de 1950. Nessa época, Edino Krieger já estava no Rio de Janeiro. Após rescindido o contrato de locação mista – residencial e comercial – com o sr. Hobus, a família foi para a casa de propriedade do sr. Norival Loureiro, próxima da cadeia velha. A partir de agosto de 1951 eles se mudaram para a casa de Frau Lübcke, casa esta que se transformou no primeiro patrimônio da família, que até então vivera

sempre em casas alugadas. Depois de fechada a Casa Renato (o negócio durou aproximadamente quatro anos), Aldo Krieger foi trabalhar na prefeitura, como professor de canto orfeônico no Colégio Cônsul Carlos Renaux, trabalhando com música, seu verdadeiro *métier*. Em decorrência disto e como condição *sine qua non* para continuar exercendo a função de professor de música, em face das novas exigências resultantes da implementação do canto orfeônico, passou o ano de 1953 no Rio de Janeiro – ele residia com o filho Edino na rua Senador Vergueiro, 135, no Flamengo –, estudando no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico sob a orientação de Villa-Lobos. Aldo Krieger viajou sozinho, deixando Dona Gertrudes tomando conta da casa e dos filhos. Segundo Mozart Krieger, Dona Gertrudes revelou-se uma ótima administradora doméstica, função para a qual nunca houvera sido convocada.

O fato é que administrou os dinheiros parcos e minguados que recebia da Prefeitura com tal noção de economista, ao ponto de surpreender o Pai em seu retorno. Ela havia comprado na marcenaria do seu Adolpho Walendowsky uma mobília inteiramente nova para o quarto, com cama, guarda-roupa, penteadeira e criados-mudos e, nas Lojas Renaux, um sofá para a sala e até um tapete verde, tudo a prestação, pagando pontualissimamente e abrindo crédito ilimitado na praça. (Depoimento do irmão Mozart)

Mais tarde, Aldo Krieger fundou o primeiro Conservatório de Música de Brusque.

Da passagem de Aldo Krieger pelo Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, Edino nos revelou uma interessante história. É ele quem nos fala:

O Villa-Lobos inventou um sistema de compor baseado nas linhas das montanhas. Não só das montanhas como New York Sky-line Melody, baseado no perfil dos arranha-céus de Nova York e assim ele fazia também com as montanhas. Isso era uma disciplina que ele ensinava no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico. Os alunos do Conservatório tinham com ele essa disciplina que se chamava a Música das Montanhas e que consistia em extrair melodias a partir de um gráfico das montanhas. Pegavam a montanha, desenhavam o contorno da montanha, depois colocavam um papel quadriculado transparente e anotavam nesse papel os pontos principais daquela linha da montanha. Cada linha daquele papel quadriculado no sentido horizontal significava a duração e no sentido vertical dava a altura das notas de acordo com a escala, enfim, que ele colocava aí. Então um dia meu pai chegou em casa, ele morava comigo num apartamentinho ali no Flamengo, e disse: “O Villa-Lobos é maluco mesmo, imagine só que ele inventou essa história de fazer melodia das montanhas e aí vai ter uma prova por esses dias e a gente vai ter que levar uma melodia, uma composição baseada nessa melodia das montanhas e eu não sei como vou fazer isso.” Ele fez uma vez, fez duas vezes

e achou que tinha saído uma droga a melodia das montanhas, aí ele resolveu o problema invertendo a situação. “Eu vou fazer primeiro a melodia, depois faço a montanha em cima, ele não vai saber o que eu fiz primeiro” e assim ele fez. Ele fez a melodia com contraponto etc., depois botou lá papel quadriculado e desenhou a montanha em cima daquela linha melódica, daquele contraponto e aí veio me mostrar, aí eu falei: “Não é que saiu uma coisa assim meio parecida com o Corcovado e com o Pão de Açúcar? Até que está interessante realmente.” Ele disse: “Isso aqui eu vou levar para o Villa-Lobos.” No dia da prova levou para o Villa-Lobos e chegou em casa depois às gargalhadas contando como é que foi e disse que o Villa-Lobos começou a analisar os trabalhos dos alunos e ele lia e tocava no piano e dava um conceito de acordo com a qualidade que ele achava que o trabalho tinha. Então ele tocava, olhava e dizia: “De quem é esse trabalho?” “É meu, mestre,” “olha, esse seu trabalho aqui está parecendo um amigo da pulga, está muito ruim” e ele colocava no trabalho “amigo da pulga” e assinava Villa-Lobos e dizia “vai melhorar esse trabalho”. Pegava outro, “esse trabalho aqui não está bom, parece um amigo do rato”, escrevia lá “amigo do rato”, assinava Villa-Lobos. E assim ele ia, amigo do gato, amigo do cachorro, amigo do cavalo e qualquer coisa, amigo do macaco já era bem melhor. Aí de repente ele pegou as montanhas do trabalho do meu pai, tocou e disse: “Olha que beleza! Olha só! Isso que eu pedi, olha a melodia, o contraponto, as duas montanhas, que maravilha, vamos transferir isso para o quadro e vamos cantar.” Aí copiou no quadro-negro, fez todo mundo cantar a duas vozes para solfejar e disse: “Aqui vocês estão vendo como meu sistema funciona quando as pessoas são realmente musicais, aqui é um trabalho excelente, olha as montanhas, isso aqui não parece o Corcovado, isso não parece o Pão de Açúcar? Ele pegou o Corcovado e o Pão de Açúcar e veja que beleza de música que ele fez, sabem por quê? Porque a montanha é boa, se isso fosse uma porcaria de montanha, seria uma porcaria de música, como vocês fizeram. A montanha dele é uma montanha bonita, bem-feita e tá uma música boa.” Então ele colocou assim: “parabéns, amigo da gente, Villa-Lobos”. Meu pai chegou em casa às gargalhadas. (Os irmãos Carmelo e Marcelo sempre disseram que Villa-Lobos escreveu para Aldo Krieger: “Ao amigo de todos nós – Villa-Lobos.”)

Voltando a Edino Krieger, na série de entrevistas que ele nos concedeu, ele acrescenta informações que enriquecem o nosso conhecimento sobre sua biografia:

Nasci de uma família de músicos. Meu pai, na verdade, era um músico autodidata, um músico espontâneo. Meu avô tocava viola, clarinete e tocava em conjuntos típicos. Isso do lado alemão. Meu bisavô italiano também tocava instrumento de sopro, não lembro bem qual.

Edino herdou dos dois lados da família, tanto do alemão quanto do italiano, esse pendor para a música, ainda que sua miscigenação racial acuse a presença do elemento português e indígena, este último recentemente descoberto. O seu pai começou cedo a participar de conjuntos de boêmios que faziam serestas, e tocava vários instrumentos. Teve aulas de violino e bandoneon com Graupner, um mestre alemão que também tocava no cinema mudo. Aldo Krieger costumava acompanhar o professor no cinema mudo e depois acabou substituindo-o. Sempre procurou inculcar o gosto pela música em seus filhos, propiciando aos mesmos uma iniciação musical. Myriam, Carmen, Dante e Dinorah estudaram piano; Edino, Mozart e Carmelo foram levados ao violino.

O pai de Edino tinha um certo espírito de liderança, começou a organizar conjuntos e a ensinar música aos seus irmãos mais jovens; então, faziam grupos de serenata, de seresta, e tocavam em casas, em festas. Sempre nos fins de semana eles se reuniam e faziam música em casa. Desde garoto Aldo Krieger participava da banda de música da cidade, que foi organizada por um trompetista de origem italiana, o Mestre Mattioli. Começou como percussionista, tocando tambor, caixa etc., depois passou para o clarinete. E acabou substituindo o velho Mestre. Ele compôs, inclusive, muita música para banda. Edino Krieger também escreveu um dobrado para essa banda de música, intitulado *Saudades de Brusque*, dedicado ao Mestre Aldinho, seu pai.

Em 1929, quando Edino tinha apenas um ano de idade, Aldo Krieger organizou o primeiro Jazz Band do Estado de Santa Catarina. O Jazz Band America, que manteve sua atividade por 12 anos, tinha em sua formação músicos da mesma família: do lado dos Krieger – alfaiates e evangélicos –, Aldo e mais três irmãos (Érico e Axel – que já tocavam no Chopp com Rosca – e Oscar Gustavo); e do lado Diegoli – marceneiros e católicos –, Primo e Augusto – tios dos Krieger –, Aníbal e Rudi – primos deles. Mais tarde entraram Nilo Krieger e Ivo Diegoli. Edino relatou-nos que durante o dia os cinco Krieger eram todos alfaiates de profissão, e à noite eram músicos. Quanto aos cinco Diegoli, seguiram o ofício do bisavô italiano, que era

tanoeiro e marceneiro. Edino lembra que seu bisavô Gregório Diegoli contava como uma das grandes glórias da sua biografia o fato de um dia ter sido chamado para consertar uma janela na casa de Giuseppe Verdi, que ele conheceu pessoalmente.

Para ensaiar o Jazz Band eles se reuniam na alfaiataria de Gustavo Krieger, que tinha um salão imenso. O conjunto era integrado por dois violinos-fone (um violino que tinha um diafragma de onde saía uma campana), clarinete (o pai de Edino se alternava no uso desses dois instrumentos), dois trompetes, dois saxofones – um alto e outro tenor –, dois banjos, um trombone de vara (trazido



da Alemanha para Érico Krieger, tio de Edino, tocar), uma tuba e um baixo-tuba. Era um som típico de jazz band americano da época, fazendo música brasileira. Lá eles também faziam os ensaios para o Carnaval. A alfaiataria era o local onde a cidade inteira se concentrava para preparar o Carnaval. A garotada toda ia assistir aos ensaios do Jazz Band, os blocos se reuniam ali, e o pai de Edino mandava buscar em São Paulo, nas editoras, as músicas impressas para o Carnaval. Na época, não se ouvia muito rádio, então o repertório era aprendido com as músicas tocadas pelos conjuntos. Sobre essa época, Edino revela que:

O Jazz Band tocava ali as músicas do Carnaval, e então as pessoas, os jovens da cidade, decidiam qual era a música que iam escolher para formar o seu bloco. Então, formavam o Bloco da Jardineira, da Tirolesa, das Touradas de Madri etc. Isto se deu na década de 1930. Época muito fértil do Carnaval de salão, de rua. Eles faziam corsos. O Jazz Band, na verdade, fazia o Carnaval não só da cidade, como de repente começou a ser solicitado a tocar, a fazer carnavais nas cidades vizinhas. Eles tocavam muito mais por prazer do que profissionalmente. Era realmente uma grande curtição! Eles fizeram muito Carnaval em Itajaí, Florianópolis. Eu me lembro muito é de meu pai muitas vezes chegando em casa, em fins de semana em que eles iam tocar, por exemplo, em Tijucas – que é uma cidade vizinha –, em Florianópolis etc., que são cidades de colonização mais açoriana, portuguesa, e que têm tradições folclóricas tipicamente de origem portuguesa açoriana. E lembro que uma vez ele chegou em casa num desses carros antigos que eles usavam para o transporte, trazendo um Boi-de-Mamão. O Boi-de-Mamão é o correspondente açoriano do Bumba-meu-Boi do Nordeste, o Boi-Bumbá. E lá na minha cidade mesmo havia grupos que, na época da Folia de Reis, Natal, faziam o Boi-de-Mamão. Isso eu lembro muito bem: da porta da minha casa, de vez em quando, ver esses grupos que cantavam e dançavam, fazendo esse tipo de folguedo, o Boi-de-Mamão.

Outras festas folclóricas brasileiras como, por exemplo, as festas de São João, eram muito cultivadas na comunidade. Nessa época do ano costumava fazer muito frio, havia fortes geadas, e era costume local frequentar os clubes, sobretudo os de futebol. Brusque foi sede, em 1913, do primeiro Clube de Futebol de Santa Catarina, o Sport Club Brusquense. Os clubes sociais mais importantes organizavam as festas são-joanenses, que sempre foram muito familiares. Nelas dançava-se quadrilha, pulava-se fogueira, comia-se batata-doce, melado, esse tipo de coisas que são comuns à cultura brasileira de um modo geral.

Edino esclarece que às vezes as pessoas pensam que em Santa Catarina, um estado de colonização europeia muito acentuada, as tradições devem ser europeias; no entanto, pelo menos na cidade dele e na sua época, não

eram. Ele enfatiza que sempre sentiu uma ligação muito mais forte com as tradições folclóricas de origem portuguesa e africana do que alemã ou italiana. Festa alemã, mesmo, havia uma que era muito tradicional na cidade e que corresponde, talvez, ao que é hoje a *Oktoberfest*, em Blumenau: era a Festa dos Atiradores, a *Schützenfest*, em um clube de caça que, antes da guerra, chamava-se *Schützen-Verein* e depois passou a ser o Clube de Caça e Tiro Araújo Brusque. Fundado em 14/7/1866, é considerado o mais antigo do gênero na América Latina e o mais antigo em funcionamento no Brasil. A *Schützenfest* é uma tradição tipicamente alemã e sempre trouxe à lembrança de Edino o *Freischütz* de Weber, que tem um pouco dessa atmosfera do franco-atirador. Nestas ocasiões era tocado, evidentemente, o repertório tipicamente alemão, das polcas, dos *Ländler* etc.

Essas são algumas das primeiras lembranças de Edino! Lembranças que passaram a fazer parte de um repertório cravado na memória e que, mais tarde, seguramente, iriam se refletir em suas composições. Edino lembra-se de, muitas vezes, acordar de madrugada com uma serenata no portão da sua casa, que era a última parada do pessoal boêmio. Seu pai, os irmãos e amigos, que saíam no fim de semana fazendo serenatas, às vezes esqueciam de voltar para casa, só chegavam na segunda-feira de madrugada, coisa típica de boêmios. E Edino às vezes acordava assim, de madrugada, com aquele som, aquelas valsas. Aldo Krieger escrevia muitas valsas, algumas delas dedicadas à sua mulher e às filhas, além de ser o autor dos hinos dos centenários de Brusque e Blumenau.

Aldo Krieger também fazia músicas para as serenatas, para os grupos de seresteiros. Todas tinham muito a ver com o que se fazia no Rio de Janeiro, com a música da época: Pixinguinha, Luiz Gonzaga, Marcelo Tupinambá, Ernesto Nazareth, Chiquinha Gonzaga, valsas seresteiras, músicas como as de Zequinha de Abreu, de São Paulo, xotes e polcas, na época em que a polca estava começando a se nacionalizar, a adquirir aquela ginga brasileira. Aldo Krieger escreveu muitas músicas nessa linha. Várias delas constam do LP que Edino organizou e editou, tendo como produtor Henrique Cazes, em 1993, quando seu pai já havia falecido. Trata-se de um disco comemorativo dos 90 anos de Aldo Krieger, e tem um caráter mais documental e uma sonoridade típica da música urbana do Rio de Janeiro. O disco teve uma tiragem limitada e foi lançado em Santa Catarina, tendo sido relançado em CD no ano de 1998.

Apesar de toda essa vivência, o pai de Edino nunca quis que ele tocasse nenhum instrumento popular:

Nem violão ele queria que eu tocasse, porque queria que eu fosse um músico clássico. Ele achava que música popular era uma coisa para tocar no Carnaval,

era uma coisa mais, digamos assim, de caráter recreativo, uma música que você faz para se distrair, para fazer serenata [...] E ele queria que eu fosse um concertista, que estudasse violino a sério. Então, eu estudei violino com ele, comecei com 7 anos a me interessar. Meu pai já havia determinado que eu ia ser violinista. Ele não ia deixar por menos, eu tinha que ser concertista. Era uma decisão dele. E eu já estava mais ou menos seguindo, não com um grande entusiasmo, mas, enfim... E, na verdade, eu gostava de tocar violino. Eu não gostava muito de estudar, mas de tocar eu gostava.

Até os sete anos Edino tinha crises de bronquite asmática que quase o matavam. Com seis anos, ele lembra que passava noites em claro, sem conseguir dormir, respirando com dificuldade. Seu pai foi então aconselhado a mudar de clima, e eles foram morar em Rio do Sul, uma cidade no alto da Serra do Mar, onde residia o avô materno de Edino. Moraram lá durante um ano, tempo suficiente para Edino se curar, pois nunca mais teve crises. Ele começou a frequentar escola em 1935, quando ainda estava em Rio do Sul. Era um colégio católico, de freiras, e nessa mesma época começou a tocar no violino do pai. Dona Gertrudes, em 7/5/2001, nos dá seu depoimento sobre esse período:

Quando já estava grandinho, o Edino ficou doente. Era bronquite. Eu o tratava com homeopatia e chás caseiros. Seu Honorato de Souza, de uma família vinda de Curitiba e que morava em Brusque, dava remédios homeopáticos. [...] Dona Olinda, a mulher dele, entrava lá em casa com

Marcelo (no colo), Aldo, Edino, Renato, Myriam e Carmen. À frente: Dante, Mozart e Gertrudes (com Dinorah no colo). Foto tirada na manhã do dia em que Edino viajou para o Rio de Janeiro, às vésperas de completar 15 anos. Casa de Aldo e Gertrudes na rua Barão do Rio Branco (cadeia velha). Brusque (SC), 1943.



os vidrinhos que o seu Honorato preparava para o Edino, logo que sabia que ele estava doente. [...] Quando as crises eram fortes, eu saía com o Edino para a rua, na hora em que os operários passavam para a fábrica Renaux. Andava com ele pela rua durante a madrugada. Depois, voltava para casa já de manhãzinha e ele dormia. Também tratava a bronquite com uma planta que se dava para os animais. Eu ia buscar essa planta na Frau Krause e fazia chá para dar para o Edino. Era uma planta verde. Era alfafa.



Edino Krieger aos 9 anos.
Brusque (SC), 1937.

O primeiro contato de Edino com o violino, ainda em Brusque, foi desastroso. Tinha uns quatro ou cinco anos quando seu pai um dia chegou em casa com um violinozinho pequeno, que lhe deu de presente. Abrindo um parêntese, Tim Rescala, no Centro Cultural Banco do Brasil, por ocasião das comemorações dos 70 anos do compositor, fez menção a esse fato, dizendo que Edino ficou tão feliz que lavou o violino e o pendurou no pessegueiro para secar. Dona Gertrudes tem essa cena guardada na memória. Em sua comunicação pessoal datada de 7/5/2001 ela revela-nos o episódio:

O primeiro violino que o pai comprou para o Edino, ele colocou no tanque de lavar roupa. Era uma tarde de sol e vento e ele achou bom lavar o violino. Depois, pendurou no pessegueiro que havia no quintal. Pendurou e deixou lá. Naquela época, não havia água encanada. E o cocho de lavar roupa ficava no quintal. Eu tinha lavado roupa, a água ainda estava dentro e ele aproveitou para lavar o violino. Quando eu fui olhar, as tabuinhas do violino estavam no chão e o pescoço dependurado na árvore.

Mas foi só em Rio do Sul, quando Edino tinha sete anos, que Aldo Krieger começou a dar-lhe aulas. Ele foi sempre muito rigoroso com o filho. Edino tinha que estudar muitas horas por dia! Evidentemente, uma criança de sete anos preferia estar brincando, jogando, e em razão disso não se dedicava tanto ao estudo quanto o pai queria. Mas, como Edino tinha muita facilidade, conseguiu chegar a um certo desenvolvimento, tocando coisas bastante razoáveis do repertório de violino, como as *Czardas* de V. Monti, o *Moto Perpétuo* de Paganini, a *Reverie* de Schumann, o *Souvenir* de F. Drdla, *Humoresque* de A. Dvorák, a *Fantasia* da obra *O Guarany*, de Carlos Gomes, o *Minueto* de Beethoven, uma *Valsa* de Brahms, o *Rondó* de Mozart, e fazia muito sucesso! A primeira participação em um concerto, pela qual recebeu uma gratificação de R\$5\$000 (cinco mil-réis), foi em 22/11/1936, com oito anos de idade. Ele executou ao violino a *Romanze* de Beethoven e o *Träumerei* de Schumann. O primeiro recital foi em 20/12/1941 (com 13 anos de idade), ao violino, acompanhado ao piano pela tia Walkyria Krieger, nos salões do S. C. Brusquense.

A austeridade do professor Aldo Krieger com o filho Edino era facilmente perceptível no ambiente familiar. Myriam – a irmã mais velha de Edino e que dividia o quarto com ele – nos fala de suas lembranças:

Ele foi um menino que teve uma infância linda, estava sempre com um violino na mão. Ele estudava tanto que às vezes lhe corriam lágrimas de tanto cansaço. De vez em quando eu falava para a mãe: Vamos dar a ele uns 30 minutos para descansar, e a mãe, apesar de concordar que era necessário, não cedia. Ela ficava temerosa que o pai quando chegasse não encontrasse Edino com a lição sabida e fosse pior! Edino foi um menino muito bom, comportado, muito alegre e amoroso. (Depoimento da irmã Myriam)

Carmen Krieger também guarda uma viva lembrança dessa época:

A bem da verdade, é preciso dizer que o Papai depositou no Edino todas as suas esperanças no sentido de torná-lo a princípio um grande violinista, concertista e depois um compositor, um maestro. A unidade entre os dois ia desde as ameaças com o arco do violino quando os estudos não transcorriam a contento (isto aos seis a oito anos de idade) até os arranjos belíssimos que o Edino realizou das Valsas e outras peças do Papai. E que pai orgulhoso! (Depoimento da irmã Carmen Krieger)

Edino terminou o curso primário no Grupo Escolar Feliciano Pires (fundado em 1/9/1919), onde realizou ainda dois anos do Curso Complementar, que equivaleria ao Curso Ginásial, inexistente naquela época. Ele terminou todas as matérias do 2º ano desse curso com média geral 94. Era bom aluno e estava sempre entre os três primeiros da classe. Sobre esse fato, ele comenta: “Minha mãe sempre dizia: ‘Eu não sei como ele tira notas boas, porque nunca o vi pegar num caderno para estudar’.”

Edino confessou-nos que, na verdade, nunca estudava, nunca foi aplicado, talvez por não sentir muita necessidade, pois sempre conseguia bons resultados. Fora do horário da escola, se fosse seguir estritamente a vontade do pai, Edino estaria sempre com o violino em punho, estudando o tempo todo. Todavia, isso nem sempre acontecia, como pode-se perceber em seu depoimento:

Muitas vezes, o pai (ele trabalhava no comércio, na minha cidade) chegava de surpresa, dava umas incertas, pegava a bicicleta, que era o meio de transporte, e ia até em casa para ver se eu estava estudando violino. Mas eu não estava estudando violino, e levava uma carraspana: “Como é que vai ser um grande violinista se não está... tarará... tarará...”

Edino, nessa época, estava mais era querendo brincar! Era campeão de bola de gude. Tinha caixas inteiras de bolinhas disputadas com a garotada toda do colégio, e mesmo depois da escola os colegas acabavam aparecendo na casa dele:

Como é, vamos lá? Vamos. E fazíamos aqueles jogos, sempre ganhando pilhas de bolinhas de gude. Tinha sacos inteiros, caixas de sapatos cheias. Eu gostava, também, de andar de bicicleta. De vez em quando, um bando de garotos ia lá para a beira do rio, para nadar. Não tinha praia de mar, mas tinha um rio bastante bom. E jogar futebol, fazer pelada, esse tipo de coisa.

Sobre este episódio, o irmão Mozart revelou-nos que:

Do Edino tenho lembrança das épocas em que vinha para casa, de férias, e tocava violino. Deixou uma bolsa velha, cheia de “clicas” (bolas de gude), sob a guarda e responsabilidade do Renato. Segundo depoimento deste, aquele era exímio jogador de clica e depenava a gurizada. Eu tinha verdadeiro fascínio por aquilo, que me fora mostrado como verdadeira preciosidade. As clicas contavam uma centena, no mínimo. Perdi horas preciosas da minha existência procurando a sobredita bolsa, sem nunca lhe conseguir pôr as mãos. Lembrome da bolsa: era de couro marrom, tamanho médio, com uma alça meio-círculo de madeira, e um fecho metálico [...]. Sabia que era guardada no sóte (sótão), pois uma vez surpreendi o Renato apanhando-a sob as tábuas do assoalho [...]. Quando o surpreendi, mudou de esconderijo.



Edino Krieger aos 14 anos, aluno de violino de seu pai Aldo. Brusque (SC), 1942.

Até os 14 anos Edino Krieger estudou violino com seu pai. Tinha essa idade quando participou de um recital em Florianópolis, no Teatro Álvaro de Carvalho, com uma pianista de Itajaí, Wanda Helena Zaguini, que era bolsista do Conservatório de Música no Rio de Janeiro. Foi um concerto em benefício da Legião Brasileira de Assistência – em 4/3/1943 –, organizado por entidades de caráter social junto ao estado. A este concerto compareceu o governador Nereu Ramos, na época interventor do estado, que depois do concerto foi cumprimentar Edino e perguntou se ele não queria estudar no Rio de Janeiro. Claro que Edino respondeu afirmativamente! No dia seguinte ele foi ao Palácio, e o governador lhe ofereceu uma bolsa para estudar no Conservatório Brasileiro de Música. No *Diário Oficial* do Estado de Santa Catarina datado de 24/3/1943 encontramos a menção a este fato:

O Interventor Federal do Estado de Santa Catarina, na conformidade do disposto no artigo 6, nº IV, do decreto-lei federal nº 1.202, de 8 de abril de 1939 em seu artigo 1º, concede ao menor Edino Krieger uma bolsa de quinhentos

cruzeiros mensais, a começar de março corrente, para o aperfeiçoamento na Capital da República dos seus estudos de música.



Três gerações da família Krieger: Gustavo Krieger (ôpapa) com o filho Aldo e o neto Edino. Brusque (SC), 21/11/1949. No dia seguinte, quando Edino retornou ao Rio de Janeiro (RJ), onde morava, faleceu seu avô Gustavo Krieger.

Edino ganhou uma corbelha de flores por ocasião desse primeiro concerto em Florianópolis e, ao regressar a Brusque, ofertou-a a Myriam – sua irmã mais velha –, que fez de tudo para preservar tal relíquia.

A viagem de Edino ao Rio de Janeiro envolveu toda a família nos preparativos. Myriam narrou-nos que o ôpapa e a ômama – avô e avó de Edino respectivamente – fizeram um enxoval lindo, que constava de vários ternos, ternos esses que logo se perderam. Edino cresceu tanto que, quando chegou a Brusque pela primeira vez após sua partida, estava com a calça no meio da perna e o paletó com a manga muito curta, causando grandes risadas.

Antes da viagem, Aldo Krieger reuniu a família, chamou o fotógrafo Scharf e tirou uma foto de todos juntos para a posteridade. Segundo as lembranças do irmão Mozart, foram todos tirados da cama bem cedo!

Myriam Krieger em seu depoimento revelou-nos que: “Mamãe sempre nos conta que Edino era muito tímido, ‘agarrado à saia da mãe’ e que ela nunca teria imaginado que se fosse de casa para tão longe, tão precocemente, aos 15 anos incompletos”.

Edino veio para o Rio de Janeiro num navio pequeno – era um pouco maior que uma barca da Cantareira – chamado *Ana*, que pertencia à Companhia Hoepke, de Santa Catarina, acompanhado apenas de seu pai. Eles saíram de Itajaí, que era o porto de mar mais próximo de Brusque, passaram em Santos e finalmente chegaram ao Rio de Janeiro no dia ou um dia depois do seu aniversário de 15 anos. Seu pai o deixou na casa de um primo, comandante da Marinha Mercante, onde ficou cerca de três meses. Após esse tempo, Edino foi para uma pensão na rua do Senado, 276. Lá ele morou por quatro anos, subvencionado pelo Governo do Estado, com uma bolsa muito pequena – 500 cruzeiros mensais –, que não lhe permitia grandes gastos: pagava a pensão, o curso no Conservatório, transporte, alimentação; comprava material de música, livros, partituras – dava para o essencial. Posteriormente essa quantia foi elevada para 700 cruzeiros, conforme indicação do *Diário Oficial* do Estado de Santa Catarina datado de 11/1/1946, à página 183, através do Decreto-Lei nº 94 assinado pelo sr. Luiz Gallotti.

Depois de uns dois anos no Rio de Janeiro, Edino obteve ajuda de uma instituição de sua cidade, a Sociedade Cultural e Beneficente Cônsul Carlos Renaux, para poder se manter sem maiores problemas. Os Renaux eram uma família de industriais que patrocinavam praticamente todas as atividades mais importantes da cidade. Eles sempre ajudavam os clubes de futebol, os donos das maternidades, dos hospitais, as igrejas. A Sociedade dava também apoio

à parte cultural, oferecendo bolsas de estudo, de complementação. Porque, apesar de naquela época não haver grande inflação, de ano para ano sempre havia uma pequena alta do custo de vida.

Edino até então jamais havia saído de Brusque e, realmente, sua vinda para a capital da República significava um salto muito grande. Sendo o motivo de sua viagem estudar violino no Conservatório Brasileiro de Música, ele foi ao citado estabelecimento, acompanhado de seu pai e levando em seu repertório músicas que executara com bastante sucesso em sua cidade: o *Moto Perpétuo*, de Paganini; uma fantasia sobre *O Guarany*, de Carlos Gomes; e o *Rondó*, de Mozart, que é uma peça bastante brilhante. Encaminhado para fazer um teste com o professor de violino Lambert Ribeiro, Edino supunha que seria solicitado a demonstrar o que sabia tocar, mas isso não aconteceu. Ele relembra essa experiência: “O professor pediu: ‘faça, por favor, uma escala de Sol Maior em quatro oitavas’.”

É óbvio que ele havia aprendido a fazer escalas, mas o que menos aprendera era a parte técnica. Sua técnica era desenvolvida em função de permitir que conseguisse tocar aquele tipo de repertório. Quando Edino começou a fazer uma escala de Sol Maior, o professor disse: “O seu dedilhado está errado, você mudou de posição com dedo errado.”

Até então, ele nunca tinha se preocupado com essas coisas!

Continuando com o teste, o professor pediu que ele fizesse um arpejo, e ele o fez, mas, evidentemente, não era o seu forte fazer escalas e arpejos. Foi então que o professor sentenciou: “É, você vai ter que começar do 1º ano, você tem que começar a aprender a fazer uma escala direito.”

Entrar no 1º ano era algo que não passava pela cabeça de Aldo Krieger! Como descreve Edino, seu pai ficou branco, depois vermelho. E interpelou o professor Lambert Ribeiro:

“Mas como, professor, o senhor não quer que ele toque alguma coisa que ele sabe tocar? Ele toca o *Moto Perpétuo* de Paganini.” “Não, não quero não. Se ele não sabe fazer uma escala direito, conforme manda a técnica...” Aí meu pai disse: “Bem, eu duvido que um aluno que esteja começando o 1º ano, aprendendo a fazer escalas e arpejos, possa tocar o *Moto Perpétuo* de Paganini. Ele pode tocar o *Moto Perpétuo* de Paganini, então eu acho que ele poderia ser classificado e recuperar, fazer essa parte técnica.” “Não, não, ele só pode entrar no 1º ano.” Meu pai foi firme e categórico: “Não, ele não vai entrar no 1º ano. Lamento muito, mas vou voltar com ele, e ele vai continuar fazendo o que está fazendo até agora, lá na minha cidade.”

A conclusão de Aldo Krieger era pertinente. Em casa, Edino havia conseguido um progresso que ali, naquele momento, ao que parecia, não iria ser considerado.

Segundo Aldo, seu filho estaria andando para trás. Foi então que entrou em cena o compositor Oscar Lorenzo Fernandez, diretor do Conservatório, que até então desconhecia a história. O professor Lambert Ribeiro comunicou-lhe que Edino teria que fazer o 1º ano, porque não sabia fazer escala, e que o pai iria levá-lo de volta para Santa Catarina. Lorenzo Fernandez quis, então, falar com Edino e seu pai:

Eu quero fazer uma proposta: ele vai ficar matriculado sem classificação, vai estudar com a professora Edith Reis [que era aluna do professor Lambert Ribeiro]. Então, quando chegar no final do ano, ele faz um teste de classificação. Quer dizer: ele vai estudar a parte técnica, essa coisa toda. Está bem assim?

Aldo Krieger respirou aliviado e reconsiderou a questão. A intervenção de Lorenzo Fernandez mudou o curso da história, e Edino acabou ficando. Ele estudou durante o ano inteiro e fez um teste de avaliação, que o classificou no 4º ou 5º ano (Edino não se recorda bem). Nesse mesmo ano, ele encontrou no corredor do Conservatório aquele que viria a ser seu grande mestre, responsável único pela grande e importante mudança de curso em sua vida: Hans-Joachim Koellreutter. Edino o havia conhecido em Brusque, em 1942, quando Koellreutter se apresentou numa *tournee* com a harpista Mirella Vita. Ele conheceu, também, Heitor Alimonda e outros artistas que estiveram em Brusque fazendo concertos. Edino era considerado um menino prodígio e, evidentemente, sempre assistia aos eventos musicais que por lá aconteciam. Quando encontrou Koellreutter no Conservatório Brasileiro de Música, Edino o reconheceu e se apresentou a ele:

“Professor, eu sou Fulano, cheguei lá de Brusque...” “Ah, pois não, muito prazer.” “Pois é, eu estou vendo aqui no quadro de avisos que o senhor está mantendo um curso livre de composição, e eu gostaria de me matricular.” Eu não sei por que me veio essa ideia, nunca havia me passado pela cabeça... Então, ele marcou um dia e uma hora: “Você vem amanhã, traga o que você já fez e vamos ver o que você sabe, se você se interessa.” E aí eu passei a frequentar o curso de Koellreutter. Aí sim eu comeci realmente do zero, porque não sabia nada de composição. Eu estava fazendo ainda o curso de teoria e solfejo, lá no Conservatório.

Edino compôs suas primeiras peças em 1944. Mas o curso com Koellreutter também teve um acidente de percurso, com o próprio Lorenzo Fernandez. Para poder renovar sua bolsa, Edino teria que, ao final de cada ano, levar para o Governo do Estado uma declaração do Conservatório atestando seu aproveitamento. No final do 1º ano, em 1943, ele fez o teste de classificação e já estava frequentando



Hans-Joachim Koellreutter e Aldo Krieger, os dois principais mestres de Edino Krieger. Brusque (SC), 27/5/1950.

o Curso Livre de Composição ministrado por Koellreutter. Edino pediu então à secretaria que expedisse a declaração, e lhe disseram que dariam o atestado referente ao curso de violino, mas não ao de Composição. Insistindo em obter o comprovante de sua matrícula e frequência no curso de Koellreutter, Edino esbarrou na intransigência da secretaria do Conservatório. O assunto acabou na sala do diretor. É o próprio Edino Krieger quem nos conta o resultado de sua conversa com Lorenzo Fernandez:

“Maestro, eu preciso de uma declaração para o Governo do Estado.” “Pois não. Nós vamos dar do Curso de Violino. Mas esse curso de composição, eu não dou a menor importância a ele, porque é um curso livre. É um curso que nós permitimos aqui que ele seja realizado, mas é um curso que não tem a chancela da direção do Conservatório.”

Muito chocado com o ocorrido, Edino procurou Koellreutter, que ficou evidentemente consternado e foi falar com Lorenzo Fernandez. Eles tiveram uma grande discussão, que resultou na saída de Koellreutter do Conservatório. Na verdade, Lorenzo Fernandez discordava da forma como Koellreutter conduzia a disciplina, indo da polifonia para a harmonia, de acordo com o processo histórico, e não como era costumeiramente realizado nas escolas e conservatórios, onde o ensino da Harmonia antecedia o do Contraponto.

Outro aspecto em que Lorenzo Fernandez também não se entendia com Koellreutter dizia respeito à organização curricular do Curso de Composição e seus pré-requisitos, e o que era considerado como pré-requisito por Koellreutter. De acordo com a concepção de Lorenzo Fernandez, um estudante que estivesse no 3º ano de teoria e solfejo não poderia estudar Composição. Teria que, primeiro, terminar os três anos de teoria e solfejo, depois fazer três anos de Harmonia, três de Contraponto, e somente então estudar Composição.

Na realidade, esta era a sistemática vigente no ensino oficial de Composição nas escolas e conservatórios. O estudante levava oito, dez anos estudando matérias ditas teóricas e instrumento, para somente depois entrar no campo da criação propriamente dita. A concepção de Koellreutter era diferente, como fica claro no resumo que Edino faz dos princípios pedagógicos de seu professor de Composição:

Koellreutter sempre foi contra isso. No entendimento dele, você tem, potencialmente, condições de criar a partir do momento em que você tem

os conhecimentos básicos mínimos. O aluno deve ser estimulado a criar com os recursos e conhecimentos que ele tem, não importa que eles sejam ou não completos. A didática do Koellreutter é que ele ensina tudo simultaneamente. À medida que você vai adquirindo conhecimentos, você vai aplicando esses conhecimentos teóricos na prática da criação. Você vai sendo estimulado a criar com aqueles elementos que você tem. Ele fazia um ensino de música globalizado, ele não dividia as matérias em disciplinas, ele fazia tudo de forma integrada.

Koellreutter deixou, então, o Conservatório, e Edino continuou a ter aulas particulares na casa do professor até 1948 – durante cinco anos, portanto – e só as interrompeu porque recebeu uma bolsa para estudar nos Estados Unidos. Na verdade, com Koellreutter estudou não só Composição musical; mas também Harmonia, Contraponto e Fuga. A partir desse momento, ocorreu um fato extremamente importante e decisivo: Edino começou a se interessar muito mais pelo curso de Composição do que pelo de violino, para desespero do seu pai, que não via com bons olhos o fato de, de repente, ele desistir da carreira que estava prevista, de concertista internacional.

Koellreutter dava aulas individuais – composição – e aulas em grupo – análise e história da música. Edino teve como colegas de turma nomes como Cláudio Santoro, Guerra-Peixe, Eunice Katunda, Esther Scliar, Lindolfo Gaia, para citar apenas alguns. Realmente, tratava-se da nata da sociedade musical brasileira!

Dessa época, Edino tem ainda hoje gratas recordações! Em seu depoimento datado de 8/6/2001 ele nos narra com entusiasmo algumas passagens:

Quando comecei a estudar particularmente com o Koellreutter, passei a frequentar o grupo dele. Eu conheci o Guerra-Peixe, o Santoro, a Eunice Katunda, tinha vários outros alunos, e eu tive um contato, uma convivência bastante continuada com eles. Eu era o caçula da turma. Frequentava a casa do Guerra-Peixe na Rua Teotônio Regadas 24, na Lapa.

Edino falou-nos que Guerra-Peixe dizia que o número era 42, porque o nome da rua já era esquisito, o número 24 e ainda na Lapa! Era preciso então mudar. Voltando ao depoimento de Edino, ele nos revela que:

A gente passava noites ouvindo música, discutindo, conversando. Guerra-Peixe era sempre um papo fantástico! Frequentemente – depois de passar a noite toda conversando, discutindo inclusive sobre serialismo, dodecafonismo, música brasileira etc. – a gente ia tomar o café da manhã tipo seis, sete horas ali mesmo, onde tinha um abrigo de bondes, tinha canjica etc. Eu acompanhei desde o nascimento o romance do Guerra-Peixe com a primeira mulher dele,

que era vizinha dele. De vez enquanto ele dava uma olhada na sacada da janela para ver se ela estava lá. Célia era uma mocinha muito bonitinha e o Guerra se apaixonou perdidamente por ela! Na época, o Guerra vivia com a Zilah, e ela era bastante ciumenta e temperamental. Quando chegava assim umas quatro ou cinco horas da manhã, Zilah descia as escadas violentamente – eles moravam numa casa de altos e baixos – e esbravejava: “Afinal de contas, você é casado com quem? Não liga mais para sua mulher?” E ele dizia: “Pera aí, calma mulher! Estou discutindo coisas de música, já vou.”

Esse agradável convívio se deu por volta de 1946 e 1947 aproximadamente, antes da ida de Edino para o exterior. Tão logo Edino retornou, foi a vez de Guerra-Peixe se ausentar, pois o maestro foi a convite da Rádio Jornal do Commercio do Recife trabalhar como orquestrador, desenvolvendo paralelamente intensa pesquisa de campo, que resultou na publicação de diversos e importantes estudos sobre o folclore pernambucano.

Data também desse período a iniciação política de Edino Krieger. Coube a Cláudio Santoro a missão de introduzir o jovem rapaz na política. Edino nos fala desses primeiros contatos:

Santoro era muito falante, era uma pessoa com uma vivacidade fantástica! Eu me lembro bem, logo no início, quando eu entrei para o grupo do Koellreutter mas não entendia nada de política! Eu achava aquela figura do Brigadeiro Eduardo Gomes muito romântica, uma figura simpática e de repente me encantei com a candidatura dele à Presidência e de vez em quando eu aparecia com o escudo da UDN. E imagina, o Santoro evidentemente me estraçalhava. Muitas vezes nós saímos de uma programação do Grupo Música Viva, de um concerto na Escola de Música, na Associação Cristã de Moços, ou de alguma coisa por ali e Santoro me convidava para tomar um café com ele ali na Lapa – acho que se chamava Café Indígena, já foi demolido –, e lá ia eu com o escudo da UDN e ele me censurava: “como é possível? Não é possível admitir que um rapaz jovem, inteligente, me apareça com esse escudo, que é da tendência mais reacionária desse país!” Aí começava a me politizar. Santoro era fervoroso esquerdista, comunista convicto, aquilo para ele era uma heresia! Eu sei que possivelmente até essas investidas políticas do Santoro deram algum resultado, ele inclusive me arranhou livros e dizia: “você precisa ler mais um pouco sobre política” e começou a me municiar de livros de economia política, marxismo etc. Eu comecei a ler e comecei a ficar interessado no assunto e acabei me interessando um pouco demais. Lembro também de uma história muito boa que o Santoro me contou sobre seu encontro com Villa-Lobos. Ele o procurou levando a partitura da 1ª Sinfonia, pois desejava ouvir o juízo do mestre sobre sua obra. “Sou compositor, estou começando

Edino Krieger (o sétimo da esquerda para a direita, em pé) como violinista da Orquestra Universitária da Casa do Estudante do Brasil. Estreia da orquestra na então Escola Nacional de Música (atual Escola de Música da UFRJ). Sentado, ao centro: maestro Raphael Baptista. Rio de Janeiro (RJ), 30/6/1946. (Arquivo particular da prof^a Else Baptista)

meu trabalho e gostaria de ter sua opinião sobre o trabalho que eu fiz.” Aí o Villa-Lobos olhou a partitura e Santoro perguntou: “Então, o que o senhor acha?” e ele disse: “Olha, o elemento horizontal nessa sua composição está muito bem estruturado, está muito bem-feito; do elemento horizontal, não tenho nada a dizer, acho ótimo, está muito bem. O elemento vertical também a gente sente que você tem domínio, que você domina bem. Agora você precisa desenvolver melhor o elemento diagonal, esse ainda está faltando um pouco no seu trabalho, mas olha! Parabéns, vá em frente que você tem futuro!” E isso, inclusive, esta história, eu contei ao Zelito Viana quando ele fazia parte do Conselho Estadual de Cultura e ele acabou incluindo no filme sobre Villa-Lobos. Não bem assim, mas de outra maneira que eu não me lembro bem agora. Enfim, eu me lembro mais do Santoro por esse lado, de um pouco de uma certa doutrinação política, sem ser uma coisa violenta. As conversas com ele me abriram um pouco os olhos para questões de política.

Voltando à questão da composição, a formação de Edino se deu, então, de modo informal. Entretanto, cabe ressaltar seu sensível progresso nessa área, pois, com apenas um ano e meio de estudos, sua peça *Música 1945*, para oboé, clarinete e fagote, composta em 1945, obteve o Prêmio Música



Viva. Com relação ao violino, ele terminou o curso no Conservatório, obtendo o seu certificado antes mesmo de viajar para os Estados Unidos, mas nunca atuou como violinista – não profissionalmente, pelo menos. Edino chegou a participar de uma Orquestra de Câmara no Conservatório, mantida, segundo ele, por Koellreutter, e da Orquestra da Casa do Estudante do Brasil, que foi fundada por Raphael Baptista. Durante bastante tempo ele tocou nessa orquestra, chegando mesmo a organizar um quarteto de cordas com seus colegas. Mas aos poucos foi-se interessando mais e mais pela composição, relegando o violino a segundo plano.

Sobre o aluno Edino Krieger, Koellreutter, em depoimento datado de 29/7/1997, revela que:

Ele era um aluno muito dotado, assíduo, sério, e tem uma grande responsabilidade como artista, de convivência agradável, simpático. Eu o convidei para participar do Grupo Música Viva naquele tempo e ele aceitou. Na época em que houve uma polêmica comigo em torno do Música Viva ele sempre manteve uma conduta correta, objetiva.

Aaron Copland esteve no Brasil em 1947, e também na Argentina e no Uruguai, onde fez contato com escolas de música e com professores de Composição, solicitando que lhe enviassem partituras de compositores jovens ou de estudantes de Composição, para que nos Estados Unidos uma comissão, composta por Gilbert Chase, Henry Cowell e Carleton Sprague Smith, e presidida por ele, analisasse esse material e selecionasse três compositores, um de cada país visitado, para receberem bolsas de estudo. Koellreutter mandou composições de alguns de seus alunos que tinham até 21 anos, idade limite estipulada por Copland. De Edino Krieger foram enviados a *Peça Lenta* para flauta, violino, viola e violoncelo e o *Movimento Misto* para orquestra. Depois de algum tempo, Copland comunicou que Edino havia sido o brasileiro escolhido; no Uruguai, Hector Tosar e, na Argentina, Pia Sebastiani. Essas bolsas eram concedidas por uma empresa de tratores norte-americana – a Empire Tractor Corporation –, que também oferecia cursos de férias, cursos intensivos etc.

No período de julho a agosto de 1948, Edino foi, então, estudar composição com Aaron Copland, no Berkshire Music Center, em Massachusetts, como bolsista. Antes de viajar, Edino – que sempre teve seus feitos registrados generosamente pela crítica local – foi homenageado pela conquista do prêmio em banquete oferecido pelo Rotary Club. A escolha de Edino foi divulgada em diversos periódicos: *Correio Brusquense*, *Correio da Manhã*, *El Dia*, *O Debate* de Brusque, *Jornal do Commercio*, *Diário de Notícias*, *O Globo*, *Brazil Herald*, *Diário da Tarde* de Belo Horizonte, *Musical Courier*, *Stretto* v. 3, n. 3 e

Jornal do Brasil, sendo o compositor retratado por importantes críticos como Zito Baptista Filho, Eurico Nogueira França, D’Or, Renzo Massarani e Marc Berkowitz.

Sua entrada nos Estados Unidos deu-se de forma *sui generis*. O Instituto Brasil-Estados Unidos havia se comunicado com o Institute of International Education – instituição encarregada de articular a ida de Edino – para cuidar da questão da passagem. Edino nos relatou que o Ibeu fez um *cocktail* muito simpático de apresentação à imprensa, às vésperas de ele viajar, e comunicou à instituição americana o número do voo, a data e hora de chegada no aeroporto – no La Guardia, pois na época ainda não existia o Kennedy. Todavia, houve um pequeno equívoco no telegrama que informava esses dados, e no dia em que ele estava saindo daqui eles o esperaram lá. Quando ele desembarcou no dia seguinte, uma sexta-feira, de um voo da Panair que já chegou atrasado, próximo das 23 horas – por causa de uma escala forçada em Santo Domingo, na República Dominicana, devido a problemas técnicos na aeronave –, não havia ninguém à sua espera. O relato que Edino nos fez desse episódio foi entrecortado de risos:

Cheguei lá, não tinha ninguém à minha espera. Achei estranho! Enfim, tinha que passar pelo Departamento de Imigração do Aeroporto, quando fizeram uma série de perguntas e examinaram meus documentos e passaporte. Eu, com meu inglês muito rudimentar, consegui responder algumas coisas. Me perguntaram quanto dinheiro eu estava levando. E eu não estava levando nenhuma fortuna, estava levando talvez uns 300 dólares. Me perguntaram quanto tempo iria ficar nos Estados Unidos, e tentei explicar que tinha uma bolsa para seis semanas, com a possibilidade de uma prorrogação, de uma outra bolsa por um ano. Então o sujeito perguntou: “E como é que o senhor espera viver nos Estados Unidos durante um ano, com 300 dólares?” Eu disse: “Não, eu espero ter uma bolsa.”

O funcionário não quis muita conversa e pediu que Edino aguardasse. Ele ficou por um bom tempo esperando, sentado em cima das malas. O aeroporto ficou deserto e ele continuava lá! Perto das três horas da manhã apareceu um cidadão procurando por ele, trajando terno, chapéu e sapatos brancos. Edino, então, compreendeu tudo:

Isso é tira, tem jeito de policial americano de cinema. Ele disse para eu o acompanhar, pegamos um táxi, e no caminho perguntei para onde ele estava me levando. Ele respondeu: “Estou levando você para um alojamento, que fica numa ilha.” Eu disse: “Mas numa ilha?” “É, numa ilha, porque parece que há uma dúvida com relação a essa documentação.” Então perguntei: “Quer dizer que eu estou... I’m under arrest?” Ele disse: “Não. Vamos dizer que você está sob a proteção do Governo americano.”

O homem levou Edino para um hotel, em Nova York, instalou-o e disse: “Agora fique aqui, amanhã de manhã cedo eu passo para lhe pegar.” E trancou a porta por fora.

Edino ficou então literalmente preso, ainda que num quarto de hotel, e, como estava cansadíssimo, dormiu. Não havia logrado descansar o suficiente quando o tal cidadão bateu à porta e, já entrando, o cutucou dizendo: “*Hurry up, hurry up.*” “Fomos então tomar a barca para a ilha”, recorda-se Edino.

Depois ele ficou sabendo que se tratava da Ellis Island, uma ilha-presídio para estrangeiros com problemas de documentação e também para criminosos, que ficava ao lado da Estátua da Liberdade. Ele deu entrada na ilha levando apenas o essencial, foi registrado etc. Como não havia sequer tomado o café da manhã, e estava na hora em que ele era distribuído ao grupo dos criminosos, juntou-se aos mesmos para saboreá-lo. Segundo Edino, eram figuras mesmo de arrepiar! O resultado é que ficou hospedado todo o final de semana nessa cadeia de Nova York. Ele pediu para telefonar, mas foi informado de que estava tudo fechado. Telegrafar também não era possível, só na segunda-feira! Sobre essa forçada estada, Edino assim se expressa:

Então, passei um belo fim de semana no presídio da ilha, da Ellis Island, jogando pingue-pongue. Havia cabeleireiros espanhóis lá, que desde a época da Revolução na Espanha chegaram aos Estados Unidos e não conseguiram mais sair. Havia gente de todas as partes, muitos asiáticos, muitos judeus... E à noite era tudo com hora marcada, faziam aquelas filas, iam para o restaurante jantar, depois, tipo sete horas da noite, tocavam um sinal e todo mundo tinha que subir para os dormitórios. E dos dormitórios você enxergava a Estátua da Liberdade toda iluminada. E os judeus se reuniam num canto, cantavam aqueles cânticos, as lamentações hebraicas, muito bonitas, olhando para a Estátua da Liberdade atrás das grades.

Após o café da manhã de segunda-feira, a primeira providência de Edino foi telegrafar para todas as pessoas de quem tinha o endereço, sobretudo Aaron Copland e Miss Erminiekahn, diretora do Institute of International Education, que receberam um telegrama lacônico: “*I’m in Ellis Island*”. Apenas isso, e foi o suficiente para gerar o maior alvoroço! Por volta das 11 horas da manhã Edino foi chamado pelo interfone e o levaram para Manhattan, para então ser conduzido ao Departamento de Justiça. Ao chegar lá encontrou as pessoas responsáveis pelo seu trânsito apavoradas, pedindo milhões de desculpas. Sobre esse final feliz ele assim se pronunciou:

E aí fiquei esperando o juiz me atender, e o advogado dessa instituição disse que era uma coisa lamentável: como é que o Governo americano convidava um jovem compositor latino-americano para um curso nos Estados Unidos, e ele era recebido na cadeia? Mesmo que tivesse havido um equívoco, os documentos que eu tinha provavam que eu era um bolsista do Departamento de Estado! Bem, o juiz ouviu tudo, me libertou, e tempos depois fiquei sabendo que o oficial que estava no aeroporto naquela ocasião tinha recebido uma punição, porque não deu ao caso a atenção devida.

Voltando à questão de seus estudos, mencionamos a Edino uma frase que Gilberto Gil pronunciou quando saiu do Brasil – “A Bahia já me deu régua e compasso” – e perguntamos como havia sido sua estada nos Estados Unidos. Ele havia saído daqui preparado? Fez falta aquele conhecimento acadêmico que Lorenzo Fernandez considerava importante? Como se deu a ambientação com Aaron Copland? Edino respondeu, referindo-se à sua formação prévia no Brasil:

Não fez falta mesmo! Eu estudei normalmente! Estudei Harmonia Tradicional, baixo cifrado, estudei Harmonia Funcional, que é a Harmonia do Sistema Riemann, depois estudei a Harmonia Acústica, que são princípios de Harmonia que foram estabelecidos por Hindemith. Na verdade, não deixei de ter essa base de conhecimentos teóricos. Apenas a dinâmica dessa informação era diferente: em vez de você passar três, quatro anos estudando harmonia, à medida que o Koellreutter sentia que o aluno assimilava, ele passava para outra fase. Ele ia adiante, empurrando o aluno para frente. Estudei também contraponto, desde as regras de princípios de construção de um *Cantus Firmus* (todos os princípios fundamentais da construção melódica você encontra no canto *firmus*: os princípios de elasticidade, os princípios de compensação...), depois Contraponto a 2, 3 e 4 vozes, Contraponto misto, florido... Quer dizer, tudo isso que você aprende em cinco anos, quatro anos, sei lá quantos anos, a gente aprendia não necessariamente em tanto tempo. À medida que você ia assimilando esses conhecimentos, ia utilizando-os em exercícios de criação. Lembro que uma das primeiras coisas que fiz em matéria de composição foi uma missa a *cappella*, a uma voz. Fiz uma missa inteira, utilizando o texto da missa, exatamente para aprender a utilizar aqueles princípios básicos de construção melódica, quando aprendi a construir um *Cantus Firmus* gregoriano. Resumindo, a base mesmo veio desse trabalho sistemático com o Koellreutter. Em termos de composição, de técnica, a base eu aprendi com ele.

A citada missa a *cappella* e uma sonata para violino de estilo bem barroco são os primeiros trabalhos de Edino, bem como outras obras escritas para

concursos – Hino à Normalista e uma Suíte – por sugestão de Koellreutter, trabalhos esses, digamos, quase que escolares, de exercício, e por essa razão não constam do seu catálogo de composições.

Ele passou seis semanas estudando orquestração com Copland, o que, segundo Edino, era o que ele gostava mesmo de ensinar. Nas aulas de Copland – que eram individuais e também coletivas –, o compositor procedia à análise das próprias obras, além de passar exercícios de orquestração como, por exemplo, uma sonata para piano do Lukas Foss. Edino relata: “E lembro de um comentário de Copland: ‘Eu vou mostrar esse seu trabalho para o Lukas Foss, porque essa sua orquestração está melhor que a orquestração que ele mesmo fez.’ [...] Copland me deu boas dicas de instrumentação.”

Nessa época, Darius Milhaud estava no Berkshire Music Center como professor convidado de composição. Leonard Bernstein, na época um jovem regente, proferiu diversas palestras a que Edino teve oportunidade de assistir. Eleazar de Carvalho também estava lá, e eles eram assistentes do Koussevitzky. Esse período foi muito bom para Edino, especialmente pelo intercâmbio com outros colegas compositores (como Robert Starer, que depois se efetivou como professor da Juilliard, e Herbert Brun, ambos israelenses), e também pela possibilidade de ouvir as próprias peças em audições de estudantes.

A família de Edino acompanhou daqui todos os seus passos e Aldo Krieger registrava atenta e diligentemente todos os feitos do filho Edino. Ele sempre foi para todos eles motivo de grande orgulho. Myriam nos fala ainda hoje, toda faceira, que foi ela a primeira a receber um cartão de Edino, quando ele foi para os EUA. Carmen nos fala com entusiasmo do sentimento que ela e os irmãos sempre nutriram por Edino:

Edino para nós, seus irmãos mais moços, foi o exemplo de quem saiu de casa, lutou e venceu. Bom de coração, tranquilo, militante de esquerda pelo ideal de ver um mundo melhor, depois apenas músico, compositor, administrador na área de entidades culturais, fazendo um pouco de tudo como todo bom brasileiro para sobreviver com sua família. Nós seguimos seus passos, saindo da pequena Brusque para procurar novos espaços, novas oportunidades, tendo sempre o Edino ao longe e ao mesmo tempo por perto. Acompanhávamos pelo rádio os programas do Edino na BBC de Londres ou na Rádio *Jornal do Brasil*. Recebíamos cartas, discos (e até uma tartaruga viva), um aparelho de som e fitas gravadas quando estudava nos EUA (não é preciso dizer que ouvíamos até decorar). Acompanhávamos seus roteiros por Festivais de Música, fossem em Varsóvia ou Teresópolis. Aguardávamos seus poucos dias de férias em casa.

O depoimento do irmão Marcelo, datado de 2/5/2001, revela todo esse entusiasmo, o sentimento que à distância unia cada vez mais os irmãos Krieger:

Éramos nove; quatro grandes e cinco pequenos. Por ordem de idades, Edino era o segundo dos grandes, eu, o terceiro dos pequenos. Dentro do meu pequeno universo, isto era quase uma distância cósmica. Quando me conscientizei no mundo, com cinco ou seis anos de idade, Edino já estava longe. O Rio de Janeiro era muito longe. Imaginava-o como uma personalidade, como alguém sempre aguardado e que nunca chegava. Na época não havia comunicação telefônica e, quando uma carta dele chegava, papai lia de forma solene, com toda a família reunida. No Natal havia sempre uma expectativa. Criava-se um clima de grande ansiedade: Será que ele vem? – Não vinha. Mandava um cartão de Boas-Festas. Depois viajou para os Estados Unidos da América. Eu não fazia ideia onde ficava tal lugar. Mandou cartas em envelopes azulados, com bordas em azul e vermelho e com uma etiqueta escrito “Air Mail”. E mais, com muitos selos. Eu os cobiçava, pois colecionava selos, mas papai guardava as cartas juntamente com os envelopes. Mandou também cartões com navios e aviões nos quais havia viajado, postais das cidades por onde andou e ainda um pequeno disco de acetato com uma mensagem de Natal, gravada por ele mesmo: “Alô papai, alô mamãe, alô todos, todos vocês. Como vão vocês?” Uma coisa inimaginável. [...] Por ordem do papai, escrevíamos cartas para ele. Normalmente eu não sabia o que escrever, mas em uma das cartas ocorreu-me pedir que mandasse alguns selos e moedas dos países por onde andava. Em um certo dia, papai recebeu uma encomenda com músicas, fotos, discos, diplomas e outras coisas mais. Para minha surpresa, um pacote para mim com moedas, muitas moedas: Inglaterra, França, Polônia, Rússia, separadas por países, em envelopes com explicações de quanto valiam, sua forma divisionária etc. Fiquei maravilhado. Guardo-as até hoje. [...] Quando voltou da Europa, ficou seis meses em casa. Estava eu com 14 anos de idade e pude constatar nesta época que este meu irmão era de fato um ser corpóreo. Ensinou-nos algumas canções em inglês, francês e russo – *Greensleaves*, *Alouette*, *Kalhinka* –, e também a história dos três ursos em russo, com o ursinho que chamava-se Michutka. [...] Compôs durante aqueles dias letra e música do Hino do Orfeão Juvenil Amadeus Mozart, um coro juvenil que o papai havia criado e do qual eu participava. [...] Compôs ainda, entre outras coisas, a música para uma pequena opereta: O Ganso de Ouro. Eu ensaiei a parte do João, o rapaz que possuía dois gansos de ouro. Ajudava-nos também nas lições do colégio, principalmente as de inglês e francês. Foi realmente um período diferente e de grande satisfação para toda a família: para a mamãe porque há muito não o tinha por perto por um tempo tão longo e mais para o papai porque havia recém-criado o Conservatório Brasileiro de Música – Departamento de Brusque.

Dinorah Krieger – a irmã caçula de Edino – em sua comunicação pessoal datada de 7/5/2001 nos dá seu testemunho sobre o irmão:

Quando nasci, Edino foi estudar no Rio de Janeiro. Papai queria que ele fosse violinista. Ao final de cada ano, Edino vinha passar as férias em casa. Eu esperava sua chegada como quem espera uma visita muito importante. Tão importante para mim como meu pai. Durante muitos anos de minha vida, essa associação fazia com que eu o temesse, ao mesmo tempo em que o admirava. Afinal, ele era a pessoa mais ilustre da família. Mas, para mim, era também quase que um estranho, que eu só encontrava de ano em ano. Minha mãe contava muitas vezes que, quando Edino chegava de férias, nos primeiros anos de estudo, papai precisava providenciar novos ternos, porque ele crescia muito, e a roupa deixava de servir. Foi para o Rio de Janeiro mocinho, em fase de crescimento. Por isso, sempre admirei a coragem de minha mãe por deixar o filho de quinze anos, ainda menino, ir para longe da família. [...] E tudo isso em plena Segunda Guerra Mundial. Quando criança, eu o chamava somente pelo apelido que mamãe havia lhe dado: Nino. Dos lugares por onde viajava, trazia-me de presente lindas bonecas com tranças, porque meus cabelos também estavam sempre trançados. [...] Anos mais tarde, quando voltava de um curso no exterior, onde permaneceu durante vários meses, veio passar umas férias mais prolongadas em Brusque. Essa estada dele em casa me foi muito proveitosa. Ensinou-me a tocar flauta doce e facilitou minhas lições de inglês, ajudando-me nas tarefas de escola. [...] Durante essa permanência dele em casa, certo dia, eu estava choramingando, como sempre. Quando criança sempre fui muito manhosa. Chorava por qualquer coisa. Edino estava sentado à escrivaninha de papai. Dali a pouco, me procurou, com uma partitura na mão: “Toma, chorona. É para ti.” Era o *Choro Manhoso*, que ele acabara de compor. [Os pianistas felizes agradecem a Dinorah]

Carmelo – o irmão mais novo – em seu depoimento datado de 24/3/1998 também revela a magia desses momentos:

Das minhas lembranças de infância, tenho bem claras as imagens quando o Edino chegava em casa, vindo de bem longe, muitas vezes do exterior, trazendo novidades e brinquedos diferentes: uma miniatura do ônibus londrino, um chapéu russo. Ou mandava pelo correio novidades, [...] ou até mesmo uma tartaruga viva. [...] Em uma de suas vindas do exterior veio trazendo uma coleção de LPs com músicas clássicas e um aparelho para tocá-los. Não existia por aqui, foi um sucesso. Quando chegava dava aulas de inglês para os irmãos, aí todo mundo tirava dez nas provas. [...] Quando eu nasci o Edino já tinha saído de casa para estudar música no Rio. Esta ausência precoce causou tanto para nós, como acredito para ele próprio, um vazio, que tentávamos preencher quando de suas férias. Por outro lado, sempre tivemos

no Edino o exemplo de um vencedor, de alguém que com muito sacrifício e determinação, sem se deter frente às dificuldades, galgou o ápice de uma carreira e que, mesmo assim, não perdeu a humildade.

Ao terminar o curso de verão com Aaron Copland em Tanglewood, Edino logrou obter outra bolsa do Instituto Internacional de Cultura para estudar composição durante um ano – de 1948 a 1949 – na Juilliard School of Music de Nova York, com Peter Mennin, que era então um compositor bastante jovem. Edino tem quase certeza de que seu nome foi lembrado por Copland. Sua dedicação rendeu-lhe a indicação para representar a Juilliard School of Music no Simpósio de Compositores dos Estados Unidos e Canadá, no ano de 1949, em Boston, onde apresentou sua *Música de Câmara* para flauta, trompete, violino e tímpano, que recebeu elogios da crítica.²¹ Nesse período ele trabalhou muito técnica de violino, na Henry Street Settlement School of Music, com William Nowinski, que era o primeiro violino da Filarmônica de Nova York e assistente de Ivan Galamian, possivelmente o professor de violino mais importante dos Estados Unidos, pois criou toda uma escola de violinistas importantes. E ainda integrou a Mozart Chamber Orchestra, como violinista. Sobre essa experiência, Edino nos revela:

O Nowinski, inclusive, sempre me falava que meu pai tinha razão: que eu devia fazer carreira de violinista, de solista. Ele queria que eu fosse para a Europa, estudar com o Max Rostall, que foi um grande professor de violino. Mas eu realmente tinha mais ou menos me definido pela composição e acabei depois abandonando totalmente o violino.

Edino ficou de 1948 a 1949 estudando, por opção, com Peter Mennin. Poderia ter escolhido como professor Roger Goeb ou Wallingford Rieger, ambos serialistas. Mennin era compositor de formação mais neoclássica, mas Edino considerou que era importante diversificar seu conhecimento, ter outro tipo de informação, pois nos últimos tempos com Koellreutter havia feito muita coisa de música serial. Segundo Edino, o próprio Koellreutter sugeriu que ele escolhesse um professor que tivesse outro tipo de abordagem. Todavia, Peter Mennin se dedicava mais a analisar o trabalho de grandes mestres da criação e a tecer críticas sobre suas concepções. Além da prática, havia ainda matérias teóricas de caráter mais avançado. Discussão de princípios de composição, de estrutura, de forma, e outras obrigatórias, como “L and M”, isto é, Literatura e Materiais da Música – tendo como professor Roger Goeb –, que eram informações, em geral, sobre os princípios de

construção musical. Edino ressalta que havia, ainda, uma ênfase muito grande nos trabalhos práticos. Para cada aula, o aluno tinha que preparar trabalhos de composição, que eram tocados na classe por alunos da escola e discutidos de forma crítica por todos.

O resultado desses empreendimentos foi, sem dúvida alguma, uma experiência enriquecedora, ampliando o leque de conhecimentos, mas Edino chegaria à conclusão, após estudar nos Estados Unidos (e mais tarde, em 1955, na Inglaterra), de que a base teórica para composição havia sido firmada com Koellreutter. Para Edino, o fato mais importante na didática de Koellreutter é que ele não se limitava a ensinar e transmitir apenas fórmulas, mas tinha o dom e a preocupação de instrumentalizar os alunos:

Ele não dá somente as regras, mas também as razões pelas quais aquelas regras foram utilizadas naqueles períodos. Por que se evitava, por exemplo, na harmonia renascentista, o paralelismo de 5^{as} e 8^{as} paralelas. Você sempre aprende nos livros teóricos: é proibido fazer 5^{as} e 8^{as} paralelas, como também no contraponto. Mas nunca ninguém explica por quê. Koellreutter buscava sempre as razões objetivas e científicas: por que evitar as 5^{as} e 8^{as} paralelas? Nesse momento, entrava a discussão e o conhecimento da própria série harmônica; portanto, são aqueles que estão mais próximos do som fundamental, aqueles que se confundem com ele.

Edino voltou para o Brasil em julho/agosto de 1949; permaneceu cerca de quatro meses em Brusque e depois veio para o Rio de Janeiro trazendo o irmão Renato, em 22 de novembro de 1949, no mesmo dia em que faleceu seu avô Gustavo Krieger. Eles foram morar numa pensão em Santa Teresa, onde na ocasião morava a pintora Djanira. Cabe aqui uma historietta assaz interessante. Antes de viajar, Edino morava com Walter Elsas, outro aluno de Koellreutter – com quem ele deixara suas coisas –, em um apartamento em que o próprio professor havia morado antes de casar, situado na rua Monte Alegre, também em Santa Teresa. Quando retornou, foi procurá-lo na oficina do jornal *Tribuna Popular*, na rua do Lavradio, onde Walter trabalhava como linotipista. Encontraram-se e foram almoçar juntos. Depois disso, Walter retornou ao jornal e Edino, ao buscar a condução para retornar à casa, foi interceptado pelo pessoal do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Como o citado jornal era o órgão oficial do Partido Comunista, os agentes do DOPS ficavam atentos a quem entrava e saía de lá. Foi assim que, desejando saber quais as relações de Edino com o partido, o levaram para a cadeia, na rua da Relação. Edino passou um final

Alberto Jafée (de chapéu),
Edino Krieger (de óculos),
Saloméa Zeigarnikas,
atualmente Saloméa Gandelman
(de óculos), Gisela Blank e
Esther Scliar (de chapéu).
I Curso Internacional de Férias.
Teresópolis (RJ), 1950.



de semana incomunicável, para desespero do irmão Renato, recém-chegado ao Rio. Preocupado com o sumiço, o irmão ligou para todo mundo, inclusive Koellreutter, e formaram, assim, um círculo de pessoas procurando por ele. Logo depois que Edino foi preso, chegou à cadeia outro rapaz, que já tinha um *habeas corpus* e avisou a Edino que provavelmente sairia logo. Então, eles trocaram informações: um decorou os telefones e os nomes de contato do outro, para que o primeiro que saísse pudesse ligar e pedir ajuda para quem ficasse. Assim foi feito: o rapaz saiu e acionou o irmão Renato, que a essa altura já havia contatado um advogado, que entrou com pedido de soltura, que ocorreu na segunda-feira à tarde. Como se vê, Edino foi preso na viagem de ida para os EUA e na volta ao Brasil, em ambos os casos sem nenhum motivo!

É na década de 1950 que tem início sua carreira profissional, já sem bolsa de estudo, já adulto. Em janeiro de 1950, a convite de Koellreutter e na qualidade de seu assistente, ele o ajudou a montar o I Curso de Férias de Teresópolis.

Edino ajudava na coordenação e ainda integrava o corpo discente. Ele era presença constante nesses cursos internacionais. Salientamos sua participação no curso de Ernst Krenek, em 1952, cujo grande potencial pedagógico impressionou sobremaneira Edino. Em 5 de junho de 1950 estreia como crítico musical do jornal *Tribuna da Imprensa* e atua ainda como colaborador no Serviço de Radiodifusão Educativa da Rádio Ministério da Educação e

Cultura, além de prestar serviços à Rádio Roquette-Pinto. Preocupado com a questão da sobrevivência, aceita as mais diversas ofertas de trabalho. Neste período viveu uma experiência singular: foi convidado por um grupo que trabalhava no Hospital do Engenho de Dentro, do qual participavam o crítico de arte Mário Pedrosa e Geni Marcondes, para desenvolver atividades de terapêutica musical, sob a responsabilidade da Dra. Nise da Silveira. Segundo Edino, foi um trabalho puramente intuitivo e bastante interessante. Ele tentava – num contato semanal de duas horas – resgatar a memória musical dos pacientes, ver o que eles sabiam de música. Seu relato sobre o que ocorreu com Fernando Diniz, conhecido artista plástico cujas obras estão no acervo do Museu do Inconsciente, nos permite vislumbrar como era desenvolvido esse processo:

Tive uma experiência muito interessante com esse rapaz. Porque ele era extremamente introvertido, tinha uma timidez absoluta, andava pelos cantos da parede, era incapaz de atravessar uma sala. [...] E eu sabia que ele se interessava por artes plásticas, que fazia pintura, mas nunca se soube que ele tivesse algum interesse em música. Então, um dia, havia uma moça que cantava acompanhada por um rapaz que tocava violão. Ela cantava alguma coisa de música popular, e o Diniz estava no canto dele, olhando, observando. De repente, ele foi se chegando para perto e, num determinado momento, arrancou o violão das mãos do rapaz, sentou com o violão e começou a tocar. Eu cheguei perto dele, com muito cuidado, e disse: “Diniz, eu não sabia que você sabia tocar violão!” E ele, inclusive, era uma pessoa que não se comunicava, ele falava por monossílabos e nunca ninguém tinha conseguido arrancar uma frase completa dele. [...] E nesse dia eu cheguei perto dele e comecei a tentar conversar. E ele, aos poucos, foi dizendo como tinha aprendido a tocar violão. Me contou a história de toda a vida dele, de onde era, onde é que ele morava, quem era a mãe dele, o que fazia... Aí, fui tomando nota, passei depois para a Dra. Nise e ela disse: “É fantástico! Ele nunca tinha aberto a boca, em nenhuma sessão, para dizer nada. A vida dele era em branco”. Então, foi uma experiência interessante, porque a música despertou, liberou uma série de lembranças que estavam certamente bloqueadas na memória dele.

Apesar do interesse por esse trabalho, não houve por parte de Edino condições de continuar desenvolvendo-o, pois ele passou a dedicar-se mais e mais aos seus trabalhos na rádio, ainda que os realizasse sem vínculo empregatício. A vontade de continuar estudando fez com que se candidatasse em 1955 a uma bolsa do Conselho Britânico para um curso de aperfeiçoamento em composição em Londres, logrando ser escolhido. Nessa mesma época, Edino ganhou

um prêmio da Fundação Rotteline de Roma para estudar na Europa, prêmio do qual teve que abdicar, pois já estava comprometido com a bolsa do Conselho Britânico. Todavia, essa bolsa não pagava a passagem, apenas a estada e o curso. A solução foi contar com o apoio de alguns amigos que integravam a delegação brasileira que iria para o Festival da Juventude em Varsóvia, como Jorge Amado e Arnaldo Estrella, que sugeriram a Edino a possibilidade de fazer parte desse grupo, pois o preço era muito acessível. A delegação ia viajar no navio francês *Louis Lumière*, na 3ª classe (porão) até a França – era impossível ser mais econômico –, sendo a volta por conta de cada um. Edino se incorporou a essa delegação de aproximadamente 40 pessoas, incluindo as que faziam parte do Teatro Popular, Solano Trindade etc. Chegados a Lyon foram para Paris, e de Paris seguiram de trem para Varsóvia. No navio, Edino havia organizado um coral e feito arranjos, e com esse grupo se apresentou em Varsóvia. Lá, outros artistas que estavam ou moravam na Europa, como, por exemplo, o compositor José Siqueira, o violinista Oscar Borgerth e sua mulher Alda, o arranjador Lindolfo Gaia e Stellinha Egg, o barítono Roberto Saturnino Braga – que mais tarde viria a ser prefeito do Rio de Janeiro –, passaram a integrar a delegação brasileira. Neste Festival em Varsóvia, em 1955, Edino foi agraciado com o Prêmio da Paz, com uma música de sua autoria interpretada por Saturnino Braga, contando ainda com a participação de Lindolfo Gaia ao piano. Sobre essa época, o senador Roberto Saturnino Braga nos fala:

Tive o privilégio de conhecer Edino ainda jovem, nos anos cinquenta, jovem compositor que a sua geração tinha como referência. Eu também era músico naquele tempo, era cantor, e tomava aulas com ele de harmonia e contraponto. Conheci-o transformando poemas de Nicolas Guillén em belas canções que eu cantava com gosto extraordinário. Conheci-o musicando versos que Ethel Rosenberg escrevera para seus filhos antes de ir para a cadeira elétrica, compondo com eles uma balada que emocionava profundamente as salas onde eu a cantava.

Durante toda a segunda metade do século XX, Edino Krieger foi referência maior da música brasileira. Como compositor, certamente, como criador cujo destaque a perspectiva do tempo só fará engrandecer; como compositor cuja obra ainda se desenvolve nos dias de hoje. Mas também como liderança, como referência para os fazedores de música do Brasil; como liderança que ainda ilumina a primeira década do novo século; que ilumina pela música e pela ética, pela qualidade musical e pela qualidade humana.

Por conta desse festival, Edino, juntamente com a delegação brasileira, foi convidado a visitar Moscou, Leningrado e Kiev. Era uma espécie de visita cultural.



Convite recebido por Edino Krieger para o encontro com a rainha Elizabeth II. Londres, Inglaterra, 1955.

Edino nos conta que José Siqueira regeu a Orquestra da Rádio de Moscou, Oscar Borgerth tocou o *Concerto* de violino, de Lorenzo Fernandez, o barítono Saturnino Braga e Stellingha Egg cantaram canções brasileiras. Terminada a viagem à Rússia, Edino permaneceu aproximadamente 20 dias na casa do José Siqueira, em Paris, aguardando o início da bolsa na Inglaterra.

Em Londres, a escolha de Lennox Berkeley – novamente um compositor neoclássico – foi também intencional. Edino não tinha interesse em trabalhar mais serialismo, pois era uma experiência de que já tinha um conhecimento mais do que suficiente. Apesar de Berkeley ser professor da Royal Academy of London, suas aulas com

Edino eram domiciliares. Todo o estudo foi voltado para composição. Mas a estada em Londres oferecia também outros atrativos:

Participar da vida musical de Londres é um negócio fantástico. Tive oportunidade de conhecer o Benjamin Britten, frequentei sempre que podia os concertos do Royal Festival Hall, do Albert Hall, fiz um trabalho na BBC. Eram programas dirigidos ao Brasil, sobre música contemporânea britânica, que resultou num programa semanal na BBC, por mim organizado.

Data dessa época o encontro de Edino com a rainha da Inglaterra, que, em convite expedido pelo cerimonial de Sua Majestade aos bolsistas, marcava para 13/12/1955 o encontro de boas-vindas. O jornal *O Município*, de Brusque, datado de 10/3/1956 assinado por W. Santos assim narra o acontecimento:

Como filho afetuoso, Edino Krieger não se deixou envolver pelo turbilhão de longas e atribuladas viagens, conferências, recepções etc., reservando para si, com bastante assiduidade, o estabelecimento da pontual correspondência com seus genitores. Seus relatos guardam em cada frase uma expressão de calor pelo que vê e aprende, mesclada às recordações de seu torrão natal, onde sempre aflora um quê de melancolia. Numa de suas missivas Edino fala da suprema honra que lhe concedeu a rainha Elizabeth, quando o recebeu no Conselho Britânico, juntamente com outros companheiros. “Deve ser interessantíssimo isso de inventar música, ser compositor”, foi o que lhe disse a graciosa soberana. E, deslumbrado com a simplicidade e o encanto da interlocutora, Edino respondeu-lhe que mais interessante ainda deveria ser rainha.

Como bolsista, Edino não podia trabalhar. Entretanto, de acordo com os costumes britânicos, as pessoas não podem exercer qualquer atividade sem serem remuneradas, por isso sempre foi encontrada uma forma de pagar-se alguma coisa a ele. Foi assim que Edino comprou sua passagem de volta, de navio.

Em carta datada de 1/10/1996, a sra. Susan Knowles – Senior Document Assistant da British Broadcasting Corporation Document Archives – nos fornece algumas informações relevantes sobre a atuação de Edino nos programas da BBC. De acordo com a cópia dos arquivos que nos enviou, o primeiro programa por ele escrito data de 26/4/1956 e teve como título *Literature and the Arts: Nº 21 “Michael Tippett”*; o de 14/5/1956 foi *Literature and the Arts: Edmund Rubbra*. Mas a sra. Susan esclarece:

The first talk he gave, however, was a commentary on the opera *The Turn of the Screw*, broadcast on 15 October 1955.

The series on British composers was as follows:²²

Lennox Berkeley 07/01/56
Benjamin Britten 04/02/56
William Walton 03/03/56
Alan Rawsthorne 31/03/56
? 05/04/56
Michael Tippett 26/05/56
Peter Fricker 23/06/56
Humphrey Searle 21/07/56
Edmund Rubbra 18/08/56
John Ireland 15/09/56
Vaughan Williams 20/10/56

Essa série de palestras sobre a música de compositores britânicos contemporâneos foi levada ao ar, no Brasil, aos sábados, às 20h30m.

A partir de sua volta ao Brasil, Edino Krieger consolidou sua trajetória tríplice – como compositor, como crítico musical e como produtor musical –, deixando marcas profundas no meio musical brasileiro, trazendo importantes contribuições para o desenvolvimento da cultura, da música e do músico brasileiro, sendo, sem sombra de dúvida, um dos grandes pilares do meio musical de nosso tempo.

Oriundo de uma numerosa e unida família, tanto por parte de sua mãe quanto de seu pai, o ambiente doméstico sempre teve para Edino uma importância capital; é nele que recarrega suas energias.

Casamento de Edino e Nenem
(na foto, com Gertrudes e Aldo
Krieger). Capela Episcopal
de Nova Friburgo (RJ),
26/10/1969.



Carmen Krieger encerra seu depoimento sobre o irmão mostrando a importância da família na trajetória de Edino:

O Papai nos deixou cedo, mas a Mamãe, com seus 95 anos, ainda está conosco. Certamente o Edino é o filho mais carinhoso, mais chegado, até dos que estamos mais próximos. Telefona todos os domingos, religiosamente, relata suas notícias, mesmo que ela, com sua memória cansada, muitas vezes não se recorde dos detalhes. Não importa. É uma alegria que só ela sabe. Este é o nosso Edino!

Edino matrimoniou-se pela primeira vez em 1959, aos 31 anos de idade, uma união que durou aproximadamente 8 anos, e que não lhe traz gratas lembranças, razão pela qual esquivava-se de comentar sobre o assunto até hoje.

Em 1969, Edino casou-se com Maria de Lourdes Pinto da Cunha Lyra, agora Maria de Lourdes Lyra Krieger, mais conhecida por Nenem Krieger. Nenem é jornalista, e eles se conheceram em função do trabalho que ambos desenvolviam. Edino trabalhava no *Jornal do Brasil*. Nenem era assistente da programação do Instituto Cultural Brasil-Alemanha, o Instituto Goethe e, a pedido do Diretor Willy Keller, procurou Edino, que estava substituindo o crítico Renzo Massarani, levando material para a divulgação de um evento na área de música, relacionado com a apresentação da obra *Pierrot Lunaire*, de Schoenberg.

“Aí eu fiquei conhecendo-a, sentamos e ficamos conversando literalmente a tarde inteira: ninguém mais trabalhou!”

Ele lembrou-se com facilidade da data desse espetáculo – 5/8/1966. Nenem viajou em 1967, com uma bolsa de estudos para a Alemanha, onde passou de quatro a cinco meses, período em que eles se correspondiam. Quando de seu regresso, eles continuaram conversando, em 26/10/1969 resolveram se casar – em Nova Friburgo, município do Rio de Janeiro – e estão conversando já há 43 anos.

O primeiro filho, Fernando, nasceu em 1972, Eduardo em 1974, e Fabiano em 1978. O pendor musical dos três manifestou-se de maneira muito natural. Edino procurou estimulá-los, mas sempre na medida do interesse que demonstrassem, fornecendo informações sobre música de maneira muito discreta, sem deixar que percebessem o enorme prazer que teria se eles seguissem carreiras ligadas à música.

Em casa sempre se ouviu muita música, de todo tipo. Minha mulher não tem uma formação musical, mas seu trabalho lhe propiciou uma grande experiência. Ela é bem informada a respeito de repertório de música clássica, música de concerto, da música contemporânea. [...] Mas, evidentemente, as origens dela são muito ligadas à tradição da música popular: do chorinho, da música brasileira, da MPB. Então, os nossos filhos tiveram sempre uma alternativa, um leque muito grande de opções, de ouvir todo tipo de música.

Apesar de os três filhos tenderem mais para a música popular, a música clássica também encontra espaço no seu universo musical.

Edino tem ainda dois netos, filhos de Eduardo: Nina, nascida em 1996, e Cauã, em 2004.

O casal Krieger sempre se ajudou mutuamente nos trabalhos profissionais. Edino ressalta que a ajuda de Nenem se reflete mais na questão da organização:

Ela é muito discreta na divulgação de coisas que eu faço. Vez por outra ela faz uma nota, mas não é uma coisa assim de dizer que eu tenho uma máquina promocional montada dentro de casa. Ela não se sente com a obrigação de estar frequentemente me promovendo, divulgando as coisas que faço. É um apoio mais em nível de companheira, incentivadora e inspiradora. Eventualmente também de produtora, pois foi ela quem organizou e fez a produção da série do CCBB dos meus 70 anos e sugeriu ao RioArte a edição do CD *Canticum Naturale* – o primeiro só de obras minhas.

O convívio que tivemos com Edino por ocasião da realização deste trabalho permitiu-nos ajuizar que o homem revela-se tão dedicado e competente quanto o compositor, o crítico e o produtor, sendo seu ambiente doméstico um exemplo de estrutura familiar sólida, envolta em respeito mútuo, coroada de importantes realizações e, ainda, com a dose certa de amizade e afeto.

Edino e Nenem com os filhos Fabiano, Eduardo e Fernando e os netos Cauã e Nina. Teatro Rival Petrobras, após show de Edu Krieger. Rio de Janeiro (RJ), 5/10/2009. Foto: Carol Pires



Notas

- ¹ Segundo informações extraídas da revista *Notícias de Vicente Só: Brusque: ontem e hoje!*, ano 6, nº 50, p. 953, Vicente Ferreira de Melo foi o primeiro que subiu o Itajaí-Mirim e, às suas margens, nove léguas acima, construiu o seu rancho pioneiro, vivendo isolado, só, como se tornaria conhecido.
- ² Giralda Seyferth (1974, p. 33) em *A colonização alemã no vale do Itajaí-Mirim*, com base na estatística oficial, informa que de 1830 a 1884 entraram no Brasil 71.247 alemães e que de 1884 a 1939 este número subiu para 170.645. Na publicação *Notícias de Vicente Só: Brusque, ontem e hoje!*, ano 7, nº 54, p.1052, consta que data de 1860 a chegada dos primeiros colonos alemães a Brusque – denominada na época de Colônia Itajahy –, em número de 55.
- ³ Extraído da revista *Notícias de Vicente Só: Brusque: ontem e hoje!*, ano 7, nº 54, p. 1.052, onde consta haver sido extraído da publicação: *Clube Caça e Tiro Araújo Brusque, Cem Anos*.
- ⁴ *A imigração polonesa nas colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro*, p. 7.
- ⁵ Revista *Notícias de Vicente Só: Brusque: ontem e hoje!*, ano 5, nº 47, abril de 1996, p. 875.
- ⁶ Dentre as 11 pessoas da comunidade que fundaram esta sociedade, quatro eram da família Krieger: Hermann, Otto, Willy e Guilherme Luiz.
- ⁷ Segundo informações obtidas no *Diário Catarinense*, o conjunto recebeu pelo contrato 30 mil-réis e os músicos se apresentaram com um clarinete, dois pistões, um trombone, um bombardão e um bugle – tipo de instrumento agudo, pertencente à família do saxhorn.
- ⁸ Extraído do *Boletim do Conservatório de Música de Brusque*, nº 1, abril de 1961, publicado na revista *Notícias de Vicente Só: Brusque: ontem e hoje!*, ano 7, nº 54, p. 1.049.
- ⁹ Idem. Este conjunto vocal masculino foi fundado em 22/7/1896, tendo como seus primeiros integrantes os senhores Gustav Willrich, August Ristow, Karl Haffermann, Rudolf Tietzmann, Moritz Lehmann – dirigente, Luiz Krause, Willy Krieger, Ernest Ulber, Otto Krieger, Guilherme Krieger, Matias Moritz, Gustav Bruns, August Luebke, Hermann Krieger e Oscar Renaux.
- ¹⁰ No documento que nos foi enviado pela Prefeitura Municipal de Brusque/Secretaria de Turismo, por meio do sr. Sérgio Petruschky, encontramos a informação de que o centenário templo da comunidade evangélica luterana foi concluído em 1896, e que no mesmo encontra-se um órgão alemão com 1.200 flautas, existindo apenas três deste modelo em todo o Brasil. Consta ainda que sua excelente acústica transformou-o no espaço preferido para a realização de concertos musicais. Todavia, a publicação *Notícias de Vicente Só: Brusque: ontem e hoje!*, ano 5, nº 49, menciona que o templo começou a ser construído em 1872; em 10/6/1873 foi lançada a pedra fundamental, e sua inauguração ocorreu em 6/1/1895, pelo pastor Czecus. Outrossim, cabe ressaltar e esclarecer que a procedência do supracitado órgão, segundo Diva Maccagnan Pinheiro Besen, em diligente pesquisa que resultou numa monografia intitulada *Aldo Krieger no contexto musical catarinense – pré-requisito parcial para a conclusão do curso de Especialização em Arte e Educação na Universidade para o desenvolvimento de Santa Catarina em Florianópolis*, tendo como orientador o professor Dr. Raimundo Martins –, não procede. “Num conagraçamento e ajuda de empresas diversas e de brusquenses dedicados o projeto torna-se realidade. Hoje encontramos o órgão Bohn, de fabricação de J. E. Edmundo Bohn, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, 1959, e na entrada para o coro, o belo quadro todo desenhado por Aldo Krieger, que proporcionou a compra do mesmo, com o nome de todos os contribuintes, assim intitulado: Campanha Pró Órgão para Igreja Evangélica de Brusque. Realizado e desenhado por Aldo Krieger. Brusque, setembro de 1959” (p. 41). A autora informa, ainda, que assim se documenta no Livro de Tombo da Igreja Evangélica de Brusque.
- ¹¹ Este grupo, por ocasião do período natalino, apresentava-se para os idosos e os enfermos da comunidade, buscando minorar seus sofrimentos. Este madrigal era composto por 15 a 20 senhoras e esteve por muito tempo sob a regência de Aldo Krieger.
- ¹² Extraído do *Boletim do Conservatório de Música de Brusque*, nº 1, abril de 1961, publicado na revista *Notícias de Vicente Só: Brusque: ontem e hoje!*, ano 7, nº 54, p. 1.049. Seus componentes eram os seguintes músicos: Primo Diegoli, Willy Stracke, Julio Laux, Gustavo Krieger, Willy Diegoli, Luiz Luebcke, Raymundo Bridon, Augusto Diegoli e Alwin Rockstroh.
- ¹³ O *Diário Catarinense* de 31/7/1999 revela que esta banda, que teve como primeiro mestre Antônio Schwartz, marcou época em Brusque. Consta ainda que, além de Humberto Mattioli – que sugeriu em 1920 a renovação completa dos instrumentos do grupo –, ela teve o compositor e professor Aldo Krieger como um de seus integrantes.
- ¹⁴ Este conjunto, que durou apenas dois anos, esteve presente na inauguração da luz elétrica de Brusque, em 12/11/1913.

- ¹⁵ Em 1947 assumiu a direção Dom Afonso Niehues, arcebispo de Florianópolis, que permaneceu no cargo até 1952.
- ¹⁶ De acordo com as informações levantadas, este conservatório funcionou aproximadamente três anos como departamento do Conservatório Brasileiro de Música, seguindo com afinco o programa de ensino aplicado no Rio de Janeiro. Inicialmente era uma sociedade civil, tendo sido reconhecida como de utilidade pública em 29 de novembro de 1956. No citado ano, quando voltou da Inglaterra, Edino Krieger permaneceu aproximadamente seis meses em Brusque. Seu irmão Mozart relatou-nos que nesta ocasião Edino reuniu a elite socioeconômica do local e fundou a sociedade mantenedora do Conservatório de Brusque, levando-se em conta que as mensalidades dos alunos eram insuficientes para a manutenção do estabelecimento. A instalação desta entidade contou com a colaboração de vários segmentos da comunidade, como o comércio, as indústrias, particulares, governos do município e do estado, além da Sociedade Beneficente Carlos Renaux.
- ¹⁷ Durante seu período de atuação – 1918 a 1930 –, apesar de não ser o mais importante de Brusque, foi, sem dúvida, o que mais mexeu com os corações dos enamorados.
- ¹⁸ Na revista *Notícias de Vicente Sô: Brusque: ontem e hoje!*, ano 5, nº 49, p. 925, nov. de 1996.
- ¹⁹ Segundo publicação *Gustavo Krieger. 1878 – 26 de janeiro – 1978*, à página 3. Carmelo e Marcelo Krieger informaram que a mesma foi organizada por Murilo Krieger e Maria do Carmo Krieger, netos de Gustavo Krieger.
- ²⁰ Extraído do documento inédito de autoria do irmão Mozart intitulado *Quod scripsi, scripsi*, capítulo 1: “Dos tempos da cadeia velha”, escrito entre 1988 e 1993, com notas adicionais do irmão Dante em 1998. Edino, talvez pelo fato de ser o irmão mais velho, depois da Myriam, e ainda por ter deixado a casa muito cedo, quando os demais eram bem pequenos, ficou em suas lembranças como um ídolo, aquele irmão brincalhão e afetuoso que estava tão longe e de quem sentiam muita saudade. Eles procuravam se espelhar nele e imitá-lo em quase tudo. Certa ocasião, Edino enviou dos Estados Unidos uma mensagem gravada em disco para a família. Mozart, Marcelo, Carmelo e Dante nos contaram que, de tanto tocar, o disco acabou furando, ficando uma falha, de modo que em determinado trecho ficava repetindo a mesma coisa, até que fosse dado um empurrãozinho para voltar a tocar direito. Segundo eles, a gurizada decorou a fala do disco, inclusive com o defeito, e a repetiam de fio a pavio.
- ²¹ Vasco Mariz, em *História da música no Brasil*, 2. ed. p. 273, e ainda em seu trabalho *Figuras da música brasileira contemporânea*, 2. ed. p. 86, relata que o crítico do *Boston Herald*, em 18/3/1949, menciona que o *Quarteto* de Edino, embora não seja de fácil compreensão na primeira audição, mantém interesse sobretudo em virtude de desenhos rítmicos pouco usuais.
- ²² “A primeira palestra (radiofônica) que ele fez, entretanto, foi um comentário sobre a ópera *The Turn of the Screw*, transmitida em 15/10/1955”. A interrogação na palestra referente ao dia 5/4/1956 consta da citada correspondência.

CAPÍTULO II
O CRÍTICO
MUSICAL

No panorama da crítica musical do Rio de Janeiro, aproximadamente nos últimos 25 anos do século XX e nos primeiros 12 anos do século XXI, verifica-se que não há a presença de críticos especializados atuando no dia a dia dos grandes jornais. Como consequência, o espaço outrora destinado à crítica de música dita erudita, com colunas específicas, foi ocupado por críticos na maioria das vezes versados em assuntos diversos, que contemplam quase que somente, e ainda assim com certa raridade, críticas referentes à música popular brasileira e estrangeira, ficando a chamada música erudita a cargo de críticos da envergadura de Luiz Paulo Horta e Ronaldo Miranda, que atuavam no *Jornal do Brasil* produzindo críticas semanais e, ainda, Antonio Hernandez e novamente Luiz Paulo Horta no jornal *O Globo* mais frequentemente.

Há que se considerar também todo o processo evolutivo da mídia. Nas cinco primeiras décadas do século XX, os veículos efetivos dos meios de comunicação eram quase que somente o jornal e o rádio, tendo em vista que a primeira televisão no Brasil data de 1950 – a TV Tupi de São Paulo, fundada por Assis Chateaubriand.

Outro fator deveras importante diz respeito à respeitável linhagem dos críticos que atuaram durante esse período, em sua maioria professores de renome e/ou músicos gozando de grande prestígio e outorgando, desta forma, credibilidade às suas crônicas. Andrade Muricy (1895-1984), crítico musical do *Jornal do Commercio* (de 1937 a 1969) em substituição a Oscar Guanabarin; Ayres de Andrade (1903-1974), crítico musical de *O Jornal* durante 35 anos; Eurico Nogueira França (1913-1992), crítico musical dos jornais *Correio da Manhã* e *Última Hora*, e ainda da revista *Manchete*; João Itiberê da Cunha (1870-1953), o J. I. C., crítico musical dos jornais *A Imprensa* e *Correio da Manhã* e da revista *A Renascença*; Ondina Ribeiro Dantas, também conhecida por D’Or (1897-1980), crítica musical do jornal *Diário de Notícias*; Oscar Guanabarin (1851-1937), que foi durante vinte anos crítico do *Jornal do Commercio*; Octávio Bevilacqua (1887-1969), crítico musical do jornal *O Globo* desde a sua fundação; Renzo Massarani (1898-1973), crítico musical dos jornais *A Manhã* e *Jornal do Brasil*; Edino Krieger (1928), crítico do jornal *Tribuna da Imprensa* e do *Jornal do Brasil* (como interino, e depois como titular,

em substituição a Renzo Massarani), dentre outros, foram importantes nomes que atuaram e ocuparam lugar de destaque na imprensa, transformando-se em formadores de opinião junto à comunidade musical, contribuindo sobremaneira para a divulgação da música erudita brasileira, para o implemento de políticas culturais por parte dos órgãos públicos, para a formação de um público esclarecido para os nossos artistas, para um maior estímulo à criação musical brasileira, além de favorecerem a projeção de regentes, intérpretes, compositores, conjuntos corais, conjuntos camerísticos e orquestras.

Edino Krieger foi um misto de crítico, professor, educador, revelador de talentos, um grande defensor e incentivador de políticas públicas culturais, além de esteta. Nada passava despercebido em suas colunas quase que diárias. Sua atuação revelava um total compromisso com toda sorte de problemas que envolvessem direta ou indiretamente o crescimento estético-musical-cultural da cidade, em total sintonia com os últimos acontecimentos nos grandes centros urbanos no Brasil e no exterior. Seu principal trabalho como crítico musical foi no jornal *Tribuna da Imprensa* – de 5/6/1950 a 9/7/1952 –, daí resultando um total de 399 críticas assinadas: 46 escritas em 1950, 223 em 1951 e 130 (e ainda três sob o pseudônimo Atonis) em 1952. Não nos foi possível localizar sua ficha funcional, em virtude da destruição desse arquivo por uma bomba colocada no citado jornal em 1981. Após a data de sua última crítica assinada (9/7/52), encontramos ainda diversas matérias datadas de 10/7/52, 11/7/52, 14/7/52, 15/7/52, 16/7/52, 19-20/7/52, 21/7/52, 22/7/52 e 25/7/52, sempre na página 8, mas sem identificação quanto à autoria das mesmas. A partir de 30/7/52, Mário Cabral deu continuidade a este trabalho.

Edino atuou ainda como crítico interino no *Jornal do Brasil* em 1956, 1957, 1958, de 1966 a 1969, de 1971 (até final de 1973 como substituto, cobrindo as férias de Renzo Massarani) a 1977, em 1979 e, excepcionalmente, em 1987, 2000 e em 2007, num total de aproximadamente 261 críticas publicadas, que permitem ao estudioso visualizar o panorama da vida e dos problemas musicais do Rio de Janeiro desse período.

Quando o Massarani morreu, o Nascimento Brito me chamou e disse: “Nós gostaríamos que você continuasse. Você tem substituído o Massarani, gostaríamos então que você ficasse com a coluna dele.” E eu passei então a fazer a coluna de música, de crítica, do JB.

Todavia, essas colunas não apareciam com muita regularidade. Edino permaneceu no *Jornal do Brasil* até sua ida para a Funterj. Segundo ele, não tinha sentido ele mesmo programar os eventos e depois fazer a sua crítica: “Achava

que era antiético. Não me sentia muito à vontade, e então fui substituído pelo Luiz Paulo Horta e pelo Ronaldo Miranda.”

No jornal *Tribuna da Imprensa* suas colunas não tinham dia específico; todavia, podemos atestar que eram muito frequentes e situavam-se quase sempre na página 7. Remetemos ainda o leitor para a leitura das Resenhas das Críticas levantadas, que são apresentadas a seguir, à guisa de enriquecimento. Seus artigos, nos quais podemos acompanhar a atuação de diversas entidades musicais, intérpretes, compositores, escritores, professores, escolas e conservatórios, dentre outros, constituem-se num rico filão para o estudo da evolução musical brasileira. Foi especialmente na *Tribuna da Imprensa* que Edino Krieger registrou e comentou todas as atividades do meio artístico carioca, procedendo ainda a registros de atividades em outros estados e países, cobrindo majoritariamente os acontecimentos da área de música e detendo-se mais na apreciação da performance dos intérpretes, compositores, regentes, conjuntos camerísticos e orquestras, tanto nacionais quanto internacionais.

A exemplo de outros críticos, Edino Krieger sistematicamente fazia uma preleção histórica dos assuntos por ele abordados, além de análise estética e musical das obras – revelando sólido conhecimento da matéria –, visando situar o leitor na assimilação de seu conteúdo, antes de formular um julgamento sobre as realizações artísticas. Constata-se ainda, como seu procedimento comum, a elaboração de uma retrospectiva dos eventos musicais do ano anterior nas primeiras colunas de cada ano, assim como discorrer sobre a programação global em todo início de temporada. Ele cobria ainda espetáculos de balé, fazia alusões a lançamentos de *long-plays*, livros e revistas de interesse da área de música, comentava conferências e crônicas publicadas por estudiosos em outros veículos de comunicação (Juan Carlos Paz e Ernst Krenek), além de se reportar às comemorações da *Semana da Pátria*, para citar apenas alguns dos tópicos abordados.

Na análise dessas publicações evidencia-se também a grande sensibilidade que Edino externava com relação à formação do gosto do povo e, mais especificamente, com a correta formação dos estudantes de música. Como exemplo disto, destacamos a importante série por ele denominada “Problemas do ensino musical”, no total de aproximadamente 15 artigos publicados de 2/1/52 a 15/2/52, contando com a colaboração, sob a forma de depoimentos, de nomes os mais expressivos e representativos em suas áreas – maestro Alberto Lazzoli, compositores Cláudio Santoro, Koellreutter, Luís Cosme, Roberto Schnorrenberg, professores Paulo Silva, Ilara Gomes Grosso, Geni Marcondes, Saloméa Zeigarnikas (atualmente Saloméa Gandelman), Hilde Sinnek, Tomás Terán e Karl Ulrich Schnabel –, contemplando a formação

do compositor, do pianista, do cantor, dos instrumentistas de sopro, dentre outros. Sua coluna prestava-se ainda à divulgação de cursos, em especial os Cursos Internacionais de Férias da Pro Arte do Rio de Janeiro, e cursos e recitais de alunos no Conservatório Brasileiro de Música, na Escola Nacional de Música (atual Escola de Música da UFRJ) e no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico.

O conhecido episódio da *Carta aberta* de Camargo Guarnieri, dirigida aos músicos e críticos – um manifesto em prol da música nacionalista, em oposição às iniciativas e ideias pedagógicas de Koellreutter –, como se sabe, ocupou as colunas dos mais importantes jornais, gerando grande celeuma e discussão no meio musical brasileiro. É de se ressaltar o posicionamento lúcido de Edino Krieger, então com apenas 22 anos, respaldando suas colocações de forma técnica, com embasamento, totalmente destituído de paixões. A revista *Concerto* de março de 1998 traz depoimento de Edino sobre esse episódio (ocorrido seis décadas atrás):

A minha posição foi decorrente de uma preocupação mais intelectual do que estética. O criador deve sempre ter a liberdade para escolher o meio que quiser usar [...]. Naquele momento eu não estava defendendo o serialismo, mas estava defendendo a liberdade da forma.

José Maria Neves, em *Música Contemporânea Brasileira* (1981, p.131), comenta que:

Krieger inicia sua análise da carta de Camargo Guarnieri explicando que o faz mais para atender ao desejo daquele compositor do que “por admitirmos qualquer significação ou importância real ao documento – cujo maior interesse reside, na realidade, na definição de princípios e de mentalidade formulada por seu autor”. E ele continua: “Não se concebe que um intelectual responsável cometa a leviandade de condenar tão categoricamente uma técnica de composição como sendo prejudicial à formação artística de um país que ensaia ainda seus primeiros passos no terreno da criação.”

Para aprofundamento dessa informação, remetemos o leitor à leitura na íntegra da citada crítica – *Tribuna da Imprensa*, 23/11/1950 –, que, juntamente com outras críticas importantes por nós selecionadas, oriundas da *Tribuna da Imprensa*, do *Jornal do Brasil* e do jornal *O Globo*, compõem o Anexo 1 deste trabalho. Sobre o episódio da *Carta aberta* recomendamos a leitura de outras críticas de Edino que integram este trabalho sob a forma de síntese: “H. J. Koellreutter responde a Camargo Guarnieri” (*Tribuna da Imprensa* de

30-31/12/1950), “Atiçando as brasas” (*Tribuna da Imprensa* de 11/7/1951), “Polêmica do atonalismo. Atiçando as brasas (II)” (*Tribuna da Imprensa* de 12/7/1951), “Em defesa de uma escola” (*Tribuna da Imprensa* de 15/4/1952) e, ainda, do capítulo intitulado Abrindo uma carta aberta – p. 95-173 –, de autoria de Flávio Silva – o mais completo estudo sobre o assunto, com documentos extraídos de três importantes acervos: o de Mozart de Araújo depositado no CCBB, o de Guarnieri através de Vera Silvia Camargo Guarnieri e, ainda, o da Divisão de Música e Arquivo Sonoro da Biblioteca Nacional –, inserido no livro *Camargo Guarnieri: O tempo e a música*, tendo como organizador o pesquisador Flávio Silva.

O episódio da *Carta aberta* arrefeceu por algum tempo a amizade de Edino Krieger e Guerra-Peixe, resultando em rugas entre os dois. Em nossa consulta ao Arquivo César Guerra-Peixe depositado pelo autor na Divisão de Música e Arquivo Sonoro da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, encontramos uma carta escrita por Edino ao compositor Guerra-Peixe, onde o signatário demonstra toda sua insatisfação com a postura do compositor. Reproduzimos a citada missiva no Anexo 2. Sobre esse episódio é Edino quem nos fala:

O Guerra-Peixe se encantou com toda música nordestina e fez a pesquisa dele sobre os Maracatus do Recife. E daí, com o mesmo ardor com que ele defendia o serialismo, ele começou a atacar violentamente, porque o Guerra não tinha meias-palavras, era tudo extremado com ele. Nessa época ele escreveu uns artigos muito violentos e eu escrevi para ele umas cartas bem violentas e críticas. Ele me respondeu também dando os pontos de vista dele, mas enfim, foi um bate-boca por escrito que não durou muito tempo não. Depois voltamos a nos encontrar. Quando eu organizei a Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio MEC, ele foi ser violinista da orquestra, então a gente passou a ter contato outra vez.

Durante a série de entrevistas que nos concedeu, pedimos a Edino Krieger que nos falasse sobre o início de sua trajetória como crítico musical.

Acho que foi em 1950, porque em 1950 eu participei do 1º Curso Internacional de Férias de Teresópolis, organizado por Koellreutter, pela Pro Arte. O Carlos Lacerda havia criado a *Tribuna da Imprensa*, e desde o início os encarregados da parte de música eram o Mignone e sua mulher, Liddy Mignone. E lembro que eles me pediram, na ocasião, para escrever, se não me engano, um artigo sobre o Curso de Férias de Teresópolis. E eu fiz. Quando terminou o Curso, eles me chamaram e o Mignone disse: “Olha, o Lacerda pediu para a gente fazer a coluna de música da *Tribuna*

da Imprensa, e na verdade eu atendi porque sou muito amigo dele. Mas não tenho vontade de escrever toda semana, e queria propor a você que assumisse essa coluna. Nós vimos o artigo que você escreveu, que foi publicado... Se você aceitar, vamos falar com o Carlos Lacerda, apresentar você a ele, e você passa a fazer a coluna de música da *Tribuna da Imprensa*.” Eu respondi: “Está bem. Não sei se tenho condições, nunca escrevi para jornal, fiz só uma matéria...” Aí, eles realmente me apresentaram ao Lacerda e eu passei a fazer a coluna de música da *Tribuna da Imprensa*. Até levei bastante a sério, cobria tudo, fazia a parte de promoção de concertos; tinha uma seção que era bastante movimentada, fazia entrevistas com artistas sobre diversos assuntos.

Visando levantar a primeira crítica escrita por Edino Krieger para o citado jornal, percorremos toda a coluna *Música* publicada no período compreendido entre janeiro e maio de 1950. Dentre os vários articulistas encontrados destacamos: Cleofê Person de Mattos, Liddy Chiafarelli Mignone, Francisco Mignone, Maria Sylvia e Helza Cameu. Encontramos ainda 30 artigos sem título com noticiário musical semanal sem indicação de autor. Por oportuno, detectamos ainda três artigos – datados de 6/2/1950, 13/2/1950 e 29/4/1950 – cuja autoria, atribuída a Atonis – pseudônimo muitas vezes usado pelos integrantes do grupo Música Viva –, revelava um estilo muito semelhante ao de Edino. Após os devidos esclarecimentos, concluímos tratar-se de artigos sob a responsabilidade do compositor (ver Anexo 3).

Na *Tribuna da Imprensa* Edino Krieger permaneceu apenas por dois anos. Sua saída deu-se em virtude de um desentendimento com Carlos Lacerda, que ele relembra:

Porque a minha coluna na *Tribuna da Imprensa* era uma coluna bastante dinâmica: eu fazia entrevistas, não somente críticas; fazia uma seção de noticiário, sempre que possível colocava fotos dos artistas. [...] E houve uma época em que a Orquestra Sinfônica Brasileira – Eleazar de Carvalho era o regente na época – começou a ter uma série de problemas internos com os músicos. Alguns músicos fizeram reivindicações salariais à Orquestra, criaram um pequeno núcleo de resistência, de contestação à orientação da Orquestra, sobretudo na questão salarial. E fiz várias entrevistas com esses músicos, que então disseram tudo o que tinham que dizer.

Por causa das posições que assumiram publicamente, e ainda devido à postura severa de Eleazar de Carvalho, que em matéria de disciplina não admitia discussão, os músicos acabaram sendo demitidos, criando uma grande celeuma.

Eu estava acompanhando isso, no jornal. O presidente da Orquestra Sinfônica na época era o Euvaldo Lodi, que era também o presidente do Sesi, um órgão que dava muito dinheiro para a Orquestra. O Euvaldo Lodi era candidato a alguma coisa, algum cargo eletivo, não sei. E a Orquestra começou a ser levada pra cima e pra baixo, para participar dos comícios do Euvaldo Lodi, comícios não sei onde, na fazenda não sei qual, e os concertos se transformavam em comícios. Ele fazia discursos na frente da Orquestra, o Eleazar passava a batuta e ele regia determinadas coisas – *Danúbio Azul*, não sei mais o quê. E os músicos começaram um movimento de reação, por verem que a Orquestra estava sendo explorada para fins eleitoreiros... E eu entrevistei os músicos. Não só isso, como assisti a concertos da Orquestra e vi que sua qualidade estava caindo. Fiz críticas bastante contundentes, dizendo que a Orquestra estava sacrificando a sua qualidade artística em função de objetivos que não tinham nada a ver com a música; que a Orquestra era para fazer música, não era para fazer política, fazer comícios e tal. E, no primeiro artigo que escrevi, recebi um bilhete do Aluísio Alves, que depois foi governador do Rio Grande do Norte, não sei de onde. Na ocasião ele era o diretor administrativo da *Tribuna da Imprensa*, e depois que o artigo foi publicado me escreveu: “Gostaria que você não cuidasse de assuntos de política interna da OSB, se limitasse à apreciação dos aspectos musicais.” Diga-se de passagem que até então o Lacerda vivia de amores com a coluna de música. Em reuniões, ele sempre citava a coluna como um exemplo a seguir, pelo dinamismo, porque eu fazia entrevistas, porque era uma coluna muito lida e muito informativa e, ao mesmo tempo, crítica. Então, recebi esse bilhete do Aluísio Alves e mandei um outro bilhete para ele, dizendo que não estava extrapolando das minhas funções de crítico, porque o que eu estava criticando, na verdade, era a decadência do aspecto musical da Orquestra; eu estava justamente procurando defender a qualidade artística da Orquestra; eu apenas estava apontando as causas do declínio dessa qualidade, que era o fato de a Orquestra estar sendo usada para outros fins, estar fazendo concertos sem ensaios, não tendo tempo suficiente para preparar suas apresentações, porque ela tinha outras funções paralelas, que não tinham nada a ver com a música e que nem interessavam à música. Mas se eles achassem que eu não devia falar... Eu achava que sempre a *Tribuna* se vangloriava, se gabava de ser um jornal independente, de ser um espaço onde a verdade devia prevalecer. Então, eu estava fiel a esse princípio da *Tribuna da Imprensa*: eu achava que antes de tudo devia estar a verdade, onde ela estivesse. Mas se eu estivesse contrariando algum interesse do jornal, eles podiam simplesmente me substituir, procurar outro crítico, porque eu não tinha nenhuma pretensão de ser eterno na *Tribuna da Imprensa*, eu apenas queria ter a liberdade, como sempre tive, de dizer aquilo que eu pensava. Aí ele me mandou um outro bilhete, dizendo que não fazia absolutamente

nenhuma objeção; que tinha entendido a minha posição, que eu podia continuar. Então, no concerto seguinte, fiz um outro artigo. E ele me enviou mais um bilhetinho, agradecendo muito a minha colaboração até aquele momento, não sei mais o quê... e me dispensou.

Nesse episódio Edino Krieger tomou conhecimento da relação direta que havia entre Euvaldo Lodi, não só com a Sinfônica Brasileira, mas também com a *Tribuna da Imprensa*, não lhe restando outra alternativa a não ser escrever uma carta para Carlos Lacerda dizendo que lamentava muito, que não tinha ideia de que estaria ferindo interesses da organização, mas que sua consciência de crítico e de músico o obrigava a agir dessa forma. Edino revela a reação de Lacerda: “Ele me respondeu de um jeito malcriado, bem desaforado, como era típico do Lacerda. Esqueceu todo o amor passado. Ele era assim! E aí eu saí da *Tribuna*.”

Edino escreveu ainda esporadicamente para outros jornais (ver Anexo 4): *Jornal do Commercio*, *Paratodos*, *O Globo*, *Diário de Petrópolis*, *Jornal dos Transportes* e *O Nacional*, produzindo algumas críticas importantes como a escrita para *O Globo* de 6/9/1972, intitulada “Nossa Música, desde a modinha – uma raiz nacional”. Este texto consta, na íntegra, no Anexo 1.

Remetemos ainda o leitor para o Anexo 5 deste trabalho, onde destacamos os compositores, professores, intérpretes, regentes e personalidades, entidades, orquestras, conjuntos camerísticos e corais, balés – nacionais e estrangeiros – e salas de concerto por ele citados ao longo de sua atividade como crítico.

Da atuação de Edino Krieger como crítico ressaltamos os principais pontos que foram objeto de seus artigos, podendo mesmo refletir de forma concisa a abrangência de suas ideias, tornadas públicas através de suas crônicas:

- Procedia à apreciação da performance dos intérpretes, regentes, bailarinos, conjuntos instrumentais, vocais e de dança, e ainda à apreciação estética das obras apresentadas.
- Incentivava os novos valores, fossem eles intérpretes, compositores ou regentes.
- Salientava a falta de um plano governamental para divulgação da criação musical erudita brasileira e destacava a falta de estímulo à criação, com gravações de música, concursos de composição, para citar apenas alguns.
- Apontava para o academismo dos conservatórios e escolas de música oficiais, ressaltando a Escola Nacional de Música, por não possuírem políticas educacionais adequadas, sendo seus currículos extremamente conservadores, não cumprindo o seu real papel na formação dos jovens estudantes de música.
- Sugeriu uma maior valorização da Música de Câmara, por ele considerado um gênero renegado.

- Criticava a supremacia do instrumento e a sujeição do conteúdo artístico de uma obra de arte ao exibicionismo técnico dos intérpretes, ou seja, o malabarismo pelo malabarismo.
- Clamava pela formação de um novo público, em especial para a apreciação de música contemporânea, de música brasileira e dos períodos pré-barroco e pós-romântico. Edino focalizava a atuação e a programação da Rádio MEC como importante veículo de comunicação e formação de plateias, ressaltando seu papel educativo, detendo-se mais frequentemente no programa *Música para a Juventude*.
- Propunha a realização de palestras para informar o público sobre o estilo da obra, técnicas composicionais, situando-as histórica e esteticamente dentro do plano de evolução musical.
- Denunciava a obstinação dos organizadores das *Temporadas Líricas* e outros similares, que insistiam em repetir sempre as mesmas óperas e concertos, dificultando e até impossibilitando o conhecimento, por parte do público, de outros autores.
- Ressaltava a falta de critério na elaboração dos programas – organizadores, instrumentistas, conjuntos orquestrais etc. – que excluía da programação obras mais importantes da criação musical, em particular as do período pré-barroco e pós-romântico, tendo em vista sua negligenciada divulgação.
- Combatia o mau uso do poder em qualquer circunstância, dentro do universo musical em que atuava.

Depoimentos da Comunidade Musical

A séria e competente atuação de Edino Krieger transformou-o num profissional da mais alta respeitabilidade em seu meio. Os depoimentos que se seguem são um testemunho vivo deste fato.

A vida musical brasileira hoje carece agudamente de crítica musical decente. A gente tem lacunas imensas e no momento não existe uma atuação regular da crítica musical. Isso faz uma falta enorme à vida musical do país. É claro que Edino crítico faz muita falta nesse momento. Até porque as críticas dele foram determinantes numa série de coisas. Ele escreve muito bem, ele pensa muito bem, ele conhece música. Então, suas críticas eram sempre construtivas, sensíveis, e foram responsáveis por impulsionar carreiras e mais carreiras neste país, e de uma forma muito correta. (Educadora musical Valéria Peixoto, comunicação pessoal de 7/11/1997)

Como crítico era honestíssimo, competentíssimo e totalmente imparcial, muito justo e sem rancores. Dava uma abertura muito grande para os talentos novos. Ele foi uma das pessoas que me apoiaram no início da carreira. Sempre me deu muita força, e isso repercutia muito no plano da carreira. (Pianista Laís de Souza Brasil, comunicação pessoal de 11/9/1997)

Muitas vezes fui objeto das críticas de Edino, tanto como executante de música de câmara quanto como regente. Toda crítica dele era uma lição e uma orientação para o público, para o organizador e para o próprio músico, porém jamais foi um demolidor, um destruidor. A linha do Edino Krieger nunca foi complacente. Dizia o que tinha que dizer com elegância. Ele compreendeu de fato o papel de um crítico; era um incentivador. (Maestro Henrique Morelenbaum, comunicação pessoal de 18/8/1997)

Uma coisa que prejudicou muito o compositor Edino Krieger – não em qualidade, mas em quantidade – é uma ligação quase que total com tudo que ele sempre fez. Quando foi diretor do Instituto Nacional de Música da Funarte, ele deu a alma àquilo e enfiou o compositor na gaveta. Quando ele foi jornalista – crítico musical – foi fantástico, didático, construtivo e com uma redação genial. Na minha opinião, quando Edino parou de escrever foi uma perda lastimável. Fui objeto de crítica do Edino no *Jornal do Brasil*. (Violonista Turíbio Santos, comunicação pessoal de 25/8/1997)

A crítica de Edino era um texto muito bonito, muito bem escrito. Era séria, não tinha bobagens e era sempre construtiva. (Regente coral Elza Lakschevitz, comunicação pessoal de 22/9/1997)

Todos sabem que o crítico é um ser humano como outro qualquer e que sua bússola se orienta pelo gostar ou não... como, aliás, a de qualquer outro mortal. Entretanto, sendo compositor, e talvez justamente por isso, a crítica de Edino nunca colocou a música num plano ideal e supra-humano, mas pautou-se, sem conivência, pelo respeito ao esforço tanto de criadores quanto de intérpretes. (Barítono Eladio Pérez-González, comunicação pessoal de fevereiro de 1998)

Como crítico do *Jornal do Brasil* ele se revelou uma pessoa inteligente, sensível, verdadeiro músico, destituído de preconceitos, abrindo espaço para todas as correntes. Ele escreve muito bem e é, sem dúvida, o homem da resistência da cultura musical brasileira. Ele é a pessoa que mais tem privilegiado o músico e a música brasileira. (Educadora musical Cecília Conde, comunicação pessoal de 3/3/1998)

Ele me ajudou muito no *Jornal do Brasil*, e também como jovem compositor. Foi decisiva a participação dele para que eu substituísse o Renzo Massarani. Houve uma época em que estivemos juntos, escrevendo sobre música no JB. Ele era o titular, e eu, substituto. Ele era generoso sem perda de substância, nunca de maneira melíflua. Em 1973 Edino fez o primeiro teste comigo. Eu já trabalhava no JB, no setor de Promoções Culturais. Ele sabia que eu fazia Escola de Música, que era aluno do Morelenbaum, sabia da minha formação musical. Tenho certeza de que a palavra dele junto ao editor-chefe foi fundamental para a minha escolha. (Compositor Ronaldo Miranda, comunicação pessoal de 26/9/1997)

Como crítico, Edino marcou o meio musical com grande capacidade de julgamento, com muita objetividade. Como exemplo de sua atuação como crítico, cito a polêmica entre nacionalistas, Koellreutter e o Música Viva, onde ele mostrava grande serenidade e clareza de ideias. (Jornalista e musicólogo Luiz Paulo Horta, comunicação pessoal de 8/10/1997)

Sua crítica musical sempre foi muito construtiva, porque sabemos que os críticos podem ser altamente destrutivos. Edino encontrava o tom justo, sua crítica não vivia apenas de elogios, mas eram sempre críticas que visavam construir e não destruir, e escritas em um português admirável, o que também não é muito comum entre nós, musicistas. (Trecho da fala da empresária e professora Myrian Dauelsberg na solenidade da entrega da Medalha de Mérito Pedro Ernesto a Edino Krieger, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em 3/11/1998)

Eu queria muito me aproximar do Edino Krieger. Naquela época lia as críticas musicais e ficava maravilhado pelo português, pela maneira simpática com que ele realmente dava ao músico uma motivação para que continuasse o seu trabalho, para que corrigisse certos problemas que tivessem acontecido no concerto ou, enfim, na formação musical. (Trecho da fala do pianista Miguel Proença na solenidade da entrega da Medalha de Mérito Pedro Ernesto a Edino Krieger, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em 3/11/98)

Na crítica musical, eu lia tudo que ele escrevia para o *Jornal do Brasil*. É uma pena que não continue escrevendo, era um dos melhores que nós temos nessa área. Tenho grande admiração pelo artista, pelo criador e pela figura dele. Posso afirmar que, em todas as atividades que ele exerceu, fez tudo num nível bem elevado. Seria ótimo se ele continuasse ativo em todas essas áreas. (Saxofonista Paulo Moura, comunicação pessoal de 5/6/2000)

Edino é das figuras mais ricas do panorama cultural do século XX. Como crítico, ele tinha um papel de extrema importância. Ele era acima da média,

alguém que acompanhava tudo, ciência, tecnologia, e uma capacidade para armazenar cultura e usá-la para refletir sobre música em profundidade maior, problemas técnicos e estéticos, posicionamento político etc. A crítica musical ficou muito mais pobre com a sua retirada, ele era capaz de ser totalmente isento na sua crítica. Esta mesma isenção acompanhou-o à frente da vida pública. A honestidade dele é a toda prova. (Professor e musicólogo José Maria Neves, comunicação pessoal de 20/10/1997)

Resenha das Críticas Levantadas

Conforme já foi mencionado, as atividades de Edino Krieger como crítico musical se desenvolveram de forma regular entre os anos de 1950 e 1952 no jornal *Tribuna da Imprensa*, onde produziu 399 críticas assinadas e três com utilização do pseudônimo “Atonis”, e depois, no *Jornal do Brasil*, com aproximadamente 261 artigos escritos ao longo dos anos de 1956 (5 críticas), 1957 (15 críticas), 1958 (2 críticas), 1966 (1 crítica), 1967 (6 críticas), 1968 (5 críticas), 1969 (7 críticas), 1971 (8 críticas), 1972 (7 críticas), 1973 (4 críticas), 1974 (15 críticas), 1975 (62 críticas), 1976 (98 críticas), 1977 (20 críticas), 1979 (1 crítica), 1987 (1 crítica), 2000 (1 crítica), 2007 (1 crítica) e, ainda, mais duas críticas sem indicação de data, num total de 663 críticas.¹ No Anexo 6 relacionamos os artigos levantados, situando-os por categorias.

Motivados pelo reconhecimento e relevância dessa produção crítica, e considerando, sobretudo, o fato de que as novas gerações desconhecem essa faceta do compositor, apresentamos de forma sintética o produto resultante de nosso levantamento dessas críticas, para fins de memória e pesquisa, fazendo votos de que no futuro as mesmas venham a ser editadas integralmente. Todas as críticas oriundas da *Tribuna da Imprensa* foram pesquisadas *in loco*, nos arquivos do citado periódico. No que tange ao *Jornal do Brasil* e outros, cabe ressaltar que a pesquisa teve como fontes a seção de microfilmes da Biblioteca Nacional (em muitas ocasiões o péssimo estado do microfilme não permitia a visualização da página, de modo a não ser possível afirmar se era um suplemento paginado ou não) e, ainda, o arquivo particular do compositor (onde algumas vezes o artigo foi recortado sem a indicação da página e do autor). A pesquisa buscou esclarecer estas omissões; entretanto, nem sempre logrou obter resultados, razão pela qual nem sempre as referências apresentam-se completas.

TRIBUNA DA IMPRENSA

Festival Beethoven. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 5, 5 jun. 1950.

Síntese do artigo: Crítica sobre o concerto realizado em 2/6/50 no Theatro Municipal pela Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro, sob a regência do maestro José Siqueira. Da programação constou, na 1ª parte do concerto, a *Abertura de Egmont* e a *Quarta Sinfonia*; na segunda, o *Concerto n.º 4 para piano e orquestra*, tendo como solista Nicolai Orloff. A crítica abarcou desde a parte interpretativa, estética, passando pela parte técnico-instrumental, fazendo alusões ao naipe de cordas e percussão, sugerindo, inclusive, procedimentos técnicos mais adequados. “A displicência que, partindo do regente, se disseminara pela orquestra, parece ter contagiado também o solista.”

**A autenticidade
artística desse
pianista o
coloca entre os
maiores virtuosos
contemporâneos.**

Edino Krieger

Solomon. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 5, 12 jun. 1950.

Síntese do artigo: Crítica sobre o recital de estreia do pianista Solomon, realizado em 8/6/50 sob os auspícios da Associação Brasileira de Concertos. O programa constou de: Bach-Busoni, Mozart, Schumann, Chopin, Liszt, Debussy e Mignone. Edino Krieger ressaltou de forma elogiosa a interpretação de cada peça em seus mínimos detalhes. “A autenticidade artística desse pianista, ao lado de sua completa emancipação técnica, colocam-no entre os maiores virtuosos contemporâneos do teclado. [...] A variedade de disposições interpretativas de Solomon é surpreendente: com a mesma facilidade com que assimila Mozart, Bach ou Schumann, compreende Mignone, Chopin, Debussy ou Liszt.” Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Temporada Lírica Oficial. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 5, 19 jun. 1950.

Síntese do artigo: Edino critica a Comissão Artística responsável pela seleção das obras da Temporada Lírica Oficial por ter se preocupado unicamente com o lado recreativo do evento, esquecendo-se das finalidades culturais que a ele se prendem, repetindo óperas da recém-terminada Temporada de Arte Nacional. “Óperas como a *Traviata*, o *Rigoletto*, a *Bohème*, *Faust* e outras, tornaram-se verdadeiras perseguições paranoicas dos organizadores das temporadas líricas, enquanto obras igualmente importantes do período clássico e pós-romântico são conservadas no completo esquecimento, alimentando desse modo a educação musical incompleta e unilateral do nosso público.” Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Uma primeira audição de Bartók por Menuhim. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 5, 26 jun. 1950.

Síntese do artigo: O crítico musical ressalta a situação privilegiada que o violino ocupa como instrumento virtuosístico, instrumento este que alia enormes possibilidades expressivas à complexidade técnica. Chama a atenção para um impulso típico dos primórdios da época romântica, onde o virtuosismo era mais

**A linguagem
simples dos *blues*
e *ragtimes* alcança
uma força
de expressão
surpreendente.**

Edino Krieger

importante para compositores e intérpretes que a própria substância musical em si. “O malabarismo, a exibição de técnica e habilidade tomam feições autônomas, descobre-se no virtuosismo um atrativo em si, independentemente da própria música. A afirmação de capacidade individual do instrumentista se antepõe à obra de arte em si.”

Edino chama a atenção para a grande capacidade de Bartók de saber explorar os recursos expressivos de todos os instrumentos, remetendo o leitor para algumas obras do citado compositor. Cita, em especial, a *Sonata em Sol Maior para violino solo*, dedicada a Menuhim, e que, segundo o crítico, vem a ser um verdadeiro compêndio de técnica violinística, deixando entrever que foi concebida para um virtuose. Mais adiante, comenta a interpretação do artista: “Menuhim, entretanto, não parece ter concedido à sonoridade a importância que ela adquire em Bartók, voltando sua atenção unicamente para o aspecto virtuosístico da Sonata. [...] Em todo o programa, aliás, Menuhim procedeu com uma displicência surpreendente, resultando numa apresentação bastante aquém do seu nível artístico habitual – pelo menos daquele com o qual estamos familiarizados através das suas esplêndidas gravações.”

Marian Anderson e o negro na música americana. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 5. 10 jul. 1950.

Síntese do artigo: Na primeira parte de sua crítica, Edino fala da contribuição do negro para a formação da cultura musical americana, que não se limita às manifestações de arte popular, chamando a atenção para o fato de que, com a mesma força interior com que nasce do povo, a música do negro americano projeta-se no campo erudito, o que se evidencia na criação artística de compositores como Stravinsky, Béla Bartók, Krenek e Milhaud, e ainda pela formação de intérpretes que se impõem no cenário universal da música por seus méritos artísticos. No terreno da criação musical, refere-se ao desenvolvimento no plano técnico e estético, que coloca a música popular americana entre as manifestações artísticas mais avançadas da atualidade. “A linguagem simples dos *blues* e *ragtimes* alcança, através da improvisação e da estilização, uma complexidade e uma força de expressão surpreendentes. Com Dizzy Gillespie, Thelonius Monk, Woody Hermann e Stan Kenton o *jazz* alcança a sua completa emancipação, disputando com a própria música erudita americana o primeiro plano na escala de importância e valor musicais.”

Na segunda parte, Edino detém-se a comentar – no terreno da interpretação – o recital da cantora Marian Anderson, que o impressiona bastante: “A extensão incomum de sua voz e a multiplicidade de timbres que abriga fazem de Marian Anderson não uma cantora somente, mas a soma de várias vozes distintas fundidas numa só.”

Beethoven – Concerto para violino. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 5, 19 jul. 1950.

Síntese do artigo: A crítica versa sobre o concerto para violino e orquestra de Beethoven, executado pelo violinista Oscar Borgerth, sob a regência

de Horenstein, à frente da Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro. Primeiramente, Edino tece algumas considerações sobre a personalidade de Beethoven, destacando que as afinidades espirituais entre compositor e intérprete, não sendo condição absoluta para a recriação de uma obra de arte, podem concorrer, não há dúvida, para um nível de maior autenticidade na apresentação da obra. Num segundo momento, tece considerações sobre as dificuldades técnicas do solista, reconhecendo todavia sua compreensão da obra, paralelamente a seu talento inegável, somando-se a isso o temperamento vibrante de Horenstein, propiciando um excelente apoio, conduzindo com segurança e equilíbrio, obtendo da orquestra uma coesão e uniformidade pouco frequentes. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Edino aborda a necessidade da participação ativa do intérprete no processo de assimilação cultural.

Cláudio Santoro e Francesco Malipiero na OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 27 jul. 1950.

Síntese do artigo: A crítica refere-se ao concerto do último sábado, quando o maestro Nino Sanzogno, à frente da Orquestra Sinfônica Brasileira, regeu a *Sinfonia 101* de Haydn, *Quadros de uma exposição* de Mussorgsky, *Terceira Sinfonia* de Francesco Malipiero e *Música para cordas* de Cláudio Santoro. Edino aborda inicialmente a necessidade da participação ativa do intérprete no processo de assimilação cultural da sociedade moderna, assinalando que de sua consciência depende, efetivamente, a divulgação de toda a criação musical e da música contemporânea em particular, fator absolutamente essencial para a formação de uma cultura sólida e universal. Com relação ao regente, Edino assim se expressa: “Nino Sanzogno, como Dimitri Mitropoulos, Arthur Rodzinsky e vários outros, é um regente cômico de seu compromisso para com a música de nossa época. Sua carreira tem sido marcada por um grande número de apresentações de obras novas, percebendo-se a particular atenção que dispensa aos jovens compositores contemporâneos.”

Posteriormente, falando sobre a obra de Santoro, Edino revela que a mesma não é a que melhor reflete o talento do jovem compositor; todavia, pela clareza de construção, denota um autor com pleno domínio do *métier*. “Com sua *Música para cordas* Santoro lança também as bases de uma nova atitude estética, fundamentada na vontade consciente de simplificação de todos os meios expressivos, o que vale dizer do próprio conteúdo musical.” Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Concerto da Juventude. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7-8, 1 ago. 1950.

Síntese do artigo: “Um público jovem e entusiasta, com o espírito ainda liberto de preconceitos, congregou-se no Teatro Rex na manhã de domingo para assistir a mais um Concerto da Juventude, organizado pela Orquestra Sinfônica Brasileira com a colaboração do Ministério da Educação.” Após esta introdução, Edino ressalta a importância desses concertos que, segundo ele, se evidencia por seu próprio caráter funcional-educativo. Chama ainda a atenção para que a responsabilidade de sua realização não passe despercebida aos seus organizadores. “Eles constituem precioso elemento para a formação de um

**Com seus gestos
firmes e incisivos,
Pierino domina
integralmente a
Orquestra.**

Edino Krieger

novo público, em que pese a consciência de sua importante função dentro da vida musical. Público e artistas formam um todo interdependente e a ambos se prende uma importância equivalente e idêntica atribuição social”. Mais adiante Edino tece considerações técnicas sobre a participação do jovem violinista baiano Salomão Rabinovitz na interpretação da *Sinfonia Espanhola* de Lalo para violino e orquestra, que situava-se dentro de uma programação composta pelo *Prelúdio* do 1º ato da ópera abolicionista *O Escravo*, de Carlos Gomes, a sinfonia *O Relógio*, de Haydn, e *Pacific 231*, de Honegger, sob a regência de Nino Sanzogno.

A estreia de Pierino Gamba na Rádio Ministério da Educação. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 9 ago. 1950.

Síntese do artigo: Edino analisa a atuação de Pierino Gamba – um jovem italiano de 13 anos – quando de seu concerto de estreia como regente da Orquestra Sinfônica Brasileira nos estúdios sinfônicos da PRA-2, tendo como repertório a Abertura do *Coriolano*, de Beethoven, a Alvorada do *Escravo*, de Carlos Gomes e a Abertura do *Tannhauser*, de Wagner: “Com seus gestos firmes e incisivos, Pierino domina integralmente a Orquestra, imprimindo-lhe a sua própria concepção da obra, concepção elaborada – percebe-se – através de um estudo completo da partitura em seu aspecto técnico e estilístico.”

Música para a Juventude. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7-8, 14 ago. 1950.

Nota: Este artigo é apresentado na íntegra no Anexo 1.

Lohengrin. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 17 ago. 1950.

Síntese do artigo: Crítica referente à Temporada Lírica Oficial, cujo fracasso absoluto já se consumara, segundo Edino, nas récitas anteriores. A crítica foi extremamente severa, ressaltando que “nem mesmo a presença no palco de intérpretes como Gianni Poggi, no papel de Lohengrin, Onella Fineschi vivendo a Ofélia ou de Elena Nicolal, Silvio Vieira, Américo Basso e Antonio Lembo, nem ainda a substituição das campainhas de chamadas por toques de clarins executando os motivos principais de cada ato, conseguiram levar a apresentação a um plano artístico superior à mediocridade absoluta.”

Hendl e Ciccolini na Orquestra Sinfônica Brasileira. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7-8, 21 ago. 1950.

Síntese do artigo: Comenta a apresentação do regente americano Walter Hendl e do pianista italiano Aldo Ciccolini à frente da OSB, no último sábado, constando da programação o *Concerto nº 1*, de Tchaikowsky, uma das *Goyescas*, de Granados, como extra na primeira parte. Na segunda parte, o poema sinfônico *Don Juan*, de Richard Strauss, e *Matias, o pintor*, de Paul Hindemith.

Desorganização e decadência no meio musical do Rio. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7-8, 24 ago.1950.

Síntese do artigo: Denuncia a completa anarquia do nosso meio musical, constatável à mais breve e superficial análise, ressaltando a falta de organização interna na temporada, com adiamento de óperas, corte nos ensaios, divulgação de concertos sem o prévio conhecimento dos envolvidos, além dos fatores econômicos.

A estreia do *Ballet* da Ópera de Paris. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7-9, 29 ago. 1950.

Síntese do artigo: De início, o articulista faz um protesto categórico à Direção do Theatro Municipal, na pessoa do sr. Barreto Pinto, que distribuiu pessoalmente os convites aos críticos musicais que lhe convinham, com o vergonhoso propósito de apadrinhamento da crítica. Num segundo momento, procede a uma apreciação crítica do citado balé, que desfruta do prestígio de ser considerado uma das mais importantes organizações coreográficas da época, ressaltando as participações de Tamara Toumanova, Serge Lifar, Alexandre Kalioujny, Renault e Liane Dayde. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

**A Música
de Câmara é,
por assim dizer,
o culto da própria
essência musical
em sua expressão
mais pura.**

Edino Krieger

A estreia do Quarteto Barylli. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 1 set. 1950.

Síntese do artigo: Edino ressalta a importância da Cultura Artística em apresentar na temporada o primeiro concerto de música de câmara, gênero este relegado ao esquecimento por parte de nossas organizações. “A Música de Câmara é, por assim dizer, o culto da própria essência musical em sua expressão mais pura: ali o compositor se revela em toda a sua intimidade artística e humana, intimidade cuja assimilação requer do público uma concentração a mais completa e um esforço auditivo e intelectual sem dúvida mais acentuado.” A estreia do Quarteto Barylli – constituído de quatro musicistas da Orquestra de Viena, Walter Barylli, Wolfgang Poduschka, Alfons Gruenberg e Wilhelm Winkler – foi considerada pelo articulista como um dos momentos altos da temporada, sob todos os aspectos.

Revivendo a Música Vienense. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 11 set. 1950.

Síntese do artigo: Edino inicia seu artigo evocando a lembrança de Sófocles, que, segundo ele, jamais teria podido imaginar que os primeiros dramas líricos que criara na idade de ouro da velha Grécia iriam se desenvolver e alcançar um lugar de destaque na História da Música. “A Ópera dominou literalmente todas as regiões do espírito humano. [...] A Opereta – o elo mais popular da enorme cadeia operística – encontrou na jovialidade a um tempo romântica e expansiva da Viena oitocentista o seu manancial criador de maior fertilidade.” Edino faz este introito para falar do concerto com que a OSB brindou o público na manhã de domingo, em seu *Festival Strauss*, sob a regência de Eleazar de Carvalho.

Camargo Guarnieri em primeira audição na América do Sul. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7-6, 25 set. 1950.

Síntese do artigo: Sobre o concerto apresentado pela OSB sob a regência de Eleazar de Carvalho, constando da apresentação de *Escalas*, de Jacques Ibert, *Assim falou Zaratustra*, de Richard Strauss, e *Segunda Sinfonia*, de Guarnieri, ressaltando que o compositor, “nascido da escola nacionalista brasileira encabeçada por Villa-Lobos, busca o caminho para a sua afirmação pessoal na evasão das delimitações em que se envolve o nacionalismo pictórico em seu aspecto escolástico”.

Recital de Magdalena Tagliaferro. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 28 set. 1950.

Síntese do artigo: “A expressividade da linguagem musical, com a autonomia e a suficiência que lhe são próprias, não parece encontrar em todos os intérpretes uma dosagem equivalente [...]”. Edino levanta alguns fatores causais dessa insuficiência expressiva, alegando ainda circunstâncias de momento, que independem do artista. Sobre o recital da pianista na noite de quarta-feira, no Theatro Municipal, Edino diz que “Magdalena Tagliaferro nos surpreendeu com uma bastante acentuada carência no que se refere ao poder expressivo da matéria sonora – não obstante a musicalidade de que, em recitais anteriores, constatáramos ser possuidora”. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.”

Yara Bernette na Cultura Artística. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 29 set. 1950.

Síntese do artigo: Referindo-se ao concerto realizado no Theatro Municipal da pianista brasileira, com apresentação de obras de Bach, Brahms, Schumann, Debussy, Prokofieff, e ainda Scarlatti, Villa-Lobos e Chopin como extras, Edino ressalta que a pianista possui a faculdade inata da percepção musical. Independentemente das poucas restrições que se possam fazer à sua concepção estilística de alguns autores – Bach, Brahms e Debussy em particular –, a qualidade que se prende à sua atuação se mantém inalterada. “Yara Bernette encerrou o seu magnífico programa [...], reafirmando as suas invulgares qualidades técnicas e musicais, bem como a sua atitude de absoluta seriedade artística.”

A Orquestra Universitária, em Música para a Juventude. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 2 out. 1950.

Síntese do artigo: O autor aborda a questão do descaso referente ao desenvolvimento profissional do estudante de música, que, em geral, restringe-se ao fornecimento de uma orientação técnica e teórica na aprendizagem instrumental e à aquisição de conhecimentos musicais, dominando entre nós a mentalidade do solista virtuose. Segundo Edino, um exemplo da compreensão desta importância é a supracitada orquestra, que existe graças ao idealismo de seu fundador, maestro Raphael Baptista, e à vontade de aprender e realizar de que são tomados

**A Orquestra
Universitária
é um exemplo
da importância do
desenvolvimento
profissional,
vontade de
aprender e realizar
de seus jovens
integrantes.**

Edino Krieger

seus jovens integrantes. Ressalta ainda o convite do sr. René Cavé, dirigido à orquestra, para participação mensal no programa Música para a Juventude, da PRA-2.

Recital de Nicola Rossi Lemeni. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 7-8 out. 1950.

Síntese do artigo: Trata-se, na realidade, de uma série de notícias esparsas, sem nenhuma relação com o título, que abordam: (a) o recital do violinista Jacobo Gurevich e da pianista Lilly Kraft, promovido pela Sociedade Brasileira de Cultura Artística; (b) o Concurso Internacional de violino e piano, iniciativa de S.M. a rainha da Bélgica; (c) a apresentação de *Pedro e o Lobo*, de Prokofieff, e *Scherazade*, de Rimsky-Korsakov, no programa *Música para a Juventude*, com a OSB sob a regência de Eleazar de Carvalho; (d) o Conjunto de Câmara da OSB; o recital da cantora Marina Medeiros na Escola Nacional de Música; (e) a abertura de inscrições para a série *Estreantes da ABI*; (f) a visita de Schnabel ao Brasil para realização de um curso de especialização de piano no Curso Internacional de Férias da Pro Arte; (g) as atividades programadas pela Sociedade Internacional de Música Contemporânea; e (h) a apresentação da pianista Magdalena Tagliaferro em recital para a Cultura Artística.

Recital de Rossi Lemeni. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 18 out. 1950.

Síntese do artigo: O autor chama a atenção para o domínio exercido sobre o cantor de óperas pelo *bel canto* em seu aspecto escolástico, que tem determinado, em geral, uma delimitação consequente no que se refere à adaptação à expressão camerística. “Em seu recital de 2ª feira Nicola Rossi Lemeni revelou uma evidente flexibilidade no ajuste dos seus meios vocais às particularidades de estilo das obras interpretadas, não obstante os resquícios de sua disposição dramática [...] se revelarem ainda em sua concepção de Bach e Mozart.” Edino ressalta também a riqueza da voz do cantor, bem como a musicalidade natural revelada na interpretação de seu programa, que conferem ao recitalista uma absoluta autenticidade como artista e intérprete do repertório vocal camerístico.

Estreia de Erich Kleiber. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 19 out. 1950.

Síntese do artigo: Concerto realizado quarta-feira à noite no Theatro Municipal, com a OSB sob a regência do regente alemão Kleiber, constando do programa *A abertura de Egmont* de Beethoven, a *Suíte Brasileira número 3*, de Radamés Gnattali, a *Sinfonia número 3* de Schumann, encerrando o programa o *Prelúdio e Morte de Isolda*, de Wagner. “Raramente essa página de Wagner tem sido apresentada entre nós numa realização mais perfeita: o acúmulo de tensão provocado pela instabilidade tonal e pela preparação melódica do clímax em ambos os trechos encontrou na performance oferecida por Kleiber uma elaboração magnífica sob todos os pontos de vista.”

*Prelúdio e
Morte de Isolda,
de Wagner.
Raramente
essa página de
Wagner tem
sido apresentada
entre nós numa
realização mais
perfeita.*

Edino Krieger

Edino aborda a questão da oportunidade de nosso público tomar contato com a criação musical contemporânea.

Béla Bartók na OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7-8, 23 out. 1950.

Síntese do artigo: Referindo-se ao concerto de sábado, sob a regência de Erich Kleiber à frente da OSB, o articulista aborda a questão da oportunidade de nosso público tomar contato com a criação musical contemporânea, fato este extremamente raro à época, conferindo à apresentação duplo interesse: pela obra em si, e ainda pela sua qualidade musical. Edino ressalta a importante questão da assimilação por parte da orquestra, que só pode ser alcançada por meio de estudo, e focaliza ainda o rendimento da OSB quando orientada por um artista da categoria de Erich Kleiber.

Uma guitarrista argentina. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 27 out. 1950.

Síntese do artigo: Traçando um perfil da formação, que inclui estudos com Andrés Segóvia, e da trajetória da guitarrista Adolfinia Raitzin de Tavora, cujo recital teve lugar na noite anterior, na Escola Nacional de Música (atual Escola de Música da UFRJ), Edino ressalta que a artista tem dedicado ao seu instrumento um trabalho intenso em suas particularidades técnicas e expressivas, conduzindo sua carreira a uma constante ascensão, desde os primeiros recitais em seu país natal à participação em Nova York e Buenos Aires como guitarrista da Agrupación de Instrumentos Antiguos.

A propósito da federalização da OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 30 out. 1950.

Síntese do artigo: Ao comentar o anteprojeto apresentado recentemente à apreciação da Câmara Federal por uma comissão de componentes da Orquestra Sinfônica Brasileira, o qual, segundo Edino, representa uma das iniciativas de maior importância que têm sido tomadas ultimamente no âmbito artístico-musical do país, o articulista denuncia a carência de incentivo que se verifica quanto à criação musical no Brasil, devido à inexistência de organismos capazes de difundir o que de mais representativo ela nos oferece.

Estreia do Quarteto de Cordas da OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 3 nov. 1950.

Síntese do artigo: Criado com o propósito de preencher as lacunas existentes em nosso meio com referência à música de câmara, o Quarteto de Cordas da Orquestra Sinfônica Brasileira, formado pelos violinos de Anselmo Zlatopolsky e Retyl Gazd; viola – Jeremias Waschitz; e *cello* – George Békefi, estreia no auditório da Associação Brasileira de Imprensa com a colaboração do pianista Fritz Jank. Edino se congratula com a iniciativa da OSB, fazendo votos de que a escolha do repertório não se limite ao círculo estreito da preferência do público.

Festival Lorenzo Fernandez. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 7 nov. 1950.

Síntese do artigo: Aborda o evento realizado na noite anterior, no Salão Leopoldo Miguez da Escola Nacional de Música, dedicado à obra de Lorenzo Fernandez e promovido pela Associação de Artistas Brasileiros. Edino destaca

a importância estética de Lorenzo Fernandez no cenário musical brasileiro contemporâneo, dentro do movimento de renovação americana do início do século XX, movimento do qual resultou a descoberta do manancial folclórico e a sua utilização como meio decisivo para afirmar as bases de uma cultura nacional liberta das correntes alienígenas. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Voltando aos Piccoli de Podrecca. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 11-12 nov. 1950.

Síntese do artigo: Sobre o gratificante espetáculo oferecido pelo citado grupo no Teatro Glória na noite anterior, ressaltando que o grupo encontrou a sua expressão mais autêntica no grande Pingafogo Piccolowsky e em sua companheira Sinforosa. O espetáculo abrange todo um complexo de manifestações artísticas interdependentes – ópera, opereta, concertos, teatro e circo. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Lamberto Baldi na PRA-2. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 16 nov. 1950.

Síntese do artigo: Comenta o concerto realizado pela Rádio Ministério da Educação em seus estúdios sinfônicos, sob a regência do citado maestro, na noite anterior, abordando a qualidade da performance em seu aspecto técnico e o conteúdo artístico do programa. “O concerto de ontem apresentou um conteúdo bastante medíocre, determinado pela ausência de substância com que foram concebidas a quase totalidade das obras que o integravam [...]”

Respighi e Pizzeti na OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 21 nov. 1950.

Síntese do artigo: Sobre o concerto de Lamberto Baldi à frente da Orquestra Sinfônica Brasileira, apresentando obras ainda desconhecidas do nosso público, como o *Trittico Botticelliano* de Respighi e o Concerto *Canti della stagione Alta*, de Pizzeti.

A propósito de uma carta aberta. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 23 nov. 1950.

Nota: Este artigo é apresentado na íntegra no Anexo 1.

O canto coral no Brasil. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 25-26 nov. 1950.

Síntese do artigo: Enfoca a inexistência de uma tradição de canto coral e a possibilidade de serem criadas condições para o seu desenvolvimento, ressaltando as atividades da Associação de Canto Coral, única organização carioca dedicada ao cultivo da música vocal coletiva. “A existência do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, nascido de uma iniciativa de Villa-Lobos em prol do canto coral, não nos parece minorar a carência que ainda se verifica relativamente à difusão de obras corais entre nós.” Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

**A existência do
Conservatório
Nacional de
Canto Orfeônico
não parece
minorar a
carência que
ainda se verifica
relativamente
à difusão
de obras corais.**

Edino Krieger

Segundo Curso Internacional de Férias. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 28 nov. 1950.

Síntese do artigo: Sobre o êxito alcançado pelo 1º Festival Internacional realizado pela Pro Arte em Teresópolis e os preparativos para a viabilização do 2º Festival. Comenta que os cursos extraordinários de 1951 estarão a cargo de Karl Ulrich Schnabel e Hermann Scherchen (piano e regência, respectivamente), condicionando-se a realização dos mesmos ao número de inscritos, de forma a permitir arcar com as despesas.

Quarteto de Cordas da OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 30 nov. 1950.

Síntese do artigo: Registra a segunda apresentação, na terça-feira à noite, no Auditório da ABI, do Quarteto de Cordas organizado pelo Departamento de Música de Câmara da Orquestra Sinfônica Brasileira. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Associação de Canto Coral. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 2-3 dez. 1950.

Síntese do artigo: Ao focalizar o concerto de quinta-feira no Theatro Municipal, quando da apresentação dos coros feminino e misto sob a direção das professoras Dinah Buccos Alves e Cleofe Person de Mattos, enaltece a importância e o pioneirismo da Associação de Canto Coral, composta em sua quase totalidade por elementos não profissionais.

**O crítico enfatizou
o aspecto
artisticamente
positivo provocado
pela renovação
do repertório
sinfônico.**

Orquestra Sinfônica Brasileira. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 5 dez. 1950.

Síntese do artigo: Tece comentários sobre a personalidade do regente Lamberto Baldi e sobre a Orquestra Sinfônica Brasileira, que refletiu um aspecto artisticamente positivo provocado pela renovação do repertório sinfônico, e o programa do concerto do último sábado, que incluiu, entre outras peças, duas das *Gymnopédies* de Erik Satie em transcrição de Debussy e a *Suite nº 1 para pequena orquestra* de Stravinsky.

Partituras cinematográficas. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 8 dez. 1950.

Síntese do artigo: Menciona os documentários apresentados na noite de 7/12/50 no Festival de Cinema, levado a efeito no salão do IAPC. Nesta ocasião foram exibidos curta-metragens produzidos na Austrália, Finlândia, Índia, Bélgica e França. Edino destaca o interesse musical que as películas poderiam oferecer, e a função da música de Jacques Chailley e Daymond Cheveulle no filme *A história da catedral* em um documentário sobre Rubens.

Alberto Jaffé no Concerto da Juventude. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 12 dez. 1950.

Síntese do artigo: Refere-se ao 9º Concerto da Orquestra Sinfônica Brasileira, da série *Juventude Escolar*, realizado na manhã de domingo, 10/12/50, no Cine Teatro

Rex, que contou com a participação do violinista Alberto Jaffé, um dos vencedores do concurso – e sua dupla finalidade: ofereceu oportunidade de alimentar a cultura artística do povo e um contato dos instrumentistas iniciantes com o público.

O dodecafonismo na atualidade musical brasileira. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 14 dez. 1950.

Nota: Este artigo é apresentado na íntegra no Anexo 1.

O *Magnificat* de Bach na OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p.7, 19 dez. 1950.

Síntese do artigo: Analisa o concerto que marcou o término da temporada, fazendo alusão às dificuldades existentes, enfatizando que uma obra como o *Magnificat*, de Bach, requer esforços conjugados. Edino critica ainda a precariedade de material humano que se verifica em nosso meio musical, pela inexistência de uma tradição coral, precariedade ainda mais acentuada pela exiguidade do tempo disponível que um musicista amador ou profissional tem em nossos dias.

A crítica musical em revista. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 21 dez. 1950.

Síntese do artigo: Edino chama a atenção para a dupla finalidade da crítica de arte: informar o público e formular um julgamento sobre as realizações artísticas. Analisa as realizações da temporada, em seu término, trazendo à baila críticas formuladas por outros críticos, em outros veículos de comunicação.

Reflexões a propósito da Temporada de 1950. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 23-24 dez. 1950.

Síntese do artigo: O articulista rememora as realizações da Temporada de 1950 em seu aspecto musical, organização, e todo o conjunto de fatores positivos e negativos, constatando que os elementos em disponibilidade não encontraram, por parte das diversas organizações artísticas, o aproveitamento racional que seria desejável.

Duas jovens musicistas brasileiras. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 26 dez. 1950.

Síntese do artigo: A crítica se refere à compositora Myriam Sandbank e a sua irmã, a violinista Jeanne Claire Sandbank, que iniciou seus estudos de violino com Messody Baruel e apresentava-se no momento como solista da Orquestra Sinfônica Brasileira, antes de empreender viagem de estudos aos Estados Unidos.

Congresso de críticos e compositores brasileiros. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 28 dez. 1950.

Síntese do artigo: Edino sugere a realização de um congresso com críticos e compositores, para juntos repensarem as questões da música no Brasil, indicando

Edino chama a atenção para a dupla finalidade da crítica de arte: informar o público e formular um julgamento sobre as realizações artísticas.

o Segundo Curso Internacional da Pro Arte em Teresópolis como um ambiente propício à realização de tal evento.

H. J. Koellreutter responde a Camargo Guarnieri. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 30-31 dez. 1950.

Síntese do artigo: Edino transcreve partes de um documento que lhe fora enviado por Koellreutter, em resposta a uma carta aberta dirigida por Camargo Guarnieri aos músicos e críticos do Brasil, objeto de considerações de Edino Krieger na coluna de 23/11/50, à p. 7.

Jovens solistas da OSB em 1951. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 2 jan. 1951.

Síntese do artigo: Sobre o concurso para escolha dos jovens solistas da Orquestra Sinfônica Brasileira e os concertos dominicais no Rex – organizados pela Orquestra Sinfônica Brasileira em combinação com a Divisão Extra-Escolar do Ministério da Educação – e sua importância para a formação do intérprete. Sugere ainda que esses concursos sejam extensivos aos jovens compositores, como um importante impulso na criação musical brasileira.

Música e músicos do Brasil (um livro de Luiz Heitor). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 4 jan. 1951.

Síntese do artigo: Anuncia o lançamento pela Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil do citado livro, que, como diz Edino, “apresenta-se, indubitavelmente, como uma valiosa contribuição ao estudo da arte musical em nosso país”.

Interpenetração dos ritmos americanos. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 6-7 jan. 1951.

Síntese do artigo: Aborda a assimilação e fusão das características rítmicas, harmônicas e melódicas alienígenas que integram a criação musical popular, e a interpenetração de elementos musicais entre os países cujo processo de cristalização e personificação culturais se encontra ainda num estágio de evolução preliminar, em que a unificação nacional não atingiu ainda as suas últimas consequências.

Tendências da música contemporânea. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 9 jan. 1951.

Síntese do artigo: Analisa as consequências da crise renovadora da música contemporânea, que reside na bifurcação que se verifica em sua trajetória evolutiva: de um lado, constata-se o aparecimento de novas formulações técnico-estéticas que substituem as concepções já superadas; de outro, observa-se a existência de uma corrente estética em que a reação antirromântica se traduz no renascimento dos ideais clássicos e pré-clássicos, apresentados em roupagens expressivas características da linguagem contemporânea.

**Edino analisa
as consequências
da crise
renovadora
da música
contemporânea.**

A linha melódica das composições, que resultam de uma simplificação completa de sua estrutura intervalar, mostram o declínio da capacidade de inventar do compositor.

Edino Krieger

Danças pernambucanas. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 11 jan. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a série de publicações que a Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil pretende realizar sobre as danças pernambucanas e o lançamento do primeiro título da série *É de Tororó*, sobre o Maracatu, de autoria de Ariano Suassuna.

Decadência estilística do Carnaval. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 13-14 jan. 1951.

Síntese do artigo: Reporta-se às manifestações carnavalescas dos últimos quinze anos – sob o ponto de vista musical –, e ressalta dois aspectos primordiais. O primeiro deles, visto de forma positiva, se reflete no conhecimento de novos meios expressivos, que permitem um maior enriquecimento das formas musicais e dão aos orquestradores maiores e melhores possibilidades de expressão. O segundo diz respeito à linha melódica das composições, que resultam de uma simplificação completa de sua estrutura intervalar, mostrando um verdadeiro declínio da capacidade de inventar do compositor.

Inicia-se o Segundo Curso Internacional de Férias. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 16 jan. 1951.

Síntese do artigo: Artigo sobre o curso realizado pela Pro Arte na cidade de Teresópolis, tendo como diretor artístico H. J. Koellreutter, e a programação de atividades artísticas, conferências e debates em torno das mais importantes e atuais questões.

Juan Carlos Paz e a música sul-americana. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 18 jan. 1951.

Síntese do artigo: O artigo transcreve e comenta trechos de uma crônica de Juan Carlos Paz sobre o fenômeno nacionalista da criação musical sul-americana.

Gravações de música brasileira. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 23 jan. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a precariedade crônica dos meios de divulgação com que nos defrontamos, e a inexistência de um plano governamental que possibilite uma divulgação consistente através do disco, em confronto com as gravações excelentes produzidas pelos Departamentos Culturais das Embaixadas dos países aqui representados.

Fórum artístico da juventude. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 25 jan. 1951.

Síntese do artigo: Elogia o alto nível e a importância das discussões das mesas-redondas no Segundo Curso Internacional de Férias de Teresópolis, que contou com exposições do arquiteto, pintor e pedagogo argentino Thomas Maldonado, de Mário Barata e de H. J. Koellreutter.

**As melodias e
seus respectivos
textos são
forjados
sem outra
preocupação que
a de obter sucesso
por meio da fácil
assimilação
pelo ouvido
popular.**

Edino Krieger

Assistência injustificável. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 27-28 jan. 1951.

Síntese do artigo: Critica o despreparo e a desorganização da Temporada Lírica do último ano no Theatro Municipal, sob a responsabilidade de Barreto Pinto, e as notícias sobre ter que se assistir pela segunda vez “às barretadas”, em função de um ato continuísta proveniente do Governo Municipal.

Concerto camerístico em Teresópolis. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 30 jan. 1951.

Síntese do artigo: Sobre o segundo concerto camerístico organizado pela direção do Segundo Curso Internacional de Férias de Teresópolis, realizado sábado à noite no salão nobre da Prefeitura Municipal de Teresópolis, que contou com a participação dos professores Hugo Balzo, Anselmo Zlatopolsky e Georges Békefi.

Aspectos do Carnaval contemporâneo. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 1 fev. 1951.

Síntese do artigo: Com base na crítica datada de 13-14 de janeiro de 1951, sobre a decadência do Carnaval, o autor enfatiza que as melodias e seus respectivos textos são forjados sem outra preocupação que a de obter sucesso por meio da fácil assimilação pelo ouvido popular, gerando desse modo melodias repetitivas destituídas de originalidade.

Concerto de música contemporânea. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 3-4 fev. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a importância do Segundo Curso Internacional de Férias de Teresópolis, realizado no salão do Higino Palace Hotel, que contou com a apresentação, em primeira audição no Brasil, da produção musical contemporânea. Nesta ocasião deu-se ainda a estreia mundial da *Sonata 1939 para violino e piano*, de H. J. Koellreutter.

Concurso internacional de virtuosismo. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 8 fev. 1951.

Síntese do artigo: Divulga o Concurso Internacional de Execução Musical de Genève, na Suíça, destinado aos *virtuosi* instrumentais de todo o mundo, com indicação dos prêmios e local de inscrição.

A música no rádio brasileiro. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 10-11 fev. 1951.

Síntese do artigo: Analisa a importância do serviço de radiodifusão como elemento capaz de contribuir decisivamente para o desenvolvimento cultural e artístico de um país, e os interesses financeiros que interferem na programação.

**Edino aponta
para a
importância
da iniciativa
de se criar
pequenos círculos
de arte nos
estabelecimentos
de ensino.**

Forma e conteúdo na arte musical. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 13 fev. 1951.

Síntese do artigo: Alude aos debates que o crítico vem assistindo sobre música contemporânea, que apontam o Realismo e o Formalismo como duas grandes tendências, envolvendo, ambos, dois elementos fundamentais a toda criação artística: a forma e o conteúdo.

Uma brasileira no Instituto. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 15 fev. 1951.

Síntese do artigo: Relata o êxito absoluto alcançado pela musicista Sonia Born nas provas finais a que foi submetida no Curso de *Rythmique* do Instituto Jacques Dalcroze, em Genève, na Suíça.

A música na educação escolar. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7-8, 17-18 fev. 1951.

Síntese do artigo: Explica a importância da iniciativa de se criar pequenos círculos de arte nos estabelecimentos de ensino, possibilitando aos estudantes um contato tanto com o aspecto histórico da evolução artística quanto com os próprios meios de expressão de que se serve a arte.

Nininha Gregori no Festival de Frankfurt. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 20 fev. 1951.

Síntese do artigo: Menciona a seleção, pelo Júri do Festival de Frankfurt, composto por grandes personalidades do meio musical, da obra *Líricas Gregas* para soprano, flauta, oboé, clarineta, fagote e celesta de Nininha Gregori, para representar o Brasil.

Estreia radiofônica de Schnabel. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 22 fev. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a importância da presença de Karl Ulrich Schnabel no Segundo Curso Internacional de Férias, e sua estreia radiofônica sul-americana através da Rádio Ministério da Educação PRA-2, com indicação do programa a ser apresentado.

Locais de estudo para os jovens musicistas. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 27 fev. 1951.

Síntese do artigo: Defende a criação de pequenos estúdios de música nos pontos mais acessíveis da cidade, os quais seriam alugados a preços módicos para os estudantes de instrumento, de modo a conciliar as suas atividades escolares ou profissionais com a prática de seu instrumento em horas que lhes pudessem parecer mais cômodas e convenientes.

Para a formação de um novo público. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 1 mar. 1951.

Síntese do artigo: Ressalta a importância da realização dos *Concertos da Juventude*

da Orquestra Sinfônica e a necessidade de se implementar mais atividades que contribuam para a formação de um novo público musical.

Aspectos da Temporada de Arte Nacional. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 6 mar. 1951.

Síntese do artigo: Menciona os vários fatores que contribuem para a excelência de uma realização artístico-musical, e a predominância de um propósito exclusivamente comercial nas programações da temporada.

Lenda do Irupê e Cavaleria Rusticana no Teatro República. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 8 mar. 1951.

Síntese do artigo: Sobre o espetáculo operístico ocorrido em 7 de março de 1951 no Teatro Experimental de Ópera, onde foram encenadas a *Lenda do Irupê*, de Newton Pádua, e a *Cavaleria Rusticana*, de Mascagni, ressaltando a iniciativa positiva de se dar a conhecer ao público um trabalho de autor brasileiro. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Recital do baixo-cantante Alexandre Wolkoff. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 10-11 mar. 1951.

Síntese do artigo: Refere-se ao recital que o citado intérprete realizou na noite anterior – em condições desfavoráveis de saúde – no Conservatório Brasileiro de Música. “Esperamos que nova oportunidade em breve se nos apresente de ouvir o recitalista de ontem, permitindo-nos um contato mais completo com os seus recursos vocais e interpretativos, dos quais apenas um reflexo nos foi possível perceber em sua apresentação no Conservatório Brasileiro de Música, em virtude das circunstâncias em que o recital se realizou.”

Atividades da Orquestra Sinfônica Brasileira. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 13 mar. 1951.

Síntese do artigo: Chama a atenção para a importância da inclusão de toda uma série de obras que se situam à margem do “repertório-chamariz” habitual, e que apresentam interesse, revelando grande contribuição cultural. Revela ainda as personalidades internacionais que deveriam participar da temporada de 1951 como regentes e solistas.

Uma perda para a crítica musical carioca. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 14 mar. 1951.

Síntese do artigo: Crítica os primeiros reflexos da mudança de direção governamental, que redundaram no afastamento inconsequente de Tude e Souza da direção da PRA-2, num ato de absoluta prepotência. Comenta também os motivos extraprofissionais que levaram ao afastamento do eminente crítico Renzo Massarani da coluna musical d’*A Manhã*, resultando numa perda sensível para a crítica de arte. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Edino chama a atenção para a importância da inclusão de toda uma série de obras que se situam à margem do “repertório-chamariz” habitual.

A Música de Câmara na Temporada 1951. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 15 mar. 1951.

Síntese do artigo: Perspectivas da temporada com relação à música sinfônica, operística e virtuosística, que prometem realizações de real interesse artístico no que se refere às obras e intérpretes. Lamenta, entretanto, a situação de relativo abandono da música de câmara. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Edições de música brasileira. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 16 mar. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a necessidade por parte dos organismos governamentais de cultura de ampliar o limitado coeficiente de publicações musicais, criando um setor especializado que se dedicaria, sob a responsabilidade de uma comissão artística de competência, à edição das obras mais representativas da criação musical brasileira. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Inauguração da Temporada de Arte Nacional (I). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 17-18 mar. 1951.

Síntese do artigo: Analisa a primeira parte do concerto de abertura da Temporada de Arte Nacional de 1951, cujo programa foi a *Abertura Trágica*, de Brahms, e o *Concerto para piano e orquestra*, de Shostakovitch, em primeira audição no Brasil, sob a regência de Camargo Guarnieri e tendo como solista a pianista Nise Obino.

Guarnieri: *Três Danças e Brasileira*. Inauguração da Temporada de Arte Nacional (II). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 19 mar. 1951.

Síntese do artigo: Analisa a segunda parte do concerto de inauguração da Temporada de Arte Nacional, sob a batuta de Camargo Guarnieri, regendo suas próprias obras, as *Três Danças – Dança Selvagem, Dança Negra e Dança Brasileira* – e a *Suíte Brasileira*, esta em primeira audição mundial, na sexta-feira última, no Theatro Municipal. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Em defesa da música popular brasileira. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 20 mar. 1951.

Síntese do artigo: Aborda o americanismo dominante, a cuja propagação se dedicam os principais meios divulgadores de que dispomos: o rádio e o disco; a influência mútua entre os povos americanos e o desvirtuamento do caráter próprio de nossa música por parte de intérpretes populares, revelando completa ausência de critério e bom gosto. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Um festival de música contemporânea no Brasil. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 21 mar. 1951.

Síntese do artigo: Aponta a total ausência de obras contemporâneas nos programas da Temporada de Arte Nacional, em favor de obras sempre repetidas,

**Edino analisa o
Concerto para
piano e orquestra,
de Shostakovitch,
em primeira
audição no
Brasil,
sob a regência
de Camargo
Guarnieri.**

alegando-se estar atendendo ao gosto do público e às exigências econômicas. Edino sugere diversos autores internacionais e nacionais cujas obras são completamente – ou quase completamente – ignoradas pelo público brasileiro. “A vitalidade musical de um país não se mede apenas pela quantidade de espetáculos sinfônicos ou operísticos realizados anualmente [...] nem somente pela inclusão de grandes virtuosos.” Integra ainda a coluna um noticiário musical da semana.

Um projeto sem consequências práticas. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 22 mar. 1951.

Síntese do artigo: Refere-se ao projeto de nacionalização apresentado à Câmara por uma comissão de representantes da Orquestra Sinfônica Brasileira, e à possível redução de verbas em face da situação econômica do país, mostrando que tal contribuição para a recuperação material do país não deve passar, em hipótese alguma, pelo asfixiamento de nossas precárias reservas culturais. Integra ainda a coluna um noticiário musical da semana.

Walter S. Porto Alegre e Altea Alimonda numa gravação da Continental. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 27 mar. 1951.

Síntese do artigo: Comenta a inconseqüência da escolha, pela Continental, do *Concerto para violino e orquestra*, de Walter Schultz Porto Alegre, para efeito de gravação, por não oferecer contribuição alguma, em detrimento de outras obras de autores nacionais, e talvez até do mesmo autor. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Sociedade Internacional de Música Contemporânea. Grande Festival de Frankfurt na Alemanha. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 28 mar. 1951.

Síntese do artigo: Reporta-se aos nove concertos programados para o 25º Festival da Sociedade Internacional de Música Contemporânea, realizado de 23 de junho a 1º de julho em Frankfurt. Além dos autores selecionados, representativos de 17 países, o Festival contou com a participação de Arnold Schoenberg, de Igor Stravinsky e outras personalidades proeminentes.

A música contemporânea no Egito. Uma publicação Música Viva do Cairo. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 29 mar. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a *Revista Música Viva*, publicada no Cairo pela agrupação musical que tem o mesmo nome. “Não obstante as diferenças de formação porventura existentes entre a cultura daquele país e a dos povos europeus e americanos, verifica-se, através de um exame crítico a que se entregam os redatores da *Revista Música Viva*, a existência de um lastro comum entre os problemas estéticos e culturais de toda a humanidade.” Integra ainda a coluna um noticiário musical da semana.

Prepara-se a Cultura Artística para a sua temporada. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 30 mar. 1951.

**Verifica-se,
através de um
exame crítico a
que se entregam
os redatores da
*Revista Música
Viva*, a existência
de um lastro
comum entre
os problemas
estéticos e
culturais de toda a
humanidade.**

Edino Krieger

Síntese do artigo: Divulga a Temporada da Cultura Artística que teria início no próximo dia 9 de abril, contando em sua programação com a participação do pianista húngaro Robert Weisz – 1º prêmio do Concurso Internacional de Gênève em 1949 –, da pianista húngara Sari Biro, do violoncelista Edmund Kurtz, do violinista italiano Rugiero Ricci e de outros virtuosos, e ainda dos Quartetos de Cordas da Orquestra Sinfônica Brasileira e Barylli.

Stravinsky em primeira audição na OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p.7, 2 abr. 1951.

Síntese do artigo: Sobre o concerto de estreia da Orquestra Sinfônica Brasileira naquela temporada, sábado à tarde, com a apresentação do bailado *Sagração da Primavera*, de Stravinsky, em primeira audição no Brasil.

Os Cossacos do Don no Municipal. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 3 abr. 1951.

Síntese do artigo: Aborda o concerto de estreia da Associação Brasileira de Concertos, segunda-feira à noite, no Theatro Municipal, com o coral masculino russo Os Cossacos do Don, sob a direção de Serge Jaroff, seu fundador e diretor. O programa contou com obras vocais de compositores russos do romantismo oitocentista e canções folclóricas intercaladas de algumas danças típicas, apresentadas pelos bailarinos Kosak e Botchko.

Quatro concertos do Museu de Arte de S. Paulo. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 5 abr. 1951.

Síntese do artigo: Refere-se à completa liderança da capital paulista no panorama artístico brasileiro, ressaltando a programação musical camerística do Museu de Arte de São Paulo, sob a direção de H. J. Koellreutter, que dará oportunidade ao público de conhecer obras raramente ouvidas no Brasil, além de várias primeiras audições sul-americanas. Seguem-se ainda notícias musicais esparsas.

Despedida dos Cossacos do Don. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 6 abr. 1951.

Síntese do artigo: Análise técnico-musical do recital de despedida do citado grupo, sob a regência de Serge Jaroff, com indicação do programa apresentado. Segue-se o noticiário musical da semana. Constam ainda do artigo, sob a forma de noticiário, os seguintes subtítulos: Segundo Concerto da OSB, Estreia da Temporada Lírica e Concerto de Cravo.

Obras de Camargo Guarnieri. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 7-8 abr. 1951.

Síntese do artigo: Comenta o segundo concerto sinfônico da Temporada de Arte Nacional, na última quinta-feira, no Theatro Municipal. O programa foi dedicado inteiramente à obra do compositor paulista Camargo Guarnieri, contando com a regência do autor à frente da Orquestra do Teatro. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Edino chama a atenção para a programação musical camerística do Museu de Arte de São Paulo, sob a direção de H. J. Koellreutter.

Edino salienta a importância de as nossas organizações de concertos concederem descontos, em seus ingressos, para os portadores de carteiras de estudante de música.

Cesar Franck e Berlioz na OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 9 abr. 1951.

Síntese do artigo: Sobre o segundo programa da Orquestra Sinfônica Brasileira, realizado sábado sob a regência de Eleazar de Carvalho, contando com a participação da pianista húngara Sari Biro, com indicação do programa do concerto.

Recital do pianista Robert Weisz. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 10 abr. 1951.

Síntese do artigo: Primeiro concerto da Temporada da Cultura Artística, que contou com a apresentação do pianista húngaro Robert Weisz, primeiro prêmio no Concurso Internacional de Gênève em 1949. Segue-se o noticiário musical da semana.

O *Falstaff* no Municipal. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 12 abr. 1951.

Síntese do artigo: A encenação da ópera *Falstaff*, de Giuseppe Verdi, na noite de quarta-feira, 11/4/51, no Theatro Municipal, iniciando a série de espetáculos operísticos da Temporada de Arte Nacional. Como subtítulo, detectamos ainda: Hoje o recital de Sari Biro.

Ingressos com desconto para estudantes. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 13 abr. 1951.

Síntese do artigo: Salienta a importância de as nossas organizações de concertos concederem desconto, em seus ingressos, para os portadores de carteiras de estudante de música, de modo a permitir uma frequência regular aos concertos. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Verdi na Temporada Lírica. Dois extremos estéticos de uma criação. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 16 abr. 1951.

Síntese do artigo: Comenta a encenação consecutiva de duas óperas de Verdi – o *Falstaff* e o *Rigoletto* –, que oferecem ao espectador um precioso elemento de comparação entre dois extremos estéticos de uma trajetória criadora. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Ecos da temporada paulista. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7-8, 17 abr. 1951.

Síntese do artigo: Analisa a fértil temporada musical de São Paulo, que apresenta grande interesse no que se refere às obras selecionadas, e ainda pela presença de nomes altamente significativos, contando com a colaboração de diversas organizações musicais.

Ballet Vassili Lambrinos e Irma Villamil. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 18 abr. 1951.

Síntese do artigo: Apresentação do grupo coreográfico liderado pelo bailarino grego Vassili Lambrinos, na noite anterior, no Theatro Municipal, que contou com a coparticipação da bailarina espanhola Irma Villamil. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Um tríptico espetáculo no Municipal (I). Pergolesi: *La Serva Padrona*. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 19 abr. 1951.

Síntese do artigo: Concerto de 18/4/51 da Temporada de Arte Nacional no Theatro Municipal, que levou à cena três óperas pouco conhecidas do público: *La Serva Padrona*, de Pergolesi, *Soror Angelica* e *Gianni Schicchi*, de Puccini. Edino salienta a importância desta iniciativa, que possibilita ao público ampliar o até então repisado repertório. A crítica deteve-se ainda na apreciação técnica da ópera *La Serva Padrona*.

Um tríptico espetáculo no Municipal (II). Puccini: *Soror Angelica* e *Gianni Schicchi*. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 20 abr. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a segunda parte do espetáculo operístico de quarta-feira, 18/4/51, no Theatro Municipal, situando as obras esteticamente. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Schoenberg, Carvalho e Robert Weisz. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 23 abr. 1951.

Síntese do artigo: Terceiro concerto da Temporada da Orquestra Sinfônica Brasileira, na tarde de sábado, no Theatro Municipal, sob a regência de Eleazar de Carvalho, contando com o pianista húngaro Robert Weisz como solista do *Segundo Concerto para piano e orquestra*, de Liszt, apresentando ainda, dentre outras, a *Sinfonia para 15 instrumentos solistas*, de Schoenberg. A crítica abordou de forma severa todos os deslizes decorrentes de uma má preparação e escolha do programa.

Música para a Juventude e o papel educativo do rádio. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 25 abr. 1951.

Síntese do artigo: Comenta a importância do programa *Música para a Juventude*, idealizado por René Cavé, que voltará a ser transmitido aos domingos pela Rádio Ministério da Educação, contribuindo assim de forma ativa no processo de formação artística do Brasil. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Recital de Jorg Demus. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 27 abr. 1951.

Síntese do artigo: Apresentação do jovem pianista austríaco Jorg Demus – um desconhecido entre nós – e a coragem de enfrentar o “tabu do sucesso garantido” por parte do público que compareceu ao Municipal e foi presenteado com um concerto em que o intérprete revelou absoluta seriedade, apresentando um atestado de talento.

Uma partitura de Luís Cosme. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 30 abr. 1951.

Síntese do artigo: Ressalta a evolução da obra de Luís Cosme – o mais jovem compositor da escola nacionalista brasileira –, que, partindo de pesquisa de motivos folclóricos e sua transposição às formas clássicas da Sonata e da Suíte, encaminhou-se posteriormente no sentido da pesquisa expressiva com relação aos motivos autóctones, numa fase em que já superara as

**O programa
*Música para
a Juventude*
contribuiu de forma
ativa no processo
de formação
artística do Brasil.**

Edino Krieger

formas tradicionais dentro da trajetória evolutiva do nacionalismo, revelando ainda, no bailado *Lambe-lambe*, um tratamento mais avançado, descobrindo um novo meio técnico de composição – o dodecafonismo –, em que se utiliza livremente da procura de sua completa libertação de sua realização como artista criador. O artigo comporta ainda notícias musicais esparsas.

Maria de Lourdes Cruz Lopes. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 4 maio 1951.

Síntese do artigo: O concerto da citada soprano, promovido pela Cultura Artística no Theatro Municipal, na noite de quinta-feira. Edino enumerou uma série de elementos positivos que atuam em favor da intérprete, ressaltando estar a cantora entre os melhores valores artísticos brasileiros, ocupando particular destaque como intérprete do repertório vocal camerístico. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Boris Godunov no Municipal. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 7 maio 1951.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação de sexta-feira, 4/5/51, da ópera de Mussorgsky no Theatro Municipal, integrando a série operística da Temporada de Arte Nacional. O artigo aborda a ópera em sua concepção literária e musical, que, segundo Edino, por sua importância estética ultrapassa o âmbito nacional dos cinco russos, projetando-se como uma força viva na escala universal de valores operísticos. Tece ainda comentários sobre os intérpretes solistas, coro e orquestra, ressaltando o progresso que revelam em relação às experiências anteriores. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

O *Guia Prático* de Villa-Lobos. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 9 maio 1951.

Síntese do artigo: Refere-se à publicação, pela Editora Vitale, do trabalho de pesquisa étnico-musical do Brasil realizado por Villa-Lobos, abordando sua organização e importância, chamando a atenção para um aspecto que talvez tenha passado despercebido ao próprio autor: segundo Edino, o trabalho simboliza o processo de nascimento do compositor folclorista em suas três etapas essenciais: 1 – a descoberta dos elementos musicais folclóricos em suas fontes originais; 2 – a compilação do material e sua transposição para a escrita musical; e 3 – a sua elaboração artística. Integra ainda a coluna um noticiário musical da semana.

O trabalho simboliza o processo de nascimento do compositor folclorista em suas três etapas essenciais.

Edino Krieger

La Traviata no Municipal. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 10 maio 1951.

Síntese do artigo: Apresentação da ópera de Verdi na noite de quarta-feira, 9/5/51, no Theatro Municipal, em substituição à ópera de Mozart *Bodas de Figaro*, programada de início mas excluída arbitrariamente. Como subtítulo, encontramos: Hoje a estreia de Backhaus.

Edino divulga a primeira audição da obra *Canto de Amor e Paz*, de Santoro.

Backhaus e Beethoven. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 11 maio 1951.

Síntese do artigo: Primeiro recital do pianista Wilhelm Backhaus, na noite de 10/5/51, no Theatro Municipal. Constaram do programa a *Sonata op. 26, op. 31 nº 3*, a *Sonata op. 53*, e por último a *Sonata op. 111*, todas de Beethoven. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Santoro, Kurtz e Carvalho. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 14 maio 1951.

Síntese do artigo: Notícia o concerto do último sábado no Theatro Municipal, com a apresentação do violoncelista Edmund Kurtz como solista do *Concerto para violoncelo e orquestra*, de Dvorák, à frente da Orquestra Sinfônica Brasileira sob a regência de Eleazar de Carvalho, e ainda com a primeira audição da obra *Canto de Amor e Paz*, de Santoro. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Segundo recital de Backhaus. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 15 maio 1951.

Síntese do Artigo: Sobre o recital de 14/5/51 à noite no Theatro Municipal, promovido pela Associação Brasileira de Concertos. Antes de proceder a uma apreciação completa do programa apresentado, Edino optou por realizar uma definição da atitude de Backhaus diante da arte sonora, ressaltando sua personalidade racional, de equilíbrio e organização intelectual, não significando, entretanto, uma ausência de impulsos emotivos. A apresentação de várias obras de Chopin proporcionou ao público grandes revelações do valor musical nelas contido, quase sempre obliterado pelo exagero sentimental de alguns intérpretes. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Fracos e fortes de um espetáculo operístico. A *Carmen* no Municipal. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 16 maio 1951.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação da ópera de Bizet no Theatro Municipal, como parte das programações da Temporada Nacional, mostrando os pontos mais e menos vulneráveis da encenação. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

O problema do Theatro Municipal. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 17 maio 1951.

Síntese do artigo: Comentando as sugestões contidas no parecer do vereador Pascoal Carlos Magno sobre o problema do Theatro Municipal, Edino explicita que o citado teatro não necessita de concessionários para existir; necessita apenas de uma administração que se compenetre de seu papel puramente administrativo e de uma Comissão Artística independente e capaz de exercer as suas funções culturais. Integram ainda a coluna notícias musicais da semana.

Edino relata a retomada da série de programações organizadas pela Rádio Ministério da Educação com a legenda *Música para a Juventude*.

Recital de Ruggiero Ricci. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 18 maio 1951.

Síntese do artigo: Recital de 17/5/51 do violinista norte-americano Ruggiero Ricci, patrocinado pela Cultura Artística. Edino ressalta que um dos mais graves perigos a que se expõe o instrumentista virtuoso consiste na limitação de sua visão artística, sendo o malabarismo a sua preocupação primeira. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Mobilização musical da juventude. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 19-20 maio 1951.

Síntese do artigo: Relata a retomada da série de programações organizadas pela Rádio Ministério da Educação com a legenda *Música para a Juventude*, e o concerto a realizar-se domingo, às 10 horas da manhã, no Salão Leopoldo Miguez da Escola Nacional de Música, tendo como objetivos: 1º) desenvolver a cultura musical do jovem público; e 2º) ampliar o coeficiente de experiências artísticas dos jovens intérpretes. Integram ainda a coluna notícias musicais esparsas.

Burocracia ou desinteresse? *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 23 maio 1951.

Síntese do artigo: Refere-se à situação da Orquestra Sinfônica Brasileira e de seus componentes, cuja subvenção oficial se encontra retida nos “canais competentes” da nossa burocracia estatal desde o princípio do ano, impedindo aquela entidade de quitar suas dívidas para com os professores de seu quadro efetivo. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Inicia-se o Festival Internacional de Dança. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 25 maio 1951.

Síntese do artigo: Notícia o espetáculo de estreia do *Ballet Theatre* de Nova York, quarta-feira à noite, no Municipal, que deu início ao Festival Internacional de Dança organizado pela Empresa Viggiani. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Estreia do Quarteto Barylli. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 26-27 maio 1951.

Síntese do artigo: Crítica sobre o primeiro concerto camerístico da temporada da Cultura Artística, quinta-feira à noite. Segundo Edino, o público que foi assistir ao Quarteto foi brindado com uma realização magnífica sob todos os pontos de vista, reafirmando a compreensão bem fundamentada de cada obra em seus aspectos estilístico, formal e técnico. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Duas estreias em São Paulo (1). Stravinsky e Luís Cosme no Museu de Arte. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 28 maio 1951.

**O articulista
ressalta a
experiência e a
sensibilidade de
Alicia Alonso,
Igor Youskevitch
e John Kriza.**

Síntese do artigo: Apreciação da primeira parte do concerto no Museu de Arte, que contou com a participação do Quarteto Haydn, da pianista Geni Marcondes, de Sadi Cabral declamando ritmicamente, e coreografia da bailarina Chinita Ulmann, todos intérpretes da *Novena à Senhora da Graça*, do compositor Luís Cosme.

Duas estreias em São Paulo (2). *L'histoire du soldat* de Stravinsky. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 29 maio 1951.

Síntese do artigo: Sobre a segunda parte do concerto no Museu de Arte de São Paulo, sob a direção de Koellreutter, ressaltando todos os responsáveis pela apresentação – diretores e intérpretes – que tornaram viável a execução no Brasil de obras tão importantes.

Pontas, saltos e rodopios. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p.7, 31 maio 1951.

Síntese do artigo: Apresentação do *Ballet Theatre* de Nova York. Edino afirma que a escolha da música foi a pior possível, ainda que a apresentação tenha alcançado grande sucesso por parte do público. Entretanto, o articulista resalta a experiência e a sensibilidade de Alicia Alonso, Igor Youskevitch e John Kriza, e chama a atenção para o fato de a apresentação haver consolidado de forma clara e definida os sustentáculos técnicos em que se baseia a sua estética, ou seja, o bailado clássico. A coluna traz ainda notícias sobre a Orquestra Universitária da Casa do Estudante, a OSB e a vespéral do *Ballet Theatre*.

Ricci e Rosenthal na Cultura Artística. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 1 jun. 1951.

Síntese do artigo: Segundo o autor, a falta de interesse ou significação do programa fez com que a expectativa do público se concentrasse no aspecto virtuosístico de seu solista. Todavia, Edino resalta uma época já superada, do malabarismo pelo malabarismo, e de forma enfática revela haver sido “um espetáculo para nós insuportável: a supremacia do instrumento e a sujeição do conteúdo artístico de uma obra de arte”. Divulga ainda notícias esparsas sobre as próximas apresentações da Associação Brasileira de Concertos.

Copland e Prokofieff no *Ballet Theatre*. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 2-3 jun. 1951.

Síntese do artigo: Edino reservou sua apreciação para as obras dos autores citados, em razão de seu maior interesse. O autor fala da coreografia imaginada por Agnes Mille para o *Rodeo* de Copland, que pareceu menos de acordo com a simplicidade e a vivacidade da partitura do que com a sugestão plástica do Oeste americano. Aborda também a coreografia criada por Antony Tudor para a *Sinfonia Clássica* de Prokofieff, que, segundo Edino, baseava-se num motivo interessante e original. O articulista resalta as participações de Mary Ellen Moylan, Charlyne Baker e Barbara Loyd.

**Edino critica
os repetitivos
Festivais
Beethoven em
nossas temporadas
e ressalta não
haver entre
nós a menor
discórdia quanto
à genialidade do
citado músico.**

Beethoven e a temporada atual. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 4 jun. 1951.

Síntese do artigo: Criticando os repetitivos Festivais Beethoven em nossas temporadas, Edino ressalta não haver entre nós a menor discórdia quanto à genialidade do citado músico. “Apenas duas conclusões são possíveis: ou não existe realmente nenhum interesse em se apresentar obras menos conhecidas ao nosso público, ou essas obras não chegaram ainda ao conhecimento dos organizadores das nossas temporadas.” Lamenta ainda que se desperdice o primeiro concerto de Wilhelm Kempff entre nós com a repetição do *Concerto nº 3* de Beethoven, e ainda a *Leonora nº 3* e a *Sexta Sinfonia*, também de Beethoven, no mesmo programa. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Billy the Kid e *Interplay*. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 5 jun. 1951.

Síntese do artigo: Ao comentar a apresentação do *Ballet Theatre* de Nova York num dos programas mais interessantes de sua temporada entre nós, Edino ressalta que a partitura de Copland – *Billy The Kid* – encontrou uma equivalência expressiva em todo conjunto, bem arquitetado em todos os seus detalhes. *Interplay*, de Morton Gould, com coreografia de Jerome Robbins, sobre folguedos infantis, por sua simplicidade, ofereceu um espetáculo atraente. Edino também destaca o desempenho individual de alguns artistas como Alicia Alonso e Igor Youskevitch, muito ovacionados pelo público, e ainda Eric Braun, John Kriza, Paula Lloyd, Jack Beaber, Kelly Brown, Virginia Barnes, Liane Piane e Dorothy Scott. Integram a coluna notícias artísticas esparsas.

Um politonalista gaúcho. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 6 jun. 1951.

Síntese do artigo: Analisa a *Tocata para piano*, do compositor Armando Albuquerque. “Sem constituir uma obra-prima de composição e inventiva, a peça oferece um interesse concreto artisticamente: reflete a procura de uma personalidade própria, de realização de uma individualidade criadora, o que por si só representa uma semente fértil que poderá frutificar, futuramente, numa obra importante para a criação musical brasileira”. O articulista fala ainda sobre o academismo, traço característico de todas as nossas instituições musicais no que se refere aos problemas da criação: “Nenhum compositor nos tem sido fornecido nos últimos decênios por qualquer dos Conservatórios oficiais brasileiros.”

Serge Kussevitzy. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 7 jun. 1951.

Síntese do artigo: Sobre o desaparecimento do regente, em 5/6/51, e sua importância no cenário musical, ressaltando o apoio por ele dado a todos os compositores da jovem cultura americana, contribuindo sobremaneira para a divulgação internacional de suas obras, em suas atividades no Berkshire Music Center, onde os talentos novos de todo o mundo buscam incentivo, e apresentando ao mundo musical dezenas de jovens regentes, destacando-se os nomes de Leonard Bernstein e Eleazar de Carvalho, para citar apenas alguns. Integram ainda o artigo notícias esparsas referentes ao festival francês da OSB, à programação da Associação Brasileira de Concerto e ao Festival Beethoven.

**O Quarteto,
de Hindemith,
constitui sem
dúvida uma
das melhores
contribuições
do conjunto para
contato do nosso
reduzido público
de música de
câmara.**

Edino Krieger

Festival Beethoven. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 8 jun. 1951.

Síntese do artigo: Analisa a impropriedade do citado festival, pelo fato da sua grande proximidade com o último festival, realizado por Backhaus em dois recitais de sonatas, e ainda pela dificuldade experimentada por Rosenthal em obter um máximo de rendimento por parte da OSB, dificuldade esta atribuída ao próprio regente. O artigo aborda o *Concerto nº 3*, de Beethoven, que teve como solista o pianista Wilhelm Kempff, à frente da OSB regida por Manuel Rosenthal. A crítica comporta ainda notícias sobre Ravel na OSB, viagem de artistas internacionais e a lenda da *Flor de Pedra*.

Jacqueline Potier na OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 11 jun. 1951.

Síntese do artigo: Concerto de música francesa realizado pela OSB, contando com a participação da pianista Jacqueline Potier sob a regência de Rosenthal. “Jacqueline Potier ofereceu da obra uma exposição clara e convincente, possuidora que se revelou de uma excelente escola pianística e de uma grande receptividade musical. A orquestra procedeu com insegurança diante das dificuldades técnicas da obra, entregue a uma direção pouco exigente”. A crítica faz-se acompanhar de notícias sobre o *Ballet Hindu Mrinalini* no Theatro Municipal, o Quarteto Barylli na ABI, o recital de Wilhelm Kempff promovido pela Cultura Artística, e ainda a apresentação dos quartetos Vegh e Húngaro na Pro Arte.

O Quarteto Barylli na ABI. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 13 jun. 1951.

Síntese do artigo: Comenta o programa do concerto, que incluiu obras de Haydn, Hindemith e Mozart – *Quinteto em Sol menor* –, contando neste último com a participação do violista Johannes Orlsner, do Quarteto Haydn de São Paulo. Sobre o *Quarteto*, de Hindemith, Edino assim se expressa: “Já apresentada ao nosso público quando da estreia do Quarteto Barylli no ano passado, essa obra de Hindemith constitui sem dúvida uma das melhores contribuições do conjunto para contato do nosso reduzido público de música de câmara com a criação musical contemporânea.” Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Notas esparsas sem indicação de título. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 14 jun. 1951.

Síntese do artigo: Anuncia os próximos saraus da Associação Brasileira de Concertos, que apresentarão o *Ballet Hindu Mrinalini* e o recital do pianista Arthur Rubinstein no Theatro Municipal; a temporada de Música de Câmara da Pro Arte do Rio de Janeiro, com a apresentação dos Quartetos Vegh e Húngaro; a II Semana de Carlos Gomes em Campinas e as inscrições para os concursos de canto, piano, violino e banda, com indicação do programa do certame; o recital do pianista Wilhelm Kempff na temporada da Cultura Artística; e o regresso à Europa do Quarteto Barylli.

**Edino divulga
a apresentação
da obra da
compositora
brasileira Nininha
Gregori, na
programação do
XXV Festival
Internacional
de Música
Contemporânea.**

Brasileiros no Festival de Frankfurt. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 15 jun. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação da obra da compositora brasileira Nininha Gregori no dia 25/6/51, dentro da programação do XXV Festival Internacional de Música Contemporânea. Integram ainda o artigo notícias sobre o *Ballet Hindu* Mrinalini, o 5º concerto da série *Música para a Juventude*, sob a regência de Cláudio Santoro, e o *Plebiscito Nacional da Paz* realizado na Polônia, que teve como signatário o compositor contemporâneo polonês Andrej Panufnich.

Recital de Wilhelm Kempff. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 16-17 jun. 1951.

Síntese do artigo: Edino lamenta uma certa liberdade que alguns artistas se permitem, ao atingirem a convicção de sua grandiosidade, que resulta em realização falsa de uma obra e, conseqüentemente, num desempenho interpretativo do virtuose, não obstante o conceito que ele mesmo formula a seu respeito. O articulista ressalta ainda a inconsistência da realização da *Chacone*, de Haendel, ou das quatro peças de Rameau, em que o hábito de arrematar com uma ênfase de intensidade as cadências conclusivas resulta num completo esfacelamento formal das obras. Aponta ainda para a ornamentação abundante de Rameau – característica do barroco francês – que se viu transformada pela qualidade sonora inconsistente.

Da Índia para o Brasil. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 18 jun. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação do *Ballet Hindu* Mrinalini Sarabhai, promovido pela Associação Brasileira de Concertos no dia 20, no Teatro Municipal, com indicação do programa a ser apresentado. Integram ainda o artigo, sob a forma de notas, a apresentação do regente Arthur Rodzinsky frente à Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo; a apresentação da pianista argentina Lía Cinaglia e do violoncelista Jacques Ripoché no Salão Leopoldo Miguez da Escola Nacional de Música.

Temporada Lírica Oficial. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 20 jun. 1951.

Síntese do artigo: Primeiras informações referentes à citada temporada, no que diz respeito aos intérpretes nacionais e aos convidados internacionais – regentes e cantores –, com indicação nominal de todos os participantes, ressaltando o fato de o repertório não haver sido divulgado para a publicidade. Fazem parte ainda do artigo notas sobre o *Ballet Hindu*, a apresentação do barítono americano Lawrence Winters pela Cultura Artística, o programa *Música para a Juventude* e a apresentação do *Festival Sinfônico* realizado na Escola Nacional de Música, tendo como solista o pianista e cravista Mário Neves sob a regência da professora Joanídia Sodré à frente da Orquestra da Juventude.

O crítico enfatiza a importância da estreia das *Oito Peças na primeira posição*, de Paul Hindemith, sob a regência de Nino Sanzogno frente à OSB.

Reflexos de uma cultura milenar. O *Ballet* Mrinalini Sarabhai no Municipal. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 21 jun. 1951.

Síntese do artigo: Edino chama a atenção para a música que é derivada dos instrumentos estranhos que compõem a orquestra do citado balé, que nos transporta a um mundo artístico inteiramente diverso, absolutamente primitivo em seu desconhecimento da mais elementar polifonia, com seus esteios rítmicos e de linguagem baseados numa organização inteiramente diversa do tempo e do espaço. “Coreograficamente, o *Ballet* Hindu representa as duas mais importantes escolas da Índia contemporânea, estribadas numa tradição secular: Bharata Natyam e Katha Kali”. Por todos os aspectos desenvolvidos – técnica de expressão rítmica e fisionômica, riqueza de movimentos plásticos das mãos –, o citado balé apresentou, segundo Edino, um espetáculo de grande beleza e interesse, dada a raridade com que nos é dado conhecer expressões artísticas dessa natureza. Integram ainda o artigo notas sobre a visita ao Brasil do Conjunto Angelicum, a apresentação do maestro Nino Sanzogno no Municipal, a Temporada da Pro Arte e a apresentação do pianista Arthur Rubinstein.

Uma estreia de Hindemith na OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 22 jun. 1951.

Síntese do artigo: Apresentação das *Oito Peças na primeira posição*, de Paul Hindemith, sob a regência de Nino Sanzogno frente à OSB, em sua estreia na atual temporada de concertos. Edino lamenta que esta obra não esteja inserida nos programas sinfônicos e camerísticos dos nossos conservatórios musicais, cumprindo assim a finalidade didática com que a imaginou seu autor. Seguem-se ao artigo notas sobre as apresentações de Stellinha Egg e da Orquestra Afro-Brasileira em *Música para a Juventude*, o recital da soprano ligeiro Erna Berger no auditório da ABI e a reapresentação do *Ballet* Hindu.

Concurso de Crítica Musical. Premiada o trabalho do estudante Cícero Sandroni. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 25 jun. 1951.

Síntese do artigo: Sobre o concurso de Crítica Musical instituído pelo programa *Música para a Juventude*, com o intuito de estimular o espírito crítico de seus ouvintes. Edino extraiu trechos da crítica premiada de Cícero Sandroni, que procedeu a uma apreciação musical do repertório composto por José Maurício Nunes Garcia, Rimsky-Korsakov e Fauré, a cargo da Orquestra Universitária, tendo como regentes Pires de Oliveira, Chléo Goulart e Raphael Baptista. Integram o artigo notas concernentes à apresentação do Angelicum no Brasil, à estreia de Vivaldi e Ernest Bloch na OSB e à divulgação do programa do próximo *Concerto da Juventude*.

Estreia de Arthur Rubinstein. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 26 jun. 1951.

Síntese do artigo: “A estreia de Arthur Rubinstein na temporada atual da

Associação Brasileira de Concertos, realizada ontem à noite no Theatro Municipal, constituiu um desses eventos que marcam época nos anais das realizações artísticas”. Do programa constaram obras de Bach, Beethoven, Villa-Lobos, Granados, Albéniz, De Falla, e ainda Scriábin, Liszt e Prokofieff como extras. O artigo contempla ainda notas referentes à apresentação do barítono americano Lawrence Winters na Cultura Artística de Niterói, à Noite de Arte promovida pela Caixa Econômica Federal no auditório da ABI e ao recital do pianista Fernando Lopes da Silva, no Salão Leopoldo Miguez da Escola Nacional de Música, sob os auspícios do Centro Artístico Musical.

Rubinstein e a obra de Chopin. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 28 jun. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a omissão involuntária de uma das partes mais importantes do programa do recital anteriormente citado. Foram três as obras de Chopin: *Balada em Sol menor*, *Improviso em Sol bemol* e *Scherzo em Si bemol menor*. “Ao dizermos mais importantes não pretendemos estabelecer uma comparação qualitativa entre as obras que compunham o programa, senão afirmar que em Chopin encontrou Rubinstein um dos seus momentos mais felizes.” Fazem parte do artigo notas referentes ao *Curriculum Vitae* do diretor do Angelicum, assim como sobre o recital de Edméé Souza Melo, promovido pelo PEN Clube no auditório da ABI.

Chopin e Rubinstein. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 29 jun. 1951.

Síntese do artigo: Segundo recital promovido pela Associação Brasileira de Concertos, com um programa inteiramente dedicado à obra de Chopin. “E Rubinstein encontra indubitavelmente uma forte afinidade para com a obra de Chopin. Sua apresentação de ontem constituiu uma afirmativa incontestada de assimilação perfeita do simbolismo emocional que extravasa de cada página de Chopin.” A crônica comporta ainda notas sobre as duas apresentações do violoncelista húngaro Georges Békefi com a OSB, sobre um concerto promovido pela Fundação Napoleão Laureano no Municipal e sobre a chegada do barítono americano Lawrence Winters no Rio de Janeiro.

Casos e descasos de nossa música popular. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 30-31 jun. 1951.

Síntese do artigo: Faz alusão aos conceitos depreciativos que em geral se formulam a propósito dos produtos de casa, sejam produtos naturais, industriais ou artísticos. “Num baile de São João, realizado pela Associação Brasileira de Rádio num dos clubes da cidade, os pares trajados a caráter para a ocasião se moviam ao compasso de ritmos que nada tinham em comum com a festa: os tangos, os mambos, as rumbas e os fox-trottes se sucediam, enquanto as canções e danças próprias das festividades juninas e mesmo o nosso samba apenas assinavam um

**Rubinstein
encontra
indubitavelmente
uma forte
afinidade para com
a obra de Chopin.**

Edino Krieger

**Edino divulga a
apresentação do
*Concerto op. 3
n.º 9*, de Vivaldi,
e da *Rapsódia
Schelomo*, de
Ernest Bloch,
duas obras para
violoncelo, em
primeira audição
no Brasil.**

ato de presença obrigatório.” Edino ressalta ainda o descaso para com a nossa música num outro contexto: “Não se compreende, realmente, por que motivos não se inclui a nossa música entre as gravações que se fazem ouvir antes da exibição dos programas ou nos intervalos das sessões cinematográficas.”

Georges Békefi na OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 2 jul. 1951.

Síntese do artigo: Apresentação do *Concerto op. 3 n.º 9* de Vivaldi – em arranjo – e da *Rapsódia Schelomo*, de Ernest Bloch, duas obras para violoncelo, em primeira audição no Brasil. “Conquanto a apresentação de uma obra do barroco em arranjo nos faça ficar de sobreaviso contra as possíveis deturpações estilísticas que tão frequentemente se observam em tais casos, essa preocupação se dissipa ao constatarmos que uma observância preliminar foi mantida por Dandelot na utilização orquestral, conservando-se dentro do espírito camerístico da orquestra barroca, limitando-se a conferir ao *Concerto Grosso* original de Vivaldi uma nova feição através da predominância de um determinado instrumento – que no caso é o violoncelo.”

As próximas estreias da temporada. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 3 jul. 1951.

Síntese do artigo: Edino aborda as quatro importantes estreias do mês, oferecendo ao leitor importantes referências profissionais dos solistas e conjuntos: o barítono americano Lawrence Winters, o grupo musical Angelicum, a dupla de bailarinos espanhóis Mariquita Flores e Antonio de Córdoba e a agrupação Coral de Pamplona. Integram ainda o artigo notícias sobre o recital da pianista Lucy Sales no Teatro Municipal de Niterói, o concerto sinfônico no Teatro Municipal patrocinado pela Fundação Napoleão Laureano, a divulgação do Concurso Internacional de virtuosismo realizado pelo Conservatoire de Genève, Suíça, e o Concurso de Piano instituído pela II Semana de Carlos Gomes em Campinas.

Concurso Interescolar de Orfeões. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 4 jul. 1951.

Síntese do artigo: Tece comentários sobre o concurso instituído pelo Programa *Música para a Juventude* da Rádio MEC e sua importância na formação de nossa juventude. Integram ainda o artigo, sob a forma de notícias esparsas, a não aceitação, por parte do regente Arthur Rodzinski, do cachê proposto para uma série de concertos no Brasil, a convite do compositor Villa-Lobos, presidente da Academia Brasileira de Música, dirigido ao público em geral e à classe musical, para uma homenagem ao pianista Arthur Rubinstein; e o programa do concerto *Música para a Juventude* a ser realizado na Escola Nacional de Música, com apresentação de cantos litúrgicos e folclóricos russos, com o Coro da Igreja Ortodoxa de Santa Teresa na primeira parte e o violoncelista francês Jacques Ripoché na segunda parte.

Com sua dicção admirável e sua maleabilidade de expressões, Bernard Gavoty manteve um interesse constante no seu auditório.

Edino Krieger

A *Apassionata* de Beethoven numa análise de Bernard Gavoty. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 5 jul. 1951.

Síntese do artigo: Aborda a visita ao Brasil do crítico musical do *Figaro* de Paris, organista da Igreja de S. Luís dos Inválidos da capital francesa e conferencista emérito, para realizar uma série de conferências no auditório da Rádio MEC. Bernard Gavoty faz-se acompanhar pelo pianista Jacques Dupont, responsável pela ilustração musical da obra analisada. “Com sua dicção admirável e sua maleabilidade de expressões, Bernard Gavoty manteve um interesse constante no seu auditório.” Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Barítono Lawrence Winters. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 6 jul. 1951.

Síntese do artigo: Na crítica ao recital do barítono americano no Theatro Municipal, promovido pela Cultura Artística, Edino ressalta a faculdade do cantor de conseguir se comunicar com o máximo de musicalidade, não obstante sua concepção de alguns autores ser passível de alguma restrição técnica, como ocorreu na interpretação dos *Lieder* de Schubert e Schumann. “Lawrence Winters é sem dúvida um artista, no que de mais profundo possa o termo significar. Disso o seu recital de ontem nos ofereceu uma prova irrefutável, fazendo-nos desejar que esse concerto, por sua bela voz e extraordinária musicalidade, se repita muito em breve”. Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Primeira audição na OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 7-8 jul. 1951.

Síntese do artigo: Comenta a atmosfera de maior vitalidade artística que a OSB vem respirando nos últimos tempos, com várias obras importantes em primeira audição, ressaltando o *Concerto para Orquestra* de Petrassi, cujo autor apresenta-se pela primeira vez em nossos programas de concerto. Fazem parte da crônica notícias sobre o concerto sinfônico no Teatro Municipal de São Paulo, patrocinado pela Fundação Napoleão Laureano, o concerto extraordinário de Arthur Rubinstein promovido pela Associação Brasileira de Concertos no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, o recital da pianista Lucy Sales na Cultura Artística de Niterói e, por último, a contratação dos bailarinos espanhóis Mariquita Flores e Antonio de Córdoba pela ABC, para dois recitais no Theatro Municipal.

Ainda Arthur Rubinstein. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 9 jul. 1951.

Síntese do artigo: Sobre as três novas apresentações do pianista Arthur Rubinstein promovidas pela Associação Brasileira de Concertos, com indicação de seus respectivos programas de concerto. A crônica refere-se ainda à entrevista concedida à imprensa por Bernard Gavoty, sobre a situação da arte contemporânea de seu país e vários outros assuntos, entre os quais Edino ressalta: a música francesa e suas várias diretrizes, a influência do *jazz* na música contemporânea, a necessidade de se criar uma técnica especial

Edino refere-se à fase pacífica em que se encontravam as discussões em torno da atonalidade e do dodecafonismo, que voltaram à baila em função de um lapso cometido numa entrevista de Bernard Gavoty.

para escrever música coreográfica ou para cinema, a decadência da ópera, mestres do presente e do passado, destacando o entrevistado o nome de Villa-Lobos, entre outros.

A propósito de uma entrevista de Bernard Gavoty. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 10 jul. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a entrevista do citado conferencista e a gravidade de uma das afirmações a ele atribuídas, de que o compositor Darius Milhaud encabeça a escola dodecafônica francesa. Edino levanta a possibilidade de a afirmação atribuída a Gavoty ser produto de confusão por parte de um jornalista, alegando que, de qualquer forma, tal fato precisa ser retificado. “Darius Milhaud representa uma tendência estética exatamente oposta: a tendência que conduz à reorganização do material sonoro tradicional, levado a uma crise pelo colorismo impressionista. Milhaud, que se o saiba, jamais utilizou a técnica dodecafônica ou o cromatismo diatônico da linguagem atonal: sua linguagem [...] baseia-se nas relações tonais da música tradicional, alargadas embora pelas necessidades expressivas de um novo gosto artístico.” Integram ainda a coluna notícias artísticas esparsas.

Atiçando as brasas. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 11 jul. 1951.

Síntese do artigo: Refere-se à fase pacífica em que se encontravam as discussões em torno da *atonalidade* e do *dodecafonismo*, que voltaram à baila em função de um lapso cometido numa entrevista de Bernard Gavoty, comentado no artigo do dia anterior. Edino diz ainda que o fato foi agravado com o artigo do sr. Bevilacqua, crítico de *O Globo*, que, ao falar sobre a importância de Schoenberg, emprega as expressões citadas como se fossem sinônimas, além de outras impropriedades consideradas absurdas por Edino. O artigo inclui notas sobre cancioneiros do Paraguai, a estreia do Angelicum e a estreia de Rubinstein na OSB.

Polêmica do atonalismo. Atiçando as brasas... (II). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 12 jul. 1951.

Síntese do artigo: Continuação da crítica anterior, discordando da concepção e explicação do crítico Bevilacqua sobre *tonalidade* e *atonalidade*, que parte de uma obediência rigorosa à série harmônica. Indaga por que não simplificamos a história, dizendo simplesmente que “tonalidade é uma linguagem baseada num centro de gravitação – as sete notas das escalas diatônicas – e que a abolição desse centro traz como consequência lógica a abolição da linguagem tonal.” Integram ainda o artigo notas referentes às felicitações de Rubinstein frente à OSB, a visita de Nino Sanzogno, Obras Corais na OSB e o programa *Concerto da Juventude*.

Rubinstein em três concertos para piano. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 13 jul. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a grande noitada proporcionada pela Associação

Brasileira de Concertos, em comunhão com a Pro Arte, que resultou na apresentação de Arthur Rubinstein, com Nino Sanzogno à frente da OSB, apresentando três concertos para piano e orquestra: o nº 4 de Beethoven, o nº 2 de Chopin e o nº 1 de Tchaikowsky. Integram ainda o artigo notas sobre a estreia naquele dia do Angelicum, Obras Corais na OSB, *Concerto da Juventude* e conferência de Bernard Gavoty.

O Prefeito e a música no Distrito Federal. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 14-15 jul. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a reunião do Dr. João Carlos Vital, prefeito do Distrito Federal (Rio de Janeiro), com a imprensa especializada, em seu gabinete, para expor os vários planos de atividades elaborados em sua administração, relacionados com alguns problemas fundamentais da vida artística da cidade. Informando que o plano inclui todos os campos de atividades artísticas, abrangendo música, bailado, teatro, rádio, cinema, televisão etc., Edino comunica que oportunamente divulgará uma apreciação dos mesmos com respeito aos problemas culturais. Integram ainda o artigo notícias sobre eventos anteriormente mencionados.

Angelicum dei frati Minori. Primeiras apresentações da organização musical milanesa. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 16 jul. 1951.

Síntese do artigo: Analisa os dois magníficos espetáculos do Angelicum que tiveram lugar no Theatro Municipal. O grande organismo da citada agremiação abarca um conjunto de cordas, um coro, um elenco operístico, e ainda uma facção orquestral. “Difícilmente encontraríamos expressões exatas para relatar o grau de aperfeiçoamento com que se apresentou o conjunto de cordas em sua estreia no Municipal [...] uma realização cem por cento perfeita de todas as obras de seu programa, desde o sólido barroco italiano [...] até a criação musical italiana do século atual.” Edino aborda também a apresentação do grupo operístico, atribuindo-lhe grandes méritos, ressaltando o alto nível artístico do conjunto, nomeando os mais representativos. Incluem-se notas sobre o próximo Sarau da Cultura Artística, cursos de Estética e Cultura Musical, Concurso de Recitalistas, Temporada Lírica, estreia dos bailarinos espanhóis e a visita do Coro de Pamplona.

Duas obras corais na OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 17 jul. 1951.

Síntese do artigo: Concerto realizado sábado último pela OSB, que contou com a colaboração do Coro Misto da Associação de Canto Coral. Ressaltando o importante papel desempenhado pela professora Cleofe Person de Mattos, merecedor de estímulo e reconhecimento, o autor procede a uma apreciação das obras *Canto Absoluto*, de Brasília Itiberê, e *Paixão*, de Gian Francesco Malipiero, ambas em estreia no Brasil. Incluem-se ainda notas sobre o concerto de despedida do Angelicum no Rio de Janeiro e o recital do barítono Lawrence Winters.

Edino procede a uma apreciação das obras *Canto Absoluto*, de Brasília Itiberê, e *Paixão*, de Gian Francesco Malipiero, ambas em estreia no Brasil.

Edino fornece dados sobre a agremiação coral, fundada nos últimos anos da guerra, no Mosteiro de Santo Angelo, na Itália, e sua estreia no Rio de Janeiro e na América do Sul.

O que é o Angelicum de Milão. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 18 jul. 1951.

Síntese do artigo: Fornece dados sobre a agremiação coral, que foi fundada nos últimos anos da guerra, no Mosteiro de Santo Angelo, na Itália, e sua estreia no Rio de Janeiro e na América do Sul, com informações referentes à sua temporada entre nós. Acompanham o artigo notícias sobre o falecimento de Arnold Schoenberg, divulgação da conferência de Bernard Gavoty no Theatro Municipal e outros eventos mencionados anteriormente.

Atividades da Sociedade Bach de São Paulo. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 19 jul. 1951.

Síntese do artigo: Sobre o relatório de atividades da citada entidade referente ao período de 1936 a 1951, mostrando a grande importância da mesma e esclarecendo que sua produtividade não se limita a concertos e audições, pois inclui ainda toda uma série de caráter didático e pedagógico. Ressalta também a dedicação sem limites de Martin Braunwieser, possibilitando a ação e obra da supracitada entidade. O artigo traz outras notícias referentes à apresentação dos ganhadores do Concurso para Recitalistas, o recital do tenor Lucy Filho na sala Camões do Liceu Literário Português, o agradecimento do pianista Arthur Rubinstein à ABI pela recepção e hospitalidade, o concerto do cantor popular francês Maurice Chevalier e as apresentações de Música de Câmara na Pro Arte.

Concurso de Recitalistas. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 20 jul. 1951.

Síntese do artigo: Divulga o resultado do Concurso de Recitalistas do programa *Música para a Juventude*, promovido pela Rádio MEC, que se inclui no momento como um estímulo oferecido à juventude musical. Integram ainda a crônica notícias sobre a apresentação do barítono Lawrence Winters, o programa da Temporada Lírica Oficial do Teatro Municipal de São Paulo, a estreia do Coro de Pamplona no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, a homenagem do programa *Música Viva* da Rádio MEC ao compositor Schoenberg, falecido no último dia 15, a Temporada Lírica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e o Concerto Sinfônico no Salão Leopoldo Miguez da Escola Nacional de Música, tendo como solista o pianista Mário Neves sob a regência do maestro Vicente Fittipaldi.

Perspectivas para um jovem musicista. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 21-22 jul. 1951.

Síntese do artigo: Edino adverte que o florescimento da arte está diretamente ligado ao desenvolvimento econômico do país, do mesmo modo que toda a superestrutura cultural, política e filosófica de uma sociedade depende, em última análise, das condições materiais de vida dessa sociedade. “Para um jovem musicista, por exemplo, o estado de coisas dominante em nosso país apresenta perspectivas as mais desoladoras.”

**Mariquita Flores
e Antonio de
Córdoba nos
oferecem o melhor
de sua atuação:
sua sincronização
perfeita e sua
variedade de
figurações
bastariam para
preencher os
requisitos de todo
um espetáculo.**

Edino Krieger

Gravações de música brasileira. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 24 jul. 1951.

Síntese do artigo: Comentando o completo descaso em que a divulgação de nossa música através do disco tem sido mantida, Edino ressalta a existência de produção musical representativa e de qualidade, a existência de aparelhos técnicos de qualidade nas rádios MEC e Roquette-Pinto, assim como intérpretes capacitados e uma orquestra sinfônica que, sob uma direção competente, pode também produzir um trabalho satisfatório. “O que nos falta, na realidade, é apenas interesse por parte dos homens do Governo.” Integram ainda o artigo notícias sobre as apresentações de bailarinos espanhóis no Municipal, do Coro de Pamplona na Cultura Artística, do cantor Todd Duncan na Associação Brasileira de Concertos, do Quarteto Vegh na Pro Arte, da cantora Nadir Figueiredo no Salão Leopoldo Miguez e da pianista francesa Marie Therèse Fourneau no Teatro Copacabana.

Mariquita Flores e Antonio de Córdoba. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 25 jul. 1951.

Síntese do artigo: Crítica sobre a primeira visita dos bailarinos espanhóis ao nosso país e o recital de estreia no Theatro Municipal. “E é no que se refere ao ritmo que Mariquita Flores e Antonio de Córdoba nos oferecem o melhor de sua atuação: sua sincronização perfeita e sua variedade de figurações bastariam para preencher os requisitos de todo um espetáculo.” O artigo divulga ainda os concertos da Associação Coral de Câmara de Pamplona, os cursos de Estética e Cultura Musical ministrados por José Siqueira e o próximo concerto do programa *Música para a Juventude*.

Agrupação Coral de Pamplona. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 26 jul. 1951.

Síntese do artigo: Sobre o concerto promovido pela Cultura Artística na noite anterior, apresentando o conjunto vocal espanhol, vencedor do Concurso Internacional de Lille em 1949, destacando-se entre os 186 concorrentes inscritos. Edino destaca a excelência de técnica e de musicalidade da agrupação e ressalta que se constituirá num dos mais belos momentos de nossa estação artística atual. Integram o artigo notas sobre a temporada de música de câmara da Pro Arte, a estreia do Coro de Pamplona e o recital da pianista Marie Therèse Fourneau.

Despedida do Coro de Pamplona. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 27 jul. 1951.

Síntese do artigo: O articulista lastima a curta temporada do Coro entre nós, alegando a sua grande contribuição para o nosso cabedal de experiências musicais. “Tanto o Angelicum quanto a Agrupação Coral de Pamplona nos apresentaram programas inteiros de primeiras audições, transportando-nos a um ambiente de vitalidade artística.” O artigo divulga ainda a programação do concerto *Música para a Juventude*, o recital do violoncelista francês Pierre Fournier, a visita dos

pianistas José e Amparo Iturbi ao Rio de Janeiro e o recital da soprano Nadir Figueiredo na Escola Nacional de Música.

A *História do Soldado* na ABI. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 28-29 jul. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a temporada de concertos camerísticos realizada no Museu de Arte de São Paulo, com a apresentação de obras absolutamente inéditas e a possibilidade da apresentação da supracitada obra de Stravinsky na programação da Pro Arte do Rio de Janeiro. Edino tece duras críticas à timidez artística dos empreendimentos musicais do Rio, “limitada pela força do preconceito e pelo comodismo intelectual, que não percebe o desconforto desse unilateralismo artístico e a necessidade de respirar novas experiências e conhecer novos horizontes estéticos”. O artigo divulga ainda os recitais do barítono norte-americano Todd Duncan, da cantora brasileira Nadir Figueiredo, e o Concurso de Bandas Militares promovido pela prefeitura.

Edino comenta a temporada de concertos camerísticos realizada no Museu de Arte de São Paulo, com a apresentação de obras absolutamente inéditas.

O exemplo de Pamplona. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 31 jul. 1951.

Síntese do artigo: O articulista deseja que o exemplo da Agrupação Coral de Pamplona sirva de estímulo para aqueles que lutam ativamente pelo desenvolvimento do canto coral em nosso país. O citado grupo é composto por seis rapazes e oito moças, que se reúnem diariamente após um dia de trabalho – são comerciantes, empregados públicos ou estudantes – para realizarem um trabalho artístico dos mais difíceis, que é o estudo do repertório polifônico de todos os tempos, dos cantos populares de seu país, e dos autores contemporâneos. O artigo divulga ainda os recitais de Todd Duncan, dos pianistas José e Amparo Iturbi, da pianista brasileira Arcy Pereira de Melo, e os cursos promovidos pela Sociedade Artística Internacional.

Barítono Todd Duncan. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 1 ago. 1951.

Síntese do artigo: Concerto de estreia e despedida do barítono norte-americano, sob os auspícios da Associação Brasileira de Concertos. “Um dos traços característicos da personalidade de Duncan é, sem dúvida, a sua ênfase exterior ao sentido dramático de uma obra. Dissemos ‘exterior’ porque a atmosfera, o ambiente de cada obra, ele procura sublinhar com expressões fisionômicas e uma atitude teatral: Duncan pertence a um tipo de intérprete, muito comum entre os vocalistas, que necessita ‘agir’ para comunicar o clima de uma obra.” Integram o artigo notas sobre os concertos do violoncelista Pierre Fournier, do Coro da Igreja Ortodoxa de Santa Teresa, e o programa da Temporada de Câmara organizado pela Pro Arte, com a participação do Quarteto Vegh.

No estilo de Hollywood. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 2 ago. 1951.

Síntese do artigo: Sobre as coisas boas e ruins da “meca do cinema”. Edino refere-se ao espetáculo de estreia de Amparo e José Iturbi realizado na noite

anterior no Theatro Municipal, ressaltando o perigo a que se expõe qualquer artista em seu contato com Hollywood, revelando o concerto um dos aspectos mais lamentáveis da influência hollywoodiana sobre a arte: “A estandardização, a vulgarização a que conduz os que de outro modo poderiam ser melhores artistas, conquanto menos famosos.” Integram ainda o artigo notícias referentes à Orquestra Afro-Brasileira, Concertos na Escola Nacional de Música, cursos musicais, recital das pianistas Yara Andre e Arcy Pereira de Melo, e apresentação do Coro da Igreja Ortodoxa.

James Wolfe. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 4-5 ago. 1951.

Síntese do artigo: Sobre as futuras apresentações do jovem pianista norte-americano no Rio de Janeiro, sob o patrocínio do Instituto Brasil-Estados Unidos, chamando a atenção para o fato de a National Music League de Nova York, entidade que tem como objetivo auxiliar jovens talentosos, patrocinando recitais e tornando-os conhecidos do mundo artístico, estar no momento apresentando o citado pianista como merecedor de tal distinção. Acompanham o artigo notícias sobre as apresentações do soprano espanhol Pilarin Garcia, da pianista Arcy Pereira de Melo, do pianista Heitor Alimonda, a estreia do Quarteto Vegh, da Orquestra Afro-Brasileira, e a visita do compositor tcheco Ernst Krenek no início do próximo ano.

Temporada Camerística da Pro Arte. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, p. 7, 7 ago. 1951.

Síntese do artigo: Destaca a importância deste empreendimento, que estreia com o Quarteto Vegh, tendo em vista que a apresentação de conjuntos instrumentais em nossas últimas temporadas tem sido completamente negligenciada, exceção feita apenas ao Quarteto Barylli. O artigo aborda ainda a trajetória do conjunto, que conquistou o primeiro prêmio do Concurso Internacional de Genebra há alguns anos. Seguem-se notícias musicais esparsas.

Concurso de sonatas para violino. Para inaugurar o Festival Bienal de São Paulo. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 8 ago. 1951.

Síntese do artigo: Divulgação do concurso aberto a compositores brasileiros ou estrangeiros aqui radicados, lançando as bases do mesmo. Divulgação do concerto de inauguração da Temporada Lírica Oficial, do concerto do pianista José Iturbi e do próximo programa do *Concerto para a Juventude*.

Arcy Pereira de Melo na ABI. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 10 ago. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação da jovem pianista de 14 anos, na série *Valores Novos*, instituída pela Associação Brasileira de Imprensa, visando dar um impulso inicial à carreira de jovens intérpretes que se encontram num plano intermediário entre a vida estudantil e a atividade profissional,

**O crítico aborda
a trajetória do
Quarteto Vegh,
que conquistou o
primeiro prêmio
do Concurso
Internacional de
Genebra.**

permitindo-lhes contato com o público e a imprensa num âmbito extraescolar. Acompanham o artigo notícias esparsas de eventos já divulgados em artigos anteriores.

Estreia do Quarteto Vegh. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 13 ago. 1951.

Síntese do artigo: “Finalmente nos é dado ouvir um pouco de música de câmara. [...] As excelentes qualidades técnicas e artísticas de cada um de seus componentes permitem a cada qual um máximo de liberdade no desempenho de sua parte, sem que isso prejudique de um modo irremediável a unidade plástica do conjunto.” Edino ressalta que, se restrições se podem fazer no âmbito mais sutil das sonoridades instrumentais, isto não significa uma depreciação das qualidades instrumentais de seus integrantes.

Orquestra Afro-Brasileira. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 14 ago. 1951.

Síntese do artigo: Edino não pôde assistir ao concerto realizado no auditório da ABI e dedicado à crítica musical carioca, por motivos de saúde. Todavia, fazendo alusão a uma frase de Schoenberg – “A vontade do homem de gênio determina as leis da humanidade futura” –, Edino traça um paralelo entre a citação e o trabalho realizado pelo maestro Abigail Moura e seus companheiros de ideal, em prol da divulgação da música brasileira de origem africana: “O gênio não é senão o talento mais capaz de sintetizar as forças culturais de seu tempo, impulsionando-as com seu próprio trabalho criador para uma nova etapa evolutiva.” Acompanham o artigo notícias sobre o Teatro Folclórico Brasileiro, Concurso de Sonatas, Temporada Lírica, estreia de James Wolfe e transferência da data do recital de Rushisky na Escola Nacional de Música.

Bartók e o Quarteto Vegh (I). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 15 ago. 1951.

Síntese do artigo: “O Quarteto Vegh nos revelou, em seu recital de despedida, um dos aspectos mais importantes – senão mesmo o mais importante: a sua excelente qualidade como intérprete da música contemporânea.” Edino ressalta a raridade e importância da inclusão, em concertos, de obras anteriores a Bach e posteriores a Debussy, obras que se situam aquém ou além do perímetro cultural do público. Integram o artigo notícias sobre o soprano Grace Rinaldi, a recepção a James Wolfe, um curso de Cultura Musical, Horenstein em São Paulo e a volta da Europa do jovem violinista Carlos Zattenbaum.

Obras-primas da música contemporânea. Bartók e o Quarteto Vegh (II). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 16 ago. 1951.

Síntese do artigo: “Em sua apresentação de despedida na Associação Brasileira de Imprensa, o Quarteto Vegh deu a conhecer ao nosso público uma das seis obras-primas da música de câmara contemporânea – verdadeiras joias de inventiva musical, de força criadora, de beleza arquitetônica, de genialidade:

Edino ressalta a raridade e a importância da inclusão, em concertos, de obras anteriores a Bach e posteriores a Debussy.

Edino ressalta a enorme força intelectual de Arthur Schnabel, solidificada por grande conhecimento relativo à técnica instrumental e à pedagogia.

os *Seis Quartetos de Cordas*, de Béla Bartók”. Edino analisa o desenvolvimento estético do compositor, a transformação interna de sua linguagem através de pesquisas expressivas realizadas à base de uma contextura essencialmente contrapontística, traçando um paralelo entre Villa-Lobos e Manuel de Falla em algumas de suas obras. “Bartók fala uma linguagem húngara, sem se preocupar com as suas fórmulas gramaticais”. Integram o artigo notícias sobre o início da Temporada Lírica, o recital da pianista Marialcina Lopes, a estada de Guerra-Peixe na Argentina, o retorno de Vanja Orico da Europa e o programa do concerto *Música para a Juventude*.

Arthur Schnabel. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 17 ago. 1951.

Síntese do artigo: Sobre o falecimento no dia 14, na Suíça, do supracitado músico. Edino ressalta a sólida e importante trajetória e contribuição de Arthur Schnabel, possuidor de enorme força intelectual, solidificada por grande conhecimento relativo à técnica instrumental e à pedagogia, como também aos programas de criação artística, raramente igualada no domínio da arte musical de nosso tempo. Acompanham o artigo notícias musicais esparsas anteriormente mencionadas.

Terceiro Curso Internacional de Férias. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 18-19 ago. 1951.

Síntese do artigo: Divulgação do curso a realizar-se em Teresópolis no início de 1952, com informações sobre o corpo docente, cursos, local para informações e inscrições. Integram o artigo notas sobre os recitais de Vladimir Rushisky, James Wolfe, Jacques Ripoché, vespéral da ópera *La Forza del Destino*, concerto do programa *Música para a Juventude* e concurso de sonatas na I Bienal de São Paulo.

A música do Teatro Folclórico Brasileiro. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 20 ago. 1951.

Síntese do artigo: Anuncia a apresentação radiofônica, através da PRA-2, dos solistas e coro do grupo citado, inserido no programa dominical da Escola Nacional de Música, com as participações do barítono Nelson Ferraz e da soprano Juracy Ferreira; deixa para abordar a música do referido grupo após assistir a sua apresentação no Teatro Recreio. Acompanham o artigo notas sobre a Temporada Lírica Oficial e o recital de James Wolfe.

Cortes e recortes. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 21 ago. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a estreia da Temporada Lírica Oficial, com a apresentação da ópera *Força do Destino*, de Verdi, indicando que, apesar da “seleção” da crítica, o fracasso dessa temporada foi idêntico ao da precedente. Edino faz um recorte das críticas veiculadas, selecionando alguns trechos de Ayres de Andrade, Antonio Bento, Renzo Massarani e O. Bevilacqua. Integram ainda o artigo notícias esparsas anteriormente divulgadas.

O crítico divulga o lançamento do álbum com composições de Noel Rosa e os programas radiofônicos dedicados à recordação dos tempos antigos.

O saudosismo da música popular. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 22 ago. 1951.

Síntese do artigo: A crise da música popular atual e a força imaginativa dos compositores populares de hoje, somada à influência perniciosa do americanismo fácil em que se afogam nossos orquestradores, desvirtuam por completo o sabor próprio do nosso populário, com raríssimas exceções. Segundo Edino, o lançamento do álbum com composições de Noel Rosa e os programas radiofônicos dedicados à recordação dos tempos antigos são apenas alguns sintomas que poderão resultar em uma “Renascença” para a nossa música popular. Acompanham o artigo notícias sobre o programa *Música para a Juventude*, o recital de James Wolfe, uma reunião no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, a audição dos Canarinhos de Petrópolis, um Concurso de Composição e o recital de Oscar Borgerth.

Estreia do pianista William Kapell. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 23 ago. 1951.

Síntese do artigo: “William Kapell é indubitavelmente um dos maiores talentos da nova geração de pianistas contemporâneos.” Edino, após fazer menção às qualidades artísticas do jovem pianista, tece algumas importantes considerações com relação ao critério que deveria nortear a escolha dos programas de um intérprete de sua idade, revelando, dessa forma, uma nova disposição intelectual e artística. Integram a crítica notas sobre a apresentação da *Traviata* na Temporada Oficial, um curso de alta interpretação musical com a pianista Magdalena Tagliaferro e outras notícias divulgadas anteriormente.

Uma audição de alunos. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 24 ago. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação dos alunos de piano do Conservatório de Grajaú, dirigido por Otávio Maul e Laurita Prista Maul, realizada na Escola Nacional de Música. Edino ressalta que, entre os 18 alunos apresentados, 11 escolheram tocar Chopin, num atestado de significativo provincianismo, somando-se a isto o fato de os alunos não possuírem um mínimo de compreensão das obras, num verdadeiro aviltamento do sentido musical emprestado à obra por seu criador. “Não é assim que se constrói uma cultura musical.” Com esta frase Edino encerra sua crítica, desejando que os responsáveis por isto um dia se deem conta desta situação. Integram ainda o artigo notas referentes às apresentações de William Kapell, de Oscar Borgerth, do programa *Música para a Juventude*, de um concerto coral e do Quarteto Berezowsky.

À margem da temporada. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 25-26 ago. 1951.

Síntese do artigo: Refere-se à apresentação da Orquestra Universitária da Casa do Estudante, sob a direção de Raphael Baptista, e ao reduzido número de estudantes de sopro em nossos conservatórios, o que acarreta despesas

extras resultantes da contratação de músicos profissionais para suprir a citada carência. Edino sugere como solução programas essencialmente pré-clássicos, e ainda de autores como Hindemith, Milhaud, cuja produção inclui obras ao alcance das possibilidades técnicas do conjunto. Integram o artigo notas referentes às apresentações do regente francês Jean Mac Nab à frente da OSB, à Temporada Lírica, à cantora portuguesa Idalina Fragata, a um concerto a dois pianos e ao Curso de Férias de Teresópolis.

Dois pianistas americanos. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 28 ago. 1951.

Síntese do artigo: Edino não se ocupa de proceder a um confronto das qualidades técnicas dos pianistas James Wolfe e William Kapell, em visita ao Brasil, mas sim dos traços de personalidade que caracterizam cada um. “James Wolfe, com efeito, jamais se abandona a si mesmo ou à música que interpreta. [...] William Kapell, ao contrário, caracteriza-se pela completa expressão de seus impulsos, deixando-os fluir livremente através seus dedos habilidosos.” Integram a crônica notas referentes à divulgação de um curso de Estética Musical e também de um Curso de Férias, à apresentação dos pianistas James Wolfe e Diná Gombarg, à récita de *As Solteironas dos Chapéus Verdes* no Teatro República e ao Festival de Comédia.

Um jovem regente francês. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 29 ago. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação de Jean Mac Nab à frente da OSB, no concerto dominical da Rádio MEC na Escola Nacional de Música, chamando a atenção para o fato de o regente possuir grande experiência na realização de concertos educacionais em seu país. “Jean Mac Nab é um jovem ativo e esclarecido, preocupando-se em realizar a sua carreira num sentido realmente artístico e não puramente rotineiro.” Integram ainda o artigo notas divulgando o I Congresso de Folclore, o curso de Magdalena Tagliaferro, a apresentação do Quarteto Húngaro e o programa da quinta récita da Temporada Lírica.

**Edino aborda
a apresentação
do pianista
Heitor Alimonda
interpretando
Mignone,
Guarnieri,
Villa-Lobos,
Cláudio Santoro e
Guerra-Peixe
no Theatro
Municipal.**

Contribuição ao I Congresso Folclórico. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 30 ago. 1951.

Síntese do artigo: Aborda a apresentação do pianista Heitor Alimonda interpretando Mignone, Guarnieri, Villa-Lobos, Cláudio Santoro e Guerra-Peixe no Theatro Municipal, num concerto oferecido pela prefeitura do Distrito Federal, com composições baseadas no folclore brasileiro, dentro da programação do supracitado congresso. Integram ainda o artigo notas divulgando as apresentações da Orquestra Universitária, do pianista James Wolfe, de um Quarteto de Cordas, da cantora portuguesa Idalina Fragata Leite Pinto, do programa da Hora da Independência e das comemorações da Semana da Pátria.

Divulgação de eventos sem indicação de título. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 31 ago. 1951.

Síntese do artigo: Notícia a apresentação do Quarteto Berezowsky, inte-

grado por Abrão Berezowsky, Jacques Niremberg, Henrique Morelenbaum e Mário Tavares, na Escola Nacional de Música; as assinaturas para a série de concertos do Quarteto Húngaro; o *Concerto da Juventude* oferecido pela Sociedade Bach de São Paulo e a encenação de *Manon Lescaut* no Theatro Municipal.

**Guerra-Peixe
manteve sempre
maior contato com
a música popular,
onde atuou como
orquestrador de
méritos.**

Edino Krieger

O caminho estético de Guerra-Peixe (Contribuição ao I Congresso Folclórico) (II). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 1-2 set. 1951.

Síntese do artigo: Comentando a *Suíte número 1 para piano* de Guerra-Peixe, apresentada pelo pianista Heitor Alimonda, em audição de estreia, no concerto realizado pela prefeitura como contribuição ao Primeiro Congresso de Folclore, Edino procede a uma avaliação da obra de Guerra-Peixe: “De todos nós, quando integrantes da corrente atonalista da música brasileira, Guerra-Peixe manteve sempre maior contato com a música popular – contato determinado pelo convívio estreito com o meio musical de nossas emissoras comerciais, onde atuou como orquestrador de méritos.” Edino ressalta a trajetória do compositor no atonalismo e as influências que adviriam do convívio com a música popular e folclórica em sua produção. Integram ainda o artigo notas divulgando os recitais dos pianistas James Wolfe e Dina Gombarg, um curso de alta interpretação e o programa *Música Viva* da Rádio MEC.

Notas e notícias. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 3 set. 1951.

Síntese do artigo: Relata o fracasso e a falta de interesse da Temporada Lírica Oficial, que não possui nenhum interesse cultural. “O único interesse do sr. Barreto Pinto é conseguir as ‘boas graças’ e o dinheiro de um público enchapelado e vazio.” Edino ressalta ainda a programação das óperas integrantes das temporadas de Milão, Paris, Londres, França e Buenos Aires, noticiada pelo crítico Andrade Muricy, do *Jornal do Commercio*, evidenciando o grande contraste cultural. O artigo presta-se ainda à divulgação de eventos da Semana da Pátria, do recital da cantora francesa Luciene Dugard e do quarteto vencedor do Concurso de Quartetos instituído pela Sociedade de Música de Câmara da Escola Nacional de Música.

Um artigo de Guerra-Peixe. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 5 set. 1951.

Nota: Este artigo é apresentado na íntegra no Anexo 1.

Canarinhos de Petrópolis. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 6 set. 1951.

Síntese do artigo: Apresenta o programa do citado conjunto no concerto a ser realizado no auditório do Conservatório Brasileiro de Música naquela tarde. O artigo divulga ainda notas sobre o Concurso de Orfeões Escolares instituído pelo programa *Música para a Juventude*, da Rádio MEC, a apresentação do Quarteto Húngaro, o curso de Alta Interpretação Musical, o concerto da série *Juventude Escola*, da Orquestra Sinfônica Brasileira, e a apresentação da ópera *Don Carlos*, de Verdi, no Municipal.

Edino reporta-se à apresentação de Os Canarinhos de Petrópolis e ressalta a tarefa duplamente penosa que envolve a preparação do mesmo por parte de seus dirigentes.

Os Canarinhos de Petrópolis no CBM. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 8-9 set. 1951.

Síntese do artigo: Reporta-se à apresentação do conjunto vocal infantil no Conservatório Brasileiro de Música, ressaltando a tarefa duplamente penosa que envolve a preparação do mesmo por parte de seus dirigentes e a excelente formação disciplinar e de invulgares qualidades musicais, adquiridas como resultado do treinamento diário a que são submetidos os jovens. Integram o artigo notas sobre medidas da Unesco visando auxílio a jovens compositores, programa de apresentação do *Concerto da Juventude* e concurso para concorrer a bolsa de estudos no Conservatório de Paris, por intermédio do Conservatório Brasileiro de Música.

Radamés Gnattali na OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 11 set. 1951.

Síntese do artigo: Sobre o concerto promovido pela prefeitura e oferecido ao Congresso da União Internacional de Advogados. Após comentar que a primeira parte do programa revelou-se um verdadeiro homicídio artístico – transcrição da *Tocata e Fuga em Ré m*, de Bach, “transportada para uma linguagem absolutamente ridícula de poema sinfônico, numa orquestração de tal modo primária [...] transformando uma obra de arte numa caricatura” –, Edino ressalta o programa, detendo-se especialmente no *Concerto para piano e orquestra*, de Radamés Gnattali, tendo como solista a pianista Nícia Roubaud, afirmando que a obra nos interessa em particular pela infrequência de sua participação em nossos concertos sinfônicos. Seguem-se notas sobre a programação da semana.

Violinista Nathan Schwartzman. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 12 set. 1951.

Síntese do artigo: Sobre o concerto do violinista no Salão Leopoldo Miguez da Escola Nacional de Música, com a colaboração do pianista Alceo Bocchino, ressaltando a trajetória do instrumentista sob a orientação de Edgardo Guerra e Paulina d’Ambrosio, até seus estudos com Galamian na Juilliard School of Music de Nova York. O artigo traz ainda notas sobre a programação da semana.

Artigo sem título. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 13 set. 1951.

Síntese do artigo: Divulga os principais concertos e eventos da área, como a apresentação do conjunto Angelicum de Milão no Municipal, o recital do violoncelista italiano Renzo Brancaleon, sob a regência do pianista Carlo Zecchi, ao microfone da Rádio Ministério da Educação, o programa do recital do violinista Nathan Schwartzman, as reuniões do Centro de Coordenação do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, inscrições para o concurso de bolsas de estudos no Conservatório de Paris, o concerto da pianista Velta Valt no Municipal, a participação de Almirante no programa *Música para a Juventude*, a realização do Terceiro Curso

Internacional de Férias da Pro Arte em Teresópolis, além da programação de óperas da semana.

O retorno do Angelicum de Milão. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 14 set. 1951.

Síntese do artigo: O articulista ressalta que o sopro da arte voltou à Temporada Lírica com a apresentação do citado grupo. “Tudo parece respirar com nova força no velho palco do castigado Municipal – castigado pela mediocridade de um repertório chamariz e sem valor artístico, pela visão estética e pela ganância dos organizadores de nossas estações operísticas.” Afirma ainda que o entusiasmo nos espetáculos do Angelicum provém do conteúdo da obra e da qualidade da realização.

Artigo sem título. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 17 set. 1951.

Síntese do artigo: Divulga as óperas e concertos da semana, o concerto lírico promovido pelo Instituto Brasil-Itália, que oferece uma bolsa de estudos a um cantor brasileiro para realizar estágio de um ano na Itália, e ainda a visita do compositor tcheco Ernst Krenek para integrar o corpo docente do Terceiro Curso Internacional de Férias da Pro Arte em Teresópolis.

Cancioneiros do Nordeste. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 18 set. 1951.

Síntese do artigo: Sobre o programa dominical da Rádio Ministério da Educação na Escola Nacional de Música, contando com a participação de Almirante, que iniciou o público no domínio da arte fabulosa dos cantores nordestinos, definindo-lhe as formas e o caráter, apresentando-a por intermédio de autênticos poetas e cancioneiros populares oriundos de Pernambuco, da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Aborda ainda alguns aspectos da cantoria nordestina, entre eles o modalismo. Integram o artigo notícias sobre a despedida dos Piccoli de Podrecca no Teatro República, o programa de concerto do Angelicum, a apresentação da ópera *Aída*, de Verdi, e o recital da cantora Vanja Orico, recém-chegada da Europa, no Theatro Municipal.

A criação musical inglesa de 1945 a 1950 (Uma publicação de Frank Howes). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 19 set. 1951.

Síntese do artigo: Comenta o ensaio publicado pelo crítico musical londrino, que funciona como uma extensão de um trabalho anterior intitulado *Music since 1939*. Divulga ainda a estreia do Quarteto Húngaro, o adiamento da ópera *Il matrimonio segreto*, de Cimarosa, pelo Angelicum, a apresentação da bailarina Iva Kitchel no Recife e os principais intérpretes do *Barbeiro de Sevilha*, de Rossini, no Municipal.

**Edino divulga
o programa
dominical da
Rádio Ministério
da Educação na
Escola Nacional
de Música,
contando com a
participação de
Almirante.**

Dificuldades e problemas do jovem intérprete no Brasil. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 20 set. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a inadequação e a insatisfação dos jovens intérpretes quando regressam de um estágio num meio mais desenvolvido, como Europa e Estados Unidos, que provocam naturalmente um alargamento de horizontes e o confronto com o nosso meio musical acanhado. “Nossos Departamentos Oficiais de Cultura são em geral ineficientes no amparo aos jovens musicistas”, ressalta a pianista Iris Bianchi, recém-chegada de Paris, estando em nossa cidade para participar de um concerto com a Orquestra Sinfônica Brasileira sob a regência de Eleazar de Carvalho.

Il matrimonio segreto pelo Angelicum. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 24 set. 1951.

Síntese do artigo: Apresentação da obra de Cimarosa, considerada por Edino como sendo sua obra mais importante, no Theatro Municipal. “Contemporâneo de Haydn e Mozart, Cimarosa realiza em sua obra os ideais estéticos do classicismo setecentista. [...] A influência do racionalismo filosófico do século XVIII se observa na música dos autores citados pelo predomínio da razão sobre o sentimento [...]” Segundo o crítico, a atuação musical e cênica do conjunto foi caracterizada por um grande equilíbrio individual e de conjunto, resultando num espetáculo totalmente homogêneo sob todos os aspectos. Integram ainda o artigo notas sobre óperas e concertos da semana e a apresentação do pianista brasileiro Homero de Magalhães na Sala Chopin Pleyel, em Paris.

Três quartetos de Beethoven. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 25 set. 1951.

Síntese do artigo: Notícia o programa do segundo recital do Quarteto Húngaro na temporada camerística da Pro Arte, na Associação Brasileira de Imprensa, que constou, entre outros números, da apresentação *dos quartetos op. 18 número 6 e 3 e op. 131*, fazendo uma breve análise da evolução formal e estética do compositor com base nas obras apresentadas. Menciona ainda o programa do recital da pianista Berenice Menegale no Salão Leopoldo Miguez da Escola Nacional de Música.

Sociedade Pró Teatro Experimental da Ópera. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 26 set. 1951.

Síntese do artigo: Constituição jurídica da supracitada entidade fundada em julho de 1951, com o propósito de incrementar o desenvolvimento e a divulgação desse gênero musical entre nós. “Medida indispensável para o maior desenvolvimento do TEO e sua participação na temporada de 1952 foi a criação da Orquestra Experimental de Ópera, organizada pelo maestro André Vivante e funcionando já em caráter definitivo.” Integram o artigo, sob a forma de notas, a programação de óperas e concertos da semana, uma conferência do professor José Oiticica promovida pela Sociedade Coral Bach e a estreia da bailarina Iva Kitchel.

Edino comenta a constituição jurídica da Sociedade Pró Teatro Experimental da Ópera fundada em julho de 1951, com o propósito de incrementar o desenvolvimento e a divulgação desse gênero musical entre nós.

Duas obras de Aaron Copland. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 27 set. 1951.

Síntese do artigo: Gravação, pelo sistema *long playing*, do *Concerto para clarinete e orquestra de cordas, com harpa e piano*, e do *Quarteto para piano, violino e violoncelo* do citado autor. Com relação ao *Concerto*, Edino ressalta: “Da passagem do compositor pelo Brasil encontram-se na obra reminiscências evidentes não só numa sequência melódica de certo modo relacionada com o ‘chorinho’ instrumental brasileiro [...], como também na utilização intencional da segunda frase do baião *Balancê*.” Quanto ao *Quarteto*: “Marca um dos pontos altos da criação de Copland, apresentando-se como produto de um completo amadurecimento da personalidade do compositor.” Seguem-se ainda notas sobre a programação de óperas e concertos, assim como a primeira audição de Copland no Brasil.

Quarteto 1950 (Duas obras de Aaron Copland (II)). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 28 set. 1951.

Síntese do artigo: Edino comenta que esta obra encerra uma particularidade na criação de Copland, esclarecendo, todavia, que tal singularidade não condicionaria, por si só, o valor e a maturidade da obra. Copland realiza no citado quarteto “sua primeira – e talvez última – experiência com a técnica dodecafônica, a qual utiliza livremente e em particular como organização melódica”. Convida os leitores para a audição da mesma através do programa *Música Viva*, da Rádio Ministério da Educação. Integram o artigo notas divulgando as óperas e concertos da semana, o *Festival Beethoven* na OSB, um curso de alta interpretação com Magdalena Tagliaferro no auditório do Ministério da Educação, o programa do terceiro concerto do Quarteto Húngaro e o concurso para escolha de um vocalista brasileiro para bolsa de estudos no Conservatório de Santa Cecília, em Roma.

**O *Concerto nº 5*,
de Beethoven,
tendo como solista
Heitor Alimonda,
constituiu sem
dúvida o ponto
alto da tarde.**

Edino Krieger

Dois Concertos da OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 1 out. 1951.

Síntese do artigo: Sobre o *Festival Beethoven*, arranjado à última hora em virtude da impossibilidade de realização do programa anunciado. Edino considerou não ser esta a melhor solução, mas ressaltou que “o *Concerto nº 5 para piano e orquestra*, tendo como solista Heitor Alimonda, constituiu sem dúvida o ponto alto da tarde como realização artística”. O segundo concerto contou com a apresentação de dois *Noturnos* de Debussy, uma página de Alda Caminha e *El salon Mexico* de Copland, em primeira audição no Brasil, sob a regência de Bernardo Federowsky, e ainda o *Concerto nº 2 para piano e orquestra*, de Rachmaninoff, tendo como solista Iris Bianchi sob a regência de Eleazar de Carvalho. Integram o artigo notas sobre a programação de óperas e concertos e um concurso de composição instituído pela Bienal de São Paulo.

Pelo Quarteto Húngaro. Brahms e César Franck. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 2 out. 1951.

Síntese do artigo: O articulista detém-se mais pormenorizadamente na

apreciação do estilo e da linguagem musicais dos dois autores, mostrando que “o espírito clássico de Brahms prepara o caminho, através de uma tendência ao construtivismo” e que César Franck “já se apresenta como um precursor do impressionismo”. Sobre a atuação do conjunto, afirma que “nada deixou a desejar como integridade técnica e estilística”. “Sua fusão é apreciável, não obstante a frequência diversa do ‘vibrato’ da viola para com os demais instrumentos.” Integram o artigo notas sobre a programação semanal de óperas e concertos, a audição de uma obra de Luís Cosme e a abertura das inscrições para o Terceiro Curso Internacional de Férias.

Os métodos estrangeiros de técnica vocal adotados em nossas classes de canto não favorecem a preparação dos alunos para a execução de peças brasileiras.

Cacilda Barbosa

Estudos brasileiros para canto. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 3 out. 1951.

Síntese do artigo: Publicação lançada pela professora Cacilda Borges Barbosa, constando de um volume com 20 estudos, e outro, mais complexo, com 30 vocalises, em que a autora ressalta: “Os métodos estrangeiros de técnica vocal adotados em nossas classes de canto não favorecem a preparação dos alunos para a execução de peças brasileiras, em face dos ritmos próprios dessas composições.” Integram o artigo notas sobre a programação de óperas e concertos da semana, calendário do concurso para bolsa de estudos no Conservatório Nacional de Santa Cecília, programação do *Música para a Juventude* e programa de despedida do Quarteto Húngaro.

Debussy, Bartók e Villa-Lobos. Despedida do Quarteto Húngaro. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 4 out. 1951.

Síntese do artigo: Sobre o recital da temporada camerística da Pro Arte realizado na ABI. Edino comenta que não houve, na elaboração desse programa reservado aos “Modernos”, uma preocupação de representar as principais correntes da criação musical contemporânea. Todavia, faz referência ao magnífico desempenho do Quarteto Húngaro na realização das três obras, pela compreensão artística das mais completas, aliada ao domínio técnico de cada um de seus participantes. Seguem-se notícias esparsas sobre a programação semanal de óperas e concertos.

Fim de linha. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 5 out. 1951.

Síntese do artigo: “O atribulado veículo da Temporada Lírica Internacional chega hoje ao fim de sua jornada com sua carga de realizações medíocres e sua carcaça um tanto avariada pelos pesados bombardeios da crítica”. Segundo o articulista, o argumento de que os espetáculos, apesar de medíocres, foram apresentados com a lotação esgotada, só poderá convencer a quem não discerne uma temporada artística de um campeonato de futebol. Ressalta ainda que em meio caminho ficaram as promessas não cumpridas, sufocadas pela avidez dos mercenários. Seguem-se notícias sobre a programação semanal de óperas e concertos.

Edino divulga o Prêmio de Viagem a Paris recebido pela jovem pianista brasileira, que deverá seguir este mês para a França.

Dina Gombarg. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 6-7 out. 1951.

Síntese do artigo: Sobre o Prêmio de Viagem a Paris recebido pela jovem pianista brasileira, que deverá seguir este mês para a França com uma bolsa de estudos oferecida pelo governo francês. Integram o artigo notícias sobre o concerto da OSB sob a regência de Eleazar de Carvalho, a estreia do pianista Antonio Raco, o recital de Magdalena Tagliaferro na Congregação da Faculdade Nacional de Medicina e o recital do violinista Moysés Castro e da pianista Rosa Steiman no Salão Leopoldo Miguez da Escola Nacional de Música.

Dois jovens à frente da OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 9 out. 1951.

Síntese do artigo: Comenta a participação do regente Bernardo Federowsky e do violinista Salomão Rabinovitz no concerto da série *Juventude Escolar*, realizado na manhã de domingo no Cine Teatro Rex. Integram ainda o artigo notas sobre o recital da jovem pianista Arcy Pereira de Melo, óperas e concertos da semana, divulgação do corpo docente do Terceiro Curso Internacional de Férias da Pro Arte em Teresópolis e o recital da cantora Zilda Hamburger, acompanhada pelo pianista Hermelindo Castelo Branco, na ABI.

Notas e notícias. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 10 out. 1951.

Síntese do artigo: O articulista se detém mais demoradamente na dificuldade apresentada pela Orquestra Universitária, que deveria ser organizada exclusivamente com estudantes e amadores, mas que revela a presença de inúmeros instrumentistas profissionais. Edino aponta como solução a possibilidade da formação de um conjunto de cordas realmente universitário, com a participação esporádica de instrumentos de sopro, aliada a uma nova concepção de escolha de repertório, com a utilização de obras escritas antes do classicismo. O artigo inclui ainda notas sobre o programa do recital da cantora Zilda Hamburger, o concerto da pianista Ivy Improta, a divulgação do Concurso de Composições Musicais na Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo e o recital da cantora Yara Coelho no Salão Leopoldo Miguez da Escola Nacional de Música.

O *Orfeu*, de Gluck, na Cultura Artística. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 11 out. 1951.

Síntese do artigo: Edino faz um balanço da temporada atual da supracitada organização, ressaltando o critério observado para a escolha das óperas até agora apresentadas, cuja preocupação primeira tem sido a de realizar espetáculos de interesse estético e significação cultural, mais do que a de apresentar obras capazes de assegurar, por sua popularidade, um sucesso de bilheteria. Integram o artigo notas referentes à programação semanal de óperas e concertos, o recital da pianista Flora Nudelman, a apresentação da Orquestra Sinfônica da Juventude sob a regência da professora Joanídia Sodré, o recital da pianista Marina Cordovil e o programa *Música para a Juventude*.

Edino comenta a apresentação da ópera de Gluck, chamando a atenção para a importância histórica e estética dessa obra.

Pianista Marina Cordovil. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 12 out. 1951.

Síntese do artigo: Crítica do recital realizado no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, com um programa dedicado ao período pré-romântico. “A pianista Marina Cordovil revela, de início, um critério seletivo incomum na elaboração de seu programa: é raro encontrar-se atualmente um concertista capaz de prescindir de obras consideradas ‘obrigatórias’ num recital – tais como as do período que se estende de Beethoven a Liszt, pontilhado por Schubert, Schumann e muito particularmente Chopin.” Integra o artigo a programação semanal de óperas e concertos.

Duas estreias. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 15 out. 1951.

Síntese do artigo: Sobre as estreias da soprano lírica alemã Erna Berger e da violinista polonesa Ida Haendel na temporada da Cultura Artística e Pro Arte, respectivamente. Integram o artigo notas sobre o Terceiro Curso Internacional da Pro Arte, o recital da pianista Dulcemar Lafaille Silva, e ainda a divulgação de concurso para escolha de um cantor brasileiro para estagiar no Conservatório Santa Cecília, em Roma.

Orfeu ed Euridice na Cultura Artística. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 16 out. 1951.

Síntese do artigo: Comenta a apresentação da ópera de Gluck, chamando a atenção para a importância histórica e estética dessa obra, que representa o primeiro passo no entrosamento da música com a ação dramática, lançando a pedra fundamental para o aparecimento de Wagner. Integram o artigo notas referentes ao regresso de Koellreutter do exterior, ao recital da soprano Erna Berger e da violinista Ida Haendel e à apresentação da obra *Novena à Senhora da Graça*, do compositor Luís Cosme.

Ernst Krenek virá ao Brasil. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 17 out. 1951.

Síntese do artigo: Refere-se à participação do citado musicista no Terceiro Curso Internacional de Férias de Teresópolis, passando por toda a atividade intelectual de Krenek, tanto no terreno da crítica quanto nos domínios da pedagogia, da musicologia e ainda da criação musical, como professor e compositor. Integram ainda o artigo notícias sobre a participação do maestro Désiré Defauw, em curso de alta interpretação musical, o concurso de canto promovido pelo Centro Cultural Brasil-Itália, a audição de alunos na ABI, o próximo concerto da Orquestra Sinfônica da Juventude e o recital da pianista Elza Lakschevitz na Escola Nacional de Música.

Novena à Senhora da Graça de Luís Cosme. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 18 out. 1951.

Síntese do artigo: Comenta a apresentação da citada peça nos Concertos Camerísticos do Grupo Música Viva, no Museu de Arte de São Paulo, e sua reapresentação na série de programas que a Rádio MEC apresentou no Salão

Edino divulga o resultado do concurso “O Grande Caruso”, realizado no Theatro Municipal com representantes de 10 países.

Leopoldo Miguez da Escola Nacional de Música, abordando ainda a evolução estético-musical do compositor. Integram a coluna notícias musicais esparsas.

João Gibin vence o prêmio Mário Lanza. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 20-21 out. 1951.

Síntese do artigo: Divulga o resultado do concurso “O Grande Caruso”, realizado no Theatro Municipal com representantes de 10 países, sendo vitorioso o barítono paulista. Integram o artigo notícias sobre o programa *Música para a Juventude*, a estreia da soprano Erna Berger, o concerto da OSB e os recitais do pianista Gerardo Parente e do tenor Beniamino Gigli.

Nova carta aberta de Guarnieri. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 22 out. 1951.

Síntese do artigo: Notícia que Camargo Guarnieri escreveu uma nova carta aberta aos músicos brasileiros. “Esperemos, pois, que se confirme a notícia de que Camargo Guarnieri voltará a se manifestar sobre o momentoso assunto, lançando um pouco de luz sobre a confusão suscitada por sua própria atitude tomada na Carta Aberta.” Integram o artigo notícias musicais esparsas.

Uma palestra com Flora Nudelman. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 23 out. 1951.

Síntese do artigo: Narra uma conversa com a pianista russa naturalizada argentina, antes da apresentação do *Concerto em Mi b*, de Liszt, com a Orquestra da Rádio Nacional sob a regência do Maestro Peracchi. Integram o artigo notícias musicais esparsas.

Concurso de sonatas para piano. Iniciativa do pianista Miécio Horsowsky. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 24 out. 1951.

Síntese do artigo: Divulga a sugestão encaminhada pelo citado músico à Academia Brasileira de Música, e por esta encampada, esclarecendo as condições estabelecidas para o concurso e o respectivo regulamento. Integram o artigo notícias musicais esparsas.

Soprano Erna Berger. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 25 out. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação da soprano aos associados da Cultura Artística, no Theatro Municipal, com comentários sobre a performance da cantora. Integram o artigo notícias sobre o Orfeão Francisco Manuel, o recital do baixo cantante Oswaldo Neiva acompanhado por Lourdes Vallier, o recital das sopranos Letícia de Figueiredo e Regina Silveiras, e ainda o concurso de canto patrocinado pelo Instituto Cultural Brasil-Itália.

Orfeão Francisco Manuel. O exemplo de 12 jovens universitários. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 26 out. 1951.

Síntese do artigo: Apreciação crítica da apresentação do conjunto vocal masculino,

no auditório do Serviço Nacional de Teatro, sob a regência do maestro Abelardo Magalhães. “A falta de ‘estrelas’, de ‘divos’ capazes de produzir gorjeios, à moda italiana, não constitui nenhum grave impedimento: ao contrário, o conjunto apresenta-se assim mais homogêneo em seu material de vozes – material que poderá ser levado, com exercícios de conjunto, a um enriquecimento maior de suas possibilidades técnicas e expressivas.” Integram o artigo notícias musicais esparsas.

Notas esparsas. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 27-28 out. 1951.

Síntese do artigo: A coluna abarca comentários sobre a comemoração do 10º aniversário da Associação de Canto Coral, o recital da violinista polonesa Ida Haendel, a postura do cantor Beniamino Gigli de se conformar cada vez mais com o espírito camerístico do canto, uma série de concertos culturais promovidos pela Academia Brasileira de Música em combinação com o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, o 20º programa da série *Música para a Juventude*, um concerto vocal no salão nobre da Associação Cristã de Moços, o recital do violinista Lambert Ribeiro e a apresentação da *História do Soldado*, de Stravinsky, no programa *Música Viva*.

**Edino difunde
o regulamento
e os prêmios
do Concurso
de Composição
aberto em
Luxemburgo para
compositores.**

Concurso Internacional de Composição. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 29 out. 1951.

Síntese do artigo: Divulga o regulamento e os prêmios do Concurso de Composição aberto em Luxemburgo para compositores de qualquer idade ou nacionalidade, instituído pela Rádio Oficial daquele país sob a égide de Sua Alteza a Grã-Duquesa Charlotte de Luxemburgo. Integram o artigo notícias musicais esparsas.

Violinista Ida Haendel. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 30 out. 1951.

Síntese do artigo: Apreciação do único recital da violinista polonesa naturalizada britânica para o público carioca, no Municipal, sob os auspícios da Pro Arte e da ABC, com análise da performance da artista. Integram o artigo notícias musicais esparsas.

Três concertos corais. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 31 out. 1951.

Síntese do artigo: Sobre as apresentações dos corais da Associação de Canto Coral, do Orfeão Carlos Gomes do Instituto de Educação e da classe de Canto Coral da professora Ceição de Barros Barreto. Integram ainda o artigo notas sobre o recital do Quarteto Haydn, o recital da cantora Letícia de Figueiredo, a despedida do pianista Wilhelm Backhaus, inscrições para bolsa de estudos para o Terceiro Curso Internacional de Férias de Teresópolis, a apresentação da 2ª parte da *História do Soldado*, de Stravinsky, e o *Concerto da Juventude* no Cine Teatro Rex.

O Orfeão Carlos Gomes no Municipal. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 3-4 nov. 1951.

**Edino divulga
comunicado aos
compositores
interessados em
enviar partitura
para participar
do Festival
Internacional
da Sociedade
Internacional
de Música
Contemporânea.**

Síntese do artigo: Refere-se à apresentação do citado coral sob a direção da professora Hylda do Nascimento e Silva, com a indicação de todas as obras apresentadas, chamando a atenção para o fato de que algumas são escritas originalmente para coro, enquanto outras são adaptadas. Integra ainda o artigo a divulgação do Programa *Música para a Juventude*, que contará com a participação da OSB, sob a regência do maestro Léo Peracchi, tendo a soprano Regina Silveiras como solista.

Sociedade Internacional de Música Contemporânea”. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 5 nov. 1951.

Síntese do artigo: Informes da Assembleia Geral realizada pela Sociedade Internacional de Música Contemporânea, com sede em Londres, por meio do delegado brasileiro presente aos trabalhos, Hans-Joachim Koellreutter. Como subtítulos, temos ainda: Despedida de Backhaus; Bolsa de estudos para Roma; Pianista Lydia Podorolsky; Villa-Lobos e a Mark Twain Society, e *Música para a Juventude*.

Música brasileira para o Festival de Salzburgo. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 6 nov. 1951.

Síntese do artigo: Comunicado da Seção Brasileira da Sociedade Internacional de Música Contemporânea aos compositores do Brasil interessados em enviar partitura para participar do Festival Internacional da Sociedade Internacional de Música Contemporânea, a realizar-se em Salzburgo, na Áustria. Como subtítulos encontramos ainda: Índice cultural do Rio; Schnabel e Krenek virão ao Brasil; Hoje, o recital de Backhaus; Carmen Farnese e J. Otaviano e soprano Alice Ribeiro.

Backhaus e a geração dos mestres. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 7 nov. 1951.

Síntese do artigo: Recital de despedida realizado no Municipal e as características dessa geração de artistas, adaptando-se às novas condições sociais, tornando-se na maioria das vezes técnicos especializados.

Vai ao Paraná a Associação de Canto Coral. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 8, nov. 1951.

Síntese do artigo: Sobre o convite da Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê, de Curitiba, para o citado coral se apresentar no Paraná em dois concertos. Como subtítulos temos ainda: Concerto sinfônico no Municipal; Backhaus e o Quarteto Húngaro; Conjunto Orquestral Francisco Braga; Orquestra de Cordas Macabi; Bolsa de estudo e Concerto vocal.

Fim de semana. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 9 nov. 1951.

Síntese do artigo: Notas sobre todas as realizações musicais previstas para o período, além da divulgação de eventos e palestras ressaltados sob a forma de subtítulos: Uma audição de alunos; Recital da pianista Blurette Bukowitz;

**Edino tece
comentários
sobre o declínio
do Carnaval e
os interesses
puramente
comerciais das
gravadoras.**

Música Brasileira para o Festival de Salzburg; Conferência intitulada “Impressões sobre o Egito”; Orquestra Universitária e Conjunto Orquestral Francisco Braga.

Gravações para o Carnaval. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 10-11 nov. 1951.

Síntese do artigo: Comentário sobre o declínio do Carnaval e os interesses puramente comerciais das gravadoras. Integram o artigo outros subtítulos como: Associação de Canto Coral; Conjunto Orquestral; Violinista Marcos Granchi; Orquestra Macabi; Terceiro Curso Internacional de Férias e *Música para a Juventude*.

Backhaus e o Quarteto Húngaro. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 12 nov. 1951.

Síntese do artigo: Cita a iniciativa da Pro Arte e da ABC, reunindo num recital o pianista Wilhelm Backhaus e o Quarteto Húngaro. Integram o artigo outras notas, com os seguintes subtítulos: Violinista Marcos Granchi; Orquestra Universitária; Estreantes na ABI; Temporada de balé no Municipal; Irmgard Mueller irá estudar em Roma; e Conferência sobre a música egípcia.

Semana da Música. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 13 nov. 1951.

Síntese do artigo: Menciona a Semana da Música, criada pela Resolução nº 22 de 20/9/48, a ser comemorada entre 16 e 22/11/51, organizada pela Secretaria Geral de Educação e Cultura. O artigo traz como subtítulo principal: Francisco Mignone eleito diretor do Municipal, e outros subtítulos secundários: Lamberto Baldi e Jacques Ripoché com a OSB; Festival Internacional de Salzburgo; Temporada de balé e *Cantores do Céu* na Rádio Nacional.

Recital de sonatas na Bienal de São Paulo. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 14 nov. 1951.

Síntese do artigo: Única realização musical da Bienal, destinada a um recital de sonatas para violino e piano, a cargo da violinista Alteia Alimonda e da pianista Lydia Alimonda, integrando o repertório do concerto a sonata vencedora do concurso de sonatas de autores brasileiros. Integram o artigo outros subtítulos, a saber: Hoje, estreia da Temporada de balé; A Semana da Música e Terceiro Curso de Férias da Pro Arte.

Ballet no Municipal?. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 17-18 nov. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a primeira apresentação do balé do Theatro Municipal na Temporada de Arte Nacional, com divulgação do programa apresentado e destacando algumas performances. Como subtítulos, encontramos: *Música para a Juventude* e Concertos Culturais.

Concertos de música contemporânea em Recife. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 20 nov. 1951.

Edino divulga o Terceiro Curso Internacional de Férias organizado pela Pro Arte em Teresópolis, que conta com a participação de mestres conceituados no Brasil e no exterior.

Síntese do artigo: Apresentação do Agrupación Nueva Música de Buenos Aires e a recepção dos pernambucanos em torno das realizações artísticas, segundo a ótica do compositor e flautista argentino Esteban Eitler. Integram ainda o artigo notícias musicais esparsas.

Um fórum para a juventude. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 21 nov. 1951.

Síntese do artigo: Sobre o Terceiro Curso Internacional de Férias organizado pela Pro Arte em Teresópolis, que conta com a participação de mestres conceituados no Brasil e no exterior para trabalhar com os jovens. Acompanham o artigo outras notícias, com os seguintes subtítulos: Novo departamento do CBM; Concerto Coral da Semana da Música e Eleazar de Carvalho na Bélgica.

Temporada de bailados. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 23 nov. 1951.

Síntese do artigo: Refere-se ao segundo espetáculo da atual temporada coreográfica do corpo de Baile do Theatro Municipal e à possibilidade de se organizarem temporadas regulares no Municipal. Integram o artigo outros subtítulos, como: *Música para a Juventude*; Pianista Heitor Alimonda; Vespéral de balé e Orquestra Sinfônica Brasileira.

Um voto de solidariedade. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 24-25 nov. 1951.

Síntese do artigo: Anuncia que a crítica musical carioca, composta por Edino Krieger, Renzo Massarani, Andrade Muricy e Eurico Nogueira França, tomou a si a oportunidade de colocar em seus devidos termos a situação interna da Diretoria da Escola Nacional de Música, que vem substituindo em seus programas oficiais as obras mais importantes da literatura musical de todos os tempos (brasileira e internacional) por obras do compositor Carlos Anes, salientando ainda que o programa de piano do citado estabelecimento inclui 48 peças do compositor supracitado. O artigo traz outras notícias musicais esparsas.

Comemorando uma vitória. O concerto da OSB e o regozijo pela causa vencida. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p.7, 26 nov. 1951.

Síntese do artigo: Comenta o belo concerto realizado no sábado à tarde e a vitória pela aprovação, pelo Senado e pela Câmara Federal, da verba solicitada ao Governo da República como suporte financeiro para enfrentar as enormes despesas da Orquestra Sinfônica Brasileira. Integram ainda o artigo notícias musicais esparsas.

Último concerto da Cultura Artística. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 27 nov. 1951.

Síntese do artigo: Discorre sobre a temporada que a Cultura Artística proporcionou aos seus associados e o concerto de encerramento, que contou com a Associação de Canto Coral, num reconhecimento auspicioso da

O terceiro espetáculo de bailados da Temporada de Arte Nacional teve como único atrativo em seu programa o *Maracatu de Chico Rei*, de Mignone.
Edino Krieger

importância crescente que vem conquistando esse conjunto entre os nossos disponíveis artísticos. Integram ainda o artigo notícias musicais esparsas.

Maracatu de Chico Rei. Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p. 7, 28 nov. 1951.

Síntese do artigo: Aborda o terceiro espetáculo de bailados da Temporada de Arte Nacional, que, segundo o autor, teve como único atrativo em seu programa o *Maracatu de Chico Rei*, de Mignone, sobre um argumento épico de Mário de Andrade, numa coreografia de Edy Vasconcelos. Integram o artigo outros subtítulos, a saber: Dircéa Sócrates Amorim; Concurso Miécio Horsowsky; Eleazar de Carvalho na Europa; e Homenagem a Lorenzo Fernandez.

O canto das florestas. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 29 nov. 1951.

Síntese do artigo: Fala sobre o *long-play* lançado pela companhia francesa de gravações *Chant du monde*, com uma das obras mais recentes do compositor soviético Dimitri Shostakovitch, composta para comemorar os trabalhos de reflorescimento na União Soviética. Integram o artigo outros subtítulos, como: Vespéral de bailados; Biografias em gravações; *Música para a Juventude*; e Conservatório de Canto Orfeônico.

A música de câmara na Temporada 1951. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 1-2 dez. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a escassa atividade camerística e a temporada de câmara com apresentações do Quarteto Barylli, Quarteto Vegh, Quarteto Húngaro, Quarteto Haydn, e ainda recitais de câmara com a participação de Cristina Maristany, Iberê Gomes Grosso e Oscar Borgerth. Integram o artigo os seguintes subtítulos: Karl Ulrich Schnabel; Magdalena Tagliaferro; Sociedade Internacional de Música Contemporânea; III Curso Internacional de Férias; e *Música para a Juventude*.

Associação de Canto Coral. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 3 dez. 1951.

Síntese do artigo: Trata do concerto realizado no dia anterior na série dominical da Rádio MEC, na Escola de Música, e da importância dessa organização para o canto coral. Integram o artigo outros subtítulos, como: Recital de Magdalena Tagliaferro; Pianista Arnaldo Marchesotti; Concerto Coral-Sinfônico; Recital de Canto; e Orquestra Sinfônica Brasileira.

Concurso de Sonatinas – Henrique Gandelman obtém o Prêmio Horsowsky. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 4 dez. 1951.

Síntese do artigo: Refere-se ao concurso instituído pelo pianista Miécio Horsowsky e organizado pela Academia Brasileira de Música, contando com a participação de Luís Cosme, Cláudio Santoro e José Vieira Brandão na comissão julgadora. Integram o artigo outros subtítulos, a saber: III Curso Internacional de Férias; Recital de Arnaldo Marchesotti; Reunião da SIMC; Maria de Lourdes Cruz Lopes e Tenor Francisco Cardoso.

Três concursos internacionais de composição. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 5 dez. 1951.

Síntese do artigo: Divulga os concursos de composição instituídos pela Academia Internacional de Música, com sede em Gênova, compreendendo composições para música de câmara, para violino solo e para piano, com instruções completas sobre as inscrições e premiações. Integram o artigo outros subtítulos, a saber: Transferido o recital de Canto; Último espetáculo de balé; Escola Cultural de Arte; e Orquestra Sinfônica Brasileira.

Um jovem discípulo de Scherchen. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 7 dez. 1951.

Síntese do artigo: Sobre a trajetória de Ernesto Schurmann como estudante de violino sob a orientação de Paulina d'Ambrosio, passando pela Orquestra Estudantil de Raphael Baptista até os estudos de regência com Hermann Scherchen, em Zurich. A crônica traz como subtítulo: Hoje, o último espetáculo de balé.

Fatos e notícias. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 8-9 dez. 1951.

Síntese do artigo: Aborda o concerto da Orquestra Sinfônica Brasileira sob a regência de Lamberto Baldi, contando com duas primeiras audições de obras importantes como as *Três Laudes*, de Luigi Dallapiccola, e a *Sinfonia em Ré*, de Carl Phillip Emanuel Bach. Divulga ainda uma verba anual do governo para apoio de Orquestra Universitária fundada por Raphael Baptista, além de chamada para reunião do Conselho Deliberativo da Seção Brasileira da Sociedade Internacional de Música Contemporânea. Integram ainda o artigo outros subtítulos, a saber: Teatro Experimental de Ópera; Audição de alunos; Curso de piano do Colégio dos Santos Anjos; Último *Concerto da Juventude*; e Homenagem à imprensa.

**Edino divulga
as estreias da
Sinfonia em Ré,
de Carl Phillip
Emanuel Bach, e
as *Três Laudes*, de
Luigi Dallapiccola,
em primeira
audição na
América do Sul.**

Duas estreias sul-americanas. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 10 dez. 1951.

Síntese do artigo: Comenta as estreias da *Sinfonia em Ré* de Carl Phillip Emanuel Bach e as *Três Laudes*, de Luigi Dallapiccola, em primeira audição na América do Sul, com a Orquestra Sinfônica Brasileira sob a regência de Lamberto Baldi. Integram ainda o artigo subtítulos como: Compositor Henrique Gandelman; Associação de Canto Coral; Pianista Ivy Improta e Recital de Canto.

O Festival de Música de Câmara no III Curso Internacional de Férias. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 11 dez. 1951.

Síntese do artigo: Trata dos concertos camerísticos programados para o Curso de Férias promovido pela Pro Arte em Teresópolis. Integram o artigo os seguintes subtítulos: *Música para a Juventude*; Associação de Canto Coral; Pianista Ivy Improta; Homenagem a Nicolino Milano; e Sociedade Internacional de Música Contemporânea.

**Edino informa
sobre a criação
do Intermusic,
que tem como
objetivo um
intercâmbio entre
artistas brasileiros
e italianos.**

Uma data e uma obra. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 12 dez. 1951.

Síntese do artigo: Sobre o transcurso do 10º aniversário da Associação de Canto Coral, nesta data, fazendo menção à primeira apresentação do conjunto feminino, com 22 integrantes, num concerto patrocinado pela Sociedade Pro-Música. Ressalta em especial o excelente trabalho das professoras Cleofe Person de Mattos e Dinah Buccos Alves. Integram o artigo outros subtítulos: 5.000º Concerto da Filarmônica de Nova York; Audições de alunos; e Pianista Dyla Josetti.

Renovação ou morte. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 13 dez. 1951.

Síntese do artigo: Critica as rotinas das temporadas livres do Municipal e do ensino musical, que vêm levando à estagnação, com a criação de um círculo que se repete mecanicamente, sem considerar as transformações que se operam no tempo e no espaço. Integram ainda o artigo notícias musicais esparsas.

Intercâmbio concertístico internacional. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 14 dez. 1951.

Síntese do artigo: Informa sobre a criação do Intermusic, que tem como objetivo um intercâmbio entre artistas brasileiros e italianos, e o primeiro desses encontros, realizado a 15 de novembro de 1951 no Palácio Antici Mattei, contando com a apresentação da jovem pianista brasileira Sula Jaffé. Integram ainda o artigo notícias musicais esparsas.

Matinais de música e bailados. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 15-16 dez. 1951

Síntese do artigo: Sobre os concertos de encerramento da temporada, ressaltando os da Orquestra Sinfônica Brasileira, do Corpo de Baile do Municipal, e também do programa *Música para a Juventude*, organizado pela Rádio MEC. Integram ainda o artigo notícias musicais esparsas.

Mignone, Dallapiccola e César Franck. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 17 dez. 1951.

Síntese do artigo: Aborda o encerramento do programa *Música para a Juventude*, sob a regência de Lamberto Baldi à frente da Orquestra Sinfônica Brasileira, tendo como solistas a soprano Maria de Sá Earp e a pianista Saloméa Zeigarnikas. Integram ainda o artigo notícias musicais esparsas.

Tenor Roberto Miranda. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 18 dez. 1951.

Síntese do artigo: Recital de canto no Salão Leopoldo Miguez da Escola Nacional de Música, promovido pelo Serviço de Recreação e Assistência Social do Ministério do Trabalho. Integram ainda o artigo notícias musicais esparsas.

**Edino comenta
a programação
esmerada que
a Rádio MEC
manterá, com
músicas de Natal
de todos
os países.**

Recortes e comentários. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 19 dez. 1951.

Síntese do artigo: Refere-se à abordagem de um cronista da *Última Hora* ao falar sobre o vencedor do concurso Miécio Horsowsky – o compositor Henrique Gandelman –, e do colunista musical do *Correio da Noite*, sobre as *Três Laudes*, de Dallapiccola, executadas pela Orquestra Sinfônica Brasileira. Integram ainda o artigo notícias musicais esparsas.

O Natal no rádio brasileiro. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 20 dez. 1951.

Síntese do artigo: Comenta a total ausência de um produto nacional veiculado através das rádios, e a programação esmerada que a Rádio MEC manterá, com músicas de Natal de todos os países, tanto folclóricas quanto eruditas. Integram ainda o artigo notícias musicais esparsas.

Programas de canto. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 21 dez. 1951.

Síntese do artigo: Crítica o aspecto conservador dos programas de canto e a crença errônea de que uma personalidade se cria pela simples repetição das páginas consagradas pelo público.

Encerrando a temporada sinfônica. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 24 dez. 1951.

Síntese do artigo: Sobre o concerto de encerramento da Orquestra Sinfônica Brasileira, mencionando que no dia 27 fará uma retrospectiva. Integram ainda o artigo notícias musicais esparsas.

O roteiro musical de 1951. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 26 dez. 1951.

Síntese do artigo: Trata-se de um retrospecto de todos os concertos, projetos musicais e cursos ocorridos no ano de 1951, com citações de atividades em São Paulo e no Rio de Janeiro, destacando as mais representativas.

Prepara-se o III Curso Internacional de Férias. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 7, 28 dez. 1951.

Síntese do artigo: Aborda os preparativos para o início do Curso da Pro Arte em Teresópolis, com nomeação do corpo docente envolvido, explanação das atividades e informações quanto às inscrições.

Concurso Internacional de Música. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 31 dez. 1951.

Síntese do artigo: Sobre o Concurso Internacional de Música para violinistas, organizado pela Academia Nacional de Santa Cecília, na Itália, em memória de Arrigo Serato. Integram ainda o artigo outros subtítulos: Música de Câmara em Teresópolis e Conservatório do Distrito Federal.

Problemas do ensino musical. Por que não produzimos novos compositores? *Tribuna*

**Edino divulga
o Terceiro Curso
Internacional de
Férias da Pro Arte,
com pedagogos
de primeira
grandeza, entre
eles Ernst Krenek
e Karl Ulrich
Schnabel.**

da Imprensa, Rio de Janeiro, p. 8, 2 jan. 1952.

Síntese do artigo: Expõe a falta de condições para o desenvolvimento de talentos criadores, afirmando que aos nossos conservatórios, no campo da composição, faltam precisamente os mestres. “Falta-lhes uma orientação mais lúcida e maior dinamismo. O fornecimento de regras acadêmicas não basta para formar um criador.”

Problemas do ensino musical. Instrumentos de sopro. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 3 jan. 1952.

Síntese do artigo: O crítico indaga: “Por que apenas aos pianistas e violinistas é dado o estímulo de que necessitam todos os estudantes?”, alegando não ser compreensível, em uma universidade ou em um conservatório, a inexistência de audições camerísticas das quais participem estudantes de todos os instrumentos.

Conservatório do Distrito Federal. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 4 jan. 1952.

Síntese do artigo: Sobre a entrega dos certificados aos alunos que concluíram os cursos técnico-profissionais de instrumentos e matérias teóricas, e os próximos exames de habilitação de seus vários cursos. Como subtítulo, o Concurso Interescolar de Orfeões.

Progresso bimensional. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 5-6 jan. 1952.

Síntese do artigo: Trata do limiar desta nova era musical que estamos vivendo, em seu constante processo de transformação e evolução. Edino diz tratar-se de uma crise generalizada, decorrente de um fenômeno idêntico em todas as artes.

Nota: O título deste artigo aparece conforme foi grafado pelo jornal.

Inaugura-se o III Curso de Férias. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 7 jan. 1952.

Síntese do artigo: Cita o Terceiro Curso Internacional de Férias da Pro Arte, em Teresópolis, contando com um grupo de pedagogos de primeira grandeza, entre eles Ernst Krenek e Karl Ulrich Schnabel, discorrendo sobre as principais atividades artísticas, palestras e cursos.

Problemas do ensino musical. Oboés e Fagotes. Uma palavra do maestro Lazzoli. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 8 jan. 1952.

Síntese do artigo: Sobre a resposta enviada pelo maestro Alberto Lazzoli – catedrático das classes de oboé e fagote da Escola Nacional de Música –, onde o professor lista uma relação de resultados de seu trabalho em prol da formação de novos musicistas, em contraponto à referência feita pelo crítico em sua coluna de quinta-feira, 3 de janeiro de 1952, à página 8.

Inscrições para o CBM. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 9 jan. 1952.

Síntese do artigo: Transcrição, na íntegra, das condições para inscrição para

os exames de admissão aos diversos Cursos do Conservatório Brasileiro de Música.

Relatório da diretoria da OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 10 jan. 1952.

Síntese do artigo: Divulga o relatório de fim de gestão distribuído à imprensa, dando conta da situação financeira, medidas heroicas, auxílios, subvenções e síntese de atividades.

Inicia-se o Festival de Música de Câmara. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 11 jan. 1952.

Síntese do artigo: Sobre as atividades do III Curso Internacional de Férias da Pro Arte, ressaltando o Festival Camerístico anexo ao citado evento. Integram ainda o artigo notícias musicais esparsas.

**O crítico refere-se
ao difícil contato
auditivo do jovem
compositor
brasileiro com suas
próprias obras.**

Um ensaio mensal para os estudantes. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 12-13 jan. 1952.

Síntese do artigo: Refere-se ao difícil contato auditivo do jovem compositor brasileiro com suas próprias obras e à instituição de um ensaio mensal da Orquestra Sinfônica Brasileira a ser criado como estímulo e dedicado inteiramente à leitura de obras sinfônicas de estudantes de composição. Integram o artigo outros subtítulos: Concerto de Câmara; Curso de Bailados; *Ballet* da Juventude; e Associação Brasileira de Concertos.

Problemas do ensino musical. Mais estímulo e melhor orientação pra o estudante de composição. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 14 jan. 1952.

Síntese do artigo: Dando continuidade ao artigo de 2/1/52, Edino Krieger colhe a opinião do então jovem compositor Cláudio Santoro, que indica quatro importantes pontos de discussão, chamando a atenção para o fato de que alguma coisa deve estar errada no ensino oficial de composição no Brasil e alertando que não basta ensinar ao aluno a teoria da composição musical: “É necessário sobretudo não criar entraves ao seu desenvolvimento.” Santoro, citado por Edino, enfatiza ainda que um congresso de compositores para debater o assunto e mais estímulos – prêmios de viagem e concursos –, dentre outras medidas, seriam extremamente importantes.

Problemas do ensino musical. Abolir o academicismo dogmático. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 15 jan. 1952.

Síntese do artigo: Edino Krieger dá seguimento aos artigos anteriores, onde aborda a questão da criação musical brasileira, trazendo em forma de depoimento a contribuição do compositor gaúcho Luís Cosme.

**Edino comenta
a presença do
padre Jaime Diniz
– compositor
e estudioso da
música sacra – no
Terceiro Curso
Internacional
de Férias de
Teresópolis.**

Problemas do ensino musical. Sobre a composição musical em São Paulo. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 16 jan. 1952.

Síntese do artigo: Continuando a enquete que vinha realizando desde o início do ano, Edino reporta-se ao depoimento do compositor Roberto Schnorrenberg, no momento trabalhando com Ernst Krenek no Curso de Férias de Teresópolis.

A música sacra no Brasil. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 17 jan. 1952.

Síntese do artigo: Refere-se ao padre Jaime Diniz – compositor e estudioso da música sacra –, presente no Terceiro Curso Internacional de Férias de Teresópolis, na qualidade de estudante, e realizando paralelamente uma série de palestras com debates sobre a música religiosa de todos os tempos.

A propósito de uma carta. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 18 jan. 1952.

Síntese do artigo: Sobre as questões levantadas pelo sr. Bernardo Morgado da Silva – de profissão e residência ignoradas – contra a atuação do crítico com relação ao compositor Carlos Anes. Trata-se de um direito de resposta de Edino às acusações de insinceridade, de perversidade e de inveja que lhe foram imputadas pelo citado senhor.

Problemas do ensino musical. Reforma total no ensino da composição. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 19-20 jan. 1952.

Síntese do artigo: Prossegue na série de entrevistas, contando agora com a participação do compositor e pedagogo H. J. Koellreutter, que afirma: “O ensino atual impede o aparecimento de novos compositores”, alegando que o mesmo necessita de bases concretas para uma reforma total, pois o programa atual de ensino é ineficiente. Ainda Koellreutter, citado por Edino: “A reforma deve ser radical. Não adianta consertar uma situação que se encontra fundamentalmente errada, pois a verdade é que os diplomas que se conferem em nossas escolas musicais não garantem que seu titular não passe de um amador.”

Dois conjuntos camerísticos. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 21 jan. 1952.

Síntese do artigo: Sobre as estreias dos conjuntos Trio Pro Arte e Quarteto Ripoché no III Curso Internacional de Férias de Teresópolis, além de impressões sobre os cursos e planos futuros. Como subtítulo, Conservatório Nacional de Canto Orfeônico.

Krenek fala de sua experiência no Brasil no III Curso Internacional de Férias de Teresópolis. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 22 jan. 1952.

Síntese do artigo: Krenek dá depoimentos sobre a sua participação no Brasil como professor de composição e palestrante sobre o tema Estética, no III Curso Internacional de Férias de Teresópolis. Integram ainda o artigo os subtítulos: Concurso Musical em Genebra; Cantora Sylvia Moscovitz;

Exames de habilitação; Festival de Música de Câmara; Concursos Musicais; e Curso de balé.

Notícias esparsas e, como subtítulo, “Prokofieff, Guarnieri e Dvorák”. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 23 jan. 1952.

Síntese do artigo: Como indicado no título principal, trata-se de um informativo musical da semana; no subtítulo, temos um retrospecto dos concertos camerísticos acoplados ao III Curso de Férias da Pro Arte, como atividade suplementar, onde são indicados alguns autores contemplados pelos conjuntos.

Edino aborda o caráter de transição de duas linguagens – a modal em fins da Idade Média e a sem tonalidade, já na segunda década do século XX.

Atualidade de Machault. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 24 jan. 1952.

Síntese do artigo: Refere-se a uma das últimas palestras de Krenek no III Curso Internacional, em que o compositor tece considerações sobre a trajetória da dissonância na criação musical polifônica, dos primeiros passos da polifonia até a Renascença. O articulista considera, ainda, o caráter de transição de duas linguagens – a linguagem modal em fins da Idade Média e a linguagem sem tonalidade, já na segunda década do século XX. Integram ainda o artigo os subtítulos: Cantora Sylvia Moscovitz; Exames de habilitação; Festival de Música de Câmara; Concursos Musicais; e Curso de balé.

Problemas do ensino musical. O mal é de nascença no ensino da composição. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 25 jan. 1952.

Síntese do artigo: Sobre o depoimento do professor Paulo Silva, da Escola Nacional de Música, que, segundo Edino, se faz credor de um máximo de respeito e autoridade, enfatizando que por suas mãos passaram inúmeros dos atuais professores de vários conservatórios brasileiros, sendo ainda autor de várias publicações técnicas sobre a matéria de sua especialidade. Salientamos ainda alguns itens mencionados por Paulo Silva e citados por Edino, como: Precisamos acabar com a roupa velha; Estudo lívresco improfícuo; Sistema de exame não satisfaz; Nem só os escritores devem aprender gramática e Deficiências do ambiente, dentre outros, que influenciam no ensino da composição.

Curso de História e Preparação Musical. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 26 jan. 1952.

Síntese do artigo: Sobre um ciclo de preleções realizadas no Conservatório Brasileiro de Música, departamento de Copacabana, com o jornalista italiano Maurício Quadrio, sobre vários aspectos da arte musical, servindo-se de gravações, filmes e vários artistas para as ilustrações. Como subtítulo, Concurso de Habilitação.

A ENM na televisão e novo departamento. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 29 jan. 1952.

Síntese do artigo: Divulga as apresentações realizadas pela Televisão Tupi, todas as terças-feiras, às 22h05, em um programa em colaboração com o Diretório

**Quarteto
Tripoche.
De sua atuação
no sábado último,
cabe mencionar
com destaque o
*Quarteto opus
50*, de Sergei
Prokofieff,
apresentado em
primeira audição
no Brasil.
*Edino Krieger***

Acadêmico da Escola Nacional de Música, e ainda a possibilidade de instalar-se no Colégio Mallet Soares um departamento musical do Conservatório de Música do Distrito Federal.

Problemas do ensino musical. Aspectos da arte pianística no Brasil. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 30 jan. 1952.

Síntese do artigo: Participação do professor e pianista Tomás Terán, inscrito no III Curso Internacional, na enquete realizada pela *Tribuna da Imprensa*, abordando as questões referentes ao ensino do piano.

Problemas do ensino musical. A escola de Karl Ulrich Schnabel. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 31 jan. 1952.

Síntese do artigo: A contribuição do pianista, ex-aluno de Kreutzer e professor do III Curso Internacional, na discussão sobre a problemática que envolve o ensino do piano, abordando pontos como: Liberdade de ensino; Orientação individual; Como estudar; A memória; e O exemplo dos peixinhos dourados, citando uma experiência de reflexo condicionado por ele realizada com peixinhos do aquário de sua casa, traçando um paralelo desta experiência com as questões referentes à técnica de memorização.

Zilda Hamburger e o Quarteto Tripoche. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 1 fev. 1952.

Síntese do artigo: Sobre o terceiro concerto do Festival de Música de Câmara, realizado dentro da programação do III Curso Internacional de Férias de Teresópolis, contando com a participação dos supracitados musicistas, com explicitação do programa por eles apresentado. Sobre o quarteto, o articulista ressalta que: “De sua atuação no sábado último, cabe mencionar com destaque o *Quarteto opus 50* de Sergei Prokofieff, apresentado em primeira audição no Brasil.”

Problemas do ensino musical. A arte não é um passatempo. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 2 fev. 1952.

Síntese do artigo: Continuando a enquete que vinha realizando, Edino conta com a participação de Ilara Gomes Grosso, livre-docente da Escola Nacional de Música, abordando os problemas do ensino do piano e destacando, dentre outros, a necessidade de melhorar o ambiente musical estudantil; a carência de estímulo; a importância de o governo ter maior interesse pela cultura artística; a liberdade, tida pela professora como ponto de partida de uma escola; e ainda as deficiências musicais dos estudantes de instrumentos.

Problemas do ensino musical. Atribuições do professor. Educador, psicólogo e médico. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 4 fev. 1952.

Síntese do artigo: Prosseguindo no levantamento dos problemas do ensino musical, Edino entrevista a jovem pianista Saloméa Zeigarnikas, formada na classe de piano de Elzira Amábile, tendo realizado Curso de Especialização em Iniciação Musical com Antonio de Sá Pereira. A pianista ressalta como importante ponto de discussão a formação dos

professores, que julga ser ineficiente: “Ouso ir mais longe. Dependendo da aprendizagem das relações entre professor e aluno, acredito que o bom professor (psicólogo e musicista) deva agir também como educador e médico.” Ressalta ainda o problema da escola padrão e as bases científicas para a Iniciação Musical.

Escola Livre de Música de São Paulo. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 5 fev. 1952.

Síntese do artigo: Trata da necessidade de criar um ambiente artístico propício ao desenvolvimento de jovens musicistas, o que levou a Pro Arte a fundar em São Paulo a citada escola. Divulga ainda seus objetivos, organização e corpo docente.

Festival de música francesa. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 6 fev. 1952.

Síntese do artigo: Sobre o concerto realizado no último sábado em Teresópolis, a cargo do violoncelista Jacques Ripoché e do Trio Pro Arte, com divulgação do programa apresentado e análise da performance do grupo camerístico. Como subtítulo, detectamos ainda: *Ballet da Juventude*.

Edino comenta a participação da professora Geni Marcondes na enquete por ele realizada. Na época, Geni era dirigente do setor infantojuvenil das emissoras do Ministério da Educação.

Problemas do ensino musical. A educação musical da criança. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 7 fev. 1952.

Síntese do artigo: Participação da musicista, compositora e professora Geni Marcondes – na época, dirigente do setor infantojuvenil das emissoras do Ministério da Educação – na enquete realizada por Edino, ressaltando como pontos importantes: qualquer ser humano é capaz de criar; o problema da criação espontânea; o professor deve fazer tudo, menos ensinar; poucas publicações sobre a criação musical infantil; poucas experiências no setor musical; e a necessidade de criação de um centro de pesquisa no Brasil.

Isabel Mourão nos Estados Unidos. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 8 fev. 1952.

Síntese do artigo: Refere-se à apresentação da jovem pianista brasileira – uma das 10 melhores pianistas do Concurso Internacional Marguerite Long 1946 – no Town Hall de Nova York, e o sucesso com que foi entusiasticamente recebida pelo público e pela crítica.

Dina Gombarg no Conservatório de Paris. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 11 fev. 1952.

Síntese do artigo: Notícia o primeiro lugar no concurso para estrangeiros obtido pela jovem pianista no citado conservatório, obtendo bolsa de estudos do governo francês. Integram ainda o artigo os seguintes sub-títulos: Composição de Ernst Krenek; *Jornal de Música*; e Nova diretoria da OSB.

**Edino divulga
a estreia das três
sonatas e um
ciclo de canções
de Krenek – em
primeira audição
sul-americana.**

Cláudio Santoro no Festival da SIMC. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 12 fev. 1952.

Síntese do artigo: Escolha da obra *Canto de amor e paz*, de Santoro, para representar o Brasil no próximo Festival da Sociedade Internacional de Música Contemporânea, a realizar-se em Salzburgo, Áustria, entre 21 e 29/6/52. E ainda, como subtítulo, Concurso de Orfeões Escolares.

Problemas do ensino musical. Os sopros também são instrumentos musicais. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 13 fev. 1952.

Síntese do artigo: Participação do maestro Alberto Lazzoli, catedrático de oboé e fagote da Escola Nacional de Música, regente e orquestrador da Orquestra da Rádio Nacional, na enquete realizada pela *Tribuna da Imprensa* sob a responsabilidade de Edino Krieger, destacando questões como: a precária situação dos sopros; aspectos econômicos e sociais; Pedro II e a mentalidade do músico brasileiro; instrumentos aprisionados na Escola Nacional de Música: e facilidades para o estudante militar.

Estreia sul-americana de Ernst Krenek. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 14 fev. 1952.

Síntese do artigo: Sobre a estreia das três sonatas e um ciclo de canções de Krenek – em primeira audição sul-americana –, apresentadas no quinto concerto do Festival da Música de Câmara, que integra a programação do III Curso Internacional de Férias da Pro Arte em Teresópolis, procedendo a uma breve análise do programa e da trajetória do citado compositor.

Problemas do ensino musical. Escola Universal de Canto. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 15 fev. 1952.

Síntese do artigo: Depoimento da professora Hilde Sinnek, do Conservatório Brasileiro de Música – natural da Áustria e descendente, em linha direta, da nova escola de Lili Lehmann –, que participa como professora no III Curso Internacional de Férias de Teresópolis. A professora destaca algumas peculiaridades do aparelho vocal, como o fato de o instrumento não ser visível como os demais, sendo, portanto, importante primeiro conhecê-lo. O artigo traz ainda os seguintes subtítulos: Escola italiana; Época do intelectualismo; Escola universal; e O canto no Brasil.

Encerra-se o III Curso Internacional de Férias. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 16-17 fev. 1952.

Síntese do artigo: Atividades de encerramento do Curso, com uma missa celebrada pelo padre Jaime Diniz, e ainda a participação do coro de alunos apresentando uma missa de Mozart, sob a regência de Koellreutter, e o manifesto assinado por 70 participantes, solicitando ao governo a criação de bolsas de estudos para estudantes de todo o estado. Como subtítulo, detectamos ainda: 70 prêmios distribuídos no Festival da Música Polonesa.

**O crítico
comenta a
apresentação
da *Missa em Dó
Maior* de Mozart,
em primeira
audição nas
Américas, sob
a regência de
Koellreutter.**

Notícias musicais da Itália. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 18 fev. 1952.

Síntese do artigo: Divulga um boletim de informações publicado na Itália, que traz várias notícias de interesse sobre acontecimentos e planos musicais do continente europeu: fundação em Genebra, na Suíça, de uma associação europeia de festivais musicais; ópera de Spontini inaugura a estação lírica de Nápoles; motetos e madrigais na Camerata Musicale Romana; Concurso Internacional de Melodrama e Quintetos; música italiana em Paris; e IV Centenário do Oratório.

Até para o ano, se Deus quiser. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 19 fev. 1952.

Síntese do artigo: Sobre o último dia do III Curso Internacional de Férias da Pro Arte, ressaltando, entre outras, a apresentação da *Missa em Dó Maior* de Mozart, em primeira audição nas Américas, sob a regência de Koellreutter. E ainda, como subtítulo, Um libelo contra o doutrinário acadêmico; Karl Ulrich Schnabel interpreta Brahms; e Confraternizam os estudantes.

Concursos musicais para a juventude. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 20 fev. 1952.

Síntese do artigo: Sobre os concursos instituídos pela Orquestra Sinfônica Brasileira e pelo programa *Música para a Juventude* da Rádio MEC, abertos para jovens estudantes de piano, violino, violoncelo, canto, flauta, oboé, clarinete, fagote, trompa, trompete e trombone, com indicação do local para inscrições, e ainda as bases para os referidos concursos, destinados a selecionar os solistas dos *Concertos para a Juventude*.

Repertório universal de fontes musicais. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 21 fev. 1952.

Síntese do artigo: Entidades especializadas – Sociedade Internacional de Musicologia e da Associação de Bibliotecas de Música – estudam a tarefa de compilar todos os dados sobre obras musicais anteriores a 1800, visando substituir o *Quellen-Lexikon* que anteriormente se publicava.

Congraçamento de todas as artes. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 22 fev. 1952.

Síntese do artigo: Sobre a visita ao atelier de pintura no Curso de Férias de Teresópolis, contando com a participação da professora Tiziana Bonazzola, discorrendo sobre as tendências da pintura contemporânea e ressaltando que as artes plásticas devem ocupar posição idêntica à da música nos cursos futuros.

Recital de Karl Ulrich Schnabel. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 23-24 fev. 1952.

Síntese do artigo: Analisa os recitais realizados pelo pianista em Teresópolis e através das emissoras do Ministério da Educação, e a completa inatividade do nosso meio

musical, que impossibilitou a sua apresentação pública em outros espaços de concerto. Ainda, como subtítulo, *Werther* de Massenet, no Sadler's Wells de Londres.

Preparativos para a temporada musical. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 28 fev. 1952.

Síntese do artigo: A dificuldade de se prever o que será a próxima estação musical, ressaltando que no setor operístico, pelo menos, verifica-se um ambiente de maior seriedade, de maior responsabilidade, uma vez que o planejamento dos espetáculos está entregue a uma Comissão Artística.

Planos para a temporada musical. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 1-2 mar. 1952.

Síntese do artigo: Comenta os planos da Associação de Canto Coral quanto a concertos e novo repertório, envolvendo ainda apresentações em São Paulo, Rio Grande do Sul e Montevideú. “Ontem à tarde teve lugar o primeiro ensaio da Associação de Canto Coral, sob a regência das professoras Cleofe Person de Mattos e Dinah Buccos Alves, para a preparação das novas obras a serem apresentadas no decorrer da temporada.”

A Escola Coreográfica de Yana-Rudzka. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 3 mar. 1952.

Síntese do artigo: Relata a passagem da coreógrafa e bailarina polonesa pelo Rio de Janeiro, a caminho de São Paulo, onde ministrará um curso especial de sua arte na Escola Livre de Música de São Paulo.

A Orquestra Universitária na próxima temporada. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 4 mar. 1952.

Síntese do artigo: Expõe os problemas e dificuldades da Orquestra da Casa do Estudante do Brasil, dirigida pelo maestro Raphael Baptista, e refere-se também ao reinício dos ensaios, concursos para solistas e renovação do repertório, dentre outros assuntos.

O que será a próxima Temporada Nacional de Arte. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 5 mar. 1952.

Síntese do artigo: Sobre a entrevista coletiva concedida à imprensa especializada pela Comissão Artística Cultural do Theatro Municipal, mostrando um esboço da Temporada Nacional a ser realizada nos meses de março, abril e maio, esclarecendo que a qualidade é a primeira preocupação e relatando que o primeiro concerto será uma homenagem a Henrique Oswald, cujo centenário naquele ano se comemorava. Foram divulgados ainda dados sobre as óperas que serão apresentadas, relação dos regentes, cenógrafos e coreógrafos, os bailados, cantores e também espetáculos de comédia.

Honegger, Cocteau, Claudel e Milhaud. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 7 mar. 1952.

O concerto inaugural da Temporada Nacional de Arte será uma homenagem ao centenário de Henrique Oswald.

Edino Krieger

Síntese do artigo: Reporta-se à encenação, em Paris, de duas das mais importantes obras lírico-musicais francesas: *Antigoni*, de Honegger, com texto de Cocteau, e *Jeanne d'Arch au Bucher*, de Milhaud, baseada num poema de Claudel. Como subtítulos encontramos ainda: Jacques Ripoche e Suzan Meghe; Concurso de Iniciação Musical; e Obras de Ernst Krenek.

Concurso Wieniawsky para violinistas. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 8-9 mar. 1952.

Síntese do artigo: Sobre um grande concurso musical na Polônia, voltado para violinistas de todos os países, com divulgação das normas de inscrição, documentos, obras exigidas, prova final, prêmios e despesas pagas. Como subtítulos encontramos ainda: Obras de Ernst Krenek e Cursos de Cultura e Estética.

Salamanca do Jarau de Luís Cosme. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 10 mar. 1952.

Síntese do artigo: Bailado que introduz a Temporada Nacional. O artigo dá a conhecer ao público a origem da lenda e o roteiro do citado bailado, indicando suas partes: A caverna assombrada; O campeiro Blau Nunes; As sete provas; e O desencantamento.

O mundo musical em revista. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 11 mar. 1952.

Síntese do artigo: Notícias do 26º Festival da Sociedade Internacional de Música Contemporânea no *Mozarteum* de Salzburgo, na Áustria, do Festival Wagner em Bayreuth, de uma olimpíada musical na Califórnia, dentre outras.

Edino aborda a inauguração oficial da Escola Livre de Música em SP, contando com as presenças de Karl Ulrich Schnabel e Ernst Krenek.

Inaugura-se a Escola Livre de Música em SP. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 12 mar. 1952.

Síntese do artigo: Sobre a cerimônia de inauguração oficial, dia 17/3/52, às 17 horas, contando com as presenças de Karl Ulrich Schnabel e Ernst Krenek, convidados para o I Curso intensivo de suas matérias durante seis semanas, com divulgação, ainda, do programa do primeiro concerto e intérpretes, além de todo o corpo docente envolvido. Seguem-se notícias musicais esparsas.

Introdução à Temporada Nacional de Arte. O *Papagaio de Moleque*, de Villa-Lobos. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 13 mar. 1952.

Síntese do artigo: Sobre a temporada de balé do Theatro Municipal que contará com a apresentação de quatro bailados de autores nacionais, a saber: *Salamanca do Jarau*, de Luís Cosme, *Papagaio de Moleque*, de Villa-Lobos, *Sinhô do Bonfim*, de Camargo Guarnieri, e *Valsa de Esquina*, de Francisco Mignone. O artigo oferece

ao leitor um resumo da parte coreográfica da obra de Villa-Lobos, tomando como base o depoimento de Vaslav Veltchek, coreógrafo do espetáculo.

A temporada da Associação Brasileira de Concerto. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 14 mar. 1952.

Síntese do artigo: A participação do conjunto Camerístico *Os Virtuosi de Roma*, do violinista Lino Francescatti, do pianista Friedrich Gulda, da cantora Elizabeth Schwartzkopf e da bailarina Cill Wang na temporada que terá início em 7/4/52 com o harpista Nicanor Zabaleta.

**Edino difunde
os principais
objetivos de
Henrique
Niremburg com
a Orquestra de
Cordas Macabi.**

A Orquestra de Cordas Macabi na temporada musical. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 15-16 mar. 1952.

Síntese do artigo: Sobre a orquestra fundada em 1947 por iniciativa do maestro Henrique Niremburg, informando os planos para a temporada que se aproxima, ressaltando os principais objetivos, como: divulgar a música brasileira; primeiras audições de autores antigos e contemporâneos; maior divulgação possível de autores brasileiros e a realização de concertos nas escolas. Encontramos ainda como subtítulos: Festival Henrique Oswald e Recitais radiofônicos.

Decidida a vinda do Grand *Ballet* du Marquis de Cuevas na temporada musical. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 17 mar. 1952.

Síntese do artigo: Divulga a apresentação do citado balé no Theatro Municipal, contando com John Taras como mestre de baile, com indicação do programa e do elenco. Encontramos ainda como subtítulos: Inaugura-se a Escola Livre; Cursos de Cultura Musical; Harpista Nicanor Zabaleta; e Hoje, a prova de piano do concurso da OSB.

Sinhô do Bonfim de Camargo Guarnieri. Introdução à Temporada Nacional de Artes. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 18 mar. 1952.

Síntese do artigo: Bailado a ser encenado no Municipal em abril, baseado na maior festa popular da Bahia, sendo Veltchek o responsável pela coreografia e Mário Conde pelo cenário, e os costumes do bailado inspirados nos desenhos de Carybé.

A música contemporânea através do rádio. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 19 mar. 1952.

Síntese do artigo: As transformações ocorridas nas programações das rádios e nos ouvintes, com relação às audições de música contemporânea, mostrando melhoras sensíveis, diferentemente das primeiras reações por volta de 1943, época do programa *Música Viva* e da transmissão do melodrama *Pierrot Lunaire* de Arnold Schoenberg e outras do mesmo quilate. Seguem-se outros subtítulos, a saber: Concurso da OSB; Amanhã, o *Festival Henrique Oswald*; Temporada da ABC; e Três concursos musicais para a juventude.

Inaugura-se a temporada sinfônica. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 20 mar. 1952.

Síntese do artigo: Primeiro concerto sinfônico do ano, com a Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal sob a direção de Edoardo de Guarnieri, em homenagem ao centenário do nascimento de Henrique Oswald, com a apresentação dos trabalhos mais significativos do autor. Seguem-se outros subtítulos, a saber: Recital de Ernst Krenek; Temporada Lírica do Municipal; e Cursos de Estética e Cultura Musical.

Grandes transformações na Orquestra Sinfônica Brasileira. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 21 mar. 1952.

Síntese do artigo: Sobre o plano de atividades da Orquestra Sinfônica Brasileira para 1952, de acordo com o Diretor Artístico da entidade, maestro Eleazar de Carvalho. O citado plano abrange um grande quantitativo de concertos, contando com 91 regentes e 21 solistas de renome, novos instrumentistas efetivos, amparo social aos instrumentistas não contratados, renovação do repertório, e ainda uma escola de formação de instrumentistas, com a colaboração do SESI.

Henrique Oswald e o período pré-natal da música brasileira. A propósito de um centenário. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 22-23 mar. 1952.

Síntese do artigo: Refere-se às obras dos compositores José Maurício, Carlos Gomes, Leopoldo Miguez e Henrique Oswald, consideradas pelo crítico como o período pré-natal de nossa vida própria, de uma cultura que emana da terra, embora com influências europeias.

A Cultura Artística anuncia a sua temporada. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 24 mar. 1952.

Síntese do artigo: Comenta sobre a participação de artistas de renome, como Harold Kreuzberg, Alfred Cortot, Ellen Joyce, Louis Kaufman, Joseph Battista, Paolo Spagnoso, Victoria de los Angeles, Leily Howell, dentre outros, na próxima temporada da citada organização.

Recortes em revista. O que diz a crítica especializada. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 25 mar. 1952.

Síntese do artigo: Sobre o panorama da crítica especializada nos periódicos cariocas, mostrando e comentando trechos de Benedito Lopes, Álvaro Lins e Silva na coluna "Prato do dia" em *O Radical*, Mario Accioly na *Folha Carioca* e D'Or no *Diário de Notícias*. Como subtítulo, encontramos ainda: Inicia-se dia 2 a Temporada Lírica.

Será uma realidade o Serviço de Difusão Musical do Itamarati. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 26 mar. 1952.

Síntese do Artigo: Relata a presença do pianista Heitor Alimonda nos estúdios sinfônicos da Rádio MEC, realizando as primeiras gravações de música

Edino ressalta a presença do pianista Heitor Alimonda, realizando as primeiras gravações de música brasileira para divulgação em grande escala no exterior.

**O crítico divulga
os concertos das
séries popular
e educacional
que a OSB fará
com o intuito de
desenvolver uma
campanha intensa
em prol
da musicalização
do povo.**

brasileira para divulgação em grande escala no exterior, contando com obras de Villa-Lobos, Frutuoso Viana, Francisco Mignone, Camargo Guarnieri, Lorenzo Fernandez, Radamés Gnattali, Cláudio Santoro e Guerra-Peixe.

Não sejamos provincianos. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 28 mar. 1952.

Síntese do artigo: Analisa a proibição categórica e absurda de muitos professores, diante da determinação de seus alunos em participar dos Cursos de Férias de Teresópolis, onde aproveitariam o contato com uma personalidade como Karl Ulrich Schnabel. “Seria difícil encontrar-se em qualquer parte do mundo um ambiente de tal modo acanhado, retrógrado, mesquinho e prejudicial à juventude como o nosso ambiente de ensino musical.” Segue-se ainda como subtítulo: Arnaldo Estrella na temporada próxima.

Os primeiros concertos da nova OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 1 abr. 1952.

Síntese do artigo: Divulga os concertos das séries popular e educacional que a Orquestra Sinfônica Brasileira fará com o intuito de desenvolver uma campanha intensa em prol da musicalização do povo, criando na massa o hábito de ouvir concertos sinfônicos. Seguem-se ainda como subtítulos: *Concerto da Juventude*; e Schnabel e Austin inauguram a série cultural.

Inicia-se hoje a estação lírica. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 2 abr. 1952.

Síntese do artigo: Apresentação da ópera de Offenbach *Os contos de Hoffmann* sobre libreto de Lules Barbier, no Theatro Municipal, destacando os principais papéis e a preparação do espetáculo, a cargo de Mme. Leblanc Papin, cabendo a direção musical ao maestro Edoardo de Guarnieri. Como subtítulos, encontramos: Estreia dia 5 a Temporada de Bailados; Obras do compositor Lilien; e Programa da semana.

Os que visitarão o Brasil este ano. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 4 abr. 1952.

Síntese do artigo: Enumeração de alguns dos nomes mais destacados do cenário artístico universal – solistas, conjuntos, regentes – que integrarão as programações da Associação Brasileira de Concertos, da Organização Cultural Artística e da Orquestra Sinfônica Brasileira na temporada musical que se iniciava. Incluem-se ainda como subtítulos: *L' Amico Fritz*, a próxima ópera; Maestro Jean Mac Nab; e Programa da semana.

Hoje, o primeiro espetáculo de bailados. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 5-6 abr. 1952.

Síntese do artigo: Sobre a nova orientação que vem recebendo o Theatro Municipal, proporcionando um melhor aproveitamento de seus corpos estáveis, sendo nesta data apresentado o primeiro espetáculo coreográfico da

temporada. Indicação do programa e dos papéis principais. Como subtítulo, encontramos: Segunda-feira, o harpista Zabaleta.

Animadora a estreia do Corpo de Baile do Municipal. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 7 abr. 1952.

Síntese do artigo: O talento e aptidões revelados pelo Corpo de Baile do Theatro Municipal na apresentação do dia anterior, solicitando para o mesmo uma atenção maior do que a que tem sido dispensada até então. Indicação do programa apresentado, destacando as melhores performances. Seguem-se notícias musicais anteriormente mencionadas.

Zabaleta inaugura os recitais do ano. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 8 abr. 1952.

Síntese do artigo: Sobre o recital do harpista espanhol Nicanor Zabaleta no Theatro Municipal, na noite anterior, com indicação do programa do recital. Integram ainda o artigo os subtítulos: *L'Amico Fritz*, hoje; e Maria Henriques na Temporada Nacional.

L'Amico Fritz e a orientação do Municipal. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 9 abr. 1952.

Síntese do artigo: Comenta o segundo espetáculo operístico da temporada, com apresentação da obra de Mascagni sobre libreto de Suardin, sob a regência do maestro Santiago Guerra, indicando ainda os principais papéis e ressaltando como único ponto positivo da apresentação o desempenho equilibrado de todos os jovens artistas líricos. Como subtítulo: Recital do harpista espanhol Nicanor Zabaleta.

Em defesa de uma escola. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 15 abr. 1952.

Síntese do artigo: Sobre um artigo escrito por Vasco Mariz para o *Correio da Manhã* de 30/3, sob o título “Guerra-Peixe”, em que Mariz esboça de início a biografia do compositor e tece analiticamente o perfil do compositor brasileiro, aderindo à tese lançada por Camargo Guarnieri em sua *Carta aberta*. Edino Krieger expõe seu total desacordo a esta posição de Vasco Mariz, afirmando que o senso de justiça e da verdade, a aversão ao preconceito e às acusações mesquinhas o levam a assumir a defesa da escola de Koellreutter. Como subtítulos, encontramos: Música e Tempo; e Amanhã, *Andrea Chenier*, de Giordano.

Ofélia do Nascimento em Paris. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 16 abr. 1952.

Síntese do artigo: Divulga as notícias elogiosas da crítica francesa, apontando a pianista brasileira como uma das mais destacadas intérpretes de Bach na atualidade. Como subtítulos, detectamos: Hoje, *Andrea Chenier* de Giordano; Temporada de Bailados; e Orquestra Sinfônica Brasileira.

A Música do IV Centenário de São Paulo. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 18 abr. 1952.

Edino difunde as notícias da crítica francesa, apontando a pianista brasileira como uma das mais destacadas intérpretes de Bach.

Síntese do artigo: Comenta a programação, que já se encontra esboçada em suas linhas gerais, incluindo um grandioso programa de balé, apresentando famosas organizações coreográficas e diversas organizações musicais estrangeiras, conjuntos de ópera, corais, regentes e solistas de renome. Como subtítulos, encontramos: Hoje, o recital de Paolo Spagnolo; Karl Ulrich Schnabel com a OSB; Orquestra Universitária; e *Música para a Juventude*.

Inicia a OSB a sua temporada no Municipal. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 19-20 abr. 1952.

Síntese do artigo: Anuncia o concerto de abertura da temporada, que contará com a participação do pianista austríaco Karl Ulrich Schnabel, solista do *Concerto em Lá maior* de Mozart, sob a regência de Eleazar de Carvalho. Como subtítulo: *Andrea Chenier* em vespéral.

Notícias da temporada. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 21 abr. 1952.

Síntese do artigo: Sobre as apresentações da Associação Brasileira de Concertos, da Cultura Artística, da Orquestra Universitária, da Temporada de balé e do programa *Música para a Juventude*, e ainda, como subtítulos: Segundo espetáculo de balé; Kreisler oferece um *Guarnerius* à Biblioteca de Washington; e A psicologia em face da música – palestra com a psicóloga Noemi Silveira no Conservatório Brasileiro de Música.

Mozart, Schnabel, Carvalho e OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 22 abr. 1952.

Síntese do artigo: Aborda o concerto inaugural da temporada, em 19/4/52, que contou com a regência de Eleazar de Carvalho à frente da OSB, tendo como solista do *Concerto em Lá maior para piano e orquestra*, de Mozart, o pianista Karl Ulrich Schnabel, com apreciação crítica da performance do concerto. Como subtítulo, temos: Amanhã, *La Bohème* de Puccini.

Il cimento dell'armonia e dell'invenzione de Vivaldi. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 23 abr. 1952.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação do violinista Louis Kaufman na programação da Cultura Artística, executando um grupo de 12 concertos para violino e cordas, opus VIII, obras designadas em seu conjunto pelo título citado e que foram descobertas pelo violinista na biblioteca do Conservatório Real de Bruxelas. Como subtítulos, encontramos ainda: Witold Malcuzyński no Municipal; e Hoje, *La Bohème* de Puccini.

Fim de semana nos auditórios. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 25 abr. 1952.

Síntese do artigo: Sobre os concertos nas diversas salas do Rio de Janeiro, ressaltando em especial o do violinista Louis Kaufman, uma primeira audição

**Edino divulga a
apresentação do
violinista Louis
Kaufman na
programação da
Cultura
Artística.**

A elegância e a sobriedade britânicas se impõem no Municipal.
Edino Krieger

de Vivaldi, a estreia de Richard Austin na OSB e o programa do *Concerto para a Juventude*.

Kaufman apresenta Vivaldi no Municipal. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 28 abr. 1952.

Síntese do artigo: Comenta a magnífica noitada que a Cultura Artística proporcionou ao público na última sexta-feira, contando com a participação do violinista Louis Kaufman, que apresentou em primeira audição no Brasil *Il cimento dell'armonia e dell'invenzione* de Vivaldi, chamando a atenção para o fato de que concertos como este deveriam ter lugar com maior frequência em nossas temporadas.

Richard Austin à frente da OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 29 abr. 1952.

Síntese do artigo: Sobre o segundo concerto da série cultural da Orquestra Sinfônica Brasileira, que contou com a regência de Richard Austin, chefe de orquestras britânicas, ressaltando que “a elegância e a sobriedade britânicas se impõem no Municipal”. Como subtítulo: Orquestra Universitária.

Cavalleria Rusticana e Pagliacci. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 30 abr. 1952.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação das óperas de Mascagni e Leoncavallo no Theatro Municipal, dando prosseguimento à estação operística da Temporada Nacional de Arte, com indicação dos principais papéis. Como subtítulos, detectamos ainda: Notícia falsa e Estreia de Gyorgy Sandor.

La Commedia é finita... *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 2 maio 1952.

Síntese do artigo: Crítica da apresentação das óperas *Cavalleria Rusticana* e *I Pagliacci* para um público que superlotou o Municipal, ressaltando que os solistas em geral não estiveram mal; o coro, todavia, teve uma atuação sofrível. Como subtítulo: Hoje, Gyorgy Sandor.

Richard Austin e os jovens compositores. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 3-4 maio 1952.

Síntese do artigo: O maestro britânico, que dirige em Londres a *New Era Society*, encontra-se no Brasil para dirigir a Orquestra Sinfônica Brasileira e dá depoimento ao articulista sobre a importância de se reservar determinados ensaios para a leitura de obras novas, com a presença de seus autores. Como subtítulos, distinguem-se ainda: Conservatório Brasileiro de Música; e Austin dirige a OSB no Rex.

Roteiros dos auditórios. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 5 maio 1952.

Síntese do artigo: Refere-se às apresentações do pianista húngaro Gyorgy Sandor, do pianista polonês Witold Malcuzyński e da violinista inglesa Leily Howell nos espaços de concerto do Rio de Janeiro, num eterno círculo vicioso,

com a eterna limitação do malabarista, e a estreia, em Paris, do *Choro 1951* de Camargo Guarnieri, tendo Mariuccia Iacovino como intérprete, chamando a atenção para o fato de que é preciso atravessar o Atlântico para ouvir coisa nova, pois aqui as obras de compositores brasileiros passam por um estágio obrigatório de 10 anos na gaveta.

Um intérprete de Bartók no Municipal. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 6 maio 1952.

Síntese do artigo: Segundo recital do pianista Gyorgy Sandor, que revelou um brilho invulgar no modo de produzir as suas sonoridades. Sem dúvida, um artesão que conhece o seu ofício, totalmente distinto do primeiro recital, onde o mesmo passou a impressão de tratar-se apenas de mais um pianista que por aqui transita, sem marcar com muito vigor a sua passagem. Como subtítulos, registramos ainda: Uma obra de Monteverdi no Municipal; Henrique Gandelman nos Festivais da Rádio Nacional; e Regressa hoje Luizita da Silva.

Mário de Andrade e o brasileiro de Carlos Gomes. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 7 maio 1952.

Síntese do artigo: Comenta a apresentação da obra *O Guarany*, indicando os principais papéis, e o fato de o autor haver escolhido um tema literário brasileiro para essa ópera e também para *O Escravo*, o que foi apontado por Mário de Andrade como um dos primeiros reflexos do movimento nacionalista. Como subtítulos, registramos ainda: Gyorgy Sandor em Niterói; Espetáculos de Bailados; e Villa-Lobos, Dvorák e Bartók.

**Devemos render
um tributo
de honra
à memória de
Carlos Gomes.
*Edino Krieger***

O Guarany no Municipal. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 8 maio 1952.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação da ópera e a capacidade de Carlos Gomes em inventar melodias de bom gosto, muitas revelando mesmo um certo peso artístico, que o tornaram a figura mais proeminente da música sul-americana. Afirma que devemos render um tributo de honra à sua memória e alerta para o fato de que, ao falarmos de genialidade, devemos fazê-lo de forma cautelosa, para que o vocábulo não se perca como um puro ato de patriotismo. Como subtítulos, temos ainda: Heitor Alimonda no *Concerto para a Juventude*; e Conservatório Brasileiro de Música.

Prêmio Carlos Gomes para obras sinfônicas. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 9 maio 1952.

Síntese do artigo: Divulga o concurso instituído pela Comissão do IV Centenário de São Paulo para escolha de um poema sinfônico, que deverá ser inspirado em elementos da história de São Paulo ou de seu desenvolvimento, indicando as normas do concurso, bem como prazos e local para inscrição. Como subtítulos, integram ainda o artigo: Yellé Bittencourt, solista dos *Quadros de uma Exposição*, no Municipal; Richard Austin e Leily Howell no concerto da OSB; e *Música para a Juventude*.

Hoje e amanhã nos auditórios. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 10-11 maio 1952.

Síntese do artigo: Sobre as diversas apresentações que tiveram lugar no final de semana, destacando-se a da violinista Leily Howell (tendo como regente Richard Austin), do pianista Heitor Alimonda, do poema sinfônico *Madona* de Villa-Lobos, do bailado *Salamanca do Jarau* de Luís Cosme e da pantomima lírica bailada *Il Combattimento di Tancredi e Clorinda*, de Monteverdi. Como subtítulos encontramos: Amanhã, vespéral do *Guarany*; Pianista Joseph Battista; e Gyorgy Sandor com a OSB.

A semana musical em revista. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 12 maio 1952.

Síntese do artigo: As programações do Theatro Municipal, da Pro Arte, da ABC, da Cultura Artística, e ainda o Festival Beethoven da Orquestra Sinfônica Brasileira, com indicação dos programas dos concertos e recitais.

Malcuzyński interpreta Chopin. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 13 maio 1952.

Síntese do artigo: Comenta o programa apresentado e o nível técnico-artístico do intérprete. Integram ainda o artigo os subtítulos: Estreia de Joseph Battista; Hoje, Gyorgy e Eleazar de Carvalho; Grand *Ballet* du Marquis de Cuevas; e Espetáculo coreográfico.

Sandor *versus* Carvalho. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 14 maio 1952.

Síntese do artigo: Analisa a realização do concerto, que cercou-se de circunstâncias altamente desfavoráveis: o pianista Gyorgy Sandor, que atuou como solista, não teve tempo de ensaiar os dois concertos com a orquestra, em virtude do atraso com que chegou a São Paulo. Integram ainda o artigo os subtítulos: Estreia de Joseph Battista; Festival Beethoven; e *Salamanca do Jarau*, de Luís Cosme.

Monteverdi e Luís Cosme no Municipal. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 15 maio 1952.

Síntese do artigo: Apreciação crítica da apresentação da pantomima lírica bailada *Il Combattimento di Tancredi e Clorinda*, no Municipal, que, segundo o crítico, viveu momentos de grande interesse musical e artístico, formando um conjunto admirável, plástica e musicalmente; e ainda da apresentação do bailado *Salamanca do Jarau*, de Luís Cosme. Como subtítulos, detectamos ainda: A dança através dos povos; Amanhã, estreia de Joseph Battista; e Grand *Ballet* du Marquis de Cuevas.

Recital do contralto Marieta Lopes de Souza. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 16 maio 1952.

Síntese do artigo: Anuncia o recital da cantora – medalha de ouro da Escola Nacional de Música que realizou curso de aperfeiçoamento na Europa –

**Edino comenta a
apresentação
da obra
*Il Combattimento
di Tancredi e
Clorinda*,
de Monteverdi,
que, segundo
o crítico, viveu
momentos de
grande interesse
musical e artístico.**

no auditório do Ministério da Educação, com indicação do programa a ser apresentado. Como subtítulos, encontramos ainda: Clube de Jazz; Associação Brasileira de Concertos; Artistas itinerantes; Pianista Joseph Battista e O *Guarany*, no Municipal

O caso da Orquestra Sinfônica Brasileira. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 21 maio 1952.

Síntese do artigo: Sobre a dispensa indiscriminada de 11 componentes da Orquestra Sinfônica Brasileira, alguns de capacidade comprovada – deixando outros em condições técnicas inferiores –, com 7, 9 e 11 anos de serviço, alguns fundadores da sociedade, sem mesmo estudar a possibilidade de que fossem indenizados. Como subtítulos, registramos ainda: Hoje, *Don Pasquale*, de Donizetti; Estreantes da ABI; Malcuzyński com a OSB; e Vivaldi e o bandolim.

Todo o espetáculo foi de fato uma revelação do que se pode fazer no Municipal em matéria de arte autêntica, de espetáculos dignos de qualquer plateia europeia.

Edino Krieger

Don Pasquale no Municipal. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 22 maio 1952.

Síntese do artigo: Apresentação da ópera de Donizetti, que contou com as inovações introduzidas pelo *regisseur* francês Bronislaw Horowicz, com cenários de Eduardo Leoffler. “Todo o espetáculo foi de fato uma revelação do que se pode fazer no Municipal em matéria de arte autêntica, de espetáculos dignos de qualquer plateia europeia”. Registrem-se ainda como subtítulos: *Cavalleria Rusticana* e *I Pagliacci*; Bailados em vespéral; e Hoje, estreia de Gulda.

Gulda: um mestre precoce. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 23 maio 1952.

Síntese do artigo: A crítica reverencia o jovem pianista – 22 anos de idade e 15 de piano –, mostrando toda a sua maturidade de espírito e concepção artística. “Extremamente sensível às diferenciações estilísticas, dir-se-ia tornar-se um novo pianista cada vez que interpreta um novo autor”. Como subtítulo: Monteverdi e Luís Cosme no Municipal.

Giardino e Battista com a OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 26 maio 1952.

Síntese do artigo: Sobre a estreia do regente francês Jean Giardino – trazendo como referências o Prêmio do Disco (França) de 1947 e vários cargos como diretor de orquestras –, contratado pela Orquestra Sinfônica Brasileira para uma série de concertos, e a apresentação do jovem Joseph Battista como solista do *Concerto nº 2* de Chopin. Edino assim se expressa: “Indícios pronunciados de insegurança se verificaram, resultando de uma falta de domínio técnico e psicológico do regente sobre o complexo organismo orquestral. [...] O jovem Joseph Battista, sem que sua performance apresentasse qualquer atrativo de ordem técnica ou artística, primou, com efeito, pelo desinteresse e pela imaturidade.” Registrem-se ainda os subtítulos: Hoje, estreia de Kreutzberg em

**O crítico aborda
o concerto de
encerramento
da Temporada
de Arte no
Municipal, com a
apresentação das
óperas *Il Neo*, de
Henrique Oswald,
e *Pedro Malazarte*,
de Camargo
Guarnieri.**

Niterói; Mariuccia Iacovino e Arnaldo Estrella; Malcuzyński e Carvalho com a OSB; Hoje, segundo recital de Gulda; Orquestra Universitária; e Recital de Jamile Karam.

Gulda, Mignone e Chopin. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 27 maio 1952.

Síntese do artigo: Refere-se ao segundo recital do pianista Friedrich Gulda para a Associação Brasileira de Concertos e ao programa do recital, que incluía, dentre outras, obras de Mignone e Chopin. Da interpretação de Gulda, Edino ressalta que dificilmente se poderia conceber algo de mais convincente como musicalidade e concepção estilística.

Oswald e Guarnieri em estreia mundial. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 28 maio 1952.

Síntese do artigo: Sobre o encerramento da Temporada de Arte no Municipal, com a apresentação das óperas *Il Neo*, de Henrique Oswald, e *Pedro Malazarte*, de Camargo Guarnieri, sob a direção musical segura de Nino Gaione. Edino sugere, com relação à última, que deveria merecer uma nova encenação, aproveitando o esforço já realizado. Registrem-se ainda os subtítulos: Hoje, Kreutzberg no Municipal; Gulda em recital extraordinário; *Ballet* du Marquis de Cuevas; e Recital de canto e piano.

Kreutzberg: uma obra de arte. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 29 maio 1952.

Síntese do artigo: Reportando-se à apresentação, na noite anterior, no Municipal, do bailarino Harald Kreutzberg, Edino tece comentários sobre a performance do bailarino, e faz a ressalva de que uma crítica técnica de tão extraordinário artista seria tarefa para uma autoridade em assuntos de arte coreográfica, autoridade que não se pode atribuir, via de regra, a um crítico musical. Como subtítulos, registrem-se ainda: A dança através dos povos; e Hoje, recital de Gulda.

O *Ballet* começou mal.... *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 2 jun. 1952.

Síntese do artigo: Sobre a primeira apresentação da companhia franco-americana Grand *Ballet* du Marquis de Cuevas e a incompatibilidade entre as excelentes condições técnicas de seus bailarinos e o nível artístico do espetáculo apresentado. Segundo Edino, a impressão deixada foi precisamente esta: um grupo de excelentes bailarinos preocupados com a perfeição técnica de sua atuação, porém desligados de qualquer conteúdo atual do ponto de vista estético. Registrem-se ainda como subtítulos: *Ballet* da Juventude; Hoje, Orquestra Universitária; Orquestra Francisco Braga; e Amanhã, recital de Gulda.

Um bailado de Katchaturian. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 3 jun. 1952.

Síntese do artigo: Nessa segunda visita do Grand *Ballet* du Marquis de

Cuevas, inúmeros imprevistos impediram um melhor resultado: as partituras ficaram retidas na Alfândega, e isso chegou ao conhecimento do regente William Dermott tardiamente, não lhe possibilitando um melhor preparo da orquestra. “A realização musical das partituras carecia de melhor acabamento. De ‘qualquer’ acabamento, diríamos mesmo.” Como subtítulos, detectamos ainda: Recitais; e Empresa Attílio Lamponi.

Violinista Danilo Belardinelli. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 5 jun. 1952.

Síntese do artigo: Sobre o recital realizado na Escola Nacional de Música sob os auspícios da Empresa Attílio Lamponi. Segundo a crítica, o programa não oferecia qualquer atrativo apreciável. Tecnicamente, o violinista apresentava tanto defeitos quanto qualidades. Começando pelas últimas, a sua sonoridade em geral agradável, embora sem dinâmica, sendo seu instrumento – um *guarnerius* –, ao que parece, responsável pela qualidade sonora obtida. A isso opunha-se a desafinação, o fraseado medíocre e intuitivo, sem articulação conveniente dos motivos e sem as cesuras indispensáveis. Registrem-se ainda como subtítulos: Odaléa de Carvalho; Hoje, Elisabetta Barbato; Audição de alunos; Conjunto orquestral; e Hoje, Vespéral de balé.

Elisabetta Barbato no Municipal. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 6 jun. 1952.

Síntese do artigo: Analisa o recital da soprano, recital esse organizado por iniciativa da Empresa Lamponi. “Sua voz e a maneira com que é utilizada do ponto de vista estilístico pareceu-nos, realmente, um tanto igual nas diversas páginas da primeira parte, em que se registraram, a par disso, pequenos deslizos de entonação.” Como subtítulos, encontramos ainda: *Ballet* du Marquis de Cuevas; *Música para a Juventude*; Temporada da Pro Arte; e Conjunto Orquestral.

Um contato com a incrivelmente rica e complexa polifonia entre 1300 e 1600 abriria os ouvidos e as ideias dos ouvintes contemporâneos.

Edino Krieger

Odaléa de Carvalho. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 7-8 jun. 1952.

Síntese do artigo: Aborda o recital da cantora na ABI, dentro da programação da Associação Artística Mathilde Bailly, cujo mérito consiste em apresentar ao público novos cantores, alguns apenas saídos das lides estudantis, não se tratando de recitalistas professores, mas sim de amadores e estudantes. Como subtítulos, registrem-se ainda: Vesperais de Bailado e Conjunto Orquestral.

Krenek e a música antiga. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 9 jun. 1952.

Síntese do artigo: Cita um artigo de Krenek, “Por que devemos conhecer melhor a música antiga”, para a *Revista Intercâmbio*, onde o articulista afirma que: “Um contato com a incrivelmente rica e complexa polifonia entre 1300 e 1600 abriria os ouvidos e as ideias dos ouvintes contemporâneos à nova orientação polifônica que governa tantas composições de nosso século.” Registrem-se ainda como subtítulos: Maria Luiza Anido e Gieseking e Francescatti.

Concertos e protestos. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 11 jun. 1952.

Síntese do artigo: O articulista menciona algumas crônicas que lhe pareceram as mais interessantes dos últimos dias. A primeira, de Eurico Nogueira França, no *Correio da Manhã*, refere-se aos “embaixadores musicais” do Brasil no exterior; a segunda, de Antonio Bento, transcreve, no *Diário Carioca*, uma carta em que o signatário investe furiosamente contra a ópera *Pedro Malazarte* de Camargo Guarnieri. Registrem-se ainda como subtítulos: Balé no Municipal; Orquestra Universitária; e Arthur Moreira Lima.

Voltando ao *Ballet*. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 13 jun. 1952.

Síntese do artigo: A respeito de mais um recital do Grand *Ballet* du Marquis de Cuevas: “Sem depreciar em absoluto a destreza extraordinária dos bailarinos, não obstante as falhas de conjunto, o espetáculo se transporta para um picadeiro, onde importa apenas o virtuosismo conquistado pelos bailarinos através de seu longo treinamento.” Como subtítulos, registrem-se ainda: Francescatti; Orquestra Sinfônica Brasileira; Curso de Canto Coral; Apresentação da Lírica; e *Música para a Juventude*.

Meia temporada em revista. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 14-15 jun. 1952.

Síntese do artigo: Edino refere-se às nossas desalentadoras temporadas musicais, restando poucas coisas como acontecimentos memoráveis. No domínio dos recitais, Gulda se distancia de todo o resto; no campo da ópera, *Pedro Malazarte* de Guarnieri, que não foi repetida. Em matéria de bailados, o *Combattimento* de Monteverdi e *A Salamanca do Jarau* de Luís Cosme e ainda Kreutzberg ficaram gravados. Do resto, apenas uma ou outra obra apresentada pela Orquestra Sinfônica Brasileira. Como subtítulo, tem-se: Espetáculo de balé.

**No domínio
dos recitais,
Gulda se
distancia de todo
o resto.**

Edino Krieger

Despedida de Giardino. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 16 jun. 1952.

Síntese do artigo: O último concerto de Jean Giardino à frente da Orquestra Sinfônica Brasileira. “Difícilmente se poderá imaginar um Brahms sem sentido. Giardino, entretanto, conseguiu o impossível.” O resultado musical, segundo o articulista, foi dos mais precários.

Inicia-se em agosto a lírica internacional. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 17 jun. 1952.

Síntese do artigo: Sobre a programação organizada e divulgada pela Comissão Artística e Cultural do Theatro Municipal quanto ao repertório, regentes e solistas nacionais e internacionais para a Temporada Lírica a ser iniciada em agosto. Como subtítulos, encontramos: Curso de Giesecking; Georges Boulanger; e Concurso em Varsóvia.

**Edino comenta
a apresentação
da Orquestra
Universitária em
um programa da
Rádio MEC na
Escola Nacional de
Música.**

Orquestra Universitária. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 18 jun. 1952.

Síntese do artigo: Reporta-se à apresentação do conjunto – na ocasião em turnê artística pelo Norte brasileiro – em um programa da Rádio MEC na Escola Nacional de Música, onde foi homenageado o seu fundador, maestro Raphael Baptista, pelos jovens regentes Adolfo Colker e Chléo Goulart e pelo compositor Henrique Gandelman. Como subtítulos, temos: Hoje, balé ao ar livre; Kreutzberg em Quitandinha; e Francescatti no Rio.

A lírica internacional. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 19 jun. 1952.

Síntese do artigo: Comenta a presença no Brasil de toda uma companhia especializada em óperas alemãs, com um elenco entregue à direção do Teatro de Estado de Wiesbaden. Embora os nomes sejam desconhecidos, à exceção talvez do regente Karl Elmendorff, o programa do grupo é considerado bastante representativo e sério. Como subtítulos, registrem-se ainda: *Concerto da Juventude* e Alfred Cortot.

Soprano Nathalie Kachouk. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 20 jun. 1952.

Síntese do artigo: Apresentação da soprano Nathalie Kachouk – chegada ao Brasil de Tel Aviv – no Salão Lorenzo Fernandez do Conservatório Brasileiro de Música. Como subtítulo encontramos ainda: Kreutzberg em Quitandinha.

Orquestra Sinfônica Brasileira. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 21-22 jun. 1952.

Síntese do artigo: Sobre a organização pretensiosa, porém incompatível com as condições técnicas e profissionais do conjunto, com realização de concertos em outras localidades, em plena temporada, resultando em concertos populares mal-acabados, sem ensaios e com programas fraquíssimos. Como subtítulos registrem-se ainda: *Concerto da Juventude*; e Recital de Kreutzberg.

Dois concertos da OSB. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 23 jun. 1952.

Síntese do artigo: Sobre a mediocridade geral com que se desenvolveu o programa, em face do estado anárquico em que se encontra esta organização, em virtude de seu aproveitamento para fins de propaganda pessoal. “A Orquestra Sinfônica Brasileira se transforma a olhos vistos num circo de cavalinhos, enquanto as suas obrigações para com a cultura são esquecidas.” Como subtítulos encontramos ainda: Francescatti e Giulietta Simionato.

Panorama musical. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 25 jun. 1952.

Síntese do artigo: Menciona a recente fundação da entidade Juventudes Musicais Brasileiras, filiada à Federação Internacional das Juventudes Musicais, e ainda um Curso de Composição Dodecafônica realizado pela primeira vez no Brasil, além de divulgar a Temporada Lírica Internacional. Como subtítulos, detectamos ainda: Balé da juventude; e Obras de José Siqueira.

O importante trabalho da obra de José Siqueira sistematiza o emprego das escalas modais nordestinas e traça uma nova estética modal.

Edino Krieger

Sistema trimodal brasileiro. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 26 jun. 1952.

Síntese do artigo: Sobre o concerto sinfônico de obras de José Siqueira no Salão Leopoldo Miguez da Escola Nacional de Música, sob a regência do autor. As obras apresentadas são baseadas no sistema citado, transformado em tese. Segundo Edino, o importante trabalho sistematiza o emprego das escalas modais nordestinas e traça uma nova estética modal. Como subtítulos, registrem-se ainda: Concerto Sinfônico; Francescatti; *Música para a Juventude*; e Temas com variações.

Atividades da SIMC. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 27 jun. 1952.

Síntese do artigo: As várias atividades da Seção Brasileira da Sociedade Internacional de Música Contemporânea e o próximo Festival a realizar-se em Salzburgo, com a participação do compositor brasileiro Cláudio Santoro. Registrem-se ainda como subtítulos: Obras de José Siqueira; Recital de Sonatas; *Música para a Juventude*; e Zilda Hamburger na BBC.

As próximas estreias. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 1 jul. 1952.

Síntese do artigo: As próximas apresentações da Associação Brasileira de Concertos, que contarão com o violinista Zino Francescatti e os pianistas Walter Giesecking e Alfred Cortot; a temporada camerística da Pro Arte, com os *Virtuosi di Roma*, e ainda a Orquestra de Cordas Macabi, fundada e dirigida pelo maestro Henrique Nirenberg.

Juventude Musical Brasileira. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 2 jul. 1952.

Síntese do artigo: Sobre a função educativa e cultural da recém-criada organização, filiada à Federação Internacional das Juventudes Musicais, e as várias homenagens que serão prestadas no Rio de Janeiro ao seu idealizador, o belga Marcel Cuvelier. Registrem-se ainda como subtítulos: Victoria de los Angeles; Francescatti, amanhã; e Festival G.E.

A vida musical do norte brasileiro numa palestra com Raphael Baptista. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 3 jul. 1952.

Síntese do artigo: Sobre a viagem realizada ao Norte brasileiro pelo maestro fundador e diretor da Orquestra Universitária da Casa do Estudante do Brasil, a convite da Orquestra Sinfônica do Pará, trazendo-nos as impressões de seu contato com as instituições musicais do Norte e do Nordeste. Seguem-se ainda como subtítulos: Hoje, a estreia de Francescatti; e Guerra-Peixe e Britten na OSB.

Francescatti – virtuose e musicista. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 4 jul. 1952.

Síntese do artigo: Recital do violinista francês Zino Francescatti, que reuniu

**Sobre a
apresentação da
Suíte para cordas,
de Guerra-Peixe,
e das *Variações*
sobre um tema de
Purcell, de Britten,
em primeira
audição,
a cargo da OSB.**

as qualidades de virtuose com a substância de um verdadeiro musicista, com indicação do programa apresentado. Como subtítulos, registrem-se ainda: Maestro Raphael Baptista; Alfred Cortot; Orquestra Sinfônica Brasileira; e *Concerto da Juventude*.

Guerra-Peixe e Benjamin Britten. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 5-6 jul. 1952.

Síntese do artigo: Sobre a importância da apresentação da *Suíte para cordas*, de Guerra-Peixe, e das *Variações sobre um tema de Purcell*, de Britten, em primeira audição, a cargo da Orquestra Sinfônica Brasileira, no Teatro Municipal, sob a regência de Eleazar de Carvalho, com comentários alusivos aos dois compositores.

Orquestra Sinfônica Brasileira. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 9 jul. 1952.

Síntese do artigo: A atuação da citada orquestra no concerto do último sábado, e a nova orientação estética do jovem compositor brasileiro Guerra-Peixe, que pretendeu conciliar as conquistas recentes no terreno da expressão com os elementos do folclore nordestino, a cuja pesquisa e estudo se entrega nos últimos anos. Registrem-se ainda como subtítulos: Valdo *Ballet* e Cortot; e Chopin.

JORNAL DO BRASIL

**Toda obra de
Searle pretende
alcançar, assim,
uma síntese
do estilo Liszt
e da técnica
dodecafônica.**

Edino Krieger

Compositores britânicos contemporâneos (I). Lennox Berkeley. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 nov. 1956. Suplemento Dominical, p. 7.

Síntese do artigo: Sobre “valores novos” da criação musical britânica contemporânea, enfatizando que eles nem sempre são jovens recém-saídos dos bancos escolares; em sua maioria, trata-se de compositores de experiência bastante longa, mas cuja projeção no plano internacional se viu retardada por algum motivo. Edino enfatiza que, embora pertencendo à geração de Britten, Lennox Berkeley só recentemente começou a impor-se além-fronteiras. O articulista procede a uma análise da trajetória de Berkeley, ressaltando sua formação e principais obras.

Compositores britânicos contemporâneos (II). Humphrey Searle. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 dez. 1956. Suplemento Dominical, p. 4.

Síntese do artigo: Edino esclarece que o compositor ocupou a posição de líder da escola dodecafônica na Inglaterra, mostrando que várias de suas obras aludem à influência direta dos mestres dodecafônicos. “Toda a obra de Searle pretende alcançar, assim, uma síntese do estilo de Liszt e da técnica dodecafônica, num estranho alquimismo em que se mesclam elementos de naturezas tão diversas. [...] É interessante observar-se, na prática, como Searle concilia o seu fervor pela obra de Liszt e o método dodecafônico que poderia ser considerado, em muitos aspectos, como a sua própria antítese.” Edino cita ainda a *Sonata para piano*, estreada no Wigmore Hall de Londres, em 1951, num concerto comemorativo do 140º aniversário do nascimento de Liszt, onde Searle realiza, segundo suas próprias palavras, “uma tentativa de combinar a ideia da transformação temática de Liszt com a técnica dodecafônica de Schoenberg”.

Compositores britânicos contemporâneos (III). Michael Tippett. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 dez. 1956. Suplemento Dominical, p. 4.

Síntese do artigo: Edino comenta que a bagagem de Tippett é pouco numerosa, valendo citar como obras representativas: uma sinfonia, três quartetos de cordas, o oratório *A Child of our Time* e a ópera *Midsummer Marriage*.

Compositores britânicos contemporâneos (III) [*sic*]. Benjamin Britten. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 dez. 1956. Suplemento Dominical, p. 4.

Síntese do artigo: Sobre a trajetória e a obra do compositor, ressaltando a criação operística, focalizando ainda a fundação do Grupo de Ópera Inglesa, criado com o propósito de rever as óperas dos velhos mestres ingleses e de estimular a criação de novas.

**Ralph Vaughan
Williams
representa para a
música britânica
o que Smetana
representa para
os tchecos,
Grieg para os
noruegueses ou
Villa-Lobos
para nós.
Edino Krieger**

Compositores britânicos contemporâneos (IV). [sic]. William Walton. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 dez. 1956. Suplemento Dominical, p. 4.

Síntese do artigo: “William Walton é um dos compositores contemporâneos que se podem apontar como exceção: suas obras executadas regularmente, gravadas e editadas, constituem praticamente a totalidade da sua produção, aliás de proporções reduzidas [...]”. Não obstante pequena, a obra de Walton se apresenta dividida estilisticamente em fases muito mais nítidas do que a de outros compositores mais prolíferos.

Compositores britânicos contemporâneos (VI) Vaughan Williams. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 jan. 1957.

Síntese do artigo: Segundo o articulista, “Ralph Vaughan Williams representa para a música britânica o que Smetana representa para os tchecos, Grieg para os noruegueses ou Villa-Lobos para nós: seu nome e sua obra são uma espécie de bandeira, símbolos de uma época e de um ideal”. Edino aborda a formação do compositor – doutor em música em Cambridge –, seu envolvimento com o folclore de seu país, como pesquisador e compositor, bem como tece considerações sobre as suas obras mais representativas.

Ponto – Contra – Ponto (I). Camargo Guarnieri. Meio século e o meio musical brasileiro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 fev. 1957. Suplemento Dominical, p. 10.

Síntese do artigo: “Camargo Guarnieri completou meio século no dia 1º. Feito heroico no Brasil, um compositor sobreviver 50 anos, o mais natural seria ou morrer de fome, ou desistir da música, para subsistir.” Edino ressalta que Camargo Guarnieri resistiu, e que em sua obra se podem traçar as três dimensões essenciais dos mestres – estatura, continuidade e profundidade –, situando-se com decisão no tempo e no espaço, aproveitando as melhores experiências do espírito criador contemporâneo, imprimindo-lhes o conteúdo novo, fornecido pela alma coletiva de seu próprio meio. Guarnieri, entrevistado por Edino, diz numa de suas falas que “o Brasil é um país onde a mediocridade prolifera como a tiririca”, fazendo alusão às críticas que Santoro vinha recebendo pela escolha dos compositores que integrariam os 10 discos de música erudita brasileira do Itamaraty. Guarnieri sentencia que “em vez de tristeza, deveriam é fazer uma fogueira e destruir todos os vestígios de sua própria burrice, de sua falta de talento e de sua incompetência. Junto, deveriam queimar também os diplomas, a mais ferina das armas da mediocridade” (referindo-se aos compositores não escolhidos).

Ponto – Contra – Ponto (II). Cláudio Santoro (10 Long Plays) e a difusão da Música Brasileira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1957. Suplemento Dominical, p. 10.

Nota: Este artigo é apresentado na íntegra no Anexo 1.

Academia Lorenzo Fernandez. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 mar. 1957. Suplemento Dominical, p. 10.

Síntese do artigo: O articulista abre espaço à professora Helena Lorenzo Fernandez, fundadora e diretora da supracitada academia, para divulgar as realizações, experiências, novos cursos e planos para o ano em curso, a exemplo do que ocorrera em semanas anteriores com outras entidades congêneres, a Pro Arte e a Academia Plínio Senna.

Um *Singspiel* brasileiro. *O Primo da Califórnia*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 abr. 1957. Suplemento Dominical.

Síntese do artigo: Trata-se de uma ópera cômica, cuja estreia foi noticiada no *Diário do Rio de Janeiro*, onde constava: “A 12 de abril de 1855 no Theatro Gimnasio Dramático – Sala de São Francisco – a estreia da Ópera cômica em 2 actos pelo sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, música do sr. Demetrio Rivero, intitulada *O Primo da Califórnia*”. Edino informa que a ópera seria encenada com música escrita por Geni Marcondes.

Nota: Na pesquisa por nós realizada no setor de microfilmes da Biblioteca Nacional, verificamos que todo o Suplemento Dominical está sem paginação. Verificamos, ainda, no setor de pesquisa do *Jornal do Brasil*, que, pelo fato de o caderno ser maior do que o fotograma, tiveram provavelmente de cortar as margens superiores e inferiores.

Edino parte da formulação histórica de que o cromatismo evidenciado a partir de Wagner pudesse levar, por meio de Strauss, Schoenberg, Webern e Haba, à ruptura da linguagem musical.

Contribuição à polêmica do Concretismo (II). Significação histórica da música concreta. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 abr. 1957. Suplemento Dominical, p. 10.

Síntese do artigo: O crítico parte da formulação histórica de que o cromatismo acentuado evidenciado a partir de Wagner pudesse levar, por meio de Strauss, Schoenberg, Webern e Haba, à ruptura da linguagem musical tradicional abrindo o caminho para a música concreta. Enfatizando não haver sido esse o único caminho, passando por Hindemith, Bartók, Shostakowitch, Khatchaturian e Villa-Lobos, aborda a criação musical e sua inserção dentro da corrente restauradora da música, independente de cada cultura nacional. Termina afirmando que de modo algum, como se pretende, a música concreta “substituirá” a música em seu conceito tradicional.

Villa-Lobos, patriarca da música brasileira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 jul. 1957. Suplemento Dominical.

Síntese do artigo: Um tributo a Villa-Lobos, mostrando o sentido de universalidade que emerge claramente de sua obra, em que se refletem os mais variados elementos étnicos, estéticos, de nossa cultura musical, revelando-se um autêntico patriarca, condição que lhe é conferida por sua situação histórica e pelo sentido de sua obra, e que nem mesmo outros gênios lhe poderiam arrebatam.

Os Festivais de Edinburgo e Cheltenham em 1957. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 ago. 1957. Suplemento Dominical.

Síntese do artigo: Sobre o Festival realizado na Escócia de 18 de agosto a 7 de setembro de 57 – o XI Festival Internacional de Edinburgo. “Não obstante incluir exposições de pinturas e espetáculos teatrais, o Festival de Edinburgo é essencialmente um festival de música, incluindo concertos sinfônicos, de música de câmara, ópera e bailado”. Oferece ainda a sua rica tradição folclórica, suas danças, seus tocadores de gaitas, festivais de filmes e outras artes, que são em geral realizados simultaneamente. Edino resume todas as atividades que foram colocadas à disposição dos visitantes, que acorriam de todas as partes do mundo.

Intervalo do I Concurso Internacional de Piano: Lili Kraus: – Música, experiência vital – Henrik Sztompka: A frase musical de Chopin. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1957. Suplemento Dominical.

Síntese do artigo: Sobre um dos mais importantes acontecimentos musicais da temporada – o Concurso Internacional de Piano –, incluindo depoimentos de Lili Kraus e Henrik Sztompka, tomados no intervalo das provas.

De partida para a Europa. Jacques Klein: Seidlhofer, Itinerário na Europa, Concurso de Piano. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 ago. 1957. Suplemento Dominical.

Síntese do artigo: Sobre a trajetória de Jacques Klein, ganhador por unanimidade do Concurso de Genève em 1953 – tal e qual ocorrera com Gulda em sua época –, abordando ainda seu trabalho como discípulo de Seidlhofer.

Uma estreia Radiofônica. *The Turn of the Screw*, de Benjamin Britte (*sic.*). *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 set. 1957. Suplemento Dominical.

Síntese do artigo: Apresentação pela Rádio MEC, em 1ª audição radiofônica, da ópera citada de Britten, em uma gravação do Grupo de Ópera Inglesa, levada à cena pela primeira vez na Bienal de Veneza, em 1954. O artigo trata do libreto da ópera e da música propriamente dita.

**Considero
sobretudo o canto
como alfa e ômega
da música.
Quem não é
capaz de cantar
não poderá tocar
satisfatoriamente.**

Hans Sittner

Hans Sittner: O canto e o piano na formação musical. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 set. 1957. Suplemento Dominical.

Síntese do artigo: Edino informa que foi no período de crise, ao término da guerra, que se iniciou a reorganização da Academia de Música de Viena, entregue a tarefa ao Dr. Hans Sittner, pianista e compositor, convidado para integrar o júri do I Concurso Internacional de Piano do Rio de Janeiro. O Dr. Sittner declara: “Considero sobretudo o canto como alfa e ômega da música. Quem não é capaz de cantar não poderá tocar satisfatoriamente. Grande parte das deficiências de intérpretes – inclusive regentes – se deve à falta de contato com o canto, à incapacidade de produzir música com o

instrumento de que o próprio organismo humano é dotado.” Edino ressalta que o Dr. Sittner deu grande ênfase ao estudo do canto na Academia, tornando-o obrigatório até para os bailarinos.

O MEC e a música de câmara. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 set. 1957. Suplemento Dominical.

Síntese do artigo: Sobre a iniciativa louvável do MEC de manter alguns conjuntos camerísticos estáveis, como o Quarteto do Rio de Janeiro, o Quarteto de Cordas da Rádio MEC e a Orquestra de Câmara da emissora oficial. Edino destaca a importância do amparo efetivo à nossa vida musical, iniciado com a subvenção destinada à Orquestra Sinfônica Brasileira pelo referido órgão, que agora o estende também à música de câmara.

Música brasileira na Argentina. Quatro compositores mineiros do século XVIII. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 out. 1957. Suplemento Dominical, p. 1.

Síntese do artigo: Concerto realizado no salão nobre da Faculdade de Direito e Ciências Sociais de Buenos Aires no dia 1/10/57, sobre Música Sacra da Escola de Compositores de Minas Gerais (século XVIII), promovido pelo eminente musicólogo Dr. Francisco Curt Lange, pesquisador fecundo a quem a musicologia brasileira deve toda uma série de importantes trabalhos. O concerto foi patrocinado pela Embaixada do Brasil e transmitido em cadeia pela Rádio MEC e pela Rádio Nacional de Buenos Aires.

Uma comédia musical. *Guerras do Alecrim e da Manjerona*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 nov. 1957. Suplemento Dominical, p. 7.

Síntese do artigo: Edino tece comentários sobre o *singspiel*, a comédia *dell'arte*, mostrando como estava ganhando espaço no meio musical, desde dois anos atrás, quando o Tablado apresentou a comédia musical de Macedo, *O macaco da vizinha*, e mais recentemente, sob os auspícios da Sociedade de Arte, outra peça de Macedo: *O primo da Califórnia*. A seguir, fala sobre a temporada do Teatro Nacional de Comédia, com *Guerras do Alecrim e da Manjerona*, de Antonio José da Silva, “o judeu”, sob a direção de Gianni Rato. Trata-se de uma deliciosa farsa, à maneira da ópera *buffa* setecentista. Coube a Geni Marcondes a autoria das partituras musicais desta peça e das anteriormente citadas. Edino exalta ainda as qualidades de Geni Marcondes, que conferiu à partitura o clima de leveza rococó, a atmosfera exata capaz de formar uma unidade com o texto, aliadas à excelente orquestração de Esther Scliar.

**Dezessete anos
antes da 1ª
Bienal de 1975,
Edino sugere
que o Ministério
da Educação e
Cultura promova
a realização de
Festivais Bienais de
Música Brasileira.**

Festival Bienal de música brasileira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 6, 5 jan. 1958.

Síntese do artigo: Edino – 17 anos antes da 1ª Bienal de 1975 – sugere que o Ministério da Educação e Cultura promova a realização de Festivais Bienais de Música Brasileira, incluindo música sinfônica, para orquestra de câmara, quartetos, óperas, bailados, música coral, canções e música para instrumento solista, salientando a existência dos diversos conjuntos estáveis de que já

**Orquestra
Sinfônica
Brasileira, sob
a direção de
Karabtchevsky,
rememorou os
velhos tempos,
dando a certeza
de um futuro
brilhante.**

Edino Krieger

dispõe a Rádio MEC, o Theatro Municipal e, ainda, a Associação de Canto Coral. O articulista chama a atenção para o momento excepcionalmente favorável, em virtude da condição de simpatizante da música que se confirma no ministro Clóvis Salgado.

Luís Cosme faz 50 anos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1958. Suplemento Dominical, p. 1.

Síntese do artigo: O articulista aborda o meio século de existência de Luís Cosme transcorrido sem comemorações especiais, focalizando a produção do compositor, que se encontra cindida cronológica e esteticamente em dois períodos distintos, o primeiro de feição nacionalista e o segundo, aberto à compreensão de todos os experimentos novos, com utilização do processo de compor com 12 sons. Enfatiza, ainda, a importante obra do compositor como musicólogo e divulgador da boa música através do rádio, desenvolvida entre as duas fases criadoras anteriores, num período de inatividade como compositor em consequência de saúde precária.

Música, uma corrida no tempo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 set. 1966. Caderno B, p. 1.

Síntese do artigo: Refere-se à semana de música de vanguarda realizada na Sala Cecília Meireles e ainda à enciclopédia *A Lexicon of Music Inventive*, elaborada pelo musicólogo norte-americano Nicholas Slonimsky.

OSB, Fernando Lopes e Tortelier. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 maio 1967. Suplemento Dominical, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o concerto do último sábado na Sala Cecília Meireles, assinalando que a Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a direção de Karabtchevsky, rememorou os velhos tempos, dando a certeza de um futuro brilhante, apresentando um dos seus melhores programas da temporada.

Mignone, Siqueira e Gnattali. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 maio 1967. Suplemento Dominical, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o programa inaugural da nova série que a Sala Cecília Meireles dedicou naquele ano à música moderna do Brasil, que incluiu a *Segunda Sonatina* para 2 fagotes, de Mignone, na interpretação dos fagotistas Noel Devos e Airton Barbosa, a *Cantata a Manuel Bandeira*, de José Siqueira, na interpretação de Alice Ribeiro e do Quarteto de Cordas da antiga Escola Nacional de Música, e a *Cantata Maria Jesus dos Anjos*, de Radamés Gnattali, sobre textos de Bororó com narração de Milton Gonçalves, o piano de Murilo Santos, a percussão dirigida por Luciano Perrone, o coro preparado por Santiago Guerra e a Orquestra do Theatro Municipal sob a regência de Mário Tavares.

A música nos 10 anos do ICBA. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 maio 1967. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Edino ressalta a música como atividade essencial nas programações do Instituto Cultural Brasil-Alemanha, que transcende de sua condição de representante do Goethe-Institut de Munique para transformar-se num ativo centro de difusão cultural, onde a música, a poesia, o drama, as artes plásticas, a literatura e o cinema formam um valioso complemento extracurricular para os estudantes e um motivo permanente de interesse para o público em geral, ressaltando a figura de seu dinâmico diretor, Willy Keller – o mais carioca dos alemães integrados na paisagem humana da cidade –, como responsável direto. Chama a atenção para o alto nível das programações, com presença predominante de música representativa do repertório universal antigo e contemporâneo e contando com intérpretes e conjuntos de alto nível, que o articulista nomeia.

Eduardo Abreu e os solistas do Rio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 maio 1967. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: O articulista aborda o programa do recital do jovem violonista Eduardo Abreu – “a imagem viva de um Segóvia juvenil”, na Sala Cecília Meireles, antes de viajar a Paris para representar o Brasil no Concurso Internacional de Guitarra promovido pela RTF. Edino ressalta que a compreensão do músico não provém de sua compreensão morfológica da construção musical, mas sim de um sentir profundo, de um instinto ancestral que não se forja, apenas é. O artigo aborda a estreia mundial da obra *Monotonia e Movimento* de Radamés Gnattali pelo conjunto Solistas do Rio no Theatro Municipal, bem como divulga as principais atividades musicais da semana, com ênfase no recital de Nelson Freire na ABC Pro Arte.

**Sobre
Nelson Freire:
não é apenas a
identificação
completa com o
seu instrumento,
nem apenas a
conquista de um
domínio técnico,
nem a pura
manifestação de
musicalidade;
é a soma, a
multiplicação
de todos esses
fatores.**

Edino Krieger

Santoro, Mignone e Guarnieri em primeira audição. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 maio 1967. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Destaca a iniciativa de Ayres de Andrade em colocar nas primeiras audições da série intitulada Música Brasileira Contemporânea, sob os auspícios da Sala Cecília Meireles, os três maiores nomes da música brasileira – Santoro, Mignone e Guarnieri. Programa de excepcional qualidade, quer pelos compositores, quer pelos conjuntos e músicos do melhor calibre.

Nelson Freire. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 jun. 1967. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: “É sempre grato saudar com entusiasmo um talento que se realiza. Sobretudo quando esse talento reúne tantas e tão raras qualidades como as que se somam no comportamento artístico de Nelson Freire. Não é apenas a identificação completa com o seu instrumento, nem apenas a conquista de um domínio técnico adquirido pelo treinamento exaustivo, nem ainda a pura manifestação de um sopro inato de musicalidade generosa; é a soma, a multiplicação de todos esses fatores, reunidos harmonicamente numa unidade perfeita.” Edino aborda ainda o programa do recital.

O milagre Tortelier. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 ago. 1968. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: A crítica versa sobre o fato considerado por Edino como dois

**A cantora
Elizabeth
Schwartzkopf
acompanhada
pelo pianista
Geoffrey
Parson, num
diálogo genial,
onde técnica e
musicalidade fora
do comum foram
a tônica.**

Edino Krieger

milagres: o primeiro, de Ayres de Andrade levar um público numerosíssimo à Sala Cecília Meireles; o segundo, Tortelier ter premiado esse público com uma das experiências musicais mais intensas e profundas de que terão lembrança os ouvintes privilegiados. “O assombro dos ouvidos quase incrédulos continuou no segundo concerto, cuja primeira parte, constituída de três Sonatas para viola da gamba e cravo, teve a participação excepcional de Arnaldo Estrella, que se integrou perfeitamente no mistério do milagre.”

Stern e a nova OSB. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11-12 ago. 1968. Caderno B, p. 8.

Síntese do artigo: O artigo versa sobre o concerto da OSB – com a presença de novos instrumentistas contratados pela orquestra na Tcheco-Eslováquia –, contando com a participação do violinista Isaac Stern, sob a regência de Eleazar de Carvalho, incluindo no programa do concerto a *Sinfonia em Sol menor*, de Alberto Nepomuceno, o *Concerto em Sol maior*, de Mozart, e o *Concerto em Ré maior*, de Brahms. “A grande atuação do programa da OSB, responsável pela presença de um público tão entusiasmado quanto numeroso, que voltou a superlotar o Municipal como nos melhores tempos da OSB, foi o violinista Isaac Stern, que atuou como solista em dois concertos.”

Municipal ovaciona primeira-dama do canto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 10, 13 ago. 1968.

Síntese do artigo: O artigo aborda a apresentação, no Theatro Municipal, da cantora Elizabeth Schwartzkopf acompanhada pelo pianista Geoffrey Parson, num diálogo genial, onde técnica e musicalidade fora do comum foram a tônica. Edino ressalta os prodígios da técnica mais perfeita, do domínio do instrumento e da musicalidade mais generosa que desfilaram por todo o programa, transportando o público de um êxtase a outro.

A divina paixão de Richter. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 10, 24 ago. 1968.

Síntese do artigo: A crítica versa sobre a apresentação da *Paixão segundo São João*, de Bach, na Sala Cecília Meireles, com a Associação de Canto Coral – “que soma, com sua excelente atuação [...], mais um serviço relevante prestado à música” – e a Orquestra do Theatro Municipal – “e a mesma transfiguração que operou no coro, obteve também da Orquestra [...], que nunca souu tão homogênea” –, sob a regência de Karl Richter. O articulista ressaltou que a realização da *Paixão* não teria atingido o nível superlativo sem a participação do excelente grupo de solistas – Johnvan Kestern, Norma Lerer, Ernest Gerold Schramm, Peter Lagger e Maria Stader –, que contribuíram para que a *Paixão* se confirmasse como o acontecimento máximo do *Ciclo Bach*.

A nova linguagem do *Deutscher Jazz 68*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 set. 1968. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: O artigo versa sobre o surgimento do *jazz*, de início visto como expressão musical da cultura americana, constituindo-se posteriormente numa arte universal por seu alto valor musical intrínseco. “Já não são os americanos a receber a influência musical de Wagner, registrada nas obras de MacDowell e seus contemporâneos: são os alemães do *Deutscher Jazz 1968* que nos trazem hoje a quintessência de uma arte nascida do canto rouco dos negros de Nova Orleans, e que adquiriu dimensões universais, tal como as fórmulas do barroco italiano ou os princípios da polifonia flamenga”. O articulista chama a atenção que é dentro dessa perspectiva que devem ser compreendidas a linguagem e o estilo do *Deutscher Jazz 1968*, formado por Manfred Schoof, Ack Rooyen, Rudi Fuesers, Albert Mangelsdorff, Rolf Kuehn, Gerd Dudek, Hainz Sauer, Emil Mangelsdorff, Wolfgang Dauner, Guenter Lenz, Ralf Huebner e Willi Johannis e que foi apresentado na última sexta-feira na Sala Cecília Meireles, num concerto promovido pelo Instituto Brasil-Alemanha. Edino ressalta ainda a qualidade musical – resultado de um grupo de instrumentistas excepcionais – e o vanguardismo da apresentação, que teve como resultado uma singular simbiose; a da música mais regional e primitiva com os processos e concepções mais avançados da música contemporânea, produzindo uma nova compreensão do som como linguagem.

A arte da Fuga. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 ago. 1969. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Crítica sobre o segundo programa do *III Ciclo Bach* na Sala Cecília Meireles, com o Quarteto Dornbusch, evento ocorrido com o patrocínio do Instituto Cultural Brasil-Alemanha, com comentários sobre a obra de Bach.

Detmolderblaserkreis: a outra face de Mozart. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 ago. 1969. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre a estreia do Conjunto de Sopros Detmold, dirigido por Jost Michaels (clarinete), na última sexta-feira, na Sala Cecília Meireles, patrocinado pelo Instituto Goethe de Munique através do Instituto Cultural Brasil-Alemanha.

Panorama da Música. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1969. Caderno B, p. 3.

Síntese do artigo: Sob o título Panorama das letras, das artes, da música e do teatro, cada crítico especializado assina uma parte, com indicação apenas das iniciais de seus nomes. Edino Krieger, aqui identificado como EK, discorre sobre notícias esparsas da área de música.

Turíbio Santos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 ago. 1969. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Aborda a guitarra espanhola aclimatada no Brasil e nacionalizada com o nome de violão e sua importante participação na música brasileira, como introdução à crítica sobre o concerto que superlotou

**O jovem
maranhense
Turíbio Santos
reúne três
qualidades raras:
aplicação, talento
e seriedade.
Edino Krieger**

a Sala Cecília Meireles. Sobre o surgimento do violonista, Edino assim se expressa: “O jovem maranhense Turíbio Santos, que reúne três qualidades raras, como a aplicação, o talento e a seriedade, representa hoje a primeira evidência de uma fatalidade histórica [...], mas não bastaria a fatalidade histórica para que Turíbio Santos se tornasse esse cosmonauta do violão.”

Grande entusiasmo na estreia do San Carlo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p.10, 30 ago. 1969.

Síntese do artigo: Apreciação crítica da estreia, na noite anterior, às 21h05, no Municipal.

A semana musical. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 ago. - 1 set. 1969. Caderno B, p. 6.

Síntese do artigo: Divulga todos os acontecimentos musicais da semana, em todas as salas de concerto, com suas programações e designação das obras e intérpretes, incluindo as comemorações da Semana da Pátria.

A semana musical. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7-8 set. 1969. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre as notícias da semana, os últimos eventos da Semana da Pátria e início dos concertos que o *Jornal do Brasil* promoverá com a Pró-Juvenis da Orquestra Sinfônica Brasileira. Aborda ainda o I Concurso Internacional de Piano da Guanabara e o Festival Internacional de Música.

**O crítico dá
destaque aos
dois concertos
do Conjunto
Música Nova –
dirigido por Ernst
Huber-Contwig
– da Universidade
Federal da Bahia,
no Museu de Arte
Moderna.**

Música na semana. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2-3 maio 1971. Caderno B, p. 14.

Síntese do artigo: O artigo dá destaque aos dois concertos do Conjunto Música Nova – dirigido por Ernst Huber-Contwig – da Universidade Federal da Bahia, no Museu de Arte Moderna, passando pelo roteiro da semana musical, a saber: Concertos para a Juventude da Rádio MEC, com a Orquestra Sinfônica Nacional sob a regência de Mário Tavares, tendo como solista Laís de Souza Brasil; Coral da Universidade Gama Filho sob a regência de Abelardo Magalhães; Pianistas Benedito Sousa Lima e Thomas Mc Intosh; Conjunto Roberto de Regina; e Ciclo Música Nova da Orquestra Sinfônica Brasileira sob a regência de Karabtchevsky e Koellreutter, contando com a participação de Margarita Koellreutter como solista.

Música na semana. Contraste e variedade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 maio 1971. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Roteiro musical da semana, ressaltando a volta do Trio Play Bach ao Municipal, e do conjunto Ars Barroca à Sala Cecília Meireles, os dois últimos concertos do ciclo Música Viva da Orquestra Sinfônica Brasileira e a estreia do balé do Senegal.

Música. Notas e pausas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 maio 1971. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o sucesso de dois programas camerísticos da semana:

a apresentação do Ars Barroca e do Quarteto da Guanabara; a participação do regente Simon Blech junto à Orquestra Sinfônica Nacional, e ainda o V Festival Interamericano de Música de Washington.

A música na semana. A estreia de *Romeu e Julieta*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 maio 1971.

Síntese do artigo: Aborda mais detidamente a primeira audição no Brasil, sexta-feira, às 21 horas, no Teatro Municipal, da sinfonia dramática *Romeu e Julieta* de Berlioz, sob a orientação de Eleazar de Carvalho, apontando dados sobre os motivos que levaram Berlioz à concepção da peça. Fornece ainda o roteiro musical da semana.

Ars Barroca – Música Viva. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 maio 1971. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o concerto na Sala Cecília Meireles do conjunto Ars Barroca, promovido pelo Instituto Cultural Brasil-Alemanha, e o ciclo Música Viva da Orquestra Sinfônica Brasileira, tendo como principais agentes desta integração Oriente e Ocidente o compositor, regente e pedagogo H. J. Koellreutter, os instrumentistas indianos Imrat e Latif Khan e o compositor japonês Makoto Moroi.

Romeu e Julieta. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 jun. 1971. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: A estreia do *Romeu e Julieta*, de Berlioz, sob a regência de Eleazar de Carvalho, tendo como solistas Maria Lúcia Godoy, Constante Moret e Zuinglio Faustini. “Solistas, coro, orquestra e regente mereceram amplamente os prolongados aplausos que premiaram o seu esforço conjunto.”

Orquestra do Concertgebouw. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 jun. 1971. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre a *Nona Sinfonia* de Mahler no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, pela orquestra do Concertgebouw de Amsterdã, que apresentou ainda a *Abertura Trágica*, de Brahms, e a *Sinfonia para Instrumentos de Sopro*, de Stravinsky.

Orquestra Armorial. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jun. 1971. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Comenta o importante trabalho realizado pela Orquestra Armorial do Recife. “Sem pretender apontar soluções nem caminhos definitivos, Cussy de Almeida, Clóvis Pereira, Jarbas Maciel, Capiba e Guerra-Peixe conseguiram transportar, com um máximo de pureza musical e autenticidade, as características essenciais das rabecas e dos pífanos para o conjunto barroco de 2 flautas, cordas e bateria.”

Cussy de Almeida, Clóvis Pereira, Jarbas Maciel, Capiba e Guerra-Peixe conseguiram transportar, com um máximo de pureza musical e autenticidade, as características essenciais das rabecas e dos pífanos para o conjunto barroco.

Edino Krieger

La Bohème. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1972. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: A encenação da ópera *La Bohème*, de Puccini, na semana anterior, contando com elementos humanos de primeira qualidade como

Nélson Portella, Ruth Staerke, Maria Helena Buzelin. Menciona ainda o concerto de Claudio Arrau.

Filarmônica de Israel: o sublime exercício da música. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 set. 1972. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Refere-se ao concerto que inaugurou a primeira turnê latino-americana da Orquestra Filarmônica de Israel, sob a orientação de Zubin Mehta, que antes das obras programadas tocou os Hinos Nacionais do Brasil e de Israel. Mais do que uma formalidade, foi uma experiência de musicalidade.

A resposta do público. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 set. 1972. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Mencionando o público sempre fiel que vinha lotando as salas de concerto e espaços ao ar livre, como os espetáculos de ópera no Municipal, os Concertos de Música Nova do Instituto Cultural Brasil-Alemanha na Escola de Música, a série especial da Orquestra Sinfônica Nacional no Municipal, os Concertos para a Juventude, os Concertos Populares ao ar livre, comenta o atual afastamento desse mesmo público das salas de concerto, chamando a atenção para o fato de que alguma coisa de errado deve estar acontecendo.

Arthur Moreira Lima. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 set. 1972. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o recital de despedida da Temporada Carioca, que lotou o Municipal na segunda-feira.

Brahms na OSB. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 set. 1972. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Notícia o concerto de sábado à tarde da Orquestra Sinfônica Brasileira no Municipal, interpretando Brahms, sob a regência de Peter Eros, tendo Jacques Klein como solista do *Concerto nº 2*.

Nona Sinfonia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 out. 1972. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Apreciação do concerto de sábado à tarde no Municipal, que contou com a participação da Orquestra Sinfônica Brasileira e da Associação de Canto Coral, sob a regência de Karabtchevsky, com o quarteto solista composto por Erich Wenk (baixo-barítono), Peter Wetzler (tenor), Heather Harper (soprano) e Hildegard Laurich (contralto).

Quarteto da Guanabara. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 out. 1972. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o concerto de terça-feira, que lotou o *foyer* do Theatro Municipal, chamando a atenção para o alto serviço cultural prestado pelo Quarteto da Guanabara, formado por Arnaldo Estrella, Mariuccia Iacovino, Iberê Gomes Grosso e Frederick Stephany, à comunidade. O artigo aborda ainda, sob o subtítulo “Um espetáculo deprimente”, a apresentação de quarta-feira no Theatro Municipal das óperas *Cavalleria Rusticana* e *I Pagliacci*.

**Edino chama
a atenção para
o alto serviço
cultural prestado
pelo Quarteto
da Guanabara,
formado por
Arnaldo Estrella,
Mariuccia
Iacovino, Iberê
Gomes Grosso
e Frederick
Stephany, à
comunidade.**

**A Sonata nº1
para piano,
de Camargo
Guarnieri,
é um desses
monumentos
definitivos da
nossa cultura.
Edino Krieger**

Quarteto Endres – som e expressão da música contemporânea. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 ago. 1973. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o concerto de sábado à tarde, promovido pelo Instituto Cultural Brasil-Alemanha na Escola de Música da UFRJ, contando com a participação do Quarteto Endres, formado pelos violinos de Heinz Endres e Joseph Rottenfusser, o violoncelo de Adolph Schmidt e a viola de Rolando Matzger, incluindo obras de Hindemith, Almeida Prado, Webern e Stravinsky.

A propósito de uma estreia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 set. 1973. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Estreia carioca da *Sonata nº 1* para piano, de Camargo Guarnieri, na última segunda-feira, na Sala Cecília Meireles, tendo como intérprete Laís de Souza Brasil. “Sólida, em sua estrutura de concreto e ferro, como uma catedral de Lucio Costa, mas tão brasileira em seu conteúdo quanto um mural de Portinari, a Sonata de Camargo Guarnieri é um desses monumentos definitivos da nossa cultura.” Edino chama a atenção para a falta de uma política cultural que ampare e incentive a criação musical, clamando pela formação de um Instituto Nacional de Música, pois as obras de vários grandes nomes permanecem, em sua grande maioria, sob a forma de manuscritos, não tendo sequer gravação fonomecânica e edição. “Vive-se na pré-história da comunicação.”

Obrigado, Maestro Massarani. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 dez. 1973. Caderno B, p. 10.

Síntese do artigo: Registra o desaparecimento do citado músico, nascido em 26/3/1898. Edino aborda os 22 anos de atuação digna, competente e relevante do maestro, compositor e crítico musical Renzo Massarani. “Nada passou pelos caminhos da música que não tivesse registro nas crônicas de R.M.”, que foi ainda ocupante da cadeira nº 18 da Academia Brasileira de Música.

Diversificação, a marca da temporada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 dez. 1973. Caderno B, p. 5.

Síntese do artigo: Sobre a diversificação e descentralização que marcaram a atividade musical da temporada carioca de 73. A fraca programação das duas principais salas de espetáculos – Sala Cecília Meireles e Theatro Municipal – facilitou o interesse do público em voltar-se para outros espaços. Essa valorização dos pequenos auditórios trouxe como consequência natural um incremento da música de câmara. Conjuntos das mais diversas formações foram presenças constantes, e também o balé teve destaque – o *Royal Ballet* de Londres, o *London Contemporary Ballet Theatre*, o *Ballet Batdor* de Israel, o *Ballet Folclórico* do Senegal, o *Corpo de Baile* do Theatro Municipal e o *Ballet Stagium* de São Paulo. Edino abordou ainda a ópera, as orquestras com todos os regentes e solistas, mais a *Série Música Nova* do Instituto Cultural Brasil-Alemanha, abarcando todas as realizações artísticas.

**Edino chama
a atenção para
a estreia no
Brasil da obra
de Hindemith
– *Os Quatro
Temperamentos* –
em que a pianista
Laís de Souza
Brasil atuou sob
a regência do
próprio autor.**

Guerra-Peixe. O balanço musical dos 60. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 maio 1974. Caderno B, p. 10.

Síntese do artigo: O artigo de página inteira aborda a trajetória do supracitado compositor petropolitano – nascido a 18 de março de 1914 – desde suas primeiras experiências musicais sob a tutela de seu pai, passando por experiências musicais em conjunto de choro, pianista de cinema mudo, músico da Taberna da Glória, arranjador, pesquisador, até a publicação de seu catálogo de obras, publicado no volume 16 de Compositores de América, editado pela OEA. Aborda o impacto que o livro *Ensaio sobre a música brasileira* de Mário de Andrade causou em Guerra-Peixe (“Eu nem sabia que existia uma tal de música brasileira”) e suas incursões no campo da pesquisa folclórica em Pernambuco, por ocasião do trabalho na Rádio Jornal do Commercio, do Recife, e, ainda, seu estudo com Paulina d’Ambrosio, Newton Pádua e Koellreutter.

Música brasileira às suas ordens. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 maio 1974. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Versa sobre dois concertos do fim de semana que marcaram a primeira presença da música brasileira na temporada de 1974, com obras de Lindembergue Cardoso, Almeida Prado, Fernando Cerqueira, Ernst Widmer e Francisco Mignone, a cargo da Orquestra Sinfônica Nacional sob a regência de Vicente Fittipaldi, tendo como solista o clarinetista José Botelho e, ainda, do Quarteto de Cordas da Universidade de Brasília. Edino ressaltou que o público numeroso e atento assistiu a um “programa e execução de um nível internacional, exclusivamente com obras e intérpretes brasileiros”.

É hora de brigar pela música brasileira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 jun. 1974. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Aborda a trajetória da pianista Laís de Souza Brasil iniciada no Curso de Iniciação Musical da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro sob a orientação de Naide e Antônio Sá Pereira, passando por sua ida à Europa para estudar com Seidlhofer, como resultado da concessão da Medalha de Ouro de sua turma, como aluna de Guilherme Fontainha. Edino resalta a disposição de Laís de ir além da rotina que marca a personalidade do verdadeiro artista. Aponta para a estreia no Brasil da obra de Hindemith – *Os Quatro Temperamentos* – em que a pianista atuou sob a regência do próprio autor, além da importante obra de Camargo Guarnieri, visitada regularmente pela musicista, sendo Laís responsável por diversas primeiras audições. “Sinto que há aqui um preconceito generalizado contra a nossa música” – insiste Laís – e “O que está faltando aqui é uma infra-estrutura para a nossa vida musical”, conclui a pianista.

Novo recorde brasileiro. O mais caro concerto do mundo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jul. 1974. Caderno B, p. 4.

Síntese do artigo: Notícia o espetáculo levado no Recife, dentro do Plano de

Ação Cultural do MEC. Segundo Edino, foi o concerto mais dispendioso realizado até então em todo o mundo; de outro lado, tem-se a precariedade dos recursos destinados à área de música, dando como exemplo a extinta Orquestra Filarmônica de São Paulo.

No Centenário de Schoenberg. A grande viagem além do abismo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 jul. 1974. Caderno B, p. 10.

Nota: Este artigo é apresentado na íntegra no Anexo 1.

Música brasileira para Unesco ouvir. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 jul. 1974. Caderno B, p. 2

Síntese do artigo: O articulista aborda a reunião plenária do Comitê Executivo do Conselho Internacional de Música da Unesco realizada no Rio de Janeiro e em São Paulo, ressaltando que o citado conselho pela primeira vez se reuniu fora da Europa. Apesar de a reunião haver transcorrido sem grande alarde, o alto poder representativo das personalidades e entidades internacionais participantes deu ao evento uma fantástica densidade cultural. Edino tece comentários sobre as peças apresentadas em três concertos, com obras de Camargo Guarnieri, Villa-Lobos, Almeida Prado, Aylton Escobar, Jorge Antunes, Guerra-Peixe, Fernando Cerqueira, Bruno Kiefer, Mário Ficarelli, Gilberto Mendes, Lindembergue Cardoso, Edino Krieger e Marlos Nobre, que fizeram parte da amostra do nosso potencial criador no campo da música.

Cage e Beethoven: uma lição em dois tempos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 jul. 1974. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Versa sobre as audições de música nova na programação da Escola de Música da UFRJ – que vêm se constituindo num acontecimento corriqueiro – que começaram como promoções sistemáticas do Instituto Cultural Brasil-Alemanha, responsável, segundo Edino, por toda uma série de realizações memoráveis dentro da Escola, que contou ainda com o importante apoio de Heitor Alimonda como vice-diretor da mesma. Numa segunda parte aborda o recital do pianista americano Janes Tocco – primeiro prêmio do Concurso de Piano das Américas – dentro do Ciclo Beethoven, que, segundo o articulista, foi uma verdadeira lição de Beethoven.

A Dama e o Cavaleiro. Músicos do Castelo de Brühl na Sala Cecília Meireles. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 ago. 1974. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: A primeira crônica fala da apresentação da pianista Magdalena Tagliaferro na Sala Cecília Meireles com a OSB regida por Gerard Devos, com obras de Fauré, Ravel, Berlioz, Henrique Oswald e Schumann. A segunda versa sobre o concerto promovido pelo Instituto Cultural Brasil-Alemanha, que contou com a apresentação da Orquestra de Câmara de Colônia sob a regência de Helmut Muller-Brühl, com divulgação do programa a ser executado.

Edino divulga as audições de música nova na programação da Escola de Música da UFRJ, que começaram como promoções sistemáticas do Instituto Cultural Brasil-Alemanha.

**A qualidade é
realmente a marca
mais eloquente da
arte de Turíbio,
uma qualidade
conquistada,
trabalhada,
alcançada palmo a
palmo.**

Edino Krieger

Música cênica. A arte combinatória de palco e plateia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 ago. 1974. Caderno B, p. 4.

Síntese do artigo: O artigo versa sobre a tendência mais atual da música de vanguarda – música cênica que incorpora elementos de música, linguagem, teatro, dança, expressão corporal e artes plásticas – resultando numa forma de espetáculo total e integrado. O articulista aborda, através dos tempos, as diversas formas musicais em que o elemento visual ganhou maior representatividade no contexto musical, indo das antigas pastorais, passando pela ópera renascentista até os mais variados musicais modernos. Como exemplo Edino cita algumas obras de Gilberto Mendes, Jorge Antunes, Fernando Cerqueira e John Cage.

Turíbio Santos: a opção da qualidade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 ago. 1974. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Versa sobre uma apreciação crítica do concerto de Turíbio Santos no sábado à noite na Sala Cecília Meireles, com a casa lotada. Afirmado ser a carreira do violonista um exemplo admirável de consciência e definição, Edino revela que a qualidade é realmente a marca mais eloquente da arte de Turíbio, uma qualidade conquistada, trabalhada, alcançada palmo a palmo por uma consciência total do artista e do profissional, do homem e do músico, da técnica e da sensibilidade.

O caro e inútil turismo sinfônico. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 ago. 1974. Caderno B, p. 10.

Síntese do artigo: Aborda a turnê que a Orquestra Sinfônica Brasileira realizou nos grandes centros sinfônicos da Europa, financiada pelo Governo Federal, dentro do Plano de Ação Cultural do DAC. Após tecer sérias e importantes considerações sobre o desenvolvimento da música sinfônica no Brasil, Edino afirma: “Só uma circunstância poderia justificar uma viagem ao exterior de uma orquestra brasileira – a execução de música de autores nacionais (vale dizer, de um repertório que as orquestras e o público de outros países desconhecem e que as nossas têm obrigação de executar melhor).”

Satie em Curitiba. *Vexation* repetida 840 vezes. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 ago. 1974. Caderno B, p. 9.

Síntese do artigo: Sobre a execução ininterrupta da composição *Vexation*, de Erik Satie, das 6 horas da manhã à 0h40, na rua 15 de Novembro, em Curitiba. A música será repetida 840 vezes por dezenas de pianistas voluntários, sendo a pianista e compositora Jocy de Oliveira a criadora do roteiro e coordenadora da execução.

Os caminhos musicais de Satie a Cage. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 out. 1974. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Edino fala sobre as afinidades da música com as artes visuais e literárias, integrando-se como forma de pensamento e de expressão

num grande complexo, num sistema universal de representação estética dos impulsos criadores do espírito humano. Aborda a correspondência que se estabelece entre o movimento surrealista e a música de Satie, mostrando que, com o americano John Cage, a atitude contestatória de Satie renasce e inicia um novo ciclo de influências que se prolonga até hoje.

Música brasileira no outono de Graz. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 nov. 1974. Caderno B, p. 8.

Síntese do artigo: Sobre a presença da música brasileira no grande encontro de cultura realizado entre setembro e novembro em Graz, capital da Estíria, na Áustria. O programa dedicado à música brasileira de vanguarda contou com a participação da Orquestra Pro Arte de Graz sob a regência de John Neschling, compreendendo obras de Almeida Prado, Lindemberg Cardoso e Jorge Antunes em primeira audição mundial e, ainda, Cláudio Santoro e Marlos Nobre.

Concurso de Goiânia revela talentos novos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 dez. 1974. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Refere-se ao I Concurso Nacional de Música de Goiânia (destinado ao piano), promovido pelo Instituto de Artes da Universidade Federal de Goiás, dirigido pela pianista Belkiss Carneiro de Mendonça e subsidiado pela Caixa Econômica Estadual.

GUAÍRA/75. Um festival de muitas e belas vozes. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 fev. 1975. Caderno B, p. 8.

Síntese do artigo: Sobre a realização do VIII Curso/Festival de Música de Curitiba que reuniu 90 professores, 800 alunos e um público entusiasmado que sempre lotou os 3 mil lugares do Teatro Guaíra. O artigo dá destaque ao concerto de encerramento em que foi apresentada a *Missa Solene* de Beethoven, que contou com a participação de um coro de 500 alunos, solistas e a Orquestra do Festival sob a regência de Roberto Schnorrenberg, auxiliado por Samuel Kerr na preparação do coro.

Edino comenta a estreia de obras recuperadas de autores brasileiros do século XVIII – Lobo de Mesquita e padre José Maurício.

Luigi Dallapiccola, um mestre lírico do serialismo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 fev. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Notícia o desaparecimento, aos 71 anos de idade, completados no dia 3 daquele mês em Florença, do compositor italiano Luigi Dallapiccola e relata sua trajetória musical.

Música do Brasil Colônia em estreia no Municipal. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 abr. 1975. Caderno B, p. 5.

Síntese do artigo: Aborda o concerto de abertura da temporada da Orquestra Sinfônica Nacional no Theatro Municipal, com a inclusão de quatro obras de autores brasileiros do século XVIII – José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita e padre José Maurício Nunes Garcia – recuperadas pelo trabalho de pesquisa

de Regis Duprat, Cleofe Person de Mattos e Olivier Toni, com depoimento deste último.

Bach e Liszt em edições completas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 abr. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre a filosofia das grandes editoras europeias e americanas com as frequentes edições de obras completas, que encontra no momento eco no Brasil. O articulista aborda a primeira experiência da Phonogram no Brasil, com o lançamento da obra completa de Chopin, acenando que a editora pretende continuar nesse caminho oferecendo agora ao mercado três novos álbuns, contemplando as obras de Bach e Liszt. Aborda ainda a coleção dos “Concertos” produzida pela Archiv, que garante categoria através da qualidade excepcional das gravações, do excelente nível técnico da prensagem e de um rico material analítico sob a responsabilidade de Heinz Becker e Hans-Gunter Klein.

**O articulista
comenta a terceira
visita ao Rio
– a convite do
Instituto Cultural
Brasil-Alemanha –
do Grupo de Ação
Instrumental de
Buenos Aires.**

O Mito Violado e o Gymnopedista. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 maio 1975.

Síntese do artigo: Sobre a terceira visita ao Rio – a convite do Instituto Cultural Brasil-Alemanha – do Grupo de Ação Instrumental de Buenos Aires, com apresentação de dois programas. O primeiro – *O Mito Violado* – se debruça sobre a *Tetralogia* de Wagner e o segundo, Erik Satie, *Gymnopédiste*, mostra, segundo Edino, uma identificação mais evidente entre o mundo de Satie e a proposta interpretativa de ação.

Discos clássicos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 jun. 1975. Caderno B, p. 7.

Síntese do artigo: Sobre o lançamento pela CBS/Odyssey de discos clássicos, ressaltando o do violonista John Williams e o LP Música da Renascença com Guy e Elizabeth Robert. Edino menciona ainda três novos LPs da série *Greatest Hits*, com algumas das páginas favoritas de três grandes mestres românticos: Liszt, Saint-Saëns e Rimsky-Korsakov.

Discos clássicos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 jun. 1975. Caderno B, p. 6.

Síntese do artigo: Sobre o suplemento clássico que a Odeon lançou, que inclui um LP dedicado a Brahms tendo como solista o pianista Ashkenazy sob a regência de Zubin Mehta; outro LP dedicado a Rachmaninoff, a cargo da pianista Ilana Vered como solista, tendo como regentes Andrew Davis e Hans Vonk e, por último, um LP que contou com Ravi Shankar como compositor e intérprete do concerto para cítara e orquestra regido por André Previn.

Discos clássicos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 jun. 1975. Caderno B, p. 7.

Síntese do artigo: Divulga a coleção da Tapeçar, intitulada *Unbelievable*, com gravações de Saint-Saëns, Hofmann, Ravel, Busoni e Prokofieff.

Discos clássicos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 jul. 1975. Caderno B, p. 7.

Síntese do artigo: Sobre o lançamento do último suplemento clássico da Copacabana, reproduzindo gravações originais *Vanguard*, da série popular *Everyman Classics*, incluindo oito cantatas de Bach e quatro concertos para violino e orquestra do ciclo *La Cetra*, de Vivaldi, em cinco LPs.

Discos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 jul. 1975. Caderno B, p. 7.

Síntese do artigo: Sobre o último suplemento clássico da Phonogram em dez LPs, sendo quatro deles dedicados à obra de Rossini, Beethoven, Albinoni, Pachelbel, Boccherini, Respighi e Mendelssohn, sob a regência de Herbert von Karajan, e outros seis LPs com obras de Tchaikowsky, Prokofieff, Berlioz, Ravel e Beethoven sob a regência de Seiji Ozawa, com indicação dos principais solistas e orquestras envolvidos.

Discos clássicos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 jul. 1975. Caderno B, p. 7.

Síntese do artigo: Sobre os últimos lançamentos nacionais de discos de música clássica. *O Lago dos Cisnes*, de Tchaikowsky, em duas novas edições pelas gravadoras Copacabana e Odeon; um LP que marca a estreia do alaudista e violonista Oscar Ohlsen, com obras de autores da Renascença e do Barroco pela Odeon, assim como a *Suíte* do balé *A bela Adormecida*, de Tchaikowsky, e a *Nona Sinfonia* de Beethoven. O suplemento da Copacabana compreende ainda o lançamento completo do balé *O Quebra-Nozes*, de Tchaikowsky. Recomendando às editoras que incluíssem a cronometragem das músicas e também que observassem um espaço razoável entre as faixas, o articulista nomeia ainda os principais solistas, orquestras e regentes envolvidos.

Discos clássicos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 jul. 1975. Caderno B, p. 7.

Síntese do artigo: Sobre o lançamento pela CBS dos maiores sucessos de Johann Strauss na série *Greatest Hits* em três LPs, contando com a participação de Ormandy à frente da Orquestra da Filadélfia, Bernstein conduzindo a Filarmônica de Nova York, George Szell com a Orquestra Cleveland e Kostelanetz com sua orquestra. Edino ressalta o nível das gravações e afirma que “Qualidade também é cultura, quer se trate da *Nona Sinfonia* ou do *Danúbio Azul*.”

Stanislav Heller. O grande universo do cravo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 jul. 1975. Caderno B, p. 8.

Síntese do artigo: Sobre a trajetória de Stanislav Heller – considerado um dos grandes cravistas da atualidade – incluindo seu último disco, dedicado às *Seis Partitas* de Bach para cravo; sua atuação como solista dos *Concertos Brandemburgo nº 5 em Ré menor*, com a Orquestra Sinfônica Brasileira no Teatro Municipal, sob a regência de Isaac Karabtchevsky e um curso de interpretação na Escola de Música da UFRJ, contando, ainda, com depoimentos do citado intérprete.

Edino discorre sobre a trajetória de Stanislav Heller incluindo seu último disco, dedicado às *Seis Partitas* de Bach para cravo.

**Dentro do deserto
que é a produção
fonográfica
nacional, há
um oásis,
representado
pelas edições do
Museu
Villa-Lobos.**
Edino Krieger

Discos clássicos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 jul. 1975. Caderno B, p. 7.

Síntese do artigo: Sobre o lançamento de dois *Quartetos de Cordas* de Villa-Lobos, gravados ao vivo por Franck Acker por ocasião do Concurso Internacional de Quartetos, em 1966. Edino parabeniza a determinação e a pertinência admirável de Mindinha, que com mínimos recursos promove regularmente a edição de um novo LP. “Dentro do deserto que é a produção fonográfica nacional, no campo da chamada música erudita, há um oásis, representado pelas edições sistemáticas do Museu Villa-Lobos.”

O som do inferno. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 ago. 1975. Caderno B, p. 1.

Síntese do artigo: “É bem provável que Penderecki, ao ouvir interiormente os sons dilacerados de sua *Trenodia para as Vítimas de Hiroxima*, tivesse diante de si a imagem do inferno.” Edino assinala ainda que a citada obra, recomendada pela Tribuna da Unesco, marcava não só o início de uma das carreiras internacionais mais brilhantes da criação musical contemporânea, mas também uma nova etapa na história da técnica dos instrumentos de cordas, com a introdução de um novo vocabulário – *sul ponticello*, *sul tasto*, *col legno*, *legno battuto* –, criando procedimentos técnicos que gerariam uma verdadeira escola de composição.

Discos clássicos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 ago. 1975. Caderno B, p. 7.

Síntese do artigo: Edino chama a atenção para a importância da gravação ao vivo com o público, ressaltando que naquele momento melhor se realiza o milagre da recriação musical. O articulista afirma ainda que nem todos os concertos merecem ser lembrados. Entretanto há alguns, de tal modo privilegiados em sua arte musical, que desejaria perpetuar num tempo menos frágil que a precária memória humana. É o caso do LP do Duo Morozowicz, gravado ao vivo na Sala Cecília Meireles, sob a responsabilidade de Frank Acker, um momento digno de ser lembrado e revivido.

Alguns poucos descompassos na sinfonia harmoniosa do festival. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 ago. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre a estreia da *Floresta Amazônica* de Villa-Lobos, na forma de balé, proporcionada pela coreografia de Dalal Achcare Sir Frederick Ashton, pelos cenários e figurinos de José Verona e pela presença de Margot Fonteyn e David Wall como solistas, dentro da programação do I Festival de Inverno de Dança, realizado no Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

Trio jovem e cravo adulto na Sala. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre os dois últimos concertos da Série Vespéral lançada por Myrian Dauelsberg em 1974, que contou com dois momentos extremamente gratificantes. No primeiro programa, a estreia brasileira do Trio do Rio de Janeiro, formado por Eliane Kardosos, Paulo Bosísio e Antonio Meneses,

três jovens que realizam estágio de aprimoramento na Europa. No segundo concerto, a arte adulta do cravista Stanislav Heller que para Edino foi mais do que um recital: foi um ponto de referência da própria arte e ciência secular do cravo.

Discos clássicos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1975. Caderno B, p. 7.

Síntese do artigo: Sobre a gravação pela RCA dos *12 Estudos* para violão, de Villa-Lobos, tendo o violonista Turíbio Santos – “presença mais assídua de um artista brasileiro nos catálogos fonográficos internacionais” – como intérprete. Edino fala sobre a trajetória do artista, desde o primeiro prêmio no Concurso Internacional de Violão da ORTE, em 1965, enfatizando que Turíbio Santos nunca esqueceu suas raízes culturais. “Turíbio está promovendo a edição, pela Max Eschig, e a gravação, pela Erato, de obras de outros compositores brasileiros, especialmente encomendados – por sugestão sua – pelo Itamaraty.”

Discos clássicos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 ago. 1975. Caderno B, p. 7.

Síntese do artigo: Sobre três novos LPs de música antiga lançados pela Odyssey com a ficha técnica das gravações. Edino informa que o primeiro é dedicado a três mestres desconhecidos do barroco francês – André Cardinal Destouches, Jean-Joseph Cassanéia Mondoville e Antoine Forqueray –; o segundo, ao repertório do Natal, com obras de autores dos séculos XVI a XVIII; e o último, *Musiques Spirituelles du Soir*, é um quase documento da atividade musical que se desenvolve na igreja de São Marcial, em Avinhão.

A unidade mais que perfeita da *Paixão segundo São João*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre os concertos de segunda à noite e terça à tarde na Sala Cecília Meireles, que integram os *Ciclos Bach* criados por Ayres de Andrade e retomados por Myrian Dauelsberg. A crítica chama a atenção para a “figura iluminada do intérprete maior que é Karl Richter”, que como regente e cravista – acompanhando os recitativos – faz de sua atuação um acontecimento à parte, marcando o evento os desempenhos esplêndidos da Associação de Canto Coral e da Orquestra Sinfônica Brasileira.

Um jovem mestre do violoncelo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 set. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o recital do violoncelista Boris Pergamenschicov – primeiro prêmio do Concurso Internacional Tchaikowsky – que contou com a participação da pianista Aleida Schweitzer na vespéral de terça-feira na Sala Cecília Meireles. “O seu recital de estreia foi mais que uma confirmação: foi uma revelação.” Mais adiante, após fazer uma apreciação crítica do concerto, Edino ressalta que: “As qualidades musicais de Pergamenschicov são tão evidentes quanto o seu domínio da técnica.”

As qualidades musicais de Pergamenschicov são tão evidentes quanto o seu domínio da técnica.

Edino Krieger

**Edino fala do
mérito que tem
a Orquestra
Sinfônica
Nacional por
haver formado
o seu próprio
público.**

Discos clássicos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 set. 1975. Caderno B, p. 6.

Síntese do artigo: Edino dá continuidade ao trabalho de divulgação dos novos LPs da série *Para milhões* que a Phonogram está lançando através do selo original Deutsche Grammophon, fornecendo a ficha técnica dos cinco novos LPs que contemplam a obra de Debussy, Rachmaninoff, Bruckner, Wagner e a família Strauss. Adverte ainda o leitor que a partir da próxima semana a coluna estará a cargo de Ronaldo Miranda.

La Grande Ecurie et la Chambre du Roy. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 set. 1975. Caderno B, p. 2,

Síntese do artigo: Sobre o renascimento, em pleno século XX, da *Grande Ecurie* e da *Chambre du Roy* criada pelo rei François I e o alcance que esse ato iria ter quatro séculos depois através desse veículo de democratização musical que é o disco. Edino aponta o LP como o principal herói desse ressurgimento avassalador da música antiga com seu insaciável mercado consumidor fonográfico. O articulista ressalta que as apresentações públicas, as turnês internacionais, são a partir daí uma decorrência natural. O artigo aborda ainda a apresentação do grupo liderado pelo oboísta Jean-Claude Malgoire – já conhecido do público por suas excelentes gravações – em dois concertos na Sala Cecília Meireles.

A OSN, Soler e Moreira Lima. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 set. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Na introdução do artigo, Edino fala do mérito que tem a Orquestra Sinfônica Nacional por haver formado o seu próprio público. O articulista faz uma apreciação crítica do décimo concerto da OSN no Teatro Municipal que contou com a regência de Carlos Alberto Pinto Fonseca e de dois recitais na Sala Cecília Meireles a cargo do violonista Pedro Soler e do pianista Arthur Moreira Lima.

O amálgama certo e a resposta do público. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 set. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Edino faz uma apreciação crítica de dois concertos promovidos pela Sala Cecília Meireles, que contaram com a participação dos pianistas Maria da Penha – discípula de Marguerite Long – e Arnaldo Cohen, ganhador do Prêmio Ferruccio Busoni de 1972.

O violão de Cáceres, em recital e estudos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 set. 1975. Caderno B, p. 6.

Síntese do artigo: O artigo aborda a trajetória do violonista Oscar Cáceres, divulga o programa de seu recital e um curso de interpretação, ambos a cargo da Sala Cecília Meireles. Encontramos ainda notícias musicais esparsas sobre: Seminários de Música Pro Arte, Concurso Nacional de Composição, Concurso para Jovens Instrumentistas e Roteiro Musical da Semana.

**O Duo Abreu,
cuja virtuosidade
e musicalidade o
mundo reconhece
como o mais
perfeito duo
de violões da
atualidade.**

Edino Krieger

Vocação, decepção, tradição e perfeição. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 set. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: O articulista faz uma apreciação crítica de três concertos realizados na semana e que contaram com as participações do violinista Ricardo Cyncynat como solista da Orquestra de Câmara do Brasil, do Quarteto Amadeus e do Duo Abreu – “em cuja virtuosidade e musicalidade o mundo reconhece o mais perfeito duo de violões da atualidade” –, formado pelos irmãos Sergio e Eduardo Abreu.

Quadro Cervantes e *lieder* alemães. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 set. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o recital do supracitado conjunto – integrado por Myrna Herzog, Rosana Lanzelotti e Helder Parente – no auditório do Ibam, numa série de concertos musicais que já se incorporaram ao calendário musical da cidade, e o recital (Schumann – Schubert) de Eliane Sampaio e Jacques Klein, advertindo o articulista que o nome do pianista não constava do programa.

Cordas em dois tempos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 set. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o recital de Oscar Cáceres – “artista sensível e bem formado” e que “se integra perfeitamente nessa nova dimensão da guitarra” – e a apresentação do I Solisti Aquilani, este último em promoção conjunta do Instituto Italiano de Cultura e da Pro Arte, ambos na Sala Cecília Meireles.

Serviço completo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 set. 1975. Caderno B, p. 6.

Síntese do artigo: Não se trata de um artigo, mas sim de recomendações dos críticos especializados nas áreas de cinema, artes plásticas, teatro, filmes na TV e música, esta última assinada pelo crítico musical com as iniciais EK. Edino recomenda o concerto da Orquestra Sinfônica Nacional sob a regência de David Machado, tendo como solista a cantora Glória Queiroz, a ser realizado no Theatro Municipal no próprio dia 20.

I Musici e Salvatore Accardo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 set. 1975. Caderno B, p. 10.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação do I Musici – “primeiro e mais conhecido de todos os conjuntos que promoveram [...] essa redescoberta do barroco” – e o premiadíssimo violinista Salvatore Accardo na Sala Cecília Meireles, sob o patrocínio do Instituto Italiano de Cultura, num programa todo dedicado a Vivaldi. Como subtítulo encontramos: O legado de Hermann Turtur (ex-diretor do Instituto Cultural Brasil-Alemanha) e Roteiro da Semana.

A boa estrela e o talento confirmado. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 set. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o recital do violoncelista Santiago Sabino que contou

É realmente admirável o grau de intimidade, de autocontrole, de unidade sonora e interpretativa alcançado pelo Quarteto da Guanabara.

Edino Krieger

com a colaboração da pianista Aleida Schweitzer na Série Vespéral da Sala Cecília Meireles e o concerto da OSN sob a regência de David Machado no Theatro Municipal. Edino ressalta que, depois da vibração espontânea dos aplausos, ficou a certeza de que o público participara como testemunha de um dos melhores acontecimentos musicais da temporada.

Oração com final barroco. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 set. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre os concertos realizados pelo Quarteto da Guanabara. “Há alguma coisa de religioso, no sentido mais amplo e mais conceitual, nessa peregrinação fiel do público ao *foyer* do Municipal.” Mais adiante Edino enfatiza que: “É realmente admirável o grau de intimidade, de autocontrole, de unidade sonora e interpretativa alcançado pelo Quarteto da Guanabara, formado de individualidades tão marcadas e tão definidas”.

Serviço completo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 set. 1975. Caderno B, p. 7.

Síntese do artigo: Não se trata de um artigo, mas da recomendação de um programa musical para a noite do dia 25, assinado com as iniciais EK. Trata-se da apresentação do Coral da Universidade Federal de Goiás sob a regência da professora Maria Lucy Veiga Teixeira no Salão Leopoldo Miguez da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Serviço completo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 set. 1975. Caderno B, p. 6.

Síntese do artigo: A coluna citada congrega recomendações de articulistas que atuam nas áreas de cinema, teatro e música. Edino – aqui assinado como EK – indica dois programas para o dia de hoje. Às 16h30, no Municipal, a Orquestra Sinfônica Brasileira apresenta o Festival Ravel com a participação da Associação de Canto Coral e Jacques Klein sob a regência de Isaac Karabtchevsky. Às 21h, na Sala Cecília Meireles, o recital do pianista vienense Alexander Jenner, vencedor do I Concurso Internacional de Piano do Rio de Janeiro.

O caminho revelado e Ravel comemorado. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 out. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: O artigo versa sobre dois concertos do final de semana. O primeiro, realizado sexta-feira, na Série Vespéral da Sala Cecília Meireles, contou com a participação da Orquestra de Câmara da Rádio MEC sob a regência de Ricardo Tacuchian, destacando-se a presença do violoncelista Antonio Meneses e do flautista Carlos Rato. O segundo teve lugar no Municipal, dentro da programação do Festival Ravel e contou com a atuação da Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a regência de Karabtchevsky, da Associação de Canto Coral, do pianista Jaques Klein, além de excelentes cantores nacionais.

Som, tradição e humanidade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 out. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Aborda três concertos. O primeiro deles contou com a

Edino divulga o manifesto lido pelo compositor Bruno Kiefer – produzido pelos 35 compositores participantes –, antes do concerto de encerramento da I Bienal.

participação do pianista Roberto Szidon na série *Concert Hall* que a Cultura Inglesa promove na Sala Cecília Meireles. O segundo concerto, patrocinado pela Pro Arte, na Sala Cecília Meireles, esteve a cargo do Coral Bach de Hamburgo e o terceiro, no Theatro Municipal, contou com a participação do Coro do Instituto Israelita Brasileiro de Educação e Cultura e da Escola Eliezer Steinberg sob a regência de Henrique Morelenbaum.

I Bienal de Música. Realidade e perspectivas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 out. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o manifesto lido pelo compositor Bruno Kiefer – produzido pelos 35 compositores participantes –, antes do concerto de encerramento da I Bienal – 8 a 12 de outubro de 1975 –, reconhecendo a importância do evento e clamando pela continuidade do mesmo. Edino fala de toda uma série de ensinamentos e de perspectivas que se abrem dentro do panorama musical do país, ressaltando a capacidade de acreditar de Myrian Dauelsberg, que tornou viável a realização do evento.

Uma sala anti-sinfônica. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 out. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre os dois concertos realizados no último fim de semana na Sala Cecília Meireles pela Orquestra Sinfônica Brasileira e a Orquestra Sinfônica Nacional, que trouxeram à tona a questão da necessidade urgente de se ter um auditório apropriado para a música sinfônica, a exemplo do Theatro Municipal. “Para uma cidade que pretende manter a imagem de capital cultural do país, essa é uma verdade estupefaciente, que nos coloca em posição de inferioridade ante qualquer pequena cidade europeia de 30 mil habitantes.” Edino traça ainda um paralelo com pequenas cidades sul-americanas e afirma que: “Aqui, em lugar de corrigir essa anomalia secular, dá-se um jeitinho”. O articulista aponta também para a impropriedade do repertório escolhido. “Nessas circunstâncias, chega a ser um crime incluir no programa obras como a *Abertura do Tannhauser* de Wagner.”

O difícil equilíbrio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 out. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Focaliza o concerto de encerramento da série de assinatura da Orquestra Sinfônica Brasileira na Sala Cecília Meireles, sábado à tarde. Edino afirma que “sentia-se o empenho louvável de recompor o equilíbrio sonoro da orquestra no ambiente acústico adverso, moderando a intensidade dos metais e da percussão e enfatizando a presença das cordas”. Ainda que extremamente difícil, Alceo Bocchino conseguiu manter o máximo equilíbrio possível.

Sonata sem luar. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 out. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Recital Beethoven de Jacques Klein, segunda-feira, na

Edino chama a atenção sobre os 16 anos de ausência de Villa-Lobos, lembrados por meio de concertos e do Concurso Internacional de Regência.

Sala Cecília Meireles. “Sem luar, mas com muito mais sentido musical a iluminar a sua beleza privilegiada, a *Sonata op. 27 nº 2* de Jacques Klein valeria, sozinha, por todo um programa Beethoven.”

Presença de Villa-Lobos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 nov. 1975. Caderno B, p. 8.

Síntese do artigo: Sobre os 16 anos de ausência de Villa-Lobos lembrados por meio de concertos e do Concurso Internacional de Regência de 17 a 25 de novembro na Sala Cecília Meireles, promovido pelo Museu Villa-Lobos. Integra ainda o artigo o noticiário musical semanal.

Pela janela aberta, os sons do Mundaréu. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 nov. 1975. Caderno B, p. 9 et seq.

Síntese do artigo: Sobre o programa de estreia do *Ballet Stagium*, hoje à noite na Sala Cecília Meireles, que marca também a apresentação de um trabalho musical: a partitura de Aylton Escobar, especialmente criada para o bailado – *Quebradas do Mundaréu* – com argumento extraído de uma peça teatral de Plínio Marcos. O artigo conta com depoimentos do compositor fornecendo importantes subsídios sobre todas as fases que envolveram a criação da obra.

Cravo e piano. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 nov. 1975. Caderno B, p. 8.

Síntese do artigo: Aborda o noticiário musical semanal, destacando as apresentações do cravista Felipe Silvestre e do pianista Heitor Alimonda. Nota: A leitura do artigo na Seção de Microfilmes da Biblioteca Nacional foi prejudicada em consequência da ininteligibilidade do texto.

Artigo sem título. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 6, 16 nov. 1975.

Síntese do artigo: Trata-se de um roteiro dos principais acontecimentos musicais da semana.

O Concurso Internacional de Regência. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 nov. 1975. Caderno B, p. 9.

Síntese do artigo: Sobre o supracitado evento, considerado como ponto culminante do Festival Villa-Lobos, promovido pelo Museu Villa-Lobos do MEC. Edino fornece a relação nominal dos 28 regentes concorrentes, passando pelo conteúdo das provas e premiações, abordando ainda a formação do júri do concurso.

A Trilha do Mundaréu. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 8, 17 nov. 1975.

Síntese do artigo: O articulista chama a atenção para o fato de que a música de um balé – desde Lully até Stravinsky – não nasce por acaso. Citando diversos exemplos bem-sucedidos na música universal, Edino menciona duas iniciativas surgidas de organizações privadas – Companhia Brasileira de balé de Dalal

**Edino aborda
o retorno do
pianista Heitor
Alimonda à sua
condição original
de concertista.**

Achcar e o *Ballet Staging* de São Paulo – que podem ser indícios de uma nova fase para a criação de um repertório brasileiro de balé. Ressalta ainda a estreia de uma partitura de Aylton Escobar – *Quebradas do Mundaréu*.

A volta às origens. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 nov. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Edino inicia lembrando a trajetória de Schoenberg, que depois de romper com o sistema tonal, criando a técnica dodecafônica, confessou sentir com frequência saudade da tonalidade. Após esse prelúdio, ele aborda o retorno do pianista Heitor Alimonda à sua condição original de concertista, depois de oito anos de uma respeitável e exemplar atividade como camerista do Sexteto do Rio e do Ars Barroca. “Agora, um pouco mais nervoso e muito mais amadurecido, era outra vez o concertista *in totum* – não o revelador de obras novas dos tempos da Música Viva, mas o virtuoso enamorado dos problemas técnicos propostos pela música de Brahms, Villa-Lobos e Liszt.”

Antunes em 2 concertos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 nov. 1975, p. 8.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação de três peças do compositor Jorge Antunes – *Para Nascer Aqui*, *Trio em Lá Pis* e *Vivaldia MCMLXXV* – com o Grupo de Experimentação Musical da Universidade de Brasília e a Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a direção do próprio autor, tendo como palcos a Concha Acústica da UERJ e a Sala Cecília Meireles. Integra ainda o artigo o noticiário musical semanal.

Concurso Internacional de Regência (II). A prova dos mestres. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 nov. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o Concurso Internacional de Regência do Festival Villa-Lobos e a apresentação de quinta-feira e domingo, na Sala Cecília Meireles, de 10 dos 24 concorrentes: Juan Carlos Zorzi da Argentina; Michel Rochat da Suíça; Jaime Braude da Argentina; Frantisek Vajnar da Tcheco-Eslováquia; Guido Mansuino da Itália; Vladimir Verbitsky; Guilherme Scarabino da Argentina; Roberto Ricardo Duarte do Brasil; Paul Traver dos EUA; Chiyuki Murakata do Japão.

Concurso Internacional de Regência (III). A noite dos laureados. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 nov. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o concerto de encerramento do citado concurso reunindo três obras fundamentais do repertório villalobiano para coro e orquestra, a saber: a *Suíte nº 4 do Descobrimento do Brasil*, o *Choros nº 10* e o *Noneto*. Edino ajuizou a performance de cada um dos finalistas, divulgando a classificação final do júri: em primeiro lugar – Prêmio Villa-Lobos –, Michel Rochat; em segundo – Prêmio Serge Koussevitzky –, Roberto Ricardo Duarte; e em terceiro – Prêmio Edoardo de Guarnieri –, Vladimir Verbitsky.

Concerto, recitais e ópera de câmara. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 nov. 1975. Caderno B, p. 8.

Síntese do artigo: Sobre a programação musical da semana incluindo obras, intérpretes, conjuntos, orquestras e locais. No subtítulo “Em pauta” um destaque para: o retorno a Nova York da pianista Jocy de Oliveira; o recital de música brasileira, no Salão Dourado do Teatro Colón de Buenos Aires, com a cantora argentina Amália Bazan; a excursão artística da pianista Eudóxia de Barros por várias cidades do Paraguai, da Bolívia, do Peru e da Colômbia; e, por último, a apresentação da Orquestra Bach de Munique na próxima temporada da Sala Cecília Meireles.

Música Nova em estreia na OSB. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 dez. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre a estreia de três obras de dois autores brasileiros, a saber: *Contrastes* de Henrique Dawid Korenchandler, *Isomerism e Catastrophe Ultra-Violette* de Jorge Antunes, no concerto especial da Orquestra Sinfônica Brasileira, na Sala Cecília Meireles, com apreciação crítica do programa.

História do Soldado encerra temporada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 dez. 1975. Caderno B, p. 10

Síntese do artigo: Sobre o concerto de encerramento da temporada carioca, terça-feira à noite, na Sala Cecília Meireles, apresentando a versão integral da *História do Soldado*, tal como a concebeu Stravinsky a partir do texto de Ramuz, com narrador, conjunto instrumental e três bailarinos. Integra ainda o artigo toda a programação da semana.

As contradições do sucesso. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 dez. 1975. Caderno B, p. 6.

Síntese do artigo: Sobre a diferença gritante de atitude que há frente à conquista de um título mundial conquistado por um desportista brasileiro – “é recebido aqui como herói” – e quando o mesmo se dá, todavia, com um artista brasileiro. Edino refere-se ao primeiro prêmio do Concurso Internacional de Piano de Vercelli, na Itália, conquistado por unanimidade pelo pianista Édson Elias e a pequena repercussão que o fato teve.

Ravel e Copland encerram temporada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 dez. 1975. Caderno B, p. 9.

Síntese do artigo: O artigo enfatiza a estreia de três obras de Ravel – a *Pavana para uma Princesa Morta*, a *Pavana da Bela Adormecida* e as *Histoires Naturelles* – e as *Cinco Canções* de Aaron Copland, que o grupo de Música Contemporânea do Rio de Janeiro estará apresentando no auditório do Ibam. Além do roteiro musical da semana, Edino ressalta o recital de inauguração do novo cravo de Roberto de Regina na Casa de Rui Barbosa.

**Edino enfatiza
a estreia de
três obras de
Ravel e
Cinco Canções de
Aaron Copland,
com o grupo
de Música
Contemporânea do
Rio de Janeiro.**

**Trio Brasileiro.
Ali estava a
evidência mais
flagrante de que
a qualidade da
música continua
a ser mais
importante do
que qualquer dado
quantitativo.**

Edino Krieger

Os dois lados da história. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 dez. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: O artigo versa sobre experiências artísticas realizadas com sucesso na Sala Cecília Meireles e outras ainda desastrosas. “Não só a música de câmara, mas também os espetáculos cênicos de proporções limitadas – o teatro musical, a ópera e o balé de câmara – podem ter na Sala Cecília Meireles o ambiente ideal.” Edino faz ainda um levantamento das experiências bem e mal-sucedidas.

Um trio excepcional. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 dez. 1975. Caderno B, p. 4.

Síntese do artigo: Estreia carioca, na Casa de Rui Barbosa, do Trio Brasileiro integrado por Erich Lehninger (violino), Watson Clis (violoncelo) e Gilberto Tinetti (piano). “Ali estava a evidência mais flagrante de que a qualidade – da música, dos executantes e da audiência – continua a ser (e será sempre) mais importante do que qualquer dado quantitativo.”

Concursos e festivais internacionais de música nova em 1976. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 dez. 1975. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: O artigo se presta à divulgação de concursos tais como: Internacional de Composição, à memória de Manuel de Falla, no I centenário de seu nascimento, 1976, na Espanha, e o Concurso Internacional de Composição para piano solo na Inglaterra, fornecendo aos interessados os regulamentos e respectivos endereços para remessa. Aborda ainda um festival promovido pela Sociedade Internacional de Música Contemporânea – “Os Dias da Música Mundial 1976” – a realizar-se nos Estados Unidos. Como subtítulos encontramos referências aos cursos de férias, a saber: Curso Internacional de Música Contemporânea na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo; 26º Curso Internacional de Férias Pro Arte; Curso Intensivo de teoria, solfêjo, leitura e ditado na Associação de Canto Coral e um Curso Intensivo de leitura e escrita musical dirigido por Guerra-Peixe no Centro de Estudos Musicais de Copacabana.

Cristina Ortiz: os últimos acordes. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 dez. 1975. Caderno B, p. 7.

Síntese do artigo: Sobre o concerto de encerramento da temporada musical na Sala Corpo e Som do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro a cargo da citada pianista, fazendo-se acompanhar de uma síntese biográfica da artista. Como subtítulo encontramos: Temporada Internacional em Londres, que divulga as principais orquestras, solistas e regentes que irão se apresentar nas duas maiores salas de concerto da cidade: o Royal Festival Hall e o Royal Albert Hall.

Muita criação e muitos problemas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 dez. 1975. Caderno B, p. 4.

Síntese do artigo: Chama a atenção para a presença da música no primeiro

Edino enfatiza a presença de quatro mulheres dinâmicas que comandaram a vida musical da cidade.

ano de existência do novo Estado do Rio de Janeiro, que segundo Edino foi pródigo de excelentes realizações, ficando os problemas limitados à área administrativa, como um resultado natural da fusão do estado. O articulista faz um retrospecto do ano de 1975, ressaltando as apresentações e eventos mais marcantes em todos os locais e entidades, assim como a presença de quatro mulheres dinâmicas que comandaram a vida musical da cidade, a saber: Myrian Dauelsberg – diretora da Sala Cecília Meireles, grande centro da vida musical da cidade com 228 concertos –; Riva Fineberg – diretora da programação musical do Ibam; Lilian Barreto – responsável pela organização das atividades musicais da Casa de Rui Barbosa –; e Mindinha, diretora do Museu Villa-Lobos. Coloca ainda em evidência instituições culturais que tiveram participação importante como: a Pro Arte, o ICBA, a Cultura Inglesa, a Aliança Francesa, a Maison de France, o Instituto Italiano de Cultura, o Ibeu, o Centro de Artes Integradas do Teatro Santa Rosa, a Pró-Música Silvestre e o Teatro Senac.

O pequeno grande mundo musical de Luís Cosme. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 jan. 1976.

Síntese do artigo: Focaliza a trajetória do compositor e musicólogo gaúcho Luís Cosme, como resultado de duas lembranças episódicas – a execução do bailado *Lambe-lambe* e a utilização de temas de um auto de Natal do citado compositor – pela TVE, na véspera de Natal, marcando a passagem do 10º aniversário de morte do compositor em 1975. Edino ressalta que o trabalho criador de Luís Cosme se mede mais pela qualidade do que pela quantidade, limitada em seu número não por falta de talento criador, mas por contingências impostas por sua longa enfermidade.

Brasília tem verão com música. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jan. 1976. Caderno B, p. 8.

Síntese do artigo: Sobre o I Curso Internacional de Verão promovido pela Secretaria de Educação e Cultura, pela Fundação Cultural e Educacional do Distrito Federal e com a colaboração do ICBA de Brasília, da Universidade de Brasília e da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea, com divulgação dos cursos e corpo docente envolvido. Como subtítulo detectamos ainda a divulgação de concursos internacionais de composição, a saber: Concurso Schnittgerpreis Zwolle, Concurso Internacional Gaudeamus – ambos na Holanda –, Concurso Rainha Maria José na Suíça, Concurso Internacional de Composição nos EUA, Stroud Festival 1976 na Inglaterra e prêmio Oscar Esplá na Espanha.

As primeiras luzes da temporada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 jan. 1976. Caderno B, p. 9.

Síntese do artigo: Sobre a inércia alarmante da Funterj e a competência administrativa de Myrian Dauelsberg e Arminda Villa-Lobos no comando da vida musical da cidade. Edino divulga o plano de atividades da Sala Cecília

O crítico ressalta a importância do apoio governamental para a valorização da ópera.

Meireles, incluindo todos os concertos com seus respectivos intérpretes e, ainda, torna público o regulamento completo do Concurso Internacional de Violoncelo, como um dos eventos do Festival Villa-Lobos promovido pelo Museu Villa-Lobos.

Um elixir para salvar a ópera. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: “Só no Brasil [...] é que a ópera está morrendo. No resto do mundo, a ópera está mais viva do que nunca, e cada vez mais popular”. Edino inicia seu artigo com esta citação do barítono brasileiro Néelson Portella, extremamente bem-sucedido na Europa e na Temporada Lírica Internacional de Santiago do Chile, onde o apoio do governo é notório em todos os planos. O articulista menciona ainda que a presença de Gianni Rato na direção artística de nossa Funterj representa uma esperança para nós.

Compositores brasileiros para plateias alemãs. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 jan. 1976. Caderno B, p. 8.

Síntese do artigo: Sobre o Concurso Nacional de Composição para violão instituído pelo Festival de Altmühltal de 1976, na Alemanha. O concurso foi realizado no Brasil pelos Institutos Culturais que representam o Instituto Goethe de Munique, a Lufthansa, a editora alemã Wilhelm Zimmermann e a Sociedade Brasileira de Música Contemporânea. Foram inscritas 15 composições de autores brasileiros procedentes do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Brasília. Integra ainda o artigo toda a programação dos principais eventos na área de música.

Petrópolis e concursos: algumas opções para os jovens. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 fev. 1976. Caderno B, p. 8.

Síntese do artigo: Versa sobre a abertura no Liceu Municipal do V Festival de Verão de Petrópolis, organizado pela Abrarte e Cultura Artística, incluindo a programação de Concertos e um Concurso Nacional de Instrumentos de Cordas, aberto a jovens instrumentistas. Como subtítulo encontramos: Piano e canto em competição internacional, onde Edino divulga as normas para inscrição no 11º Concurso Internacional de Piano de Montreal e no Concurso Internacional de Canto de Paris.

Pior a emenda. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 fev. 1976. Caderno B, p. 7.

Síntese do artigo: Sobre a substituição do Festival Wagner pela *Nona Sinfonia* de Beethoven na programação da Sala Cecília Meireles sob a direção do pianista Jacques Klein. “Se a antecipação de abertura da temporada se justifica plenamente, tendo em vista o fechamento do Municipal, o que parece não ter justificativa é a substituição de um programa impróprio [...] por outro ainda menos apropriado”, sentencia Edino. Como subtítulo

encontramos: Cristina Ortiz na Europa e Um bombeiro no quarto, sobre a comédia musical *The Plumber's Progress*, em cartaz no Teatro Príncipe de Gales, em Londres.

Confrontos de inverno. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 fev. 1976. Caderno B, p. 6.

Síntese do artigo: Sobre o Concurso Nacional de Música de Câmara que a Universidade de Brasília realizará nos dias 2, 3 e 4 de junho com a colaboração do MEC, e o I Concurso Estadual de Piano a ser realizado em julho em Petrópolis, com regulamento completo de ambos. Encontramos ainda como subtítulos: Música na Tcheco-Eslováquia, Jocy em festival na Flórida, Críticos em congresso e Morelenbaum internacional.

**Sobre os eventos
musicais
produzidos por
Cecília Conde,
Edino sugere
acrescentar um
elemento de
importância
decisiva: a
continuidade.**

Uma demão de música. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 fev. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o relatório – Uma Demão de Cultura – da secretária Myrtes Wenzel, em que ela presta contas do esforço inicial desenvolvido pelo Departamento de Cultura no segundo semestre de 1975. No campo específico da música – a cargo de Cecília Conde –, foram realizados um total de 120 eventos com importantes solistas e conjuntos musicais. Reconhecendo a relevância do projeto pela quantidade, diversidade e amplitude geográfica, Edino sugere acrescentar um quarto elemento, de importância decisiva: a continuidade.

Um bom começo de temporada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 mar. 1976. Caderno B, p. 8.

Síntese do artigo: Sobre a abertura da temporada oficial da Funterj na Sala Cecília Meireles, no dia 2 de abril, cuja execução estará a cargo do Coro e da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal, sob a regência de Eleazar de Carvalho. Edino chama a atenção para o acerto na escolha do programa: um concerto de música brasileira, com obras representativas de quatro períodos da nossa criação musical. Como subtítulos: Educação Artística – curso de preparação musical para professores, promovido pela Pro Arte –; Música para crianças – promovido pela Associação de Canto Coral do Rio de Janeiro –; e Szidon e Nelson Freire – pianistas brasileiros incluídos em gravações de discos comentados por Ulrich Schreiber.

O caminho encontrado. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 mar. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre a atuação da Comissão Artística da Funterj – formada por Mário Tavares, Henrique Morelenbaum, Paulo Fortes, Zuinglio Faustini e Gianni Rato – que constitui o melhor indício de que a entidade está encontrando o caminho certo, com a divulgação da programação de Concertos na Sala Cecília Meireles, em virtude do fechamento do Theatro Municipal para obras de recuperação.

**O articulista
chama a atenção
para a mais alta
categoria do
conjunto Ars
Barroca, tão
bom quanto os
melhores que nos
visitam.**

Homenagem ao JB abre temporada da OSB. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 abr. 1976. Caderno B, p. 4.

Síntese do artigo: Sobre o calendário artístico da Orquestra Sinfônica Brasileira com um concerto de abertura em comemoração aos 85 anos do *Jornal do Brasil*, divulgando os nomes dos regentes, solistas e autores envolvidos. Como subtítulos encontramos: Ars Barroca no Sul, Do *foyer* ao Gláucio Gil – sobre a transferência das apresentações do Quarteto da Guanabara –, Do “koto” ao cravo, Encontro de Corais e Concurso de Composição.

Ars Barroca. A Unidade Múltipla. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 abr. 1976. Caderno B, p. 5.

Síntese do artigo: O articulista chama a atenção para a mais alta categoria do conjunto, tão bom quanto os melhores que nos visitam. A seleção das obras, passando pelo grau de maturidade artística de seus integrantes e a execução realmente perfeita, conferiu ao recital que abriu o Ciclo de Música de Câmara da Sala Cecília Meireles “um encontro privilegiado de belezas e grandezas”.

Ocidente e Oriente nas ressonâncias do cravo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 abr. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação do cravista japonês Eiji Hashimoto na Sala Cecília Meireles, em recital promovido pelo Instituto Cultural Brasil-Japão, com apreciação crítica do mesmo. “Esse caráter de ineditismo se prendia menos à procedência do artista, mas antes à sua especialidade – o cravo – já que nos domínios dos instrumentos pré-clássicos ocidentais é menos conhecida a atuação dos orientais.”

O Canto da Terra e do Céu. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 abr. 1976. Caderno B, p. 1.

Síntese do artigo: Aborda a programação musical da Semana Santa, destacando-se o concerto de quarta-feira, na Sala Cecília Meireles, apresentando *O Canto da Terra*, de Mahler, com a participação da Orquestra Sinfônica Brasileira sob a regência de Isaac Karabtchevsky.

Um precioso legado musical. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 abr. 1976. Caderno B, p. 5.

Síntese do artigo: Sobre a atuação do Coro e da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal, no concerto de abertura da série evolutiva do barroco aos contemporâneos. Nesse ato de louvor à música, coro, orquestra, regente, solistas veteranos e estreadores mostraram a qualidade do material humano de que dispõe a Funterj para as suas atividades.

**Erich Lehninger e
Sonia Goulart
acrescentaram ao
programa uma
quarta dimensão,
a de virtuosidade
pura, com um
nível máximo
de intensidade e
musicalidade.**

Edino Krieger

Mahler. Um tempo que chegou. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 abr. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre a estreia do *Canto da Terra* pela Orquestra Sinfônica Brasileira. Edino enfatiza que a atualidade de Mahler vai além de uma descoberta casual, sendo ainda alimentada pela necessidade psicológica do mito. “Musicalmente, representa não só a decorrência última de *Tristão e Isolda*, de um alargamento da tonalidade que desemboca no limiar extremo do romantismo e prepara o advento de Schoenberg.” Mais adiante afirma que o mundo sonoro de Mahler vai além do próprio Schoenberg, não pela ousadia harmônica, mas pelos padrões de comportamento estrutural que estabelece.

Piano, violino e vanguarda. Os primeiros sons da temporada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 abr. 1976. Caderno B, p. 4.

Síntese do artigo: Sobre os concertos da temporada, incluindo o ciclo Panorama do Piano Brasileiro na Sala Cecília Meireles, a programação conjunta do Ibam e do Ibeu, da Sala Corpo e Som do Museu de Arte Moderna e da Orquestra Sinfônica Brasileira. Como subtítulo encontramos: Um novo compositor – sobre Francisco Zumaqué Gomes –, Encontro de flautistas, Uma ópera infantil – apresentação da ópera *Maroquinhas Fru Fru* na Escola de Música de Piracicaba –, Curso de Interpretação – a cargo de Miguel Proença –, LP de Antonio Barbosa e Bolsas de estudo.

Ann Schein no Ibam. Técnica e musicalidade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 abr. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o recital da jovem pianista americana, discípula de Rubinstein. Edino chama a atenção para os recursos técnicos bem formados de Ann Schein, que aliam técnica com musicalidade interior espontânea, resultando em uma versatilidade e imediata adaptabilidade aos diversos estilos e linguagens.

Um violino em quatro dimensões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 abr. 1976. Caderno B, p. 8.

Síntese do artigo: Sobre o recital do violinista Erich Lehninger e da pianista Sonia Goulart na Sala Cecília Meireles, enfatizando tratar-se de dois talentos musicais e instrumentistas de primeira grandeza. Edino revela que os músicos acrescentaram ao programa uma quarta dimensão, a de virtuosidade pura, num belíssimo programa, com um nível máximo de intensidade e musicalidade.

Radamés Gnattali. A festa dos 70 anos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 abr. 1976. Caderno B, p. 10.

Síntese do artigo: Sobre as comemorações do aniversário do compositor gaúcho em dois concertos – na Casa de Rui Barbosa e no Círculo de Arte Vera Janacópulos – num programa completo de suas obras, com uma breve retrospectiva da trajetória de Radamés Gnattali. Como subtítulo detectamos:

Piano de vanguarda, A vez dos clássicos, Recital na Tijuca, Música no campus da UFRJ, Orquestra da Escola e Concerto lírico.

Outono com calor de Brahms. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 abr. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o segundo Concerto de Outono da Orquestra Sinfônica Brasileira na Sala Cecília Meireles, sob a regência de Isaac Karabtchevsky, tendo como solista o pianista Jacques Klein. Como subtítulo encontramos: Variações diabólicas, como uma chamada ao recital do pianista Caio Pagani, inserido no Panorama do Piano da Sala Cecília Meireles. Edino chama a atenção que as 33 *Variações* de Beethoven, sobre uma valsa de Diabelli, não são apenas Diabélicas: são diabólicas.

Edino refere-se ao compositor Frutuoso Viana, afirmando que já em 1931 Mário de Andrade lhe reconhecia os méritos.

Não é preciso crescer para ser grande. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 abr. 1976. Caderno B, p. 4.

Síntese do artigo: Sobre os mil caminhos que compõem o labirinto misterioso da criação musical. Edino refere-se ao compositor Frutuoso Viana, afirmando que já em 1931 Mário de Andrade lhe reconhecia os méritos. “É impossível traçar-se um quadro da nossa criação pianística sem incluir sua *Dança de Negros*, seu *Corta-Jaca*, suas miniaturas.” Mais adiante o articulista revela que são composições de pequena duração no tempo cronológico, mas eternizadas pela significação de sua substância musical.

Vanguarda e classicismo em realizações exemplares. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 abr. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o recital do pianista Fernando Lopes no Panorama do Piano Brasileiro da Sala Cecília Meireles, com obras de Raul do Valle, Almeida Prado, Ernst Widmer e Lindemberg Cardoso, enfatizando que em qualquer parte do mundo são muito raros os intérpretes que unem qualidades tão flagrantes na abordagem da música brasileira. Num segundo momento Edino retrata o concerto da série Do Barroco ao Contemporâneo que a Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal está apresentando na Sala, sob a regência de Mário Tavares, tendo como intérprete Heitor Alimonda, cujo programa mostrava obras de Gluck, Mozart e Haydn. Como um segundo título: V Concurso de Corais, peças inéditas para o confronto, com o regulamento completo do evento.

Sol mediterrâneo brilha no outono musical. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 maio 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o programa do terceiro Concerto de Outono da Orquestra Sinfônica Brasileira, na Sala Cecília Meireles, que, segundo Edino, Roberto Schnorrenberg inseriu como um rasgo de Sol mediterrâneo na paisagem desse fértil ciclo da Orquestra Sinfônica Brasileira, que incluiu a *Abertura em Si bemol*, de Bernardo José de Souza Queiroz – forte influência

rossiniana –, o *Concerto para dois violões*, de Radamés Gnattali, e a *Sinfonia Italiana*, de Mendelssohn.

A primeira grande enchente. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 maio 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o cancelamento de um concerto sexta-feira, na Sala Cecília Meireles, em consequência de uma enchente. Edino revela que no domingo seguinte houve ainda outro tipo de enchente: do público. Atraídos pela gratuidade do espetáculo e talvez ainda pelo programa – Rachmaninoff e Tchaikowsky –, o público compareceu em massa ao concerto inaugural da Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio MEC, ampliando em muito o público certo que a OSN já conquistou.

Cordas em noite dupla. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 maio 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Edino ressalta que antes da Funterj era comum a coincidência de concertos num mesmo dia e horário em salas diferentes e nenhum no outro dia. Tal fato era atribuído à falta de centralização. Foi criada a Funterj. Entretanto, não houve modificação alguma, pois dois bons concertos – Jerzy Milewsky e Aleida Schweitzer abrindo um ciclo de violino e o Quarteto da Guanabara, o Festival Schubert – foram programados para o mesmo dia, ficando o dia seguinte sem programação.

Edino divulga os concertos que incluem nomes internacionais, como o Quatuor de France, a cantora Victoria de los Angeles e o pianista Abbey Simon.

Piano, vozes e conjuntos numa semana internacional. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 maio 1976. Caderno B, p. 10.

Síntese do artigo: Sobre os acontecimentos musicais da semana que incluem três nomes internacionais, a saber: O Quatuor de France – conhecido como Quarteto da ORTF –, a cantora Victoria de los Angeles e o pianista Abbey Simon. Como destaques nacionais Edino ressalta as apresentações da pianista Maria da Penha, da cantora Maria Lúcia Godoy, da Orquestra de Câmara do Brasil, do pianista Moreira Lima em benefício da Pró-Matre, de Santoro e Shostakowitch programados pela Orquestra Sinfônica Brasileira, do pianista José Carlos Cocarelli, do cantor Paulo Barcelos e o ciclo de palestras Villa-Lobos.

Alto padrão sinfônico. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 maio 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o início da temporada musical e a quantidade e qualidade dos bons concertos que a Orquestra Sinfônica Brasileira e a Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal vêm propiciando ao público. Edino ressalta a preocupação de nossas orquestras em mostrar o melhor de suas capacidades com o intuito de reconquistar um público que se dispersou. O artigo em questão aborda a Orquestra Sinfônica Brasileira em todos os Concertos de Outono sob a regência de Isaac Karabtchevsky, afirmando que a orquestra alcançou um grau altamente significativo, difícil mesmo de ser superado.

Encantos do romantismo nascente. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 maio 1976. Caderno B, p. 4.

Síntese do artigo: Sobre o concerto da série Do Barroco ao Contemporâneo na Sala Cecília Meireles, que contou com a participação da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal sob a regência de Roberto Duarte, tendo como solista Maria Lúcia Godoy.

Victoria, voz e coração de Espanha. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 maio 1976. Caderno B, p. 4.

Síntese do artigo: Sobre o recital da cantora Victoria de los Angeles na Sala Cecília Meireles, passados mais de vinte anos de sua visita anterior, tendo como acompanhador o pianista Leonidas Lipovetsky. Edino ressalta que Lipovetsky foi raramente um coadjuvante satisfatório e adverte que: “Felizmente, era para Victoria que todos os ouvidos estavam atentos.”

Maria dos elementos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 maio 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o recital da pianista Maria da Penha no Ciclo do Piano Brasileiro na Sala Cecília Meireles. Edino, falando sobre os poderes que lhe conferem sua privilegiada natureza musical, assim se expressa: “Com o seu domínio de todos os elementos, de todas as matérias que a ação muscular, ordenada pela técnica exuberante, pode extrair do instrumento, Maria da Penha tem o domínio natural de todas as formas, de todos os estilos.”

Heifetz e Simon em temporada carioca. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 maio 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre a agenda musical da semana que inclui apresentações do violinista Daniel Heifetz – filho de Jascha Heifetz – como solista da Orquestra Sinfônica Brasileira sob a regência de Isaac Karabtchevsky, do pianista norte-americano Abbey Simon, do pianista Heitor Alimonda no Panorama do Piano Brasileiro na Sala Cecília Meireles, do clarinetista José Botelho como solista da série Do Barroco ao Contemporâneo com a Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal, sob a regência de Alceo Bocchino, e, ainda, do Trio da Escola de Música Villa-Lobos e da Banda Antiqua, ambos na Aliança Francesa da Tijuca e do Méier, respectivamente.

Trio Beaux Arts. A emoção multiplicada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 maio 1976. Caderno B, p. 4.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação do citado trio (Menahem Pressler – piano –, Isidore Cohen – violino – e Bernard Greenhouse – violoncelo) na Sala Cecília Meireles, afirmando que ninguém consegue ficar indiferente ouvindo esse milagre de perfeição técnica e de força de comunicação musical. Edino esclarece que o domínio absoluto de todos os fatores de sua ação conjunta, de cada instrumento, individualmente, de sua integração maravilhosa como conjunto, e do sentido musical de cada obra, como

**Trio Beaux Arts.
Ninguém
consegue ficar
indiferente
ouvindo esse
milagre de
perfeição técnica
e de força de
comunicação
musical.
Edino Krieger**

músicos de uma sensibilidade de exceção, tornam o Trio Beaux Arts um verdadeiro fenômeno.

Schumann nas mãos de um mestre raro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 maio 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Concerto do pianista Heitor Alimonda, considerado “como um intérprete de amplos voos e largos recursos técnicos, que a longa vivência camerística apurou, sem diminuir as qualidades do solista que ainda cresce e se supera a cada nova atuação, nessa antiga atividade agora retomada”.

Abbey Simon. Um duplo desafio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 maio 1976. Caderno B, p. 4.

Síntese do artigo: Sobre a estreia do pianista norte-americano na Sala Cecília Meireles, enfatizando que não foi um simples recital, foi um desafio. O programa, que incluía a *Fantasia Op. 17* de Schumann, as *Variações sobre um tema de Paganini* de Brahms e os *12 Estudos Op. 25* de Chopin, num mesmo recital, representava uma dose excessiva. “Ele faz no teclado o que quer e sempre com um sentido musical admirável”, sentencia Edino.

Na Pro Arte a temporada começa hoje. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 maio 1976. Caderno B, p. 8.

Síntese do artigo: Sobre o concerto do violinista Daniel Heifetz, na quinta-feira, como solista da Orquestra Sinfônica Brasileira, e diversas outras notícias musicais.

**Nelson
Freire: Tão
transcendente
é a significação
desse encontro
que já não
basta assinalar
os prodígios
da técnica, a
docilidade do
mecanismo do
instrumento.**

Edino Krieger

Nelson Freire. A eterna descoberta. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 maio 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Edino considera como um momento de espiritualidade suprema o recital Chopin com Nelson Freire na Sala Cecília Meireles. “Tão transcendente é a significação desse encontro que já não basta assinalar os prodígios da técnica, a docilidade do mecanismo do instrumento diante da ação digital assombrosa.” O articulista chama a atenção para um privilégio de Nelson Freire, que é esse eterno renascer dentro de si mesmo, essa intensidade sempre renovada, que faz de cada encontro com a música uma nova aurora.

Ciclo Brahms marca a programação de junho. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 jun. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: O artigo divulga toda a programação musical de junho, ressaltando o supracitado ciclo na Sala Cecília Meireles, que contará com a participação do Sexteto Wuehrer. Como subtítulo encontramos: Dvorák em estreia, Nelson Freire e Janos Starker, Quarteto da Guanabara, Orquestra de câmara e Dircéa Amorim na Tijuca.

**O crítico
divulga os
vários concursos
nacionais e
internacionais,
abertos à
participação dos
novos talentos
brasileiros.**

Inverno musical abre com temperatura oscilante. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 jun. 1976. Caderno B, p. 7.

Síntese do artigo: Sobre a impropriedade da programação da obra *Petrouchka*, de Stravinsky – não obstante o grande interesse musical que encerra – com a Orquestra Sinfônica Brasileira na Sala Cecília Meireles, sob a regência de Isaac Karabtchevsky, em face das limitações acústicas do local, inadequado a esse tipo de repertório. Edino afirma que: “Nenhum dos três requisitos fundamentais, indispensáveis na execução de uma partitura como essa de Stravinsky (afinação, precisão e equilíbrio), chegaram a atingir um nível satisfatório de realização.”

Brahms – um Universo revelado ou Brahms também é necessário. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 jun. 1976. Caderno B, p. 5.

Síntese do artigo: Sobre a oportuna criação do Ciclo Brahms – a exemplo de Bach, Beethoven e Chopin – pela Sala Cecília Meireles, dedicado à parcela mais significativa e menos conhecida de sua produção, que contou com a participação do Sexteto Wuehrer de Hamburgo na estreia, divulgando os demais concertos da série.

Onde testar o seu talento. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 jun. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre os vários concursos nacionais e internacionais, para compositores, cantores e instrumentistas, abertos à participação dos novos talentos brasileiros. Edino divulga todo o regulamento dos concursos: de composição na Paraíba, de violoncelo do Festival Villa-Lobos, de oratório, ópera e *lied* – para intérpretes – na Holanda, de composição sinfônica na Itália, de piano em Petrópolis e de violino em Gênova, na Itália.

Ciclo Brahms. O sopro camarístico. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 jun. 1976. Caderno B, p. 4.

Síntese do artigo: Sobre o quarto concerto do Ciclo Brahms na Sala Cecília Meireles, que incluiu a apresentação de três das cinco obras camarísticas do autor que requerem a participação dos sopros, contando com a participação de José Botelho – clarinete –, Zdenek Svab – trompa –, Zygmunt Kubala – violoncelo –, Miguel Proença – piano – e Frantisek Bartik – violino.

Música. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 jun. 1976. Caderno B, p. 7.

Síntese do artigo: Trata-se de um noticiário musical semanal incluindo o X Concurso Nacional de Canto Carmen Gomes. Como subtítulos encontramos: Banda Antiqua, Concertos de Outono, Duo Pianístico a quatro mãos, Panorama do Piano Brasileiro, Ciclo Brahms, Cappella Accademica Graz, Série Vespéral e Solo Now.

Ouro Preto, Petrópolis, Campos do Jordão. Calor musical para o inverno. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 jun. 1976. Caderno B, p. 8.

Síntese do artigo: Sobre os festivais de inverno e verão que já fazem parte do calendário musical brasileiro – de Curitiba, Teresópolis, Ouro Preto, Petrópolis

Edino chama a atenção sobre a importância da música na educação e sua inserção na problemática da vida e do mundo.

e Campos do Jordão –, com a divulgação de todo o programa de cursos e concertos, com inclusão nominal de todos os professores participantes, além dos contatos para obtenção de informações.

Regente jovem estreia com sucesso. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 jun. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre a estreia do regente Ernani Aguiar aos 22 anos de idade à frente da Orquestra de Câmara da Rádio MEC, na Sala Cecília Meireles. “Em todo o seu variado programa, feito de obras do barroco, na primeira parte, e de autores contemporâneos, na segunda, teve Ernani Aguiar suficientes oportunidades para demonstrar uma disposição flagrante para a regência.”

Janos Starker. O eloquente cantor da simplicidade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 jun. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre a participação do violoncelista Janos Starker no Concerto de Inverno da Orquestra Sinfônica Brasileira, na Sala Cecília Meireles. “Mas Starker não é só o cantor eloquente da simplicidade: é também um mestre soberbo das transas mais complexas, dos arpejos e das escalas velozes do brilhante movimento final, onde a máxima substância musical se associa ao prazer lúcido da digitação instrumental”, afirma Edino.

Juan Carlos Zorzi. A Música acionada (hoje) para a sobrevivência espiritual. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 jun. 1976. Caderno B, p. 12.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação do regente, compositor e professor argentino Juan Carlos Zorzi à frente da Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio MEC, na Sala Cecília Meireles. Constam ainda do artigo importantes depoimentos sobre: a importância da música na educação, a errada afirmação de que a música clássica é difícil para o povo, a impossibilidade de sobreviver somente como compositor e a inserção da música na problemática da vida e do mundo de hoje.

Arcos, pianos e batutas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 jun. 1976. Suplemento, p. 9.

Síntese do artigo: Sobre os cartazes internacionais que prestigiam o calendário da semana na Sala Cecília Meireles.

Brahms em madrigal e a luminosidade de um conjunto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 jun. 1976. Caderno B, p. 4.

Síntese do artigo: Sobre a segunda parte do programa do quinto concerto do Ciclo Brahms na Sala Cecília Meireles, a cargo do coro da Associação de Canto Coral, dirigido por Cleofe Person de Mattos, que contou com a apresentação de 22 canções corais do compositor. Num segundo momento Edino focaliza a apresentação do conjunto Cappella Accademica de Graz numa promoção da Pro Arte do Rio de Janeiro.

Zorzi obteve um nível de moderação sonora suficiente para deixar ouvir o violoncelo solista de Zygmunt Kubala.

Edino Krieger

Zorzi e Kubala. Batuta romântica e violoncelo raro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 jun. 1976. Caderno B, p. 8.

Síntese do artigo: Sobre o concerto da Orquestra Sinfônica Nacional na Sala Cecília Meireles, tendo como solista de uma das obras o violoncelista Zygmunt Kubala sob a regência de Juan Carlos Zorzi. “Sem excluir, de seu temperamento, a sensibilidade também para os matizamentos sutis e o equilíbrio das sonoridades, Zorzi obteve um nível de moderação sonora suficiente para deixar ouvir o violoncelo solista de Zygmunt Kubala.”

Matizes musicais do Século XX. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 jul. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o concerto da série Do Barroco ao Contemporâneo na Sala Cecília Meireles, com a Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal, sob a regência de Carlos Alberto Pinto Fonseca, que teve como solista a pianista Laís de Souza Brasil. Edino chama a atenção para o talento especial do regente para os detalhes, o colorido tímbrico e o equilíbrio das sonoridades, se utilizando de gestos curtos, apenas essenciais, favorecendo a clareza da execução. Afirma ainda que a solista estava profundamente identificada com a obra – *Quatro Temperamentos*, de Hindemith – por ela introduzida aqui há 20 anos, sob a regência e a supervisão do próprio autor.

Salvatore Accardo. Um encontro emocionante de técnica e musicalidade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 jul. 1976. Caderno B, p. 4.

Síntese do artigo: Sobre o concerto da Orquestra Sinfônica Brasileira na Sala Cecília Meireles, tendo como solista o violinista Salvatore Accardo, sob a regência de Julio Medaglia. Edino enfatiza que, ao deixar a Sala superlotada, o público deve ter sentido uma emoção a mais: a da certeza de ter acabado de ouvir, nesse jovem napolitano de 35 anos, um dos luminares da arte do violino de todos os tempos.

Música. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 jul. 1976. Caderno B, p. 6.

Síntese do artigo: Trata-se de um noticiário musical semanal com divulgação das apresentações: da Banda Antiqua, do Quarteto da Guanabara, do Waverly Consort, do pianista inglês John Ogdon, do Ciclo Brahms, da Série Vespéral e dos Concertos de Inverno.

Música. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 jul. 1976. Caderno B, p. 7.

Síntese do artigo: Edino divulga a agenda semanal de concertos, que inclui apresentações: da Banda Antiqua, do Ciclo Brahms, da Série Vespéral, dos Concertos de Inverno, dando destaque ao concerto inaugural da série *Concert Hall* da Cultura Inglesa do Rio de Janeiro, na Sala Cecília Meireles, com a participação do pianista inglês John Ogdon.

**O Waverly
Consort
impressiona:
não só a
multiplicidade
dos instrumentos
e sua diversidade,
resultando
numa riqueza
de timbres e
matizamentos.**

Edino Krieger

Waverly Consort, a juventude eterna da música antiga. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 jul. 1976. Caderno B, p. 5.

Síntese do artigo: Sobre o concerto do supracitado conjunto de Nova York na Sala Cecília Meireles, que proporcionou ao público momentos inesquecíveis. “Não só a multiplicidade dos instrumentos e sua diversidade, resultando numa riqueza de timbres e matizamentos capaz de competir com vantagem com qualquer sintetizador eletrônico de hoje, mas também a destreza de sua manipulação e a justeza de sua difícil afinação individual e conjunta, impressiona na atuação do Waverly Consort”, afirma Edino.

Música. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 jul. 1976. Caderno B, p. 7.

Síntese do artigo: Sobre a agenda de concertos que inclui a presença de Salvatore Accardo no programa do Ciclo Brahms, a apresentação da Banda Antiqua, os Concertos de Inverno e a Série Vespéral, dentre outros.

John Ogdon. O som maior. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 jul. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o concerto de abertura da série *Concert Hall* com o pianista John Ogdon – primeiro prêmio dos Concursos Internacionais Liszt de Londres e Tchaikowsky de Moscou – afirmando que o programa era rico em substância, embora sem fugir à rotina. Edino lamentou a ausência de obra de compositor inglês no programa, que conferiria ao mesmo um maior interesse. “Se a qualidade musical se medisse em decibéis, ele seria certamente um campeão indiscutível”, sentencia Edino.

Romantismo renovador. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 jul. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o quarto Concerto de Inverno da Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a regência de Isaac Karabtchevsky, e a inclusão de duas obras – *Concerto nº 1* de Liszt e *Sinfonia nº 4* de Mahler – que, segundo Edino, são mais para os ouvidos de agora do que para os de sua época. Citando a rejeição dessas obras em sua época, Edino ressalta que: “A História provaria, com seu juízo acima do condicionamento e das limitações do momento, serem essas obras representações admiráveis de um impulso de libertação, cujas consequências teriam que ser medidas não pelo que destruíram do passado, senão pelo que ofereceram ao futuro.”

De Brahms a Alban Berg. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 jul. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Divulga a programação da semana, com concertos do Quarteto Beethoven de Roma, integrado pelo violino de Felix Ayo, a viola de Alfonso Ghedin, o violoncelo de Enzo Altobelli e o piano de Carlo Bruno, e os concertos sinfônicos da Série Do Barroco ao Contemporâneo, com David Machado à frente da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal e a cantora

Helena Rodrigues como intérprete, em primeira audição no Brasil, das 7 *Canções de Juventude* de Berg.

Roberto Szidon. Evidências do temperamento... *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 jul. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre a substituição de duas obras do programa divulgado – as *Variações* de Liszt pela *Sonata op. 101* de Beethoven e os *Cinco Prelúdios* de Scriábrin pela *Fantasia sobre o Hino Nacional Brasileiro* de Gottschalk, alegando que em nada afetou substancialmente a atuação do pianista Robert Szidon, recitalista da série Panorama do Piano Brasileiro, na Sala Cecília Meireles. Edino, entretanto, aponta que “a alteração do programa pode ser um indício a mais do papel preponderante que seu temperamento assume em sua brilhante carreira, seja na liberdade, na volúpia da redescoberta que suas versões constantemente denotam, seja no teor polêmico e *épatant* de seus pronunciamentos”.

Arto Noras. O prazer da dificuldade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 jul. 1976. Caderno B, p. 8.

Síntese do artigo: Sobre o culto da virtuosidade – evocando a lembrança de Locatelli e Paganini – que parece definir o violoncelista finlandês Arto Noras, no recital promovido pela Pro Arte, na Sala Cecília Meireles. Aprovado com louvor nas provas de destreza, outrossim deixou a desejar na execução da *Suíte em Dó menor* de Bach. “A virtuosidade de Arto Noras parecia um pouco perdida, a ponto de quase perder efetivamente o rumo de sua tortuosa caminhada”, sentencia Edino.

**A *Nau Catarineta*
de Fernando
Lébeis, Cecília
Conde, Grisolli e
seus companheiros
é mais do que uma
simples tentativa
de mostrar a um
país incrédulo e
negligente de seus
próprios valores
culturais, um auto
dramático popular.**

Edino Krieger

Tradição e vanguarda. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 jul. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Crítica da montagem sonora da *Nau Catarineta*, apresentada na sexta-feira na Série Vespéral da Sala Cecília Meireles. “Musicalmente, a *Nau Catarineta* de Fernando Lébeis, Cecília Conde, Grisolli e seus companheiros é mais do que uma simples tentativa de mostrar a um país incrédulo e negligente de seus próprios valores culturais uma versão estilizada de um auto dramático popular. Mais que isso, representa um ato de criação que extrapola o nível da referência e da citação, para surgir como uma proposição formal nova, onde o fato folclórico é vivenciado e recriado, assumindo uma nova configuração sem perder as suas raízes.” Edino ressalta ainda o trabalho atualíssimo de criação sonora de Cecília Conde e a qualidade de sua execução, tanto vocal quanto instrumental, enfatizando que nenhum dos artistas interpreta, todos vivem intensamente cada som que produzem.

O piano feminino de Cristina. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 jul. 1976. Caderno B, p. 11.

Síntese do artigo: Sobre o recital da pianista Cristina Ortiz – primeiro prêmio no Concurso Internacional Van Cliburn, no Texas – e a questão da sonoridade instrumental, um fenômeno físico-acústico independente das diferenças de

sexo. Edino ressalta que o som tipicamente feminino da pianista não chega a perturbar em momentos de intimidade poética. Entretanto, torna-se frustrante em uma obra masculina, em que a presença física do som é uma exigência da própria expressão musical. O articulista adverte não ser esse um problema incontornável, pois pode ser compensado por um poder de valorização tímbrica do som.

**A obra *Dies Irae*,
de Penderecki,
foi um
acontecimento
à parte, dentro
do conjunto
de valores
excepcionais
que o programa
reuniu.**

Edino Krieger

Dies Irae, de Penderecki. O vento amanhece, é preciso tentar viver. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre a programação do concerto de encerramento do ciclo Do Barroco ao Contemporâneo, na Sala Cecília Meireles, com a Orquestra do Theatro Municipal, sob a regência de Henrique Morelenbaum, que contou com três primeiras audições no Rio – o *Ludus Instrumentalis*, de Marlos Nobre, o *Concerto para Quarteto e Orquestra*, de Radamés Gnattali, e o *Dies Irae*, de Krzysztof Penderecki. Edino ressalta a importância musical dessa última peça – composta em 1967 para a solenidade de inauguração do monumento em memória das vítimas do campo de concentração de Auschwitz, na Polônia – enriquecendo seu artigo com depoimentos do regente.

A sublime expressão do terror. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 jul. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o concerto anteriormente citado destacando que a obra *Dies Irae*, de Penderecki – de uma complexidade tão grande quanto a sua própria força musical – foi um acontecimento à parte, dentro do conjunto de valores excepcionais que o programa reuniu. “Humanizada pela própria desumanidade da tragédia que a inspirou, a partitura de Penderecki é a expressão sublime de uma realidade terrível transfigurada em arte.”

Ciclo Brahms. A melhor das despedidas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 ago. 1976. Caderno B, p. 5.

Síntese do artigo: Sobre os dois excelentes concertos de encerramento do Ciclo Brahms na Sala Cecília Meireles, que contaram com a participação do Trio de Trieste, do cantor Aldo Baldin, das cantoras Eliane Sampaio e Lenice Priolli, das pianistas Maria Lucia Pinho e Lilian Barreto. Segundo Edino, o rendimento do belo programa deixou no público não só a sensação de plena recompensa, mas o desejo de prolongar por outra hora e meia esse gratificante final do Ciclo Brahms.

Serviço. Música. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 ago. 1976. Caderno B, p. 8.

Síntese do artigo: Inclui a programação da semana, com indicação dos recitais do Quarteto da Guanabara, do Ciclo Bach-Haendel, do Panorama do Piano Brasileiro, do Conjunto Das Neue Werk da Holanda e da homenagem a Octavio Maul, dentre outros.

O doce martírio de Debussy. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 ago. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o concerto de sábado à tarde da Orquestra Sinfônica Brasileira e do Coro da Associação de Canto Coral preparado por Cleofe Person de Mattos e Elza Lakschevitz, sob a regência de Gerard Devos, tendo Philippe Rondest como narrador, Ruth Staerke como solista e Lucia Passos e Nazareth Silverio no dueto dos gêmeos.

Ciclo Bach-Haendel. O encontro dos mestres. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 ago. 1976. [Coluna] Cidade, p. 5.

Síntese do artigo: Sobre o concerto de abertura do ciclo comemorativo dos 85 anos do *Jornal do Brasil* na Sala Cecília Meireles, que segundo Edino resultou num quarteto de grandezas, dois mestres maiores do barroco – Bach e Haendel – e dois intérpretes maiores de hoje – Richter e Kogan –, contando ainda com a Orquestra Bach de Munique.

Kogan-Richter. O diálogo perfeito. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 ago. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre a execução de um grupo de *Sonatas para violino e cravo*, de Bach, executadas pelo violinista Leonid Kogan e pelo cravista Karl Richter. Edino afirma tratar-se de um diálogo de sensibilidades extremas que se contrapõem e se completam, iguais no equilíbrio natural de seu potencial sonoro, sem necessitar qualquer esforço para equalizar os seus níveis dinâmicos em perfeita correspondência mútua.

O melhor *Messias*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 ago. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação do oratório *Messias*, de Haendel, na Sala Cecília Meireles. Edino ressalta que a qualidade dos participantes permitia prever um nível musical superior. Entretanto, a realização superou toda expectativa. “Foi sem sombra de dúvidas o melhor *Messias* que o público carioca já teve a oportunidade e o privilégio de ouvir”, enfatiza o articulista. O concerto esteve a cargo: da Orquestra Bach de Munique, sob a regência de Karl Richter, tendo como solistas Gabriele Fuchs, Anna Reynolds, Ernst Haefliger e Ernst-Gerold Schramm; do coro da Associação de Canto Coral – preparado por Cleofe Person de Mattos e Elza Lakschevitz – e de uma dezena de excelentes músicos brasileiros.

**O Bach de Richter
é realmente
uma aula viva de
morfologia para
um músico.**

Edino Krieger

Bach-Richter. A energia liberada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1976. Caderno B, p. 5.

Síntese do artigo: Sobre o programa Bach realizado na Sala Cecília Meireles pela Orquestra Bach de Munique, sob orientação de Karl Richter, mostrando que o altíssimo padrão da citada orquestra é o resultado da soma das qualidades individuais de cada um de seus integrantes. Mais adiante Edino revela que: “O Bach de Richter é realmente uma aula viva de morfologia para um músico,

além de transmitir, para qualquer ouvinte, toda a grandeza e toda a energia que o espírito humano é capaz de conceber e assimilar e que a obra de Bach resume.”

Trio Burle Marx. Intérpretes e autores jovens. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 ago. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre a estreia do Trio Burle Marx (Barbara Westphal – violino –, Madalena Burle Marx – violoncelo – e James Swisher – piano) no auditório do Ibam, em promoção conjunta com o Ibeu, apresentando obras de Copland, Beethoven e Villa-Lobos.

Antonio Barbosa. Na linha do canto, a fidelidade a Schubert. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 ago. 1976. Caderno B. p. 9 *et seq.*

Síntese do artigo: Sobre o programa do recital do pianista Antonio Barbosa na série Panorama do Piano Brasileiro, com a inclusão da transcrição das *Sete Canções* de Schubert por Liszt, e, ainda, obras de Mozart e Chopin. Edino chama a atenção para a ausência de uma peça de autor brasileiro no programa, fugindo dessa forma à proposição subentendida no próprio título da série. “Um título que deveria justificar-se não só pela nacionalidade dos intérpretes, mas também pela presença da criação musical dos nossos autores”.

Tashi. A boa sorte é de quem ouve. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1976. Caderno B, p.5.

Síntese do artigo: Refere-se ao concerto de sábado à noite, na Sala Cecília Meireles, do Quarteto Tashi, formado por Peter Serkin (piano), Richard Stoltzman (clarinete), Fred Sherry (violoncelo) e Ida Kavofian (violino). Seus integrantes fazem parte de uma seita que visa penetrar e revelar o sentido mais profundo da mensagem sonora, uma espécie de integração com a natureza por meio da música. Segundo Edino, um dos melhores concertos da temporada. “O que aconteceu, em cada uma das quatro obras apresentadas, ultrapassa os limites de uma simples execução bem-sucedida. Foi um fenômeno raro de identificação total, de cada um com a música e de todos entre si.”

Uma esperança para a ópera. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação de estreia da temporada lírica da Funterj, na Sala Cecília Meireles, da obra *The Rake's Progress*, de Stravinsky, em uma tentativa de ressurreição da ópera dentro da vida musical carioca, ainda que sem contar com a parte cênica. Edino faz uma análise dos aspectos positivos e negativos que envolveram a escolha dessa obra e a forma de sua apresentação, mostrando que as dificuldades tornaram ainda maior o mérito da realização da obra, que teve Henrique Morelenbaum como o verdadeiro herói do espetáculo.

**Edino comenta
a estreia da
obra *The Rake's
Progress*, de
Stravinsky, em
uma tentativa
de ressurreição
da ópera dentro
da vida musical
carioca.**

Saber cantar é por certo um requisito fundamental para quem toca Schubert. São palavras de Edino, referindo-se ao concerto do pianista Miguel Proença.

Spivakov e Tuckwell. Violino e trompa em atuações soberbas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 ago. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre as apresentações do violinista Spivakov na série *Concert Hall* e do Ciclo do Violino e, ainda, do trompista Barry Tuckwell na Sala Cecília Meireles, com a Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a regência de Isaac Karabtchevsky. Edino revela que todo o programa, anunciado, impresso e devidamente comentado, foi substituído. Outrossim, informa que pelo menos os artistas eram os mesmos e que o público recebeu a mesma dose de musicalidade e perfeição.

Miguel Proença. A função respiratória da harmonia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 set. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Analisa o concerto de segunda-feira no Ciclo de Piano da Sala Cecília Meireles, enfatizando: “Saber cantar é por certo um requisito fundamental para quem toca Schubert.”

Octuor de Paris. O refinamento francês no romantismo germânico. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 set. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação do Octuor de Paris na Sala Cecília Meireles, em promoção da Pro Arte, com obras de Jean Françaix, Weber, Schubert e Beethoven, com indicação dos músicos que mais se destacaram.

Quais as opções para um fim de semana sem concertos? *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, out. 1976.

Síntese do artigo: Informa não existir programação musical prevista para o fim de semana. Entretanto, afirma que não é por falta de público, já que o índice de frequência aos concertos da Orquestra Sinfônica Brasileira, da Pró-Música Silvestre e da Orquestra Sinfônica Nacional tem sido mais do que satisfatório. Edino afirma que o problema é ainda e sempre a falta de planejamento e de coordenação da programação musical.

Serviço. Música. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 out. 1976. Caderno B, p. 8.

Síntese do artigo: Versa sobre a programação do dia, que inclui a apresentação dos corais Harmonia e do Centro Educacional de Niterói, dos Quartetos da UFRJ e de Cordas da Holanda e, ainda, o recital do violinista Jerzy Milewski e da pianista Aleida Schweitzer.

Malcolm Frager. Cabeça, coração e dedos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 out. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Apreciação crítica do recital do pianista Malcolm Frager, chamando a atenção para o fato de que muitos pianistas e regentes demonstram, por meio de uma abundante gesticulação, intenções que muitas vezes nem chegam a se materializar no plano sonoro, atuando mais como mestres da comunicação visual do que da comunicação musical. “Malcolm Frager pertence

a uma categoria oposta: sua postura é quase estática, os braços quase colados à cintura, os antebraços apenas acionados o suficiente para transmitir a energia aos dedos.”

Uma semana de muitas vozes e poucos instrumentos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 out. 1976. Caderno B, p. 6.

Síntese do artigo: O articulista chama a atenção para o confronto de corais de vários estados, uma promoção da Rádio e do *Jornal do Brasil* (V Concurso de Corais do RJ), por ele considerado o acontecimento marcante da semana.

**Pergamenschicov
mostrou não só
o seu domínio
assombroso do
instrumento,
mas também
uma extrema
sensibilidade para
a música.**

Edino Krieger

Violoncelo russo e quarteto holandês. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 out. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o recital do violoncelista Boris Pergamenschicov na Sala Cecília Meireles, que contou com a participação da pianista Aleida Schweitzer. Edino ressalta que Pergamenschicov mostrou não só o seu domínio assombroso do instrumento, mas também uma extrema sensibilidade para a música contemporânea. O articulista tece ainda uma apreciação crítica da apresentação do quarteto de cordas da Holanda, que teve como ponto crítico a afinação imprecisa. “Os acontecimentos mais sensacionais da partitura chegavam ao ouvido como lugares-comuns.” Como subtítulo encontramos: Passport dá curso de *Jazz* e Concursos de Composição – Concurso de Composição da cidade de Curitiba, Concurso Nacional de Composição do Instituto Goethe e Concurso Nacional de Composição da Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba.

Violino, sopro e piano em noite pródiga. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 out. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre os recitais: de Jerzy Milewsky, que contou com a participação da pianista Aleida Schweitzer no Conservatório Brasileiro de Música; o programa de Sonatas para sopros e piano, que contou com a participação de Heitor Alimonda, José Botelho e Svab no Ibam; e o recital do pianista Edson Elias no Ciclo do Piano Brasileiro, na Sala Cecília Meireles.

Ópera e Quarteto em semana intensa e variada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 out. 1976. Caderno B, p. 6.

Síntese do artigo: Aborda a estreia mundial da ópera *O Chalaça* (apelido de Francisco Gomes da Silva) de Francisco Mignone, com libreto de Mello Nóbrega, com depoimentos do barítono Paulo Fortes e da *mezzosoprano* Glória Queiroz, que representaram o Chalaça e Dona Domitila, respectivamente. Dá destaque também à apresentação do Quarteto de Sidney, Austrália (Harry Curby e Dorel Tincu – violinos, Alexandre Todicescu – viola e Nathan Waks – violoncelo), no Ibam. Edino divulga a programação musical semanal que mobilizou os diversos auditórios da cidade.

V Concurso de Corais do Rio de Janeiro. Emoção e entusiasmo no confronto de mil vozes. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 out. 1976. Caderno B, p. 4.

Síntese do artigo: Sobre o concurso realizado de quarta a domingo na Sala Cecília Meireles, sob o patrocínio da Rádio e do *Jornal do Brasil*, que contou com a participação de corais de diversas cidades: 14 do Rio de Janeiro, 5 de Niterói, 2 de Nova Iguaçu, 1 de São Gonçalo, 1 de Alcântara, 3 de Belo Horizonte, 1 de Montes Claros e Brasópolis, Salvador e Santos e 2 de São Paulo. Edino chama a atenção para o nível qualitativo, que vem subindo sensivelmente, sem levar em conta o quantitativo, que já é feito sabido. Comenta ainda, de forma resumida, a atuação dos 21 corais finalistas.

Edino aborda a estreia mundial da ópera *O Chalaça*, de Francisco Mignone.

O Chalaça. Um milagre a mais. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 out. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Crítica da estreia mundial da ópera *O Chalaça*, de Francisco Mignone, sobre libreto de Mello Nóbrega, na Sala Cecília Meireles, em virtude de o Municipal estar fechado para obras. “E o que é mais notável é que essa estreia, não obstante as adversidades, se realizou dentro de um padrão de qualidade e profissionalismo que raramente o Municipal conheceu. O que prova, mais uma vez, que o recurso básico para qualquer atividade artística é a vontade de realizar, por parte de quem tem nas mãos o poder de decisão.”

Primavera brilha mais na acústica da Escola. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 out. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o programa da Temporada de Primavera da Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a regência de John Neschling, sábado à tarde, no Salão Leopoldo Miguez da Escola de Música da UFRJ. Edino ressalta o pequeno uso do salão, que tem a melhor acústica do Rio de Janeiro, e chama a atenção para a gestão de Heitor Alimonda como vice-diretor, por curto espaço de tempo – quando foram realizadas excelentes programações.

Vozes brasileiras na Alemanha. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 nov. 1976. Caderno B, p. 8.

Síntese do artigo: Sobre a presença do tenor Aldo Baldin e da soprano Eliane Sampaio entre os cartazes da temporada musical alemã. Como subtítulo encontramos: Projetos para a Espanha – sobre a atuação da professora Helena Lorenzo Fernandez como assessora musical da Embaixada Brasileira –, Morre um amigo do Brasil – sobre o desaparecimento do crítico musical e musicólogo argentino José Maria Fontova – e Catálogos – sobre o acréscimo do catálogo de obras de Brenno Blauth à coleção editada pelo Ministério das Relações Exteriores.

A revelação da Camerata e o Chopin essencial. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 nov. 1976. Caderno B, p. 8.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação da Camerata Antiqua de Curitiba na

Sala Cecília Meireles, sob a orientação de Roberto de Regina, com a inclusão de duas cantatas raramente ouvidas, a *Actus Tragicus* de Bach e *Alles was Ich Tut* de Buxtehude. Edino aborda ainda o recital do pianista Antonio Barbosa na Sala Cecília Meireles, enfatizando que não é preciso colocar na música nenhuma intenção além daquela expressa em sons pelo compositor.

Série Música Nova (I). Sem barulho e sem pressa, mas com humor e sensibilidade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 nov. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o concerto de abertura da Série Música Nova, com Jocy de Oliveira tocando *Catalogue d'Oiseaux* de Messiaen, *Sequenza IV* de Luciano Berio, *Ni Bruit Ni Vitesse* de Lucas Foss com a participação de Nelson Melin, *Homenagem a De Sica e Blirium c-9* de Gilberto Mendes e *Phantasiestuck III* de Willy Correa de Oliveira.

Série Música Nova (II). Vozes e instrumentos em noite de alto nível. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 nov. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre a presença predominante da música brasileira no segundo e no terceiro programas da série Música Nova, que contou com as participações: do Trio Alimonda (Alteia – violino –, Lydia e Heitor – piano); do Quinteto Villa-Lobos; da pianista Sonia Muniz; dos cantores Eladio Pérez, Ruth Staerke, Marcos Thadeu Miranda Gomes e Sonia Born; do coro feminino da Associação de Canto Coral, sob a regência de John Neschling, e do Quarteto de Cordas da Universidade de Brasília.

O Escravo aprova João Caetano como teatro de ópera. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 nov. 1976. Caderno B, p. 5.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação da supracitada ópera no João Caetano, como substituto natural do Theatro Municipal, afirmando que, se a ideia foi testar, o resultado foi amplamente satisfatório. Edino esclarece que não se compreende que a Funterj tenha permitido e programado a sobrecarga da Sala Cecília Meireles, enquanto um local apropriado para essas realizações é bloqueado por uma programação exclusiva de shows populares. “É mais uma evidência do desprestígio da chamada música erudita.”

**Os Curumins,
da Associação
de Canto Coral,
sob a regência de
Elza Lakschevitz:
o conjunto
é modelo de
perfeição e beleza.**

Série Música Nova (III). Dois bons concertos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 nov. 1976. Caderno B, p. 8.

Síntese do artigo: Sobre os concertos de segunda-feira e quarta-feira à noite na Sala Cecília Meireles, que contaram com a participação do conjunto Ars Contemporanea e com estreias mundiais de peças de Murilo Santos e Esther Scliar.

Os Curumins. Trinta aprendizes de mestres cantores. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 dez. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação do coral Os Curumins da Associação de

Edino Krieger

Canto Coral, no auditório do Hospital Adventista Silvestre, como vencedores de sua categoria no Concurso Nacional de Corais promovido pelo *Jornal do Brasil*. O conjunto formado por cerca de 30 crianças – entre 6 e 12 anos –, sob a orientação da regente Elza Lakschevitz, responsável por transmitir aos seus pupilos uma consciência global de respeito à música e à própria atividade do canto coletivo, conquistou pelo trabalho um domínio de afinação que resultou em uma execução que é modelo de perfeição e beleza.

Madeiras a quatro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 dez. 1976. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre a estreia do Quarteto de Sopros do Rio de Janeiro (Norton Morozowicz – flauta –, Harold Emmert – oboé –, José Botelho – clarinete –, Noel Devos – fagote) no auditório do Ibam, composto por “instrumentistas de primeira grandeza, músicos até a medula e camaristas que honrariam qualquer plateia do mundo”. Edino chama a atenção para o lado nada convencional da programação, que incluía 95% de autores contemporâneos, sendo metade de brasileiros.

Beethoven. Aquele que emancipou a música. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1977. Caderno B, p. 7 *et seq.*

Síntese do artigo: O articulista analisa o que representou e ainda representa Beethoven e todo o legado por ele deixado à humanidade, num texto que faz referência aos 150 anos de ausência, completados naquele dia.

Sala Itália inaugura os *Lunedì Musicali*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1977. Caderno B, Música.

Síntese do artigo: Sobre a iniciativa do Instituto Italiano de Cultura de colocar em atividade mais uma sala de concertos. Para essa inauguração foi convidada a pianista Lícia Lucas, Medalha de Ouro do Concurso Internacional Gian Battista Viotti, em Vercelli, na Itália. Edino ressalta que teria sido oportuna a inclusão de uma obra de autor brasileiro, em um programa inaugural de uma temporada.

**Edino relata que:
juntamente com
Arnaldo Estrella,
Antão Soares,
José Siqueira,
Moacyr Liserra e
outros músicos,
Eugen Szenkar
fundava a OSB.**

Eugen Szenkar. Morre em Düsseldorf o fundador da OSB. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 abr. 1977. Caderno B, p. 5.

Síntese do artigo: Sobre o desaparecimento do regente húngaro Eugen Szenkar (1891-1977) aos 86 anos incompletos, fazendo uma retrospectiva de sua carreira. Edino revela que o regente estava em turnê pelo Brasil quando foi surpreendido pelo início da guerra e que, sem condições de retornar à Europa, Szenkar se viu imediatamente cercado por um grupo de músicos brasileiros que lhe propuseram participar da organização de uma orquestra. “Pouco depois, juntamente com Arnaldo Estrella, Antão Soares, José Siqueira, Moacyr Liserra e outros instrumentistas e musicófilos, ele fundava a Orquestra Sinfônica Brasileira, da qual foi o regente titular até 1950.”

**Edino aponta
para a vocação
de artista de Luís
XIV, que fez com
que se criassem
em sua corte as
condições de
florescimento de
todas as artes.**

Vencedor de Terni e Viña del Mar segunda-feira no Ibam e Assinaturas para concertos coloridos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 abr. 1977.

Síntese do artigo: O primeiro artigo divulga o recital do pianista Luiz Medalha – detentor dos primeiros prêmios da Orquestra Sinfônica Brasileira, do Concurso Nacional do Rio, IV Concurso Nacional da Bahia, Concurso Internacional de Terni, na Itália, e Concurso Internacional de Viña del Mar – no Ibam. O segundo artigo versa sobre as três novas séries coloridas da Sala Cecília Meireles, a exemplo de modelos europeus, de modo a eliminar o caráter isolado de cada concerto e, ainda, permitir baratear o custo do ingresso, favorecendo também a divulgação.

Luiz Medalha no Ibam. A beleza além do óbvio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 abr. 1977. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre apreciação crítica do recital do pianista Luiz Medalha no Ibam, ressaltando que o intérprete possui um talento especial para revelar aspectos esquecidos de certas obras, apontando uma qualidade a mais, raramente mostrada com tanta evidência, que “era uma certa pureza musical, um valor intrínseco absoluto, que independe dos acentos enfáticos da expressão telúrica”. A excelente execução do pianista motivou Edino a sugerir ao Instituto Nacional de Música o registro desse recital em disco.

A corte musical do Rei Sol revive hoje no coração da Lapa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 abr. 1977. Caderno B, p. 4.

Síntese do artigo: Sobre os concertos da Orquestra de Câmara de Jean-François Paillard na Sala Cecília Meireles, às 21 horas, abrindo a temporada musical de 1977, com a apresentação dos seis mestres maiores do barroco musical francês. Edino faz alusão ainda à vocação de artista de Luís XIV, que fez com que se criassem em sua corte as condições ideais de florescimento de todas as artes.

Primeira crítica. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 abr. 1977, p. 19.

Síntese do artigo: Sobre o concerto de abertura da Sala Cecília Meireles, que contou com a estreia da Orquestra de Câmara de Jean-François Paillard, já conhecida do público através da programação clássica da Rádio *Jornal do Brasil*, apresentando obras de Mouret, Leclair, Delalande e Francoeur.

Requiem Alemão. Um canto de louvor à vida. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16-17 abr. 1977. Serviço, p. 1.

Síntese do artigo: Sobre o início da temporada da Orquestra Sinfônica Brasileira, na Sala Cecília Meireles, com a apresentação do *Requiem Alemão*, de Brahms, tendo como participantes Eliane Sampaio, Zuinglio Faustini e coro da Associação de Canto Coral, sob a regência de Brückner-Rüggeberg.

Fanfarras de Versalhes anunciam segunda-feira o início da temporada. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 e 17 abr. 1977.

Síntese do artigo: Sobre a primeira das quatro apresentações da Orquestra de Câmara de Jean Paillard na Sala Cecília Meireles, que contará dentre outras com a apresentação da obra *Fanfarras em Ré Maior*, de Jean-Joseph Mouret, mostrando as sonoridades festivas que caracterizam essa obra, representativa do espírito luminoso do barroco francês. O artigo inclui a programação das quatro apresentações.

Jean-François Paillard. Um conjunto de solistas admiráveis. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 e 17 abr. 1977. Caderno B, p. 6.

Síntese do artigo: Sobre o segundo programa da Orquestra de Câmara de Jean Paillard na Sala Cecília Meireles, inteiramente dedicado ao barroco alemão e italiano, com obras de Haendel, Telemann, Vivaldi e Cimarosa. Edino ressalta a qualidade do conjunto, “produto da soma de preciosos valores instrumentais individuais, que se superpõem para formar um conjunto de homogeneidade exemplar, refletida também na unidade de técnica e de estilo de todos e de cada um”.

Concerto Tríplice e Missa Lord Nelson. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 e 17 abr. 1977. Serviço, nº 59, p. 13.

Síntese do artigo: Versa sobre duas grandes obras para coro e orquestra que serão apresentadas no final da semana, a saber: o *Requiem Alemão*, de Brahms, e a *Missa Lord Nelson*, de Haydn. Informa ainda sobre a apresentação do *Concerto Tríplice*, de Beethoven, tendo como solistas Gilberto Tinetti, Erich Lehninger e Watson Clis, sob a regência do maestro Alceo Bocchino.

**Edino afirma:
o que distingue
Stokowski entre
os grandes
regentes deste
século, a par da
exuberância,
é a sua visão
permanente do
futuro.**

Stokowski, 95 anos. Uma batuta voltada para o futuro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 abr. 1977. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre os 95 anos de idade completados hoje por Leopold Stokowski, que terá como ponto culminante a regência de um concerto, como parte natural de uma rotina iniciada há mais de meio século e que até hoje permanece em vigor. Edino afirma que “o que distingue Stokowski entre os grandes regentes deste século, a par da exuberância, é a sua visão permanente do futuro. Foi ele, provavelmente, o primeiro grande regente a se integrar totalmente no espírito do século XX”. O artigo fornece ainda uma síntese da trajetória do regente.

Anjos e ninfas na abertura sinfônica. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 abr. 1977. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre o início da temporada sinfônica com a apresentação de duas das três orquestras cariocas, tendo como programa da Orquestra Sinfônica Brasileira a apresentação do *Requiem Alemão*, de Brahms, com a Associação de Canto Coral e a *Missa Lord Nelson*, de Haydn, pela Orques-

tra Sinfônica Nacional e o Coro da Rádio MEC. Enfatizando não ser o espaço da Sala Cecília Meireles o local apropriado para a apresentação de obras sinfônicas, Edino tece alguns comentários sobre o primeiro programa citado.

**Alceo Bocchino,
com extrema
habilidade e
inteligência,
conseguiu manter
a orquestra com
tal equilíbrio
sonoro, que
de repente
a estrutura
camerística das
partes solistas
se revelava por
inteiro.**

Edino Krieger

A motivação da boa música. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 abr. 1977. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Sobre a apresentação da Orquestra Sinfônica Nacional na Sala Cecília Meireles, com a casa lotada, num concerto cuja divulgação do programa sem apelações, anunciado sem estardalhaço, resultou em uma resposta do público a todos os tipos de aviltamento a que a música tem sido submetida. Edino ressalta que o maestro Alceo Bocchino, com extrema habilidade e inteligência, conseguiu manter a orquestra dentro de uma tal proporcionalidade sonora, que de repente a estrutura camerística das partes solistas se revelava por inteiro. Constavam do programa: o *Concerto Tríplice* e a Abertura *Egmont*, de Beethoven, e a *Missa Lord Nelson*, de Haydn.

Três orquestras, piano, coro, violão e muito Beethoven e Um piano clássico entre a vanguarda de Londres e a música antiga de Paris. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 abr. 1977. Serviço, p. 6.

Síntese do artigo: O primeiro artigo aborda a presença dominante de Beethoven na programação da semana, que inclui o segundo concerto da Série Outono da Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a regência de Brückner-Rüggeberg na Sala Cecília Meireles, com um *Festival Beethoven*, destacando dentre outras a *Fantasia para piano, coro e orquestra*, com a participação do pianista mexicano José Kahan e do coro do Instituto Israelita-Brasileiro de Cultura e Educação. Edino ressalta ainda a presença de Beethoven no programa da Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio MEC, além de divulgar as apresentações da Orquestra de Câmara da Rádio MEC na Escola de Música da UFRJ e do violonista Nélio Rodrigues no Museu Imperial. O segundo artigo se debruça sobre três apresentações internacionais dentro das séries coloridas da Sala Cecília Meireles, a saber: a pianista Ingrid Haebler, iniciando a Série Verde; o conjunto The Fires of London, começando a Série Rosa com repertório de música de vanguarda; e o conjunto Ars Antiqua de Paris, com um programa dedicado à música medieval e renascentista.

Brückner-Rüggeberg, regente de hoje da OSB. Haendel no dedo, Beethoven nas estantes e as crianças no coração. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 abr. 1977. Caderno B, p. 5.

Síntese do artigo: Comenta a atuação do maestro Wilhelm Brückner-Rüggeberg à frente da Orquestra Sinfônica Brasileira e os concertos didáticos para jovens por ele iniciados há 30 anos, em Hamburgo, afirmando o regente que o futuro da música está nas crianças, justificando sua atenção para com elas.

**Vou simplesmente
cantar como a
seresteira que
sempre fui e
sempre serei.**

Maria Lúcia Godoy

Maria Lúcia Godoy na Praça Tiradentes. Apenas uma seresteira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 abr. 1977. Caderno B, p. 1.

Síntese do artigo: Sobre a inclusão – pela primeira vez – na série Seis e Meia, do Teatro João Caetano, de um grupo de artistas eruditos como: o pianista Miguel Proença, o Quinteto Villa-Lobos (Carlos Rato – flauta –, Eros Martins – oboé –, Paulo Sérgio – clarinete –, Carlos Gomes – trompa –, Airton Barbosa – fagote) e a cantora Maria Lúcia Godoy, com depoimentos dessa última. “Na verdade, não vou cantar como cantora lírica nem vou imitar o estilo dos cantores populares: vou simplesmente cantar como a seresteira que sempre fui e sempre serei.”

O melhor de Viena. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 abr. 1977. Caderno B, p. 2.

Síntese do artigo: Concerto da pianista Ingrid Heabler interpretando Mozart e Schubert; segundo Edino, uma trindade que representa tão bem a sensibilidade do espírito musical vienense.

Trovadores e bonecos e Deller, *ballet* e Beethoven. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 abr. 1977. Serviços, p. 6.

Síntese do artigo: O primeiro artigo versa sobre a apresentação da ópera de câmara para marionetes *El Retablo de Maese Pedro*, de Manuel de Falla, no Teatro SESC da Tijuca, além de divulgar as apresentações: do terceiro Concerto de Outono da Orquestra Sinfônica Brasileira na Sala Cecília Meireles, sob a regência de Gilbert Varga, tendo como solista Cussy de Almeida; da série Pró-Música Silvestre, com a participação do Coral de Câmara de Niterói sob a direção de Roberto Duarte; do concerto inaugural da Orquestra Sinfônica da Escola de Música da UFRJ e do violero Renato Andrade, mostrando como uma viola caipira pode ser um instrumento de concerto. O segundo artigo aborda as apresentações do Deller Consort de Londres (Honor Sheppard e Rosemary Hardy – sopranos –, Paul Elliot – tenor –, Maurice Bevan – barítono –, Robert Spencer – alaúde); do Grupo de Dança Moderna de Nina Verchinina na série Grandes Vesperais do Teatro João Caetano; e mais uma homenagem aos 150 anos da morte de Beethoven, com a participação da Orquestra Sinfônica Brasileira, tendo como solista o pianista Jacques Klein, sob a regência de Roberto Schnorrenberg.

The Fires of London. Do *Antecristo* ao *Pierrot*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 abr. 1977. Caderno B, p. 4.

Síntese do artigo: Sobre o conjunto The Fires of London, integrado por Beverly Davison (violino), Lesley Shrigley (violoncelo), Sebastian Bell (flautas em Dó e Sol), David Campbell (clarinete) e Stephen Prusline (teclado), interpretando o *Antecristo* de Peter Maxwell Davies e *Pierrot Lunaire* de Schoenberg, tendo como solista Mary Thomas.

**Prover a cultura
do povo é uma
obrigação
fundamental do
governo.**

August Everding

The Rake's Progress no Teatro Colón. A surpreendente consagração de um libertino. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1977. Caderno B, p. 8.

Síntese do artigo: Comenta a apresentação da sexta função da assinatura vespéral de domingo, no Teatro Colón de Buenos Aires, apresentando a ópera *The Rake's Progress* de Stravinsky.

Ópera na Alemanha. A fantástica (e deficitária) indústria do espetáculo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 abr. 1979. Caderno B, p. 9 *et seq.*

Síntese do artigo: O artigo de página inteira versa sobre o maior centro produtor e consumidor, na atualidade, de espetáculos musicais em geral e ópera em particular, mostrando em cifras o porquê de a Alemanha ocupar lugar tão destacado no panorama artístico mundial, reflexo natural de uma sociedade altamente desenvolvida. “É para nós ponto pacífico, fora de qualquer discussão, que prover a cultura do povo é uma obrigação fundamental do governo”, sentencia August Everding – professor e diretor da ópera de Hamburgo, atualmente diretor da ópera de Munique – em depoimento ao articulista. O artigo dá um panorama geral da ópera na Alemanha e tem como subtítulos: Uma indústria deficitária, Mercado de valores, Infra-estrutura empresarial e Repertório.

A volta da Música Viva. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, [19-].

Síntese do artigo: Sobre o espírito do movimento Música Viva – iniciado aqui em 1939 por Koellreutter – que retorna agora, com seu fundador, na forma de uma série de concertos, palestras e debates promovidos pela Orquestra Sinfônica Brasileira, com divulgação de toda a programação. Como subtítulo encontramos Roteiro da semana, com a divulgação semanal das atividades musicais.

Ciclo Beethoven gera novo trio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, [19-].

Síntese do artigo: Aborda de início a importância de uma direção artística para uma casa de espetáculos musicais, citando como exemplo a Sala Cecília Meireles e as competentes direções de Ayres de Andrade e Myrian Dauelsberg, que fizeram da Sala – cada um em seu tempo – o mais importante centro de atividades musicais do país. Para dar mais veracidade ao exemplo, Edino cita o Theatro Municipal do RJ, sem direção artística e mergulhado em um marasmo total. Em seguida o articulista ressalta a criação de um novo trio – nascido em função do Ciclo Beethoven – formado por Jacques Klein, Cussy de Almeida e Peter Dauelsberg.

Villa em fagote. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 set. 1987. Caderno B, p. 5.

Síntese do artigo: Sobre o 43º Concurso Internacional de Genebra – um dos mais importantes do mundo – e a inclusão da obra *Ciranda das sete notas*, de Villa-Lobos, juntamente com o *Concerto* de Vivaldi, na prova final de fagote. Nota: No *Jornal do Brasil* de terça-feira, 13 de outubro de 1987, no Caderno B, página 2, na coluna Cartas e sob o título “Fagote”, Edino esclarece melhor duas informações contidas no referido artigo.

O ponto culminante, segundo Edino, foi o grande Festival de Música Brasileira, mostrando a criação musical brasileira do passado e do presente.

Nem só Hanôver. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 jul. 2000. Opinião, p. 9.

Síntese do artigo: Sobre as comemorações dos 500 anos do Brasil na Alemanha, que foi palco de realizações culturais da mais alta relevância. Dentre elas o articulista ressaltou: duas realizações em Berlim, a primeira delas por meio do Instituto Latino-Americano da Freie Universität, com o apoio do Instituto Cultural Brasileiro na Alemanha, que promoveu um ciclo de conferências sobre os 500 anos de cultura brasileira, contando com a participação de nomes expressivos nas diversas áreas; e a segunda, no bairro de Kreuzberg, com o desfile de aproximadamente 100 carros alegóricos representativos de 70 países – segundo Edino, que atuava como integrante do júri desse desfile, mais de uma dúzia desses carros eram dedicados ao Carnaval brasileiro –, mostrando o “Carnaval das Culturas”. O ponto culminante, segundo Edino, foi o grande Festival de Música Brasileira que durou uma semana – organizado pela reitoria da Universidade de Música de Karlsruhe, aqui representada pela pianista brasileira Fany Solter –, mostrando a criação musical brasileira do passado e do presente, ante um público numeroso e entusiasmado.

Criativo exercício de imaginação. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 jan. 2007. Caderno B, p. 3.

Síntese do artigo: O texto aborda o filme *O segredo de Beethoven*, cuja trama, segundo Edino, é um exercício de imaginação criativa, a partir de dezenas de relatos, textos bibliográficos e, ainda, de licença cinematográfica. Ele resalta a importância do cinema como veículo de difusão, ampliando o contato do público com a música desse mestre exponencial.

Nota

¹ Cabe ressaltar que os responsáveis pelo setor de pesquisa do jornal *Tribuna da Imprensa* nos permitiram e facilitaram o acesso aos arquivos de forma irrestrita. Tal fato nos permitiu arrolar todas as críticas produzidas pelo compositor. Entretanto, não se deu da mesma forma com relação ao *Jornal do Brasil*, cujo impedimento remeteu-nos para a consulta na Seção de Microfilmes da Biblioteca Nacional – o tamanho do periódico dificultou o enquadramento no visor da tela, não sendo possível, às vezes, saber o dia ou a página – e, ainda, no arquivo particular do compositor. Como consequência da citada impossibilidade e a forma como se deu a coleta das informações, o levantamento das críticas pode ter sofrido alguma solução de continuidade.

Bienais de Música Brasileira Contemporânea

Presidente da Sociedade dos Amigos ouvintes da Rádio MEC

Presidente da FUNARTE

Diretor do Instituto Nacional de Música (INM)

Série Música Viva.

Programas na Rádio MEC

Série Música Viva

Autores e Intérpretes

20 ANOS DE CARNAVAL.

PROJETOS MUSICAIS

O Passeio Musical

Roteiro Musical

Música do nosso tempo

Programas na Rádio MEC

Ciclo de recitais

O Passeio Musical

FESTIVAIS DE MÚSICA DA GUANABARA

2000 Anos de Música

Série Música Viva

Falando de Música

20 ANOS DE CARNAVAL.

Banda

Pelo Maravilhoso Mundo da Música

CONCURSO DE CORAIS ESCOLARES DO JORNAL DO BRASIL

MEMÓRIA MUSICAL BRASILEIRA - PRO - MEMUS

Programas na Rádio MEC

Pequenas histórias de rádio JB

Música do tempo presente

Regentes de todo o mundo

Rede Nacional de Música

Primeira Classe Clássicos Sinfonia

20 ANOS DE CARNAVAL.

British Broadcasting Corporation - BBC de Londres

EVENTOS MUSICAIS

AM FM

Capítulo III

O PRODUTOR MUSICAL

A história da música brasileira, em especial a contemporânea, seria outra, não tivesse existido Edino Krieger. Afirmamos que a atuação do criador como produtor musical estabeleceu um marco importante, um divisor claro na evolução, na preservação e no resgate de nossa música, quaisquer que sejam os vieses abordados. A pluralidade de fazeres é uma marca de Edino, que sempre se desdobrou em atividades as mais diversas simultaneamente. Ao abordarmos o produtor musical, optamos por contextualizá-lo por meio de uma textura predominantemente polifônica, em que o sujeito é às vezes evocado por meio de suas atividades na Rádio MEC, passando pela Rádio JB, pelos Concursos Corais, pelos Festivais de Música da Guanabara, pelas Bienais de Música Brasileira Contemporânea, pela Direção Musical da Funterj, pela Direção do Instituto Nacional de Música e Presidência da Funarte, num *stretto* quase *maestrale*, tendo como contrassujeito outras realizações mais fugazes; podemos ainda, em prol de uma melhor condução do texto, evocar algum episódio.

Edino Krieger iniciou sua trajetória pública no Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Cultura, em 1950, como colaborador. Geni Marcondes intermediou o contato de Edino Krieger com Tude de Souza, diretor-geral, e René Cavé, diretor artístico, para avaliarem a possibilidade de ele começar um trabalho na Rádio MEC. Da pasta número 38, por nós consultada no Setor de Pessoal, consta que Edino atuou, já no ano de 1950, como organizador de fichas para gravações norte-americanas de música contemporânea, iniciando um trabalho de reorganização do arquivo sonoro da discoteca, preparando textos com comentários das obras para ilustrar as audições musicais. Consta ainda que ele foi o organizador dos programas da série *Música Viva*, de janeiro a dezembro. Até essa época não havia assinado nenhum contrato, trabalhava como *freelance* e recebia contrarrecibo. Sabe-se que essa folha de serviços prestados só saía por volta de julho, agosto. Até o pagamento chegar, a solução era atrasar a pensão da Dona Lina – situada na rua Oriente, em Santa Teresa, onde conheceu a pintora Djanira que, segundo Edino, tinha os quadros pendurados por todas as paredes da pensão –, comer no “china” ou na casa de amigos. Abrindo um parêntese, nessa mesma época

Edino mantinha um contato bem assíduo com o compositor Luís Cosme, que residia em frente. Edino nos narra um pouco dessa relação:

Muito frequentemente eu ia à casa do Luís Cosme para conversar com ele, com a filha dele que também se interessava muito por música. O Luís Cosme nessa época já estava começando a enfermidade dele, uma espécie de degeneração progressiva do sistema nervoso. Ele sempre foi muito gago, mas ele era bem-humorado. Ele falava com certa dificuldade, mas ele mesmo fazia muita gozação da própria dificuldade. Numa ocasião, ele tentando falar alguma coisa e não saía, aí ele parou, olhou para mim e disse assim, com muita dificuldade: “Eu sou gago, mas o Otto Maria Carpeaux me irrita”, porque ele era muito gago, aí caía na gargalhada! Ele era muito bem-humorado, muito inteligente e, por força dessa enfermidade, deixou uma obra muito pequena, porque ele começou a ter dificuldades de escrever, de se locomover, foi uma tristeza o fim da vida dele!



Heitor Alimonda, Edino Krieger e Hans-Joachim Koellreutter após concerto do ciclo *Edino Krieger – Trajetória Musical*, homenagem aos 70 anos do compositor. Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro (RJ), 24/3/1998. Foto: Fernando Krieger.

Na Rádio MEC (1950), seu primeiro trabalho foi como assistente de Nelson Nobre, que então era o rei Momo do Carnaval carioca e que era o responsável pela discoteca da rádio. Aos poucos, começou também a redigir textos para diversos programas, entre eles o do Grupo Música Viva. O pianista e compositor Heitor Alimonda, companheiro de Edino no Grupo Música Viva, em depoimento escrito datado de 18/8/2000, sob o título “Edino Krieger e a luta contra o tempo”, nos fala sobre sua participação, juntamente com Edino, num desses programas da Rádio Ministério da Educação, batizada por Guerra-Peixe (segundo Alimonda) de “Rádio Mistérios da Educação”:

Diretor-geral – Rizzini – mais tarde diretor do *Jornal do Commercio* e, cuidando do setor musical, Neusa Feital. Pois bem, redator de programas, Edino Krieger. Chegava-se para tocar e a primeira coisa que se ouvia era “Corre lá em cima e pega o texto com o Edino”. Aí começava a guerra: “O que é mesmo que você vai tocar? Quantos minutos?” E a gente: “Corre, Edino, o programa já vai pro ar...” E ele corria mesmo e conseguia, com dois dedos velozes, compor uma apresentação sempre bonita e, inacreditável, lógica, na máquina de escrever. Essa capacidade do Edino sempre me espantou. O compositor profícuo e de elevada estirpe, o organizador de festivais, o presidente da Academia, o comentarista. Não sei qual a surpresa que o Edino guarda na manga, para a qualquer momento, qual mágico que tira coelho da

cartola, nos fazer cair para trás de espanto. Mas a velha lembrança continua: com o texto na mão, entregar rápido para o locutor, sentar ao piano, respirar fundo e ouvir “Com Heitor Alimonda ao piano, ouviremos, dando início a este programa, a música...”. Grandes tempos!!!

Em 1951 Edino ampliou suas atividades, organizando no segundo semestre os programas *Autores e Intérpretes*, *Roteiro Musical* e, ainda, o *Música Viva*, que se estendeu até 1952. Esse programa foi o grande responsável pela divulgação da música da atualidade, promovendo diversas primeiras audições radiofônicas de obras importantes, como por exemplo o *Pierrot Lunaire* de Schoenberg e a *Sagração da Primavera* de Stravinsky. Sobre essa época, Edino deu-nos um interessante depoimento:

Cada integrante do grupo cuidava de fazer a redação de um dos programas e também fazia a seleção das gravações. Era ao vivo, direto, e ninguém ganhava nada para fazer o programa. A estreia radiofônica de *Pierrot Lunaire* foi um escândalo, na época. Os técnicos que faziam o programa também não gostavam do tipo de música que nós colocávamos. Certa ocasião, Geni Marcondes, na época casada com Koellreutter, me pediu que compusesse umas canções para um programa infantil que ela tinha na rádio, e as músicas foram tocadas num desses programas. “Que música interessante, essa que você fez! Eu não sabia que você sabia fazer música também! Eu só ouvia aquelas coisas que você faz no *Música Viva*... mas música, mesmo, eu não sabia que você também era capaz de fazer!”, disse um dos técnicos.

A partir de junho de 1952, ele passa a organizar outros programas: *O Passeio Musical* e *Música para a Juventude*, aos domingos pela manhã. René Cavé havia gostado do artigo que Edino escreveu na *Tribuna da Imprensa*, intitulado “Concertos para a juventude”, considerou suas observações procedentes e resolveu dar a ele mais espaço, propondo-lhe que organizasse e cuidasse da redação e produção do citado programa, que tinha como palco o Salão Leopoldo Miguez, da Escola de Música da UFRJ.¹ Mais tarde, esse programa passou a ser promovido pela TV Globo. Ainda em 1952, Edino organizou o I Concurso de Corais Escolares do Rio de Janeiro, iniciativa da Rádio MEC em conjunto com a Associação de Canto Coral, concurso este que fez ressurgir o movimento coral nas escolas. Posteriormente, Edino deu continuidade a esses concursos na Rádio *Jornal do Brasil*. Data dessa época o primeiro encontro de Edino Krieger com Villa-Lobos. É Edino quem nos fala:

Eu conheci pessoalmente Villa-Lobos em função do I Concurso de Corais Escolares que eu organizei na Rádio MEC, juntamente com a Associação de

Canto Coral. O Theatro Municipal ficou lotado com corais de todas as escolas do Rio de Janeiro. Quando eu organizei o concurso, eu pensei imediatamente em convidar o Villa-Lobos para ser o Patrono do concurso, porque ele tinha sido o grande incentivador do Canto Coral no Brasil. Eu telefonei para ele no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico e acho que foi a Mindinha que atendeu. Ela marcou uma hora para eu ir lá conversar com Villa-Lobos, que me recebeu muito bem. A Mindinha estava ao lado dele e, antes que eu começasse a falar, a Mindinha me disse: “O senhor está escrevendo, fazendo a crítica na *Tribuna da Imprensa*?”. “Estou sim, fui convidado pelo maestro Mignone”. “O senhor não falou muito bem da *6ª Sinfonia* do maestro!”, que tinha sido executada no Theatro Municipal. Eu tinha feito uma crítica que dizia que “as sinfonias”, no meu entendimento, não eram as coisas mais representativas do gênero Villa-Lobos, que eu gostava mais das “Bachianas”, dos “Choros” etc. Mas a Mindinha tomou isso mais como uma crítica e Villa-Lobos então disse: “Oh! Mindinha, deixe isso pra lá, isso não tem a menor importância, não foi para isso que o moço veio aqui falar comigo. Diz afinal o que você quer?”. Eu falei para ele que ia fazer um Concurso de Corais Escolares e ele disse “muito bem”. E eu queria a permissão dele para ser o Patrono, se ele permitia. “Ah! Sim, com muita honra”. Então foi assim, uma conversa mais ou menos formal durante pouco tempo. Ele agradeceu muito e eu fui embora. Deixei ele lá com o charuto e a Mindinha e ela, muito tempo mais tarde, acabou sendo nossa madrinha de casamento.

Voltando às atividades de Edino na Rádio MEC, a partir de 1º de janeiro de 1953, foi admitido na função de assistente de programas musicais.² No ano seguinte, somou ao seu currículo de programador mais três programas: *Ciclo de Recitais*, apresentado terças-feiras, às 21 horas, *Música do Nosso Tempo* – panorama dinâmico da música de hoje – e *2000 Anos de Música*. Este último programa teve algumas de suas apresentações radiofônicas transcritas e publicadas no *Boletim Informativo* da Rádio Ministério da Educação (ver no Anexo 4).

Falando de Música foi outro interessante programa por ele organizado. Era uma espécie de mesa-redonda sobre assuntos musicais, em que se procedia à apreciação de uma mesma obra na concepção de diferentes intérpretes, ficando os comentários a cargo de uma equipe formada, entre outros, por Ayres de Andrade e Arnaldo Estrella. O programa acontecia sempre ao vivo, naquela época não se usava gravar. Edino nos fala sobre essa época de efervescência musical: “Às vezes fazíamos debates com pessoas convidadas. Brailowsky e Segovia, quando estiveram no Rio de Janeiro, foram convidados e participaram. Era uma época assim, de grande movimento na Rádio MEC, ela era uma pequena BBC.”

Nessa mesma época (1954), às vésperas do Carnaval, Edino foi convidado por Reinaldo Jardim, Diretor Artístico da Rádio *Jornal do Brasil*, para conhecer a rádio. A partir daí, passou a trabalhar simultaneamente nas duas emissoras. O Carnaval parece estar sempre atravessando a vida de Edino, pois seu primeiro programa na Rádio JB foi sobre a trajetória das festas de Momo: *20 Anos de Carnaval*:

Eu fiz uma série de programas sobre a música de Carnaval, dos anos 20 até então. Saí pesquisando, levantando material, fui à Rádio Nacional, fui em tudo que é lugar e consegui gravações antigas. Eu fazia os textos e a seleção musical, seguindo cronologicamente. E depois entrevistei algumas pessoas famosas, compositores de música carnavalesca. O último deles foi o Lamartine Babo. Ele veio ao microfone e falou sobre a sua produção para o Carnaval. Depois veio o programa *Concerto JB*. Convidava artistas para fazer o programa, fazia o *script*, ele era transmitido ao vivo, com plateia assistindo. Dele participaram Arnaldo Estrella, Jacques Klein, Iberê Gomes Grosso, Oscar Borgerth, Yara Bernette. Era um recital ao vivo com os grandes nomes da época.

De meados de 1955 a 1956 Edino esteve ausente, usufruindo de uma bolsa do Conselho Britânico em Londres. Em 1957 retoma suas atividades nas Rádios *Jornal do Brasil* e MEC, dando continuidade, nessa última, ao programa *Ciclo de Recitais*. Sua experiência como coralista permitiu-lhe, ainda na Rádio MEC, atuar como diretor do Madrigal.

O compositor Edino Krieger, paralelamente às suas atividades como produtor e crítico musical, se engajava no movimento político-musical da cidade. Na época em que viajou com a delegação brasileira para o Festival de Varsóvia, e antes de ir para Londres, Edino hospedou-se por algum tempo na casa de José Siqueira, em Paris, que lhe falou sobre sua ideia de criar no Brasil a Ordem dos Músicos. Edino – juntamente com representantes do Sindicato, das orquestras, de vários segmentos da comunidade musical – participou do trabalho preliminar de discussão, que ajudou a elaborar o projeto que criava a citada entidade. Estava ainda entre os músicos que foram entregar esse projeto ao presidente Juscelino Kubitschek – Pixinguinha, o violinista Hélio Bloch, o violoncelista e professor da Escola de Música Newton Pádua, Mário Tavares e José Siqueira, para citar apenas alguns dos integrantes da comissão –, então domiciliado no Palácio das Laranjeiras, forçando o presidente a acordar numa festiva alvorada musical, ou melhor, numa seresta em grande estilo logo ao amanhecer. Cabe ainda ressaltar que nessa época Edino morava na sede da Ordem dos Músicos, no Rio de Janeiro, como ele próprio narra:

Eu estava vindo da Inglaterra, não tinha onde morar e o Siqueira disse: “Olha, aqui tem um sofá-cama, você pode ficar dormindo aí.” E eu fiquei, durante alguns meses. Não sei... fiquei uns dois, três meses, até me alojar novamente no Rio. Fiquei morando e trabalhando na Ordem dos Músicos.

Quando Tude de Souza saiu da Rádio MEC e foi para a Rádio Roquette-Pinto (1957-1958), convidou Edino para fazer um programa semanal, *Pelo Maravilhoso Mundo da Música*, levado ao ar às 20h30 de quarta-feira, em que ele atuou como produtor e organizador. No *Boletim Informativo* número 2, de março de 1952, da Rádio Roquette-Pinto, encontramos algumas informações sobre o caráter e o propósito deste programa:

Eminentemente educacional, com o propósito de despertar o interesse pela música, seus problemas e grandes vultos por meio de transmissões acessíveis ao público. Tipo uma viagem através dos tempos, sendo dois estudantes de música os protagonistas, os quais percorrerão as épocas principais da História da Música com flashes focalizando eventos importantes das diversas épocas. Abordará as ideias dos compositores das diferentes épocas, relacionando-os com a vida e o meio social de cada um, utilizando ainda as relações existentes entre as diferentes artes desde a Antiguidade até os dias atuais.

O ano de 1959 foi repleto de atividades as mais variadas. Edino prestou assessoria técnica aos programas *Música e Nações* e *Concerto Moderno*, além de atuar como um dos produtores de importante série criada na Rádio MEC por Mozart de Araújo, *Música e Músicos do Brasil*, cujo produto resultante, mais tarde, viria dar origem à Coleção Rádio MEC de CDs – produzidos pela Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC – com as relíquias extraídas do acervo da emissora. Edino afirma tratar-se de um dos acervos mais preciosos que existem no país em termos de música brasileira. Para que se tenha uma ideia da envergadura desse programa semanal, cabe nomear alguns de seus ilustres produtores: Andrade Muricy, Ayres de Andrade, Alceo Bocchino, Ademar Nóbrega e Edino Krieger. Participou também de um curso organizado na Rádio MEC, que tinha como objetivo a preparação de redatores de programas radiofônicos, levados ao público por meio de uma programação chamada *Colégio do Ar*. Alguns destes programas radiofônicos mereceram transcrição e foram publicados no *Boletim Informativo* da Rádio Ministério da Educação sob o título *Anotações do Curso de Música* (Vide anexo 4).

Em 1960, a exemplo de 1959, Edino atuou como redator, elaborador, produtor de programas, regente e instrumentador.

Por volta de 1961, Edino Krieger foi enfim efetivado como redator radiofônico da Rádio MEC. Houve o chamado “enquadramento” de todas

as pessoas que prestavam serviços de caráter continuado, e essas pessoas passaram a ser estatutárias, tornando-se funcionários efetivos. Na gestão de Mozart Araújo, Edino atuou como assessor musical da Orquestra Sinfônica Nacional, participando ainda do seu Conselho Artístico; foi também regente assistente de Francisco Mignone a convite do próprio, que o indicou ao Murilo Miranda, ocasião em que realizou prioritariamente gravações de obras sinfônicas de autores brasileiros, já que esse era seu objetivo principal. Segundo Edino, a Orquestra Sinfônica Nacional foi criada na Rádio MEC seguindo os moldes de importantes rádios europeias, como a BBC de Londres, a RAI ou a Rádio Bávara de Munique, na Alemanha. O Setor Musical passou a existir por ocasião da criação da Orquestra, em outubro de 1961, quando era diretor o sr. Murilo Miranda. Uma Ordem de Serviço, datada de 22/2/1962, designou o servidor Edino Krieger como assessor musical junto ao gabinete do diretor, situação confirmada no ano seguinte com a Ordem de Serviço nº 3, de 7/3/1963, que o colocava na função de encarregado do Setor Musical, ainda sob a direção de Murilo Miranda. Edino continuou nessa função até 14/3/1964, já na direção de Maria Yedda Linhares, quando solicitou licença, tendo sido substituído pelo maestro Alceo Ariosto Bocchino a partir de 15/3/1964. Não houve portarias de dispensa nem de admissão, tudo foi feito verbalmente.

Ao longo de sua jornada na Rádio JB, Edino desincumbiu-se ainda de diversos outros programas: *Pequenas Histórias de Grandes Músicos*, *Regentes de Todo o Mundo* e *Sinfonia*, levados ao ar às segundas, quartas e sextas-feiras, das 13 às 14 horas; *Música do Tempo Presente*, às terças-feiras, às 21h30 – evolução da arte musical do pré-impressionismo até a atualidade – e *Revista dos Auditórios*, às 21 horas dos sábados – comentários críticos dos principais concertos havidos na cidade.

A partir de 1961 ele organiza e dirige a programação de música clássica – *Primeira Classe*, *Clássicos em AM e FM* – da Rádio *Jornal do Brasil*, que consistia em dois a três programas diários de cerca de cinco minutos, onde Edino fazia a súpula de uma determinada obra musical. Era uma espécie de *flash* de uma sinfonia, de um poema sinfônico, possuía um caráter bastante didático e tinha Alberto Cury como narrador. Tendo em vista o grau de importância que esse programa começou a adquirir, o seu diretor, Dr. Nascimento Brito, decidiu ampliar o tempo de duração: o programa passou a ter uma hora diária, sendo irradiado ao meio-dia e à noite, mas já com caráter de um programa de música clássica. Quando a rádio se transferiu do Edifício Conde Pereira Carneiro, na Avenida Rio Branco, para suas novas instalações na Avenida Brasil (em 1976), teve início a programação em FM, optando-se por extinguir a programação em AM, o que gerou protestos, em

especial de pessoas residentes em outros estados, que costumavam sintonizar as ondas médias da citada emissora.

Edino organizou também os Concursos Corais promovidos pelo *Jornal do Brasil* e pela Rádio JB, lançados em 17/5/1970 e que tiveram início em outubro de 1970 (de 5 a 17/10/1970) até o ano de 1988, passando por todas as edições do citado evento – 2ª, de 11 a 23/10/1971, 3ª, de 16 a 22/10/1972, 4ª, de 23 a 27/10/1974, 5ª, de 13 a 17/10/1976, 6ª, de 8 a 12/11/1978, 7ª, de 1 a 5/10/1980, 8ª, de 6 a 10/10/1982, 9ª, de 24 a 28/10/1984, 10ª, de 5 a 9/11/1986 e 11ª, de 22 a 26/11/1988. A relevância desses eventos pôde ser constatada quando se verificou o grande crescimento da atividade coral, já quase em extinção nas escolas públicas depois do Canto Orfeônico de Villa-Lobos. Edino abriu, ainda, as portas da edição aos compositores, encomendando aos mesmos as músicas de confronto que deveriam ser interpretadas por ocasião do concurso pelos grupos corais participantes, dando, dessa forma, um grande incentivo à criação musical brasileira e à formação de repertório específico. Todas essas obras foram editadas no caderno intitulado *Peças de Confronto*, publicado em todos os Concursos de Corais Escolares da Guanabara (até 1974) e do Rio de Janeiro (após 1978), promovidos pela Rádio JB e pelo *Jornal do Brasil*, sendo distribuídas aos regentes corais. Autores como Francisco Mignone, Guerra-Peixe, Marlos Nobre, Camargo Guarnieri (I Concurso), Edino Krieger, Osvaldo Lacerda, Aylton Escobar (II Concurso), Ricardo Tacuchian, José Vieira Brandão, Eunice Katunda, Lindembergue Cardoso (III Concurso), Cacilda Borges Barbosa, Almeida Prado, Bruno Kiefer, Ernst Widmer (IV Concurso), Ernst Mahle, Esther Scliar, Vania Dantas Leite, Gilberto Mendes (V Concurso), Jorge Antunes, Fernando Cerqueira, Brenno Blauth, Murilo Santos (VI Concurso), H. Dawid Korenchandler, Sérgio Vasconcellos Corrêa, Nestor de Hollanda Cavalcanti, Jarmy Oliveira (VII Concurso), Mirian Rocha Pitta, Ernani Aguiar, Henrique de Curitiba, Cirlei de Hollanda (VIII Concurso), Vanda L. Bellard Freire, Emílio Terraza, Marisa Rezende, Raul do Valle (IX Concurso), José Alberto Kaplan, Ronaldo Miranda, Cláudio Santoro (X Concurso), Marcos Leite, Fernando Ariani e Carlos Alberto Pinto Fonseca (XI Concurso) foram convidados a escrever peças de confronto para as mais diversas categorias de formações corais.

Nesse mesmo período (início dos anos 1960), Edino trabalhou em Brasília, na Fundação Cultural do Distrito Federal, como coordenador da parte de música. O coordenador de artes plásticas era Ferreira Gullar, e Reinaldo Jardim, que o havia levado para a Rádio JB, era o coordenador-geral. Edino ia a Brasília uma vez por mês e, durante a semana em que lá permanecia, trabalhava arduamente. Como não tinha residência na cidade, ficava hospedado no Hotel Alvorada. Foi nessa ocasião que conheceu José Aparecido de Oliveira, chefe do gabinete

do presidente Juscelino Kubitschek. Edino foi o responsável pelas primeiras temporadas de concertos na cidade, realizados na Escola-Parque, tendo em vista que o Teatro Nacional ainda estava em construção. A programação incluía um concerto público na citada escola e uma apresentação na Rádio Nacional de Brasília. Grandes nomes da época participaram desses concertos, como Arnaldo Estrella, o Quarteto Guanabara, Iberê Gomes Grosso, para citar apenas alguns. O último concerto por ele programado foi o da Orquestra Sinfônica de Bamberg. Data também dessa época – 1963 – sua participação como membro do Conselho Federal de Cultura, criado pelo presidente Jânio Quadros, juntamente com o maestro Eleazar de Carvalho, atuando Edino Krieger como secretário desse órgão por solicitação de seu presidente, Mário Pedrosa.

Por meio da Portaria nº 8, de fevereiro de 1971, o servidor Edino Krieger voltou a responder pelo Setor Musical da Rádio MEC, na direção do sr. Avelino Henrique. Edino tinha sob sua responsabilidade as atividades da Orquestra Sinfônica Nacional, da Orquestra de Câmara e dos conjuntos camerísticos da emissora, além da programação externa, que envolvia o programa *Concertos para a Juventude*, já com a participação da TV Globo, e mais recitais e concertos no Theatro Municipal, na Sala Cecília Meireles e no auditório do MEC.

A nomeação de Edino para responder pelo Setor Musical da Rádio MEC gerou euforia no meio musical, euforia essa detectada através da crítica musical. O crítico Antonio Hernandez, um dos mais entusiastas, no jornal *O Globo* de 13/2/1971 diz que, para neutralizar a onda musiquentista que vinha aniquilando a Rádio Ministério da Educação e Cultura, em benefício do “abaixo as barreiras entre Beethoven e o mocotó”, estava ali nada menos que Edino Krieger – a honestidade, o conhecimento, a seriedade, o equilíbrio, a experiência, a força criadora, todos os substantivos, enfim, indispensáveis ao exercício de diretor musical. Mais adiante ele afirma: “O maestro Krieger não fará milagres. Já os fez, porém, em mundos diferentes. O *Ludus* e as *Variações Elementares* não são milagres de bom gosto? E os dois grandes Festivais de Música da Guanabara não foram realizações notáveis?”

Tão logo reassumiu o Setor Musical, Edino Krieger realizou o I Encontro de Compositores, promovido pela Rádio MEC no período de 8 a 12/3/1971, para que se discutissem os problemas da divulgação da produção musical brasileira no país e no exterior. Ricardi, na *Folha de S. Paulo* de 23/2/1971, p. 11, discorre sobre o evento, informando de início que:

Os compositores vão reunir-se no Rio e a Rádio MEC dará passagens e hospedagem aos compositores de outros estados. Um dos maiores objetivos do conclave será a criação da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea e sua

filiação à “Société Internationale de Musique Contemporaine”. Participarão do conclave os seguintes compositores: Ernst Widmer, Lindembergue Cardoso, Milton Gomes, Rufo Herrera, Jarmy Oliveira e Marco Antonio Guimarães, da Bahia; Nicolau Kokron, Fernando Cerqueira, Conrado Silva e Emílio Terraza, de Brasília; Bruno Kiefer e Armando Albuquerque, do Rio Grande do Sul. Foram convidados: Henrique de Curitiba e José Penalva, do Paraná; Gilberto Mendes, Willy Correa, Sérgio Vasconcellos Corrêa, Osvaldo Lacerda, Olivier Toni, Mario Ficarelli, Camargo Guarnieri, Brenno Blauth e Ernst Mahle, de São Paulo; Jaceguay Lins, Edino Krieger, Marlos Nobre, Rinaldo Rossi, Marlene Fernandes, Aylton Escobar, Dieter Lazarus, Jorge Antunes, Reginaldo de Carvalho, Guerra-Peixe, Francisco Mignone, H. Dawid Korenchandler e Mário Tavares, da Guanabara.

Como fruto desse Encontro, foi criada a Sociedade Brasileira de Música Contemporânea (SBMC), assim como procedeu-se à eleição da primeira direção da instituição. Foram apresentadas duas chapas: uma formada por compositores do grupo Bahia-Brasília e a outra, da Guanabara, chapa esta que – presidida por Edino Krieger –, após um empate, logrou ser eleita. Com um espírito altamente empreendedor, Edino recém-empossado tratou logo de abrir um espaço para a música contemporânea brasileira, promovendo a I Temporada de Verão de Música de Vanguarda, como uma iniciativa da SBMC, no Teatro Gláucio Gil, contando com a participação do conjunto Ars Contemporânea, sob a regência do compositor Ricardo Tacuchian.

Edino trabalhou até 1981 na Rádio MEC, quando teve que optar para evitar acumulação de cargos, pois fora convidado por Mário Machado – diretor-executivo da Funarte – para assumir a direção do Instituto Nacional de Música, onde tomou posse em 5/8/1981. Um de seus últimos feitos na Rádio MEC foi prestar assistência artística e musical ao Projeto Paraná Canta, da Secretaria da Cultura e Esporte do Estado do Paraná, conforme designação do diretor do Serviço de Radiodifusão Educativa do MEC, sr. Heitor Sales, pela Portaria nº 3, de 7/5/1981.

É de se ressaltar na trajetória do produtor Edino Krieger a capacidade de se doar, pelo prazer único de realizar coisas em prol da música e do músico brasileiro, perseguindo sem reservas um ideal. Um exemplo típico dessa sua atuação ímpar foi a realização dos I e II Festivais de Música da Guanabara, em 1969 e 1970 respectivamente, um marco na evolução da música contemporânea brasileira, em que ele trabalhou intensamente, sem fazer jus a um só centavo. Uma leitura acurada dos periódicos que abordaram os dois eventos nos permitem melhor ajuizar a importância e a dimensão dos mesmos para a criação musical brasileira.

O I e o II Festivais de Música da Guanabara se transformaram no grande palco para os novos valores que surgiam, vindo a se constituir no embrião das

Bienais de Música Brasileira Contemporânea. O evento foi criado pela Secretaria de Educação e Cultura (SEC) da Guanabara, cujo titular era o professor Gama Filho, e suas duas realizações foram promovidas pelo Museu da Imagem e do Som (MIS) por meio de seu diretor, Ricardo Cravo Albin, sob a coordenação geral do compositor Edino Krieger. A comissão organizadora era integrada ainda por Vicente Barreto (diretor do Departamento de Cultura), Antonio Vieira de Melo (diretor do Theatro Municipal), José Mauro Dias da Cruz Gonçalves (diretor da Sala Cecília Meireles), Orlando de Almeida (diretor do Departamento Financeiro da SEC) e Alan Caruso (assessor jurídico da SEC).

O *Jornal do Commercio* (24/11/68, p. 9) deu ampla cobertura ao evento, publicando o regulamento completo, com indicação detalhada sobre as obras e premiações. Informando que as obras finalistas seriam gravadas em disco pelo MIS, fez ainda as seguintes observações:

O I Festival de Música da GB atende a três aspectos importantes: 1) Estimula a criação de obras novas, motivando o espírito criador de nossos compositores, enriquecendo o acervo musical do País; 2) Premia em dinheiro o trabalho artesanal dos compositores pelo reconhecimento dos méritos artísticos de suas obras; 3) Promove a mais ampla difusão de suas obras, seja pela sua execução pública imediata, seja pelas gravações das obras premiadas.

O *Globo* de 31/3/69, à página 6, comenta:

Todas as tendências estéticas e os meios técnicos estão representados nas obras já inscritas: desde o folclorismo direto até o abstracionismo eletrônico, desde o nacionalismo romântico até o serialismo centro-europeu, a música experimental aleatória, concreta, atonal, post-serial.

Ainda sobre o evento, que ocupou todos os jornais da época por quase seis meses, encontramos outra informação relevante no *Diário de Notícias* de 2/4/69:

Foram encerradas, anteontem, oficialmente, as inscrições para o I Festival de Música, com um total de 90 partituras de 70 compositores de São Paulo, Guanabara, Rio Grande do Sul, Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Alagoas, Paraná, Rio Grande do Norte e Distrito Federal. Existem ainda concorrentes naturalizados, tais como dois húngaros, dois argentinos, um persa, italiano, português e alemão.

Para se ter uma ideia da dimensão do evento, levantamos, ainda, alguns nomes que figuraram na comissão de seleção: Renzo Massarani; Henrique

Morelenbaum; o compositor e regente argentino Armando Krieger – que, apesar da coincidência do sobrenome, não tinha nenhum parentesco –; e o compositor, musicólogo e regente panamenho Roque Cordero. Edino Krieger presidia essa comissão, todavia sem direito a voto. Integrando o júri na fase final, para citar apenas alguns, temos os nomes de grandes expoentes do panorama nacional e internacional, como Ayres de Andrade, César Guerra-Peixe, João de Souza Lima, Roberto Schnorrenberg, Fernando Lopes Graça (Portugal), Hector Tosar (Uruguai), Johannes Hoemberg (Alemanha), novamente Roque Cordero (Panamá) e Krzysztof Penderecki (Polônia).

Damos a seguir a relação dos 16 compositores selecionados, alguns deles muito jovens à época do evento. São eles: Francisco Mignone, Camargo Guarnieri, Cláudio Santoro, Radamés Gnattali, Olivier Toni, Marlos Nobre, José Antonio de Almeida Prado, Jorge Antunes, Aylton Escobar, Sergio Vasconcelos Corrêa, Ernst Widmer, Milton Gomes, Jarmy Oliveira, Rufo Herrera (de nacionalidade argentina), Fernando Cerqueira e Lindemberg Cardoso. No jornal *O Globo* de 3/6/69, à página 13, é publicada a relação dos premiados num concurso que revelou uma preferência dos jurados pela contemporaneidade das peças. Em primeiro lugar, com apenas 25 anos à época, o paulista Almeida Prado, com a obra *Pequenos Funerais Cantantes*; em segundo, o pernambucano Marlos Nobre, com *Concerto Breve*; em terceiro, o baiano Lindemberg Cardoso, com a peça *Procissão das Carpideiras*, sendo que esta, juntamente com *Poemas do Cárcere*, de Aylton Escobar, recebeu o primeiro lugar na votação paralela realizada pelo público presente; em quarto lugar, o baiano Fernando Cerqueira, com *Heterofonia do Tempo*; e em quinto lugar, o também baiano Milton Gomes, com *Primevos e Postrídios*. As composições premiadas foram imediatamente editadas pelo MIS, em um álbum duplo lançado em 17/1/1970.

O compositor José Antonio de Almeida Prado assim se expressa sobre o evento: “O nosso Festival foi a coisa mais importante do Brasil Musical de hoje; Krieger deu todo o seu esforço, num trabalho dinâmico e por vezes heroico.” (*Jornal do Brasil*, de 3/6/69, Caderno B, p. 1). O compositor Roberto Schnorrenberg também se pronuncia afirmando que: “Krieger, compositor dos melhores que temos, sempre se caracterizou pela falta de egoísmo e a dedicação com que tem lutado: está de parabéns por este novo êxito alcançado.” (*Jornal do Brasil*, de 3/6/69, Caderno B, p. 1).

O compositor Almeida Prado costuma dizer que Edino Krieger foi seu padrinho em sua vida de compositor, porque graças ao dinheiro por ele recebido com o prêmio – ele foi o primeiro colocado no Festival de Música da Guanabara em 1969 –, Almeida Prado se deu uma bolsa de estudos em Paris, pois era um prêmio altíssimo, jamais dado em um festival no Brasil e que,

segundo o citado compositor, daria para comprar um bom apartamento em São Paulo. Em seu depoimento datado de 9/3/2001 ele enfatiza que:

Considero que eu repetiria com total ênfase que ele foi o responsável pelos maravilhosos Festivais de Música da Guanabara, que ficaram limitados a duas aparições, 1969 e 1970. Edino Krieger foi o pai do festival, o mentor. Edino sempre teve essa capacidade de esquecer dele próprio, da própria carreira de compositor e ajudar os outros, isso é uma qualidade que eu não encontro sempre em colegas. Esse esquecimento do próprio benefício de uma carreira, para incentivar um jovem compositor, para incentivar toda uma geração que vai surgindo nas Bienais de que ele foi também mentor. O trabalho dele na Funarte, no INM, fazendo festivais de coros, concursos, e mandando as músicas dos compositores para o exterior e o trabalho magnífico que ele está fazendo na Academia Brasileira de Música, a Academia está com um fulgor que nunca teve antes. Quando eu digo que nunca teve antes, eu não quero esquecer os nomes de Ricardo Tacuchian – um grande presidente –, o Vasco Mariz e outros. Atualmente a Academia está tendo uma personalidade muito própria com a *Revista Brasileira*, com seu endereçamento constante de notícias para os acadêmicos, prestação de contas. A Academia está muito viva, muito atuante. Edino Krieger é esse presidente maravilhoso que nós temos. E é também um excelente regente. Eu o assisti reger em Colônia aquela obra maravilhosa dele que é o *Canticum Naturale*.

O II Festival de Música da Guanabara, além de uma parte competitiva, possuía uma parte de obras encomendadas a autores já consagrados. Edino Krieger teve uma peça encomendada pela Editora Delta para a noite de abertura do evento, em 9/5/70. Sobre a obra composta – *Fanfarra e Sequências* –, o compositor, em depoimento ao *Jornal do Brasil* de 9/5/70, 1º Caderno, assim se pronunciou:

A música substituirá o tradicional terceiro sinal para chamar os espectadores à plateia. Os instrumentos começarão a tocar no *foyer* do teatro, e quando acabar a primeira fanfarra, a maior parte da orquestra já estará no palco e os metais espalhados pelo balcão nobre. Aí as campanas iniciarão as sequências, baseadas em motivos de três notas. Trata-se de sequências fixas e curtas, que aos poucos vão se acumulando e culminam em um *tutti* em que todas elas são executadas simultaneamente. Apelando para certos recursos das técnicas de vanguarda, mas sem a complexidade característica da criação musical contemporânea, as três notas básicas se transformam em diferentes tipos de motivos. Utilizo processos aleatórios, deixando ao critério do regente o tempo de duração de cada sequência e a escolha dos andamentos, indicando porém a ordem de acumulação dos grupos.

O crítico Eurico Nogueira França, no *Correio da Manhã* de 12/5/70, comparou a obra de Edino com os vibrantes *clangs* de Bayreuth, nas sacadas do *Festspielhaus*, que chamam o público para o início das óperas de Wagner.

Integraram a comissão de seleção do II Festival os compositores Edino Krieger, Francisco Mignone e Roberto Schnorrenberg, o maestro Henrique Morelenbaum e o crítico musical Renzo Massarani. No jornal *O Globo* de 3/3/70, à página 11, consta que foram inscritas 126 partituras, sendo 54 de música de câmara, 52 sinfônicas e 20 sem indicação do gênero; 47 do Brasil – provenientes da Guanabara, São Paulo, Bahia, Brasília, Minas, Rio Grande do Sul e Paraná –, 21 da Argentina, três do Chile, duas da Colômbia, duas de Paris e 37 sem indicação.

Edino Krieger, em seu depoimento para o supracitado jornal, mostrou-se feliz com o número de obras inscritas e com a alta qualidade das partituras, chamando a atenção para o ineditismo do Festival da Guanabara, que permitiria, ainda, oferecer um panorama completo da criação musical contemporânea nas Américas. Ele revela que:

A maior parte dos festivais de música contemporânea é organizada com obras encomendadas. O nosso festival, porém, incluindo uma parte competitiva, terá uma representação mais completa dos compositores das três Américas. Será um festival aberto a todos os criadores, a todas as tendências estéticas e a todas as técnicas de composição. O certame inclui também obras encomendadas, sob o patrocínio de firmas particulares, aos compositores de maior prestígio, como os brasileiros Guarnieri, Mignone, Guerra-Peixe e Santoro, o argentino Ginastera, o chileno Santacruz, os norte-americanos Lukas Foss e Earle Brown e o maestro mexicano Carlos Chávez.

O *Jornal do Brasil* de 3/3/70 comentava a tendência vanguardista, já manifestada no ano anterior, revelando que nesse ano tal tendência atingia aproximadamente a metade das obras, que se utilizam de processos gráficos completamente novos, exigindo da comissão uma espécie de estudo cuidadoso de cada partitura. Segundo Edino, esta necessidade de se apelar para novos símbolos vinha do fato de que a maioria dos compositores contemporâneos já não mais se utilizava do sistema temperado tradicional, criando novos sons que são quase impossíveis de serem representados pelas grafias usadas até então. O júri final do concurso foi composto por Guillermo Espinosa (Colômbia), Franco Autori (EUA), Tadeusz Baird (Polônia), Vaclav Smetacek (Checoslováquia), Jorge Peixinho (Portugal), Garcia Morillo (Argentina), Domingo Santacruz (Chile), Héctor Tosar (Uruguai), Roque Cordero (Panamá), sob a presidência de Francisco Mignone.

O crítico Antonio Hernandez, em *O Globo* de 5/5/70, à página 6, sob o título “Um milagre de ativação do meio musical do Rio”, afirma que:

A principal garantia da seriedade da realização repousa no nome do maestro Edino Krieger, responsável pela iniciativa e a quem a Secretaria de Educação confiou a coordenação geral do certame que será prestigiado pelas presenças de autoridades respeitadas no mundo inteiro.

O citado crítico assinala ainda alguns dos benefícios que o Festival traria para o Brasil. Dentre outros, ressaltamos:

1) Os compositores terão oportunidade de ouvir as suas obras executadas até três vezes [...] numa espécie de laboratório de experimentação; 2) O público e a crítica poderão desenvolver um sentido de percepção muito maior, em virtude da quantidade de informações contidas na música contemporânea; 3) Os executantes serão obrigados pelo Festival a um esforço concentrado de atualização dos seus próprios recursos para obedecer às exigências das partituras; [...] e 4) Para a Música Brasileira, especificamente, esse Festival será a segunda grande oportunidade de projeção de novos talentos.

Renzo Massarani, no *Jornal do Brasil* de 22/5/70, Caderno B, página 1, comenta que no II Festival se firmou uma nova tendência na criação musical das Américas. Só as obras de vanguarda tiveram êxito, e as poucas tradicionalistas não conseguiram sequer chegar às finais, tanto no gênero sinfônico quanto no camerístico.

Esses eventos tiveram uma importância capital na divulgação da nova música, da música do nosso tempo, na sedimentação das novas correntes estético-musicais, na formação de uma nova maneira de o público ouvir e perceber os sons da atualidade, e ainda para a nova pedagogia que surgia, redimensionando o fazer musical com base na música contemporânea. A história do movimento das oficinas de música, nos seus primórdios, encontrou em muitos dos compositores que ali participaram uma base de sustentação para o seu desenvolvimento, além de o evento consolidar o importante movimento musical criado por Koellreutter na Universidade Federal da Bahia, que frutificou em uma verdadeira escola de composição e que, a partir de 1956, passou a contar, também, com a colaboração de Ernst Widmer.

Ricardo Cravo Albin, diretor do MIS por ocasião dos Festivais de Música da Guanabara, logo que assumiu a entidade, por sugestão de Ary Vasconcelos, criou um Conselho de Música Popular composto por 40 membros representativos desse segmento. Logo depois, inspirado nesse Conselho, criou

o Conselho de Música Erudita, sendo Edino Krieger o secretário-executivo. Segundo Cravo Albin, o MIS não tinha um único tostão, os conselheiros não recebiam nada, mas isso era substituído pela chama da paixão, pelo idealismo. Ele conviveu ainda com Edino na Rádio MEC, onde era radialista e diz que, desde essa época, Edino já denotava uma grande preocupação com a qualidade. Sobre a atuação de Edino nos Festivais de Música da Guanabara, ele declara:

O convívio com Edino foi de 1966 a 1971. Ele me ajudou muito, de trato muito agradável, um idealista. Não sei se a ideia do Festival partiu dele ou de mim. Ele abraçou a ideia com um idealismo muito raro. O Festival foi feito graças à força do Edino. (Comunicação pessoal de 10/10/1997)

O maestro Henrique Morelenbaum dá seu testemunho sobre os Festivais da Guanabara.

Na época o diretor do MIS era o Ricardo Cravo Albin, que estava com Edino, que foi um grande apoio para todos os músicos. Edino foi a alma desses Festivais, ele gozava da confiança de todos. Foi um fenômeno de realização. Tudo feito de forma muito democrática e positiva. A importância básica desses Festivais da Guanabara foi a de estimular e revelar novos valores, além de reestimular valores já consagrados. (Comunicação pessoal de 18/8/1997)

O incentivo à criação musical sempre mereceu especial atenção por parte de Edino Krieger. Segundo ele, a criação musical de qualquer país se apoia em três fatores básicos:

1º. O talento criador dos seus compositores; 2º. O interesse do mercado de consumo interno e externo, representado pelo público e as organizações musicais; e 3º. A organização do sistema de apoio da produção, como elo intermediário entre a criação e o consumo. (Depoimento ao jornal *Diário de Notícias*, de 4/2/72, 2º Caderno, p. 5)

De acordo com o compositor, os dois primeiros fatores têm sido fartamente comprovados no Brasil. Os Festivais de Música da Guanabara foram uma demonstração do vigor, volume e qualidade da produção brasileira de hoje. Para Edino, ninguém mais tem o direito de desconhecer a existência de um número considerável de talentos de primeira grandeza surgidos das diversas escolas atuantes no país, que constituem hoje uma constelação de talentos de que qualquer país se orgulharia. Edino continua:

Do interesse do público pelas obras desses compositores e pela música brasileira em geral, temos também exemplos fartos na afluência aos festivais da Guanabara [...], e ainda mais recentemente com a I Temporada de Verão de Música de Vanguarda, realizadas com salas superlotadas no Teatro Gláucio Gil. Também no exterior esse interesse tem sido constante, haja vista o convite do Festival de Washington à Orquestra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro [...] e a participação de compositores brasileiros em quase todos os mais importantes Festivais da Europa e das Américas. Mas se, em matéria de talentos, de interesse do público e de projeção internacional, a criação musical do Brasil de hoje pode fazer até inveja, no plano da organização de apoio estamos com um atraso de pelo menos dois séculos em relação à Europa e aos Estados Unidos, e de 50 anos em relação às demais artes, aqui mesmo no Brasil. Não existe, no Brasil, uma única entidade de apoio e de organização dedicada à nossa criação musical. A música brasileira não existe, em termos de organização. Não foi, até hoje, reconhecida oficialmente por nenhum governo, em termos definitivos. [...] De resto, a criação musical brasileira não é editada, não é gravada, não é levada a participar efetivamente da emulação cada vez maior do mercado artístico internacional. Alguns esforços isolados e beneméritos, como o da Rádio MEC e de outras entidades, não chegam a ser senão um paliativo transitório, sem a amplitude e a continuidade que o volume e a qualidade da nossa criação musical reclamam. No ano em que se comemoram 150 anos de nossa independência, seria lícito esperar que o Governo Federal, tão atento aos problemas educacionais, sem dúvida prioritários, prestasse um serviço que a música brasileira está merecendo desde aquele primeiro 7 de setembro: a criação de um Instituto Nacional de Música nos moldes de seus similares do cinema, do livro e do teatro, com a função específica e obrigatória de amparar, organizar, divulgar, editar, gravar e promover, no país e no exterior, a criação musical brasileira. E promover, ainda este ano, uma primeira bienal de música que se transformasse numa mostragem sistemática da produção musical do Brasil. (*Diário de Notícias*, 4/2/72, 2º Caderno, p. 5)

Os Festivais de Música da Guanabara acabaram se transformando no embrião das Bienais de Música Brasileira Contemporânea – o mais antigo, importante e regular evento no gênero, já na sua XIX edição (2011) –, cujo projeto, de autoria de Edino Krieger, foi descoberto pela professora Myrian Dauelsberg, que se desincumbia em 1975 da direção da Sala Cecília Meireles, e que, com sua sensibilidade e competência, tratou de encampá-lo para benefício da música e do músico brasileiro. As Bienais acolheram compositores de todas as tendências e gerações, abrindo espaço para talentos jovens e desconhecidos, e assegurando ainda espaço para os compositores já reconhecidos nacional e internacionalmente.

No periódico *Rio Artes* nº 19, de 1995, à página 24, Edino fala sobre as origens desse importante evento:

A ideia de um festival bienal de música brasileira já estava embutida no projeto do I Festival de Música da Guanabara, de 1969. Foi o Secretário de Educação do então Estado da Guanabara, Gonzaga da Gama Filho, quem ponderou que os três primeiros Festivais deveriam ser anuais: “É preciso firmar a ideia durante três anos, para depois adotar uma periodicidade maior” – disse. “Se deixarmos passar dois anos, o Festival cai no esquecimento e corre o risco de não haver o segundo.” E assim foi: ele mesmo supervisionou a realização do segundo Festival, em 1970, e animado pelo êxito alcançado – como no primeiro – pediu-me que elaborasse o projeto do terceiro. Mas não viveu para aprová-lo [...] e o projeto, encaminhado ao seu sucessor, Vieira de Mello (diretor do Theatro Municipal quando da realização dos dois Festivais), foi arquivado sob alegação de falta de recursos...

Mas a ideia de uma Bienal, recebida com tanto entusiasmo pelo secretário Gaminha [...], merecia ser levada adiante. Elaborei então o projeto das Bienais, e saí à procura de apoio: do Governo Estadual, da Rádio MEC, do Ministério da Educação e Cultura. Durante anos, silêncio total. [...] Até que um telefonema de Myrian Dauelsberg, então marcando com sua gestão dinâmica a presença da Sala Cecília Meireles na vida musical da cidade e do país, fez ressuscitar o projeto das Bienais. “Encontrei seu projeto numa gaveta do MEC”, disse-me. “Haveria alguma objeção em que a Sala Cecília Meireles assumisse as Bienais?” – perguntou. Claro que não havia, ao contrário: o importante era iniciar as Bienais, e sob a tutela da Sala o projeto tinha tudo para dar certo. E deu. Com seu entusiasmo e sua boa estrela de fada madrinha, Myrian fazia realizar, de 8 a 12 de outubro de 1975, a I Bienal de Música Brasileira Contemporânea, com o apoio do Plano de Ação Cultural do MEC, do Departamento de Cultura do Estado, da Rádio MEC, do BNH e da Universidade de Brasília. [...] A II Bienal, organizada pela Sala Cecília Meireles (ainda na gestão de Myrian Dauelsberg) com o apoio da Funarte, realizou-se de 15 a 23 de outubro de 1977 e teve como inovação a realização de um Concurso Nacional de Composição, com o objetivo de selecionar obras de compositores jovens e garantir assim um espaço para o compositor emergente.

O objetivo das Bienais, segundo a concepção de Edino Krieger – coordenador-geral do evento da I até a XII Bienal –, era montar um vasto painel sonoro das correntes estéticas que atuam no Brasil, promovendo uma amostra sistemática da produção musical brasileira, com representantes das mais avançadas tendências da música contemporânea, das músicas cênicas e eletroacústica à corrente tradicional nacionalista, objetivo esse compartilhado também pelos compositores que participaram da I Bienal

no ano de 1975 e que, em declaração conjunta, manifestaram a necessidade de um espaço aberto para apresentação e divulgação periódica da produção musical brasileira contemporânea. Em todas as Bienais, Edino sempre contou com uma plêiade de excelentes compositores, representativos das mais diversas tendências, e que atuavam junto a ele compondo a comissão de seleção e programação, que buscava sempre homenagear importantes vultos da história da música brasileira de todos os tempos. Por ocasião da XI Bienal de Música Brasileira Contemporânea, no ano de 1995 – ano em que se comemoravam 20 anos ininterruptos de Bienais –, as homenagens se estenderam a Koellreutter, pelos seus 80 anos, ao músico amazonense Waldemar Henrique, já falecido, e à empresária Myrian Dauelsberg, uma das criadoras da Bienal. No jornal *Última Hora* de 22/11/89, à página 1, Edino Krieger revela que é importante fazer esta revisão histórica, mostrando que muita coisa aconteceu e que a amostra agora tem um ar de coisa amadurecida.

O compositor Ricardo Tacuchian, que antecedeu a Edino na presidência da Academia Brasileira de Música, falando sobre a trajetória das Bienais diz que a transformação ideológica das mesmas reflete a mentalidade de Edino. De acordo com a leitura de Tacuchian, as Bienais foram paulatinamente se modificando:

A Bienal era uma espécie de vitrine das coisas mais importantes. Na primeira fase era uma mostragem das coisas que estavam acontecendo; na segunda fase ela começou a se abrir para os compositores emergentes, e na terceira transformou-se numa feira de amostra para 80 compositores emergentes. (Comunicação pessoal de 13/10/1997)

João Guilherme Ripper, assistente de Edino na coordenação das VIII e IX Bienais, em 1989 e 1991, revela que o contato mais frequente com Edino levou-o a apreciar ainda mais o compositor e a figura humana, dono de uma personalidade afável mas fortemente direcionada aos seus objetivos. Ripper nos conta que:

Edino transpôs obstáculos que ameaçavam a realização das Bienais. Em ambas as ocasiões, a burocracia fez com que recursos fossem liberados no último minuto; em ambas as ocasiões, ainda, greves inoportunas fizeram com que a coordenação do evento ficasse reduzida a poucos voluntários e alguns concertos fossem mesmo cancelados. Entretanto, em momento algum não realizar a Bienal foi uma opção. (Comunicação pessoal, 11/1/1998)

Em 1997, retornando ao Brasil após alguns anos no exterior, Ripper foi novamente convidado por Edino Krieger para participar da coordenação

da XII Bienal, evento esse que contou com mais de 100 compositores e aproximadamente 300 intérpretes, em uma amostra bastante abrangente das principais tendências estéticas da música de nossa época. Ripper nos diz que as dificuldades cresceram proporcionalmente, propulsionadas pela burocracia que se coloca sempre na contramão da arte. Ripper acrescenta que:

Com a tenacidade e experiência que concretizaram tantos outros projetos, Edino Krieger fez dessa edição da Bienal uma grande celebração da música brasileira. Foram dezesseis concertos realizados na Sala Cecília Meireles e no Salão Leopoldo Miguez da Escola de Música da UFRJ, com a presença da maioria dos compositores, transmissão ao vivo pela Rádio MEC e excelente presença de público. (Comunicação pessoal, 11/1/1998)

O compositor Rodrigo Cicchelli Velloso, em depoimento datado de 20/8/2000, também nos fala um pouco desse Edino criador e coordenador de várias Bienais:

Conheci Edino Krieger quando retornei ao Brasil em 1997, após seis anos de estudos na Europa. Lembro bem do dia em que fui fazer a inscrição de uma peça na Bienal daquele ano, e o mestre me recebeu pessoalmente em seu escritório na Funarte. Para minha surpresa, fui convidado por ele a participar da Comissão de Seleção de Obras, e conversamos longamente sobre vários assuntos – de reminiscências britânicas à situação do Brasil no que concerne à política cultural para a música de concerto. Qualquer depoimento sobre Edino seria incompleto se não mencionasse a profunda contribuição que ofereceu ao idealizar e coordenar as Bienais de Música Brasileira Contemporânea e tantos outros eventos e iniciativas ao longo de sua carreira na Funarte. De fato, não fosse seu esforço, a música brasileira estaria muito empobrecida. Devemos a ele a manutenção exemplar e tenaz de um dos poucos eventos onde a produção de diversos compositores brasileiros pode ser ouvida. [...] Espero que aqueles que o substituem atualmente e que venham a ocupar a mesma função no futuro possam levar adiante seu trabalho com o mesmo espírito de isenção e dedicação.

A compositora e professora da Escola de Música da UFRJ Marisa Rezende fala dessa qualidade agregadora de Edino e ressalta que:

Ninguém vai conseguir substituí-lo nas Bienais, porque é impressionante a calma que ele tem para passar por tantas preocupações, como a Bienal representa, e ele faz isso com a maior tranquilidade. Brinca, procura levar a coisa de uma maneira mais leve, e isso é muito raro. Ele consegue agregar as pessoas com o seu bom humor, ele é uma pessoa muito ímpar, muito querida por todos. (Comunicação pessoal de 10/11/1997)

Mais tarde, Edino Krieger expandiu seu potencial administrador à Fundação de Teatros do Estado do Rio de Janeiro (Funterj), quando teve seu nome indicado pelo presidente da Fundação, sr. Adolpho Bloch, à secretária de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro, sra. Myrthes de Luca Wenzel. Edino foi investido na função de diretor artístico da Funterj – que englobava o Theatro Municipal, a Sala Cecília Meireles, o Teatro João Caetano, o Teatro Arthur Azevedo etc. – através do Ofício nº 150, de 22/4/1977.³

Uma das primeiras tarefas de Edino foi organizar a temporada de reabertura do Theatro Municipal, que tinha estado fechado durante aproximadamente dois anos, para recuperação física. Em conversa com Néelson Portella, que atuava na época com frequência no Teatro Colón de Buenos Aires, Edino sugeriu a hipótese de aproveitar a reabertura para reorganizar todo o Setor de Ópera do Theatro Municipal, que estava totalmente esfacelado e sem técnicos para as áreas de construção, de cenografia. Edino resolveu fazer uma visita ao Colón, ocasião em que assistiu à ópera *The Rake's Progress*, de Stravinsky, com a participação de Portella, e fez importantes contatos com pessoas da área técnica daquele teatro, em especial com o *régisiseur* Oscar Figueroa. Edino conseguiu motivá-lo a vir, com alguns membros de sua equipe, reorganizar toda a estrutura operística do Theatro Municipal. E com essa equipe se montou o espetáculo de reabertura do Theatro Municipal, apresentando a ópera *Turandot*, de Giacomo Puccini, em 15/3/1978.

Nesse período Edino foi convidado pelo governo da Alemanha a visitar a Ópera de Hamburgo, que comemorava seu 3º centenário; conheceu então os Teatros de Óperas de Hamburgo, Berlim e Munique, o que trouxe importantes subsídios à sua gestão.⁴ A partir daí, foi reorganizada a central técnica de Inhaúma, central de produções do Theatro Municipal, e montada uma equipe para as áreas de suporte da ópera. O espaço já existia, todavia era minimizado, sendo utilizado apenas como depósito de cenários. A ideia básica foi constituir um corpo técnico para que o Theatro Municipal tivesse uma estrutura, uma infraestrutura de teatro de ópera, que permitisse uma programação de ópera continuada, a exemplo do Teatro Colón. A direção de Edino almejava de início alcançar três importantes objetivos: a criação de um grupo de ópera nacional; um concurso de libretos de ópera em um ato; e encomendar sistematicamente obras aos compositores brasileiros – três por temporada –, num estímulo à criação nacional. Consta que para a temporada de 1970 haviam sido encomendadas uma Sinfonia a Radamés Gnattali, um Bailado a Francisco Mignone e uma Cantata a Marlos Nobre, sendo que para 1971 o Theatro Municipal objetivava encomendar uma obra sinfônica a Guerra-Peixe, um Quarteto a Camargo Guarnieri e uma obra coral a um dos compositores jovens cujos nomes foram revelados no I Festival de Música

da Guanabara.⁵ Com relação ao primeiro objetivo, seria criado um elenco oficial da casa, integrado por artistas brasileiros que seriam contratados por temporadas, aproveitando as melhores vozes, e ainda cantores em formação. Haveria também a categoria de bolsistas, obrigados por contrato a estudar os papéis principais, sendo que de início se ocupariam de representar em público exclusivamente os papéis secundários. Sobre esses ideais, é Edino quem nos fala:

A ideia era que se organizasse um repertório básico de ópera, que a cada ano se acrescentassem dois ou três títulos, e esse repertório passasse a ser um repertório normal, que se levassem durante o ano inteiro essas óperas. Não só de Carlos Gomes, mas de outros compositores. Queríamos fazer um levantamento disso para programar sistematicamente, pelo menos a cada ano, uma ópera brasileira, que fosse se acrescentando ao repertório permanente de óperas do Theatro Municipal. Essa era a ideia básica do projeto. Fizemos *Turandot*, *La Périchole*, *Tosca*, e a *Traviatta*, com Zefirelli.

Como resultado da pesquisa que empreendemos no setor de documentação de teatro, com o intuito de levantar toda a programação realizada no período, detectamos apenas a referida ópera *Turandot*, as apresentações de *La Périchole*, de Jacques Offenbach, em 28/9/1978, e *O Sargento de Milícias*, de Francisco Mignone – obra encomendada pela Funterj por recomendação de Edino – em dezembro de 1978, além de dois espetáculos de balé, não havendo nos arquivos registro das outras óperas anteriormente citadas.

A crítica especializada cobriu o espetáculo de reabertura do Theatro Municipal, sendo o trabalho de Edino Krieger alvo de elogiosas críticas, sem falar na comunidade musical, que prestigiou sobremaneira o evento, que contou ainda com a presença do presidente da República, Ernesto Geisel.

No *Jornal do Brasil* de 15/3/78, Caderno B, página 1, em crítica não assinada, encontramos o depoimento de Néelson Portella, que assim se refere ao concerto de reabertura: “E entre os que trabalharam para que isso acontecesse, destaco o nome do maestro Edino Krieger, um trabalhador permanente.”

Ainda no citado periódico, em 30/3/78, Luiz Paulo Horta comenta que: “É, assim, quase milagre que o Rio de Janeiro possa dispor, eventualmente, de uma boa temporada lírica, organizada a deste ano sob a orientação eficaz e pouco reconhecida de Edino Krieger.”

O jornal *Última Hora* de 10/5/78, em artigo assinado por Maria Abreu, mostra a indignação da articulista gerada pela omissão do nome de Edino Krieger no programa do evento:

Outra incongruência está na omissão total no programa do nome de Edino Krieger, o verdadeiro Autor Maior de tudo o que se está realizando no

Municipal. Ele foi quem congregou os bons elementos, quem orientou a programação, enfim quem virou a página, no Brasil, do amadorismo precário para que chegasse a um teatro lírico de verdade. Omitir seu nome nas atuais realizações da Funterj é trapacear a história.

Antonio Hernandez, crítico do jornal *O Globo*, em 5/5/78, à página 41, mostra que a recondução de Edino foi um caso raro em que a competência acabou prevalecendo, mostrando o bom-senso dos dirigentes:

A vontade de acertar do Governo Faria Lima é demasiado evidente, como demonstrou a simples recondução do maestro Edino Krieger às responsabilidades da direção artística da fundação presidida pelo sr. Adolpho Bloch. Se ao presidente e ao seu secretário-executivo, sr. Geraldo Matheus Torloni, o Rio deve o sucesso na recuperação física do Teatro, o alto nível artístico da atual atividade lírica é um crédito de Krieger, que teve a iniciativa e a coragem de “roubar” ao Teatro Colón de Buenos Aires a sua melhor equipe técnica.

Ronaldo Miranda, no *Jornal do Brasil* de 16/5/78, mostra a receptividade e o reconhecimento do público com a nova fase do Theatro Municipal:

Na vespéral de domingo, a penúltima récita da Tosca recebeu uma plateia numerosa e entusiasta, constatando-se que, apesar das condições adversas – altos preços, falta de informações precisas na divulgação dos espetáculos, eventuais desníveis nos elencos –, o público do Rio mostra-se bastante sensível ao gênero lírico, quando tratado com a seriedade e o bom gosto que vem demonstrando a equipe liderada por Edino Krieger e Oscar Figueroa.

No entanto, apesar de todo o sucesso de público e crítica, o sério trabalho de Edino não estava agradando a todos. Alguns o acusavam absurdamente de favorecer o músico estrangeiro, gerando descontentamento e terminando por provocar seu afastamento: em carta datada de 10/10/78, Edino solicitou demissão em caráter irrevogável. Ele enviou carta à imprensa esclarecendo os motivos que o levaram a renunciar, agradecendo ainda o apoio recebido por parte da crítica. N' *O Globo* de 13/10/78, Edino esclarece que:

[...] Estou deixando a direção artística da Funterj, por considerar que a estrutura burocrática da entidade e sua excessiva dependência de recursos financeiros governamentais, compreensivelmente limitados, não comportam um projeto ambicioso como o da transformação do Theatro Municipal num grande teatro permanente de ópera e balé – um projeto, vale dizer, que

equivale à criação de um Teatro Nacional de Ópera e Balé, e que constitui a preocupação prioritária do Departamento Artístico desde o início de minha gestão.

No mesmo periódico, com data de 19/10/78, Edino Krieger critica a direção da Funterj, defende Figueroa – *régisseur* argentino – e fala do seu sentimento de profunda revolta diante da inominável injustiça que se perpetrou contra o desempenho do citado profissional.

O ponto alto das atividades administrativas de Edino Krieger, e que nos possibilita afirmar que se trata de um grande marco divisor na história e na evolução da cultura musical brasileira, foi, de forma indubitável, sua gestão na direção do Instituto Nacional de Música (INM), de 1981 a 1989, sendo ele, como se sabe, o responsável pela ideia da criação do INM no quadro da Funarte, iniciativa encaminhada em 1975 ao então ministro da Educação Ney Braga.

A nomeação de Edino Krieger para o cargo de direção do Instituto Nacional de Música da Funarte, pela Portaria Ministerial nº 467, publicada no D.O.U. de 28/7/81, na gestão do ministro Rubem Ludwig, veio trazer luz ao cenário da produção musical brasileira.

O jornal *O Globo* de 25/7/81, por meio do crítico Antonio Hernandez, ressaltou a importância da indicação de Edino Krieger para presidir o INM, narrando alguns de seus mais importantes feitos ao longo de sua trajetória, regozijando-se com sua nomeação:

O ministro da Educação Rubem Ludwig nomeou ontem o maestro Edino Krieger para o cargo de diretor do Instituto Nacional de Música. O ato do ministro, aceitando a indicação de Mário Machado – sucessor de Roberto Parreira como diretor-executivo da Funarte –, põe fim a uma verdadeira guerra de recomendações para o cargo, que durou cerca de 2 meses, desde o afastamento de José Mauro Gonçalves, diretor do órgão no tempo do ministro Eduardo Portella. Edino Krieger ocupava desde 1979 a função de coordenador do Projeto Memória Musical Brasileira (Pro-Memus), criado por sua iniciativa na gestão do violinista Cussy de Almeida. [...] À frente do Pro-Memus, Edino Krieger vinha realizando um trabalho de capital importância para a conservação e divulgação da criação musical brasileira dos últimos cem anos. O programa editorial de partituras e de discos, que começou com o lançamento de 17 elpês, constitui hoje o empreendimento oficial mais sério já realizado em âmbito federal, em favor da cultura musical. Da probidade exemplar do maestro Edino Krieger, o Brasil e particularmente o Rio de Janeiro já tiveram inúmeras provas e a ele a nossa cultura musical deve alguns dos mais importantes impulsos em favor de um desenvolvimento inteligente e que, se não tiveram maiores consequências,

foi por falta de continuidade de seu trabalho, sempre estrangulado por interesses extramusicais dos seus superiores administrativos. Da sua autoridade dependeram, por exemplo, algumas das mais importantes realizações da Rádio MEC, no período de maior esplendor da emissora oficial; os Festivais de Música da GB, em que fizeram suas primeiras armas dez anos atrás praticamente todos os grandes compositores brasileiros que ainda hoje não atingiram os 50 anos de idade; a ressurreição da arte operística do Theatro Municipal, a partir de 1978; e, mais recentemente, o Projeto Memória Musical Brasileira, cuja existência redime o Instituto Nacional de Música dos seus inúmeros pecados contra a arte de Bach e de Villa-Lobos. [...] Assim mesmo e pelos méritos de obras-primas como as *Variações Elementares*, o *Ludus Symphonicus*, o *Estro Armonico*, o *Canticum Naturale*, as *Sonâncias*, as *Convergências*, e sem citar nada da sua produção camerística, ele pode ser considerado tranquilamente como um dos dois ou três melhores compositores das gerações que sucedem Villa-Lobos, Guarneri e Mignone.

Ronaldo Miranda, no *Jornal do Brasil* de 25/7/81, afirmava que:

A escolha de Krieger para a direção do INM pode, portanto, representar uma fase auspiciosa para o desenvolvimento de nossa cultura musical. Com sua posse, hoje a Funarte passa a contar com um elemento altamente qualificado para comandar os destinos da música no país.

Emília Silveira, na *Revista Cultura* de jul./set. de 1981, às páginas 12-14, sob o título “INM: o desafio do músico Krieger”, ressalta a importância e a contribuição de sua passagem por diversas instituições, enriquecendo o artigo com depoimentos do próprio compositor focalizando seu plano de ação para o órgão:

Com experiência administrativa que engloba a responsabilidade, desde 1979, pelo Projeto Memória Musical Brasileira da Funarte, a direção musical da Rádio MEC na década de 50, a Secretaria-Geral do Conselho de Música do Museu da Imagem e do Som por 12 anos, a direção artística da Fundação dos Teatros do Rio de Janeiro e a presidência da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea, Edino Krieger é o quarto diretor do INM nos seus cinco anos de existência. [...] “O INM deve ser a instituição responsável pelo apoio à criação musical do País, ou seja, da pesquisa, memória, documentação dessa memória, avaliação crítica, divulgação, além de um programa editorial e fonográfico.” Edino Krieger considera que a questão do repertório seja mais importante que o mercado, chamando a atenção para o fato de que toda vez que a Orquestra Sinfônica quer fazer um concerto de música brasileira esbarra nas maiores dificuldades. Não sabe onde encontrar partituras, não existem

editadas etc. Segundo o compositor, essa deficiência fica mais grave ainda quando sabemos da enorme riqueza da criação brasileira. “Se os compositores são desconhecidos, se Brahms é mais programado do que Villa-Lobos, temos que atuar sobre essa realidade, valorizando, sem xenofobismo, o nosso criador.” Quanto à ampliação de mercado de trabalho para o músico, Edino Krieger diz que “a Rede Nacional de Música age na área de criação de mercado para o artista nacional. O projeto está sendo aperfeiçoado desde o início do INM, e consiste em criar locais de concertos em várias cidades, comprometendo instituições locais na produção dos espetáculos”.

Mara Caballero, no *Jornal do Brasil*, Caderno B, p. 1, de 3/8/81, esclarece que o compositor pretendia enquadrar o INM nos mesmos objetivos de outros órgãos – Embrafilme, Instituto Nacional do Livro, Serviço Nacional de Teatro –, só que voltado para a música, especialmente para a criação musical brasileira. A articulista informa que:

Edino Krieger será oficialmente empossado em 5/8/81. Ele pretende transformar o INM num centro de discussão, de modo a melhor conhecer as necessidades do meio e ajustá-las à estrutura de funcionamento. “A função do INM não é resolver todos os problemas com ação direta, mas ser um instrumento auxiliar. Intermediar é a melhor palavra para definir o trabalho do Instituto.” Edino Krieger pretende ainda proceder a um trabalho de aprofundamento e complementação dos projetos já existentes, os projetos Bandas, de apoio às orquestras e Universidade.

Fora do âmbito do Rio de Janeiro, a indicação do compositor foi também alvo de manchetes em diversos periódicos. Os jornais *O Estado de Florianópolis*, *Correio do Povo* de Porto Alegre, *Diário do Grande ABC* de Santo André, no estado de São Paulo, *Jornal da Tarde*, *Diário Popular*, *Folha da Tarde*, *O Dia*, todos de São Paulo, *Estado de Minas* e *Jornal do Commercio* do Recife congratularam-se com o compositor em uma série de artigos que lhe rendiam efusivas homenagens.

O início da trajetória de Edino Krieger na Funarte, como se sabe, se deu em 1979, na qualidade de prestador de serviços do Instituto Nacional de Música, na gestão de Cussy de Almeida. A convite deste, Edino apresentou um projeto, que denominou Projeto Memória Musical Brasileira – Pro-Memus –, que tinha como alvo a documentação e a difusão da música brasileira, promovendo uma assistência efetiva no campo da documentação musical, tendo sido seu idealizador, organizador e coordenador. O Projeto previa, na sua íntegra: 1) a criação de um Arquivo Central de Música Brasileira, com obras editadas no Brasil e no exterior; 2) um Cadastro Geral de Música Brasileira; 3) um Centro

de Informações Musicais; 4) um Arquivo Fonográfico; 5) um Programa Editorial permanente, objetivando a edição regular de catálogos, partituras (algumas na condição de manuscritos, e outras ainda em edições precárias pelo desgaste do tempo), livros e gravações de música brasileira representativa de todos os períodos; 6) um Programa de Incentivo à criação musical brasileira, com encomenda de obras a autores reconhecidos e abertura de concursos de composição; 7) um Programa de Divulgação e Promoção da música brasileira, promovendo concertos e recitais, além de auxiliar nas realizações de festivais e a criação de postos de venda desses materiais – de início um posto central, depois multiplicando-se em outros estados – de modo a possibilitar e facilitar o acesso dos intérpretes e do público.

Nessa época – 1979-1980 –, Edino procedeu a um levantamento do acervo de gravações (em fita magnética) de música brasileira da Rádio MEC, selecionando quinze discos para serem editados, com autorização da citada emissora. A riqueza do material selecionado, que surpreende pela excepcional qualidade técnica, passou a ser objeto de um processo de revitalização e polimento, buscando assegurar uma sonoridade estereofônica à altura de obras de rara apresentação, resgatando o trabalho de músicos conceituados em nosso meio artístico, alguns já desaparecidos e outros residentes no exterior. Eram gravações da Orquestra Sinfônica Nacional (regida por Camargo Guarnieri, Guerra-Peixe e Mignone), da Orquestra de Câmara, do Quarteto de Cordas da Rádio MEC (Salomão Rabinovitz e Alfredo Vidal nos violinos; George Kiszely na viola e Giorgio Bariola no violoncelo), do Trio Rádio MEC (Anselmo Zlatopolsky no violino, Iberê Gomes Grosso no violoncelo e Alceo Bocchino no piano), todos conjuntos estáveis da rádio, e do Quarteto Brasileiro (Santino Parpinelli e Rabinovitz nos violinos, Jacques Niremberg na viola e Eugen Ranevsky no violoncelo). Os critérios para essa escolha eram, primeiro, obras que nunca tivessem sido gravadas e, segundo, evidentemente, qualidade da execução musical. Foram editados aproximadamente 58 LPs, quatro catálogos e umas 362 partituras. Transcorrido pouco tempo de trabalho, a comunidade musical já colhia os frutos de tão séria realização de Edino como coordenador do Pro-Memus. O *Jornal do Brasil*, Caderno B, p. 7, de 22/11/80, em artigo assinado por Ronaldo Miranda, revelava que após um ano e meio de sua criação o citado Projeto dava seu primeiro grande passo no setor da documentação fonográfica: “Já estão prontos e serão lançados quinta-feira – 27/11/80 – às 17h, na própria Funarte, os 15 primeiros discos de uma série que pretende registrar a música nacional do presente e do passado.”

Guerra-Peixe, em carta ao Exmo. sr. Roberto Parreira, diretor-executivo da Funarte, datada de 31/1/1980, à página 2, depositada na Divisão de Música e

Arquivo Sonoro da Biblioteca Nacional – Coleção Guerra-Peixe, carta nº 25 –, tece várias críticas ao INM e enfatiza que:

Pelo visto, o INM conserva seus vícios, seus erros, seus critérios dúbios, suas resoluções domésticas tal e qual como começou. Eu já disse a um jornal e repito: a Funarte tem sido o maior malefício que o Governo Federal tem feito às artes, em especial à música. E tende a piorar. Quero fazer uma ressalva à Memória Musical Brasileira – Pro-Memus, que se prosseguir conduzida por Edino Krieger poderá prestar valioso serviço à música brasileira; caso contrário, já se viu!

Um ano mais tarde, e novamente Ronaldo Miranda, no *Jornal do Brasil*, Caderno B, p. 8, de 28/11/81, divulgava o lançamento de 10 partituras de música coral brasileira através do Pro-Memus, onde Edino Krieger incorporava ao projeto sob sua responsabilidade cinco músicas corais para coro misto feitas sob encomenda da gestão anterior:

Esta série que está sendo progressivamente editada apresenta agora os seguintes títulos: *Ave-Maria* de Cláudio Santoro, *Topologia do Medo* de Cirlei de Hollanda, *Peça Coral nº 1* de Emílio Terraza, *A Arca de Noé* de Ernst Mahle e *O Vento no Carnaval* de Ernst Widmer. As outras 5 peças recém-lançadas pelo Pro-Memus destinam-se a vozes infantis, tendo sido selecionadas para edição entre as que concorreram ao 1º Concurso Nacional de Composição para coro infantil, promovido pelo INM ao fim da gestão de Cussy de Almeida. São elas: *O Livro Mágico do Curumim* de Almeida Prado, *Um Ideal* de Vanda Freire, *Canção da Chuva e do Vento* de Murilo Santos, *O Mosquito Escreve* de Maura Machado e *O Navio Pirata* de Lindembergue Cardoso.

Edino é categórico: o Pro-Memus partia da premissa de que não é possível se pensar num projeto de divulgação da música brasileira se não se tiver as partituras. Para que os intérpretes participem dessa divulgação, é preciso ter o material disponível:

Geralmente você ouve dizer: “Os intérpretes não se interessam pela música brasileira.” Não é bem assim! Na verdade, o que eles não têm é acesso ao repertório de música brasileira. É mais fácil tocar Beethoven, o repertório estrangeiro, porque a música brasileira não existe editada em lugar algum. Então, começamos a tentar preencher essa lacuna. E também a edição de discos: isso também é fundamental, para você poder divulgar através do rádio, mandar para o exterior. Esses discos passaram a ser divulgados a nível internacional. Mandamos para as rádios e emissoras oficiais do mundo inteiro. Além desses discos de música que foram editados, entrei em entendimento

com a direção da Rádio MEC e fizemos transcrição de todo o acervo de gravações de música brasileira da Rádio. Fizemos uma cópia, e essa cópia está arquivada na Funarte até hoje. Para evitar que, de repente, as fitas da Rádio – que eram antiquíssimas, algumas de 30 anos – se perdessem, perdessem a sua qualidade técnica e não tivessem uma cópia, pelo menos, para salvar o registro documental. A ideia era fazer um arquivo público sonoro, para que esse acervo fosse colocado à disposição dos estudiosos, dos pesquisadores. Isso nunca se conseguiu realizar. Essas fitas estão guardadas num espaço com ar condicionado, desumidificadores etc. lá na Avenida Brasil, no Setor de Vídeo da Funarte.

Em 1981, quando da direção executiva de Mário Machado, Edino foi convidado a assumir o INM, passando a funcionário da Funarte, tendo então que abdicar de suas atividades na Rádio MEC. Edino dirigiu o INM de 5/8/1981 até 1989, quando foi alçado ao cargo máximo de presidente da Funarte, por indicação do ministro José Aparecido. Sabe-se que Mário Machado, ao assumir a direção executiva da Funarte, procedeu a uma consulta com os funcionários da área técnica, trocando ideias com eles. Edino foi um dos que conversou muito com ele, e sempre sobre o Pro-Memus, sobre seu interesse único de consolidar e desenvolver esse Projeto, pois não estava muito interessado em cargos de direção. Como resultado dessas conversas, Edino foi investido no cargo de diretor do INM. Sobre essa época, Edino nos deu seu depoimento:

Quando assumi, fui obrigado a reestruturar todo o INM, porque a maioria dos coordenadores de projetos, como eu mesmo no Pro-Memus, eram todos contratados por serviços prestados. Eram contratos que eram renovados de três em três meses. Logo que assumi, o Mário Machado me chamou e disse: “Olha, está havendo uma determinação da Secretaria de Planejamento, proibindo a renovação sistemática de contratos por serviços prestados.”

Então, foram criadas vagas dentro do quadro de funcionários do INM, de modo que esses coordenadores passassem a integrá-lo. A partir desse momento, o INM passou a ter uma estrutura administrativa efetivamente mais sólida. Edino procurou suprir as várias lacunas, colocando à frente de cada área pessoas especializadas. Ele fala sobre seu grupo de trabalho:

Lembro que os primeiros a serem efetivados foram a Elza Lakschevitz, que cuidava do Projeto Villa-Lobos, da área de corais, e que não era funcionária; a Valéria Peixoto, da área de Educação Musical (que havia sido criada por mim); a Vânia Bonelli, que cuidava da Rede Nacional de Música; o Celso Woltzenlogel,

que cuidava do Projeto Bandas, não pôde ser funcionário da Funarte porque era professor da Escola de Música e continuou em caráter excepcional a prestar serviços. Havia alguns, como o Flávio Silva e a Irene Moutinho, que já eram funcionários e cuidavam da parte de atendimento à demanda externa, a parte de convênios com outras instituições. A Funarte tinha no orçamento uma dotação específica para isso. Cada uma dessas coordenadorias era formada por um coordenador e um assistente. Então, era uma equipe de duas pessoas, que realmente tocavam todo um trabalho a nível nacional. Havia, evidentemente, alguns funcionários da área de apoio, da área administrativa, serventes. A estrutura do corpo técnico era realmente muito pequena, inclusive para a dimensão do trabalho que a gente fazia, de abrangência nacional.

Edino nunca cuidou apenas de suas realizações pessoais. Ele manteve muitos projetos que vinham das gestões anteriores, mas redimensionando-os, imprimindo-lhes uma perspectiva mais arrojada e abrangente, aperfeiçoando-os, ou simplesmente apoiando-os, como é o caso do Projeto Pixinguinha, um projeto inteiramente independente e que tinha como coordenador Hermínio Bello de Carvalho. Na administração de Edino esses projetos cresceram, se desenvolveram e apresentaram novas perspectivas. Como exemplo, citamos a Rede Nacional de Música, existente desde o início da Funarte, e que foi ampliada, permitindo a realização de recitais em diversas regiões do país não somente com artistas convidados, mas contando ainda com a participação de artistas locais, que dividiam o palco com importantes nomes, desdobrando-se também em oficinas, *workshops* com concertistas que iam a uma determinada região e lá permaneciam alguns dias, com o intuito de realizar um trabalho de caráter didático com os estudantes locais. Isso ocorreu com o pianista Gilberto Tinetti, convidado a fazer um concerto na região Nordeste; buscou-se então arregimentar um grande número de estudantes de piano, oferecendo aos mesmos um trabalho de oficina. Tal iniciativa repetiu-se com diversos artistas. Com relação ao repertório, deixou-se de fazer unicamente Beethoven, Brahms e Chopin, trabalhando-se efetivamente música brasileira. Houve ainda uma mudança no perfil do artista da Rede: não eram mais somente pianistas que participavam, mas também intérpretes de outros instrumentos, assim como corais, duos, trios, quartetos e quintetos. A democratização da Rede também é resultado da administração de Edino, que, em lugar de ficar repetindo sempre os mesmos músicos, criou um mecanismo que permitia o acesso de qualquer profissional, por meio da apresentação de uma proposta contendo o programa, o currículo e alguma gravação, quando se tratava de alguém desconhecido.

O Projeto Villa-Lobos foi ampliado após a gestão de Edino, passando a participar da programação do Pro-Memus, por meio da edição de composições corais para coro infantil e misto, provenientes de concursos de composição,

além de arranjos de músicas folclóricas. O investimento maior passou a ser a formação de recursos humanos. A coordenação investia no regente coral, em melhorar o seu desempenho, que naturalmente se refletia na melhora da qualidade do conjunto, propiciando ainda reciclagens regionais com duração de uma semana. Tomamos parte ativa nesse Projeto, no Rio de Janeiro, integrando o primeiro e o segundo Painel Funarte de Regência Coral, e mais adiante, na qualidade de professora de Percepção Musical, em Curitiba e em Brasília, quando nos foi possível avaliar a extensão exata de seu benefício em prol do canto coral. A semana tornava-se pequena para uma série de interessantes trabalhos propostos sob a forma de palestras, *workshops*, cursos de regência, de educação musical, de técnica vocal, orientação quanto a repertório, revelando-se um encontro extremamente rico, que possibilitava uma grande troca de informações e experiências entre os participantes.

O projeto Oficina-Escola de Luteria, que funcionava na Funabem – aberto também aos internos da instituição –, em Quintino, no Rio de Janeiro, e que objetivava a formação de técnicos em construção e reparo de instrumentos de cordas, foi criado na época em que o *luthier* paulista Guido Páscoli estava vivendo no Rio de Janeiro. Após seu desaparecimento, o funcionário Orlando, discípulo de Guido Páscoli, deu continuidade ao trabalho. Esse projeto abrigava candidatos a técnicos em construção e reparação de instrumentos de cordas vindos de diversos lugares do Brasil onde havia a necessidade desse tipo de mão de obra, e que após três anos de estudo como bolsistas da Funarte retornavam às suas origens. Vários *luthiers* que hoje estão trabalhando por esses “Brasis” afora são produto desses cursos. A partir de um determinado momento, o INM suspendeu esse projeto, pelos motivos que Edino nos aponta:

Num certo momento, a demanda por esse tipo de mão de obra cessou, porque não se criaram novas orquestras, o movimento nesse sentido ficou mais ou menos estagnado. Então, decidimos que não havia mais razão de se criar outras turmas de técnicos em luteria, porque já estava começando a acontecer que esses rapazes, que eram formados para construir violinos, violas e violoncelos, quando terminavam o curso e não tinham aproveitamento da sua mão de obra especializada, para sobreviver tinham que construir armários, estantes... o que não tinha muito sentido. Então, a Oficina-Escola deixou de funcionar mais ou menos em 1988.

Esses artesãos também aprendiam a consertar e construir violões, todavia a especialidade deles era a construção de instrumentos de arco. É ainda Edino quem nos relata:

Nós importávamos madeira da Europa, para manter essa Oficina em funcionamento. Os aprendizes construíam os instrumentos, e esses instrumentos eram periodicamente doados a escolas, a instituições. Importávamos também quantidades de madeira para outras oficinas que tinham sido criadas com os aprendizes que se formavam aqui: da Bahia, da Paraíba, de Minas e de outros lugares. Então, quando essa Oficina terminou as atividades, distribuímos o que restou das madeiras disponíveis, até esgotar esse material. Ficamos só com um técnico, e a função dele não era mais a de formar novos aprendizes, mas de supervisionar e dar assistência às oficinas que foram criadas nas várias regiões. Eu acho que uma meia dúzia de oficinas foram criadas pelo Brasil afora.

O Projeto Bandas, a exemplo dos citados, também foi ampliado. No princípio ele se limitava à distribuição, por parte da Funarte, dos instrumentos solicitados pelas bandas de música cadastradas. Especialistas eram convidados pelo INM para examinar a qualidade técnica dos instrumentos, levando-se em conta a exigência da Funarte, desde o início, de que os instrumentos comprados para distribuição fossem os melhores que as fábricas pudessem construir. O projeto piloto também previa cursos sistemáticos e intensivos para reciclagem de mestres de banda, que geralmente se formam na prática. Na gestão de Edino foram criados cursos de restauração e recuperação de instrumentos de sopro, com músicos especialistas que se deslocavam para várias regiões do país, de modo a possibilitar o melhor uso e preservação dos mesmos, evitando dessa forma que o instrumentista pusesse de lado o instrumento por não saber como consertá-lo. O depoimento de Edino Krieger revela o benefício desses cursos para o músico de banda:

Esses cursos foram muito bons, porque realmente os próprios músicos e mestres das bandas passaram a aprender a consertar, a recuperar os instrumentos: a fazer uma solda, a colocar uma sapatilha, enfim, toda essa parte técnica.

No jornal *A Notícia*, de Joinville, datado de 3/4/83, Edino revela algumas ações que foram sendo implementadas junto a estes projetos. Sobre essas ações, de um modo geral, ele assim se pronunciou:

Nós queremos recolher essas músicas, fazer uma avaliação de seu valor musical e começar a editá-las em partitura, na coleção *O Repertório de Ouro das Bandas de Música do Brasil*, para divulgação no país e no exterior. [...] Outros projetos que serão desenvolvidos este ano relacionam-se com a pesquisa de madeiras nacionais para a fabricação de instrumentos musicais e o levantamento de todos os instrumentos brasileiros (folclóricos, indígenas,

artesanais e industriais), para a elaboração de um Guia de Instrumentos Musicais Brasileiros. [...] Estamos também promovendo um mapeamento dos órgãos existentes no Brasil, para estudar a possibilidade de sua recuperação e conservação. [...] Poderia citar como contribuições específicas da minha gestão o apoio intensivo e ostensivo do INM à música brasileira dentro da ação de todos os projetos; a criação da Comissão de Legislação Musical, que fornece ao MEC pareceres sobre projetos da lei na área da música, examina e estuda toda a legislação musical do país e elabora propostas de projetos de lei de interesse nacional na área da música; a criação da Comissão de Educação Musical e da Coordenadoria de Educação Musical, que estão iniciando levantamento completo de toda a problemática da educação musical no país e promovendo cursos de reciclagem e orientação pedagógica e curricular para professores que atuam na área da música dentro das escolas. Essa retomada, pelo INM, de uma área que esteve bastante abandonada desde a morte de Villa-Lobos, e cuja importância a ministra Esther de Figueiredo Ferraz apontou em entrevista recente, tem sido aplaudida como uma das iniciativas mais importantes do INM. Na verdade, não basta levar a música ao público adulto; é preciso fazer com que a música entre para o cotidiano das crianças, através da atividade musical na escola. É o que se faz nos Estados Unidos e na Europa, e é por isso que lá existe um público tão numeroso para a ópera, os concertos e todo tipo de manifestações musicais. [...]

Em depoimento ao jornal *O Estado de S. Paulo* datado de 3/11/85, à página 33, Edino revela que o INM já havia atendido a cerca de 700 das 1.500 bandas cadastradas. Enfatiza ainda que: “Das 800 a que falta atender, diariamente recebemos solicitações de verbas para a compra de instrumentos. Do mesmo modo que pedidos de prefeituras para formar suas primeiras bandas.”

É fato indiscutível que o INM viveu seu apogeu na gestão de Edino Krieger. O funcionamento a contento de todas as coordenações sob a supervisão geral de Edino – que tinha como principal característica o fato de não ser centralizador – se deve muito ao desenvolvimento de um trabalho em que respeito mútuo, confiança, delegação de poder, liberdade, competência e seriedade eram indissociáveis. Edino comenta:

Eu fazia um acompanhamento. Nós, inclusive, estabelecíamos toda a nossa programação em reuniões semanais de toda a equipe técnica. Isso funcionou muito bem, porque todos participavam de todas as decisões, de toda a programação. Nós tínhamos uma espécie de colegiado de coordenadores, que estabelecia as linhas de programação, inclusive participava da questão de distribuição de recursos. Nós fazíamos a distribuição dos recursos de uma maneira muito democrática.

Valéria Peixoto revelou-nos que, nesse momento, cada um argumentava em favor da área pela qual era responsável, e que o voto de Minerva, evidentemente, era sempre de Edino, mas sempre exercido com muita justiça, sempre de uma forma muito clara:

Ele nunca prejudicou outros projetos porque sua paixão era o Pro-Memus ou a realização de uma bienal de música. Absolutamente. Ele reconhecia a pertinência, a seriedade de cada orçamento de cada área, e tentava corresponder à expectativa de cada coordenador. Como presidente da Funarte, em momento nenhum ele deu uma verba maior para a área de música só porque ele era músico. (Comunicação pessoal de 7/11/1997)

Na gestão de Edino foram criados alguns projetos, dentre eles o Projeto Orquestra, com o objetivo de dar apoio sobretudo a orquestras jovens. Foram realizados alguns encontros de regentes de orquestras jovens, e o Projeto voltou-se também para a questão da formação do regente dessas orquestras, a questão da formação do repertório, sobretudo na área de música brasileira. Para suprir essa lacuna, foram realizados concursos de composição para as referidas orquestras, cujas partituras premiadas não foram editadas em razão da dissolução da Funarte, em 1990, no Governo Collor. Ao que se sabe, até o presente momento esse material não foi recuperado.

A Coordenadoria de Educação Musical – criada na gestão de Edino – realizou também um trabalho de apoio à formação de recursos humanos junto aos professores de Educação Musical. Valéria Peixoto, a coordenadora dessa pasta, em depoimento datado de 7/11/1997 nos fala sobre essa época:

Eu conheci o Edino pessoalmente quando vim trabalhar com ele, a seu convite, para criar no INM um setor que cuidasse especificamente da educação musical. O Edino é um compositor muito importante, dos grandes neste país, e um dos poucos que se preocupa com a questão da educação musical. E aí já revela um aspecto interessante dele, que é esta preocupação sistemática com uma área que não é a dele por origem, mas que é dele por consciência política. Ele se preocupa com a questão da formação do músico, com a questão da formação da plateia, com a sensibilização de toda a comunidade. Isso é muito raro hoje em dia.

Valéria Peixoto, que convive com Edino desde 1981, primeiro como diretor do INM, depois como presidente da Funarte (quando ele a convidou para assumir o lugar que era dele) e atualmente na Academia Brasileira de Música, ainda nos fala sobre Edino:

Edino deixou um INM organizado, em que você tinha claramente cinco linhas de apoio: a de formação de recursos humanos, que compreendia todos os programas, todos os projetos que buscavam melhorar a qualidade da formação do músico em todos os seus desdobramentos; a de difusão musical, voltada prioritariamente para o compositor e o intérprete brasileiro, com divulgação em todo o país através da Rede Nacional da Música – projeto itinerante de concertos com ênfase no músico e na música de autor brasileiro; a de pesquisa e documentação, que resultou no Projeto Pro-Memus, que é brilhante, maravilhoso, e que nunca foi viabilizado na sua totalidade (ele criou também, dentro desse Projeto, um banco de partituras, que na primeira versão reunia principalmente a obra sinfônica de compositores brasileiros); a de apoio à infraestrutura, visando apoiar programas e projetos que ajudassem indiretamente o fazer musical, como, por exemplo, o afinador de piano,⁶ a melhoria da qualidade técnica dos instrumentos de sopro, desde a qualidade do som até a durabilidade do instrumento; e a linha de apoio à criação musical, voltada especialmente para o compositor, com a realização de concursos de composição e a encomenda de obras aos compositores. (Comunicação pessoal de 7/11/1997)

A formação de recursos humanos envolveu então todos os projetos que, de acordo com suas especificidades, objetivavam a formação, a reciclagem, a especialização e o aperfeiçoamento de regentes corais e coralistas (Projeto Villa-Lobos); de mestres e músicos de banda em conjunção com a escola de Luteria (Projeto Bandas); de músicos e determinados naipes de instrumentistas de orquestra (Projeto Orquestra), e ainda de professores de música (Projeto Educação Musical) que atuassem em conservatórios, em escolas regulares de música, ou ainda na rede oficial de ensino, por meio de seminários, cursos, laboratórios e oficinas.

De todos os feitos de Edino à frente do Instituto Nacional de Música, cabe ainda salientar como ponto culminante o excepcional trabalho de pesquisa, resgate e divulgação realizado pelo Projeto Pro-Memus, que resultou em um trabalho incomensurável em prol da história e evolução da música brasileira de todos os tempos, e que se fez conhecer através da publicação de um rico acervo composto de quatro catálogos completos de obras – Alberto Nepomuceno, Oswaldo de Souza, *Coleção Música Sacra Mineira* e José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita –, diversos livros, 373 partituras, além de 58 edições fonográficas de alto valor histórico e documental. Com o objetivo de complementar o trabalho das editoras comerciais de música do Brasil, o Projeto Pro-Memus assumiu a edição de obras que, não tendo assegurado um mercado compensador para um investimento comercial, haviam permanecido até então inéditas, a despeito de seu valor artístico e de seu interesse histórico. No Catálogo de Edições Funarte

[198-] – em português, espanhol, italiano, francês, inglês e alemão – Edino explica que, dentro desse critério,

a programação editorial de partituras incluiu obras de autores do passado que tiveram uma importância considerável em sua época, como o padre José Maurício Nunes Garcia e os compositores de música religiosa de Minas Gerais, além de partituras sinfônicas de compositores do passado e do presente, obras para coro misto, música de câmara e para instrumentos solistas, obras encomendadas pelo INM, obras para coro infantil, arranjos corais de temas folclóricos e composições para orquestras jovens, de dificuldades técnicas reduzidas, premiadas em concursos nacionais de composição. A programação editorial de música inclui ainda a edição sistemática de discos de músicas de concerto e música popular, a partir de gravações históricas como as da coleção *Documentos da Música Brasileira*, de gravações realizadas ao vivo como as das Bienais de Música Brasileira Contemporânea, do Concurso Nacional “Jovens Intérpretes da Música Brasileira”, ou ainda de gravações novas realizadas em estúdio. Com este trabalho editorial, espera a Funarte contribuir para um melhor conhecimento da volumosa e diversificada produção musical do Brasil.

A grande contribuição que nos foi legada pelo Projeto Pro-Memus (ver no Anexo 9 a relação de partituras, catálogos e discos que foram editados) permite-nos afirmar que a produção musical brasileira se divide em dois tempos: antes e depois de Edino Krieger.

No *Jornal do Brasil* de 22/3/1992, Seção Negócios e Finanças, à página 5, Edino Krieger, que participava como debatedor no Rio Polo Cultural (décima etapa do Fórum Rio – Século XXI), afirmou que a crônica falta de recursos oficiais nos governos é simplesmente falta de vontade política. O compositor evidencia em sua fala uma série de ações concretas e passíveis de realização. Do alto de sua importante trajetória como mentor de causas públicas, resultante de 40 anos de militância no setor, Edino Krieger aponta uma série de ações concretas e passíveis de realização que o poder público deveria encampar, como:

1. Manutenção de espaços para atividades musicais. Citando os espaços existentes, como o Theatro Municipal, a Sala Cecília Meireles, o Espaço Cultural Sérgio Porto e os espaços ao ar livre na Catacumba e no Arpoador, sugere ainda outros lugares na periferia da cidade e uma concha acústica para permitir apresentações de boa qualidade artística e acústica para o grande público.
2. Manutenção de conjuntos artísticos estáveis em pelo menos um desses espaços, a exemplo do Theatro Municipal, que dispõe de orquestra, coro e um corpo de baile. Esclarece que não bastaria apenas mantê-los, mas, sobretudo,

valorizá-los profissional e politicamente, para que eles possam produzir uma retribuição cultural à altura de seu custo e principalmente das necessidades e exigências de um grande centro como é o Rio [...].

3. Facilitar ao artista brasileiro o uso desses espaços, evitando taxas de ocupação fora da realidade, sobretudo num momento de crise como o atual. Não se justifica que o poder público penalize o artista brasileiro, precisamente no momento em que mais deveria apoiá-lo, transformando os espaços oficiais em casas de aluguel, quando sua função não é lucro, mas o apoio à cultura.

4. Criar, manter ou apoiar instituições ou programas de preservação da memória musical brasileira, através de arquivos de documentação, pesquisa e divulgação dos valores mais representativos da música brasileira, sem descartar a edição ou multiplicação de partituras e gravações fonográficas, colocando assim a tecnologia a serviço da cultura – como deveria ser a sua verdadeira vocação.

5. Instituir ou apoiar programas ou projetos na área de formação de recursos humanos para educação musical (citando o *Canto Orfeônico*, de Villa-Lobos). Ajudar a restabelecer a presença da música nas escolas, mas com um trabalho de qualidade, seria um investimento com retorno cultural absolutamente certo, por parte do poder público.

6. Por extensão, instituir e apoiar centros de atividades musicais não só nas escolas, mas em organizações comunitárias, sobretudo na periferia, junto à população mais carente. Formar corais, bandinhas, grupos de choro e de danças folclóricas com crianças de rua e de regiões carentes é certamente uma forma de canalizar para uma atividade coletiva centenas de crianças que podem ser, por falta de opções, os trombadinhas de hoje e os assaltantes de amanhã.

7. Apoiar e incentivar também as atividades musicais de caráter sociocultural, como as bandas de música e os corais amadores, como aliás já acontece e de maneira bastante expressiva no Rio de Janeiro, onde os certames oficiais de banda de música já são uma tradição.

8. Estimular os jovens talentos musicais, promovendo ou apoiando concursos e abrindo espaços para as suas apresentações – inclusive e principalmente nas escolas da rede pública –, o que estimula os jovens artistas e ao mesmo tempo ajuda a formar novas plateias, levando à criança a oportunidade de conhecer uma forma importante de experiência espiritual como é a música. Em cumprimento, aliás, ao que preceitua a própria Constituição.

9. Estimular e apoiar projetos de despoluição sonora, levando o assunto à ECO 92 (o Rio é a capital mundial da poluição sonora).

10. Apoiar o acesso de valores novos ao mercado cultural.

A múltipla atividade de Edino Krieger como criador, crítico musical e gestor de causas públicas jamais o impediu de exercer paralelamente outras atividades e tomar parte ativa em importantes eventos e movimentos musicais, tanto no Brasil quanto no exterior. Assim é que, para citar apenas algumas

ações, atendendo a carta-convite datada de 24/9/1968, assinada pelo redator-chefe Bolívar Costa, assume a função de Consultor de Música da Enciclopédia Barsa; de 1964 a 1968, participa como professor de Composição nos Cursos Internacionais de Música de Curitiba, no Paraná, atividade esta que viria a se repetir na década de 1990; em 1988 participa da reunião de instalação do Conselho Internacional de Cultura Catalã, em Barcelona, e em 1993 de uma reunião do citado Conselho;⁷ em 1988 preside o Júri do Concurso Nacional de Piano Edino Krieger, realizado em Brusque, sua cidade natal, por ocasião das homenagens pela passagem de seus 60 anos; em 1994 realiza estágio de dois meses em Berlim, Alemanha, a convite do Goethe Institut; em 1995 passa a integrar o Conselho de Cultura do Estado do Rio de Janeiro⁸ e participa do Festival de Música Brasileira de Tóquio, onde assiste à execução de seu *Estro Armonico* pela Orquestra Shinsei;⁹ em abril de 1996 participa do Festival Sonido de las Americas: Brasil, organizado em Nova York pela American Composers Orchestra com o patrocínio do Carnegie Hall, quando seu *Concerto para 2 violões e orquestra de cordas* recebe sua estreia mundial pela Orquestra de Câmara da ACO, sob a regência de Paul Dunkel e com Sérgio e Odair Assad como solistas; ainda em 1996, em julho, participa do Festival de Música de Londrina,¹⁰ e em outubro, do Encontro de Compositores de Porto Alegre, Rio Grande do Sul; é eleito presidente da Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC – Soarmec; em 1997 é eleito presidente da Academia Brasileira de Música;¹¹ em 1998, no mês de julho, assiste à estreia europeia do *Concerto para 2 violões e orquestra de cordas*, com o Duo Assad, na Abadia d’Aulne, Bélgica; em outubro dirige a Orquestra Filarmônica Südwestfalen na execução de seu

Posse de Edino Krieger na Academia Brasileira de Música. José Maria Neves, Ricardo Tacuchian (presidente da ABM), Edino Krieger e Turíbio Santos. Antiga sede da ABM (Praia do Flamengo), Rio de Janeiro (RJ), 30/5/1994. Foto: Nenem Krieger



Canticum Naturale, em Colônia, Alemanha; assiste ainda à execução de seu *Concerto para 2 violões e orquestra de cordas* tendo o Duo Assad como solistas, sob a regência de Leo Brouwer, na estreia da temporada do Gran Teatro de Córdoba, na Espanha e, em dezembro, é homenageado no Muro da Fama do MIS; em 2000, participa do Festival de Música Brasileira da Universidade de Música de Karlsruhe, Alemanha.

Mas Edínamo Krieger – como bem o definira o maestro e compositor Ernani Aguiar – parecia não estar satisfeito com a sua formação e resolveu voltar aos bancos escolares. Heloisa Tolipan, em sua coluna *Gente*, no *Jornal do Brasil* de 11 de abril de 2002, à página 7, pela chamada “Nunca é tarde” noticia que:

Aos 74 anos, o compositor Edino Krieger está de volta aos bancos de uma universidade. Ele embarcou anteontem para a Alemanha, onde vai estudar música na Universidade de Karlsruhe durante três meses. Krieger ganhou a Bolsa Virtuose do Ministério da Cultura.

Em Karlsruhe, Edino realizou um estágio como compositor convidado junto ao Departamento de Ópera e Música Cênica na Universidade. Acompanhou os ensaios e assistiu aos espetáculos da ópera *Die Eroberung von Mexico* (A conquista do México), em homenagem aos 50 anos do compositor Wolfgang Rihm, um dos mais famosos entre os alemães contemporâneos, e que é natural de Karlsruhe. Segundo Edino, a ópera baseia-se em um livro do francês Antonin Artaud.

O libreto é em alemão e a direção musical e a regência foram da diretora do Departamento de Ópera e Música Cênica, Alicia Mounk. A direção cênica foi de duas professoras do Departamento, Renate Ackermann e Andréa Raabe. O elenco era todo de alunos e ex-alunos do Departamento. A ópera é extremamente difícil, com uma linguagem muito avançada, mas os cantores tinham uma segurança absoluta de ritmo e entonação.

Paralelamente a esse trabalho, Edino produziu ainda algumas obras novas, a saber: *Momentos* para cravo, dedicada a um aluno de cravo da Universidade – Wilke Lahmann – que é também professor de cravo em um conservatório local; e uma nova versão da obra *Sonâncias: Sonâncias IV*, para violino e dois violões, dedicada ao Duo Assad e à violinista Nadja Salerno-Sonnenberg.

Mas a grande surpresa ainda estava por vir. Ana Cecília Martins, no *Jornal do Brasil* de 15 de fevereiro de 2003, à página B8 – confirmada pelo Decreto de 25 de fevereiro de 2003 da governadora do Estado do Rio de Janeiro, Rosinha Garotinho, publicado no D. O. de 26 de fevereiro de 2003, p. 1 – por meio da chamada “Edino Krieger assume o MIS” informa que:

O compositor Edino Krieger, um dos principais nomes da cena musical brasileira, aceitou, na última quinta-feira, o convite feito pela secretária estadual de Cultura, Helena Severo, para assumir a instituição. Presidente da Academia Brasileira de Música (ABM), Edino vai levar para o MIS a musicóloga Valéria Peixoto, seu braço direito na administração da ABM, e peça-chave na elaboração de projetos da casa como o Banco de Partituras, dedicado à digitalização e divulgação do repertório clássico nacional.

Edino, ao que parece, está sempre pronto a colocar seus préstimos a serviço da administração pública. O pedido de demissão de Ronaldo Miranda à frente da Sala Cecília Meireles colocou-nos em contato com as sete vidas desse excepcional administrador público. Ao abrirmos o Caderno B do *Jornal do Brasil* de 24 de março de 2004, à página B3, deparamos com a seguinte manchete: “Krieger assume a Sala. Maestro acumula direção da Cecília Meireles com a do Museu da Imagem e do Som.” A nota informa que Edino, aos 76 anos, atendeu ao apelo do secretário de Cultura Arnaldo Niskier. Segundo o citado secretário, o compositor “é o melhor nome dos nossos quadros”. Consta que ele aceitou a proposta interinamente, mas sem data específica para sair.

Voltando ao *Jornal do Brasil* de 15/2/2003, a articulista enfatiza que a dupla irá encontrar pela frente um cenário deveras desolador: de problemas estruturais nos dois prédios do Museu da Imagem e do Som – o situado na Lapa e o da sede na Praça XV –, passando pelas condições inadequadas do precioso acervo – que comporta os arquivos de Jacob do Bandolim, de Almirante e da Rádio Nacional, e as coleções de fotografias de Augusto Malta e Guilherme Santos, dentre tantos outros –, e, o mais grave, a total falta de verbas. Entretanto, sabemos que competência e vontade política são virtudes inerentes à dupla, que possui em seus currículos uma extensa lista de realizações.

A gestão de Edino Krieger (presidente) e Valéria Peixoto (vice-presidente) foi relativamente curta (2003-2006), porém pródiga em realizações. Logo no início desta gestão, o prédio da Praça XV foi interditado pela Defesa Civil e precisou passar por reformas, tendo sido reaberto no dia 17 de fevereiro de 2004 com a exposição “As Escolas de Samba no traço de Lan e o Carnaval de rua pelas lentes de Augusto Malta e Guilherme Santos”.

Graças a parcerias com importantes instituições, o MIS conseguiu, nesse período, recuperar e salvar parte significativa do seu acervo. Com o apoio da Petrobras, a instituição realizou a reforma da sede da Lapa, além de ter executado dois grandes projetos: a instalação de um laboratório de digitalização

e a própria digitalização de 20 mil partituras e cinco mil acetatos (discos de 12 polegadas) da Coleção Rádio Nacional.

Sob o patrocínio da Fundação Vitae, o citado órgão providenciou a higienização e a restauração dos 23 álbuns de fotografias da Coleção Augusto Malta (uma das mais importantes do país) e a digitalização dos negativos panorâmicos do fotógrafo, além de diversas outras importantes ações.

Entretanto, a forma delicada e atenciosa que permeou o convite para que Edino Krieger assumisse o Museu da Imagem e do Som em 2003 não foi observada quando de sua saída. A forma deselegante como se deu o ato de sua demissão – um total descaso e desrespeito à trajetória administrativa e pessoal de Edino – ensejou a realização de uma homenagem realizada por seus amigos no Museu Villa-Lobos, às 18 horas do dia 4 de maio de 2006, que contou com expressiva presença de pessoas de renome do meio musical e amigos. Dentre os vários depoimentos importantes sobre a competente direção de Edino Krieger e Valéria Peixoto à frente do MIS – como os de Jards Macalé e Hermínio Bello de Carvalho –, ressaltamos o de Elena Bittencourt – filha de Jacob do Bandolim – que desde o desaparecimento do pai, em 13 de agosto de 1969, vinha lutando nas mais diferentes esferas pela preservação e recuperação de obras raras sem lograr obter êxito. E, numa parceria do MIS com o Instituto Jacob do Bandolim, foi finalmente feita a digitalização de 122 fitas-rolô do acervo deste excepcional musicista, que teve assim dezenas de suas históricas gravações recuperadas para a posteridade.

Razões políticas? Ausência de um espírito administrativo empreendedor? Não importam as razões, mas sim constatar que, nos três anos da administração da citada dupla, o projeto foi colocado em pauta e executado, assim como muitas outras ações relevantes, compatíveis com uma administração ímpar, comprometida com a qualidade e com a cultura brasileira.

Reconhecido como administrador e respeitado como compositor, Edino Krieger usufruiu de uma experiência gratificante, por ocasião do 37º Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão, em São Paulo, em julho de 2006. Na qualidade de compositor residente, proferiu conferências e participou de debates, pôde ouvir suas obras executadas por diversos artistas, além de assistir à estreia mundial de sua peça *Ritmetrias (Variantes rítmicas sobre um metro contínuo)*, composta no início daquele ano especialmente para o evento.

A ausência temporária de Edino (em função de sua aposentadoria compulsória) à frente de órgãos públicos, gerenciando a cultura e a música brasileira, não impediu que o compositor continuasse a ser um importante líder, norteador e formador de opiniões, dando continuidade, assim, à sua brilhante trajetória em prol da música e do músico brasileiro.

Depoimentos da Comunidade Musical

Como compositor, Edino Krieger exerceu benéfica e sólida influência na nova geração de compositores, estimulando-os e abrindo-lhes espaços. Como administrador, não poderia ser diferente; vários foram aqueles que desfrutaram do convívio com o administrador, de forma mais ou menos direta, e em todas as circunstâncias ele sempre se revelou um batalhador incansável em prol da música e do músico brasileiro, uma pessoa capaz de pensar a música de forma grande, sem barreiras ou preconceitos. Muitos dos gerenciadores que estão na administração de políticas culturais na atualidade vêm-se espelhando no exemplo por ele dado no decorrer de sua marcante administração pública, seja na Rádio MEC, na Funterj, no INM da Funarte, ou ainda à frente da Soarmec, da Academia Brasileira de Música ou no MIS. Edino com certeza fez escola.

Vânia Drummond Bonelli, subsecretária municipal de Cultura do Rio de Janeiro, em depoimento datado de 3/11/1997 afirma:

Edino Krieger é um exemplo de competência, determinação e sensibilidade, tanto como compositor quanto gestor de políticas culturais de incentivo à criação, memória e difusão da música brasileira. Por intermédio de sua obra, o Brasil projeta internacionalmente o que de melhor existe na produção musical contemporânea. A partir de experiências e desafios que compartilhamos, aprendi a considerar Edino Krieger uma referência indispensável no desempenho cotidiano de minha atividade profissional.

Maria Júlia Vieira Pinheiro, gerenciadora de políticas públicas na área cultural, em exercício atualmente no RioArte, afirma dever a dois importantes compositores boa parte de sua experiência na área: Guerra-Peixe e Edino Krieger. Com relação ao último, ela menciona que o primeiro contato ocorreu em 1993, através de uma ligação telefônica:

Eu coordenava a área de Música do Instituto Municipal de Arte e Cultura, e o maestro me propôs um concerto no Espaço Cultural Sérgio Porto. Ele organizava os eventos da X Bienal da Música Brasileira Contemporânea. E, num agradável encontro, estabelecemos a realização de um concerto eletroacústico, trazendo a música do século XX para um espaço coordenado pela Prefeitura. Sempre me interessei pela música de vanguarda e acompanhei a carreira de Edino desde os Festivais da Guanabara, depois com projetos que se espalhavam por esse Brasil afora e se comercializavam na edição e gravação de obras musicais, nas Bienais desde 1975, no Projeto Memória Musical Brasileira, na Escola de Luteria e em muitos outros. Ficamos amigos. E pude assim conhecer mais de perto

um maestro sensível e inventivo, que construiu uma expressiva obra musical com muita dedicação e trabalho. Edino tem sido para mim um parceiro nas realizações de projetos e um amigo desinteressado quando recorro aos seus sábios conselhos. Ele sabe avaliar os momentos e as motivações como acordes de uma nova composição. (Comunicação pessoal de 21/7/1998)

O maestro e compositor Ernani Aguiar, em depoimento datado de 25/12/1997, chama a atenção para eventos como os vitoriosos Festivais de Música da Guanabara, que resultaram nas atuais Bienais, e o monumental Pro-Memus, dos melhores tempos da Funarte, mostrando que a semente ficou, apesar de o projeto haver sido cortado: “Bastariam essas realizações para merecerem os aplausos de pé. Contudo, é necessário também lembrar que o maestro consegue algo raro: aliar o artista ao administrador cultural e executivo, sem perda para nenhum dos lados. Isso é raríssimo!”.

A pianista e professora da Escola de Música da UFRJ Sônia Maria Vieira revela que, a par de seu brilhantismo como compositor e administrador, Edino é uma pessoa admirável, sempre pronto a ajudar e a sugerir soluções para problemas. Enfatizando que é uma honra ser sua colega na Academia Brasileira de Música, ela dá o testemunho de sua admiração:

Caráter suave, pacífico, empreendedor nato e batalhador incansável, devemos à sua iniciativa projetos como os Festivais de Música da Guanabara – que revelaram tantos novos compositores –, as Bienais de Música Contemporânea – a mais importante amostragem da música brasileira atual –, além de variados e importantes projetos da Funarte. (Comunicação pessoal de 11/11/1997)

Valéria Peixoto afirma que trabalhar com Edino foi uma experiência determinante na sua trajetória de vida. Em comunicação pessoal de 7/11/1997 à autora deste ensaio, ela acrescenta:

Foi muito importante ter conhecido um homem público que eu respeitava já como compositor e como crítico, que eu reverenciava como um grande mestre da música brasileira, conhecer o homem Edino nesse papel de diretor do Instituto Nacional de Música da Funarte. Acho que é bom ressaltar a dignidade com que ele dirigiu sempre os trabalhos, tanto como diretor do INM como depois, como presidente da Funarte, porque ele tem consciência de que música é mais do que você sentar e escrever, ou sentar ao piano e tocar, que música é uma linguagem que precisa ser democratizada, que é importante que o país conheça a música que se produz aqui. Ele é uma pessoa que consegue perceber a função social que a música exerce e a importância cultural da música para

o nosso país. Por força dessa consciência é que ele conseguiu se dedicar ao poder público, não se omitindo. A maior parte dos compositores, dos músicos brasileiros, tem sempre muitas críticas a fazer em relação aos governos, seja municipal, estadual ou federal, tem sempre muitas ideias fantásticas na cabeça, mas a maior parte deles não arregaça as mangas para fazer, a maior parte deles torce o nariz para a coisa administrativa e burocrática, que é absurdamente difícil, mas que precisa ser enfrentada por quem de direito. Eu acho que Edino compreendeu isso, ele compreendeu que apesar desse monstro que significa pra gente esse aparelho do estado administrativo, que apesar disso, ele precisava arregaçar as mangas e atuar, não precisando prescindir da sua condição de músico, mas ampliando as suas possibilidades como administrador.

A maestrina Elza Lakschevitz teve oportunidade de trabalhar com Edino no INM, na coordenação do Projeto Villa-Lobos, voltado para o canto coral. Ela nos fala desse período, começando pela figura humana que ele é:

Na coordenação do Projeto Villa-Lobos ele dava ampla liberdade de ação, respeitava nossas ideias e apoiava realmente e presentemente, com uma participação objetiva, carinhosa. Resultou um trabalho de equipe muito profícuo, mas para mim a figura marcante de diretor é a dele. Ao mesmo tempo, ele junta uma capacidade técnica indiscutível, mas que nunca fez questão de se mostrar, de aparecer. Ele às vezes pecava por excesso de discrição. Esse convívio durou aproximadamente 11 anos. Os projetos eram levados em consideração, apreciados e criticados naturalmente. As reuniões que nós tínhamos se passavam com muita tranquilidade. (Comunicação pessoal de 22/9/1997)

João Guilherme Ripper, professor da Escola de Música da UFRJ, cursou com distinção a escola administrativa de Mestre Edino Krieger. Seu depoimento, datado de 11/1/1998, rico em informações, começa por afirmar que os musicólogos nos devem uma revisão histórica que aprofunde nossos conhecimentos sobre pessoas e instituições cujas iniciativas contribuíram decisivamente para a música do século XX. Ele cita como exemplos Diaghilev e suas encomendas a Debussy e Stravinsky, para a Companhia de Balé Russo de Paris; os “anônimos” que apoiaram Messiaen e Leibowitz na criação dos cursos de verão de Darmstadt; a Rádio França e a Rádio de Colônia, que abriram as portas de seus estúdios para Shaeffer, Stockhausen, Boulez e outros. E prossegue:

No Brasil não seria diferente. Quando a saga de nossa música contemporânea é contada, ela passa necessariamente pela célebre polêmica entre os “atonais” e

“nacionalistas”, seguindo depois por entre seus epígonos, variantes e renovações. Contudo, as reverberações de eventos como os Festivais da Guanabara e as Bienais de Música Brasileira Contemporânea no desenvolvimento de nossos compositores carecem ainda de uma avaliação, assim como a criação de projetos de edição de partituras, gravações e outras iniciativas que possibilitaram o resgate documental de parte de nossa memória. Atrás de muitas dessas realizações estão os ideais do compositor Edino Krieger, que, ao estabelecer um constante diálogo entre presente e passado, vem contribuindo decisivamente para o crescimento e revitalização da música brasileira nos últimos 40 anos.

A doação à causa do músico e da música brasileira foi apontada pela maioria dos entrevistados como sendo algo que restringiu a atividade criadora de Edino Krieger. A pianista Laís de Souza Brasil, em depoimento datado de 11/9/1997, também compartilha desse pensamento:

Ele foi sempre um defensor dos interesses da música brasileira e dos compositores brasileiros vivos ou mortos. A modéstia sempre foi uma presença restritiva à carreira dele. Seria muito mais conhecido, mas a atenção dele esteve voltada prioritariamente para os interesses e a defesa da música brasileira. Ele dá o melhor de sua inteligência nisso.

O violonista Turíbio Santos, diretor do Museu Villa-Lobos (1986 a 2010) e atual presidente da Academia Brasileira de Música, ressalta o músico talentosíssimo, dedicado e abnegado. Turíbio, em depoimento datado de 25/8/1997, é enfático: “Ele tem a grandeza de nunca pensar nele, ele pensa sempre nos outros primeiro. Os amigos dele é que ficam irritados com ele.”

O crítico e musicólogo Luiz Paulo Horta, companheiro de Edino na Academia Brasileira de Música, em depoimento datado de 8/10/1997, mostra que Edino sempre soube enxergar um pouco além de sua atividade pessoal, e foi assim em toda a sua trajetória, começando pela Rádio MEC, programa *Música e Músicos do Brasil*, até os Festivais da Guanabara, trabalho difícil que veio a se transformar no embrião das Bienais. Ele vai mais longe e é categórico ao afirmar que: “Edino tem uma grande capacidade de organização, que culminou com a sua atuação na Funarte. O período do Edino no INM foi a primeira vez em que se pensou realmente numa política nacional de música.”

O crítico Ilmar Carvalho, fazendo menção aos produtivos anos passados por Edino à frente do INM, na Funarte, e ainda à coordenação das Bienais de Música Brasileira Contemporânea, a cargo do compositor, afirma em seu artigo de quatro páginas para o *Diário Catarinense* de 30/3/96 que esses 10 anos transcorridos na Funarte

dizem bastante da criatividade, da capacidade executiva e de gestão de um homem que está dando ao país, além de sua obra musical preciosa, toda a energia e capacidade múltipla de trabalho em áreas em que tudo estava por fazer. [...] E nada, rigorosamente, em proveito próprio, mas em favor do músico e da música do seu país, que precisa, merece e tem que ser reconhecida por todo brasileiro.

Hermínio Bello de Carvalho, alegando que sobre o compositor já se escreveu – todavia nunca o suficiente – da modernidade, tão brasileira, de sua belíssima obra, por essa razão prefere abordar outra faceta:

Prefiro falar do ex-colega da Rádio MEC e meu ex-diretor do INM da Funarte, ele sempre estimulando meus projetos sobre documentação, pesquisa e formação de recursos humanos, todos eles em linha direta com os inúmeros programas que desenvolvia, voltados também para a área de educação musical. Sempre admirei esse grande sentimento que continua impregnando seu trabalho como administrador cultural, para mim de grande exemplaridade. É comum, nessas funções burocráticas, que surjam divergências ou até mesmo invejas mesquinhas. De Mestre Edino só recebi apoio e solidariedade. Retribuo com reverências de grande admirador que sou de sua obra e de seu firme caráter. (Comunicação pessoal de 12/7/2000)

O pianista Miguel Proença conheceu Edino na Rádio MEC, e ao longo dos anos conviveu com ele em diversas outras situações. Em seu depoimento, datado de 21/8/2000, ele fala dessas experiências:

Quando cheguei ao Rio de Janeiro em 1962, ele já era um grande nome da Rádio MEC. Ele é um produtor excelente. Nos Festivais de Música da Guanabara e nas Bienais de Música Brasileira Contemporânea ele participou sempre de maneira discreta, procurando mostrar mais os compositores colegas, os talentos que estavam surgindo. Várias vezes disse a ele que ele tinha que mostrar mais a sua obra. Ele é um grande animador cultural, um personagem muito importante para todos nós, músicos, que estávamos tentando fazer carreira. Sempre apoiou e liderou os movimentos artísticos engajados no resgate da memória brasileira, o resgate dos talentos, sempre com aquela discrição peculiar à personalidade dele. Nós somos verdadeiramente amigos, estamos sempre juntos nas horas felizes e nas tristes, uma amizade assim que solidifica toda essa nossa convivência.

A educadora musical Cecília Conde, membro da Academia Brasileira de Música, em depoimento datado de 3/3/1998 revela que o que mais lhe chama a atenção no Edino é sua preocupação constante com a Educação Musical. Ao longo de seu depoimento, diversas facetas de Edino foram abordadas:

Edino é uma grande figura da música brasileira. Ele vê a música de forma global, completa. Ele é muito aberto, aceita todas as correntes. Não é sectário, tenta abrir a escuta. Ele não esconde a cara, não esconde o partido. Sempre modesto, discreto, não adula ninguém. Ele não tem inimigo, é das pessoas mais queridas, participativas, possui uma enorme paciência de ouvir e aos poucos vai colocando as coisas. No INM, na década de 1980, ele fez uma equipe fantástica, com pessoas representativas de cada instituição – CBM, Uni-Rio, UFRJ, Instituto de Educação – para pensar de forma grande a Educação Musical para o Brasil. Ele realizou uns quatro encontros. Queria traçar um plano de publicações para subsidiar o trabalho dos professores de Educação Musical.

O compositor e professor da UFRJ e da UERJ Antonio Jardim trabalhou em 1983 no INM, a convite de Valéria Peixoto, integrando a equipe da Coordenadoria de Educação Musical, juntamente com Leonardo Sá, tendo Edino Krieger como diretor-geral do Instituto Nacional de Música. Nessa ocasião, o citado órgão promoveu uma pesquisa sobre a formação do músico no Brasil, cabendo a ele a coordenação dessa pesquisa no Rio de Janeiro. Seu convívio com Edino se deu ainda na Bienal de Música Brasileira Contemporânea, e mais recentemente, na década de 1990, em júris e comissões a convite do RioArte e da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro:

Essas foram as oportunidades em que estivemos juntos, direta ou indiretamente, em situações de trabalho. Foram sempre situações em que a serenidade e o bom senso, além da grande integridade de Edino, puderam se apresentar como fatores marcantes desta figura de tanta importância para a música brasileira. Falar de Edino é falar da própria música brasileira no período que compreende pelo menos os últimos quarenta e cinco anos. Falar deste músico catarinense de Brusque deve ser motivo de satisfação para qualquer músico brasileiro, pois além do excelente compositor, com uma obra que apresenta seguro *métier*, sua obra é uma grande contribuição ao que de melhor se criou musicalmente no Brasil, no âmbito da música de concerto. Se tivesse que definir Edino Krieger, seja o músico, seja o ser humano, numa palavra, a que mais fortemente se me apresenta é a palavra integridade. Isto quer dizer não disfunção entre artista e obra, entre pessoa e músico, entre o diretor de um instituto e o perfil humano. Edino sempre se apresentou para mim como uma figura exemplar pelo seu equilíbrio, serenidade, competência e tolerância. (Comunicação pessoal de 13/8/2000)

Encerramos esta seção com depoimentos de dois músicos que pertencem a distintas gerações e com ricas histórias de vida, mas que se encontram

na admiração, no respeito e no reconhecimento incomensurável sobre a importância de Edino, que segundo eles é um ser ímpar, único. O compositor e maestro Alceo Bocchino¹² em depoimento datado de 23/2/2011 – por 14 anos titular da Orquestra Sinfônica Nacional e quatro anos à frente da Orquestra Sinfônica Brasileira – trabalhou muitos anos com ele na Rádio MEC e assim se expressa:

Edino é um ser completo, como homem e como músico. Ele é para mim como se fosse um irmão! Ele é bom em tudo o que ele faz. Em 1980, eu tive um problema sério na Rádio MEC e ele tomou a minha defesa. Ele sabe se defender e defender os outros muito bem. Fala, esclarece por que razão ele está falando, sem ofender, com muito amadurecimento, jamais agredindo quem quer que seja. Tem uma imaginação fértil. Suas obras são muito bem escritas e originais. É um músico de talento, completo. Em posição de mando foi sempre brilhante. Ele faz tudo para enaltecer, erguer as pessoas. Jamais vi Edino fazer uma crítica depreciativa. É um organizador colossal, decide fazer e faz e, sempre obteve ótimos resultados. Sempre honrou o lugar onde esteve. Sempre beneficiou os colegas, valoriza e aplaude os que têm valor. Ele é íntegro na sua profissão, tem retidão de caráter e é uma obra-prima de educação, simplicidade e elegância.

Novamente o compositor João Guilherme Ripper, em seu depoimento de 11/1/1998, nos fala sobre sua experiência como integrante da equipe do Instituto Nacional de Música, por ocasião de seu trabalho no Projeto Memória Musical Brasileira:

Com a nomeação de Edino para o cargo de diretor do INM, o Projeto passou a ser coordenado por Ronaldo Miranda, ficando Luiz Cláudio Prézia de Paiva responsável pelas edições e gravações. O ritmo de trabalho era intenso. Além das atividades permanentes, o Pro-Memus centralizava ainda a coordenação da Bienal de Música Brasileira Contemporânea – outra criação de Edino Krieger –, que se tornou o mais importante festival do gênero no país. Apesar de suas diversas atribuições como diretor, Edino mantinha um constante acompanhamento dos projetos da instituição. Ao Pro-Memus Edino juntava agora o Banco de Partituras e Materiais de Orquestra, com o objetivo de recuperar partituras e partes orquestrais em mau estado de conservação, viabilizando a execução de obras de autores brasileiros através da divulgação de catálogo junto às orquestras nacionais e estrangeiras. Nessa época os programas de editoração eletrônica de partituras – Finale, Encore etc. – ainda não haviam chegado ao Brasil, e o trabalho envolvia diversos copistas e revisores, além de muito tempo. Mesmo assim, o Banco de Partituras, em seus quatro anos de existência, reconstituiu diversas obras

de autores brasileiros e abriu o campo para a divulgação de obras de novos autores. Lembro-me especialmente de um dos trabalhos que mais despertou o entusiasmo de todos os que dele participaram: a confecção do material de orquestra da *Sinfonia* de Alexandre Levy. Graças ao Banco de Partituras, esta obra precursora do nacionalismo musical voltou a ser ouvida em concerto após quase 30 anos, apresentada pela Orquestra Sinfônica de Campinas sob a direção de Benito Juarez, em 1987. Neste mesmo ano, Edino Krieger encarregou-me da pesquisa e organização de um catálogo de obras orquestrais brasileiras que foi publicado pelo INM/Funarte em 1988, sob o título *Música Brasileira para Orquestra – Catálogo Geral*. Apesar de eventuais omissões e de sua inevitável desatualização, o livro permanece ainda hoje como a única referência do gênero.

Durante o tempo em que estive na coordenação do Banco de Partituras, Ripper foi se apercebendo gradativamente da imensa importância do Pro-Memus na preservação e divulgação de nossa memória musical. Segundo ele, a estrutura que sustenta a música brasileira transcendia os pentagramas e dependia de iniciativas e realizações concretas como as que ocorriam no Instituto Nacional de Música durante esse período.

Como é do conhecimento público, a extinção da Funarte e de todos os seus projetos – através da Medida Provisória 829 de abril de 1990 –, pelo Governo Collor, fez calar um importante veículo de disseminação e propagação da cultura musical brasileira, do período colonial aos nossos dias. Em seu lugar foi criado em junho de 1990 o Instituto Brasileiro de Arte e Cultura, com a junção da Funarte, da Fundacen e da Fcb. Ainda hoje – mesmo com o ressurgimento da Funarte pela Medida Provisória 610 de 8/9/1994, mantidas suas competências e natureza jurídica –, o catálogo de obras orquestrais e as edições e gravações do Pro-Memus constituem-se em um valioso e, em alguns casos, único material à disposição de músicos, estudiosos e interessados.

Se tivéssemos que preencher um formulário com as palavras-chave referentes aos atributos de Edino, com base nos depoimentos da comunidade musical, estas seriam Talento, Criatividade, Justiça, Competência, Simplicidade, Integridade, Honestidade e, sobretudo, respeito à música, ao próximo e às instituições. Como diz maestro Alceo Bocchino: “É uma figura a quem a gente tem que agradecer o que fez e tem feito.”

Notas

- ¹ A Portaria nº 40, de 21/6/1955, assinada pelo diretor Fernando Tude de Souza, revela que Edino Krieger foi instado a prestar serviços transitórios à emissora. Como tarefa, consta: Organização e redação dos programas radiofônicos *Recital Concerto* e *Música para a Juventude*, pelo período de 1/1/55 a 30/6/55, num total de oito programas, sendo quatro com a duração de uma hora, e quatro com duas horas de duração. Juntamente com a menção ao salário mensal de dois mil cruzeiros, vinha a seguinte indicação: desde que cumpra a produção mínima mensal; em caso contrário, o pagamento será efetuado em base proporcional à produção realmente apresentada, reservando-se ainda a mesma repartição à faculdade de cancelar o presente ajuste, se assim lhe convier.
- ² Através da Portaria nº 4/53, do S.R.E., publicada no *Diário Oficial* de 10/4/53, na Tabela de Funções da Verba 3 – Serviços Educativos e Culturais. No *Boletim de Serviço* nº 15, de 19/4/1985, consta que Edino atuou como colaborador de 1/1/50 a 5/10/61, tendo sido admitido em 5/10/1961 no cargo de Técnico em Comunicação Social, no Nível NS – 931 CL Referência N.S.18, matrícula 2099.950, conforme publicado no *Diário Oficial* de 26/12/62, Lei 3.967/61. Consta ainda de sua pasta funcional que ao longo de sua trajetória na Rádio MEC ele foi obtendo aumentos e progressões funcionais por antiguidade, sendo que em 1/7/1980 recebeu aumento por mérito, passando para a Referência 49.
- ³ Sua nomeação, publicada no *Diário Oficial* de 19 de maio de 1977, à página 22, se deu através do Processo nº E 03/400284/77 de 22 de abril de 1977, fls. 3, com fundamento no Art. 6º, item XIII, da Resolução nº 12, de 30/6/75, para exercer a função de confiança de diretor do Departamento Artístico, com validade a contar de 20 de abril de 1977, concedendo-lhe, na forma prevista na Resolução nº 30 de 11 de novembro de 1975, igualmente, as gratificações previstas nos Arts. 2º e 3º da mencionada Resolução nº 30, nos seus níveis percentuais máximos.
- ⁴ O sr. Geraldo Matheus Torloni, secretário-executivo da Funterj, em declaração datada de 10/2/1978, informa que o sr. Edino Krieger, assessor da direção da Fundação, viajaria no período de 22/2 até 10/3/78, como convidado oficial do governo da República Federal da Alemanha, para as comemorações do tricentenário da Ópera de Hamburgo. “Esclarecemos que essa viagem é de suma importância para esta Fundação, tendo em vista os inúmeros contatos culturais e artísticos que o sr. Edino Krieger realizará nessa oportunidade e que em muito beneficiarão a temporada de reabertura do Theatro Municipal.”
- ⁵ Conforme recorte do jornal *O Globo* do ano de 1970. Consultado durante a pesquisa que realizamos no arquivo particular do compositor, o recorte não traz outras indicações de data, página, e do crítico responsável pelo artigo.
- ⁶ Valéria Peixoto relatou-nos que o afinador de piano é um ser em extinção em nosso país, e que por meio de convênios e projetos especiais se apoiava a formação de afinadores ou o envio dos mesmos para as regiões que não dispusessem de profissionais. Ela conta que, para organizar a Rede Nacional de Música na região amazônica, precisou antes mandar afinar os pianos do Teatro Amazonas, pois em toda a região não havia um só afinador.
- ⁷ Nesta segunda ocasião, proferiu uma palestra sobre “A música e os meios de comunicação de massa no Brasil”.
- ⁸ A convite do então governador Marcello Alencar, por indicação do senador Artur da Távola. Edino tinha então como colegas conselheiros: Afonso Carlos Marques dos Santos, Alcídio Mafra de Souza, Ana Arruda Callado, Carlos Eduardo Novaes, Carlos Scliar, Diva de Múcio Teixeira Heimburger, Fernando Portella, Gláucia Camargos, Helio Portocarrero, João Sattamini Netto, Luiz Emygdio de Mello Filho, Maria Yedda Linhares, Moacyr Werneck de Castro, Nélida Piñon, Oscar Niemeyer, Paulo Moura, Ubiratan Corrêa, Zelito Viana, Teresa Maria Mascarenhas, Antonio Carlos Austregésilo de Athayde e Walter Santos Filho. No Governo de Anthony Garotinho, Edino Krieger foi convidado a permanecer neste egrégio conselho, tendo agora como colegas conselheiros: Adair Leonardo Rocha, Arthur Moreira Lima, Beth Carvalho, Caique Botkay, Carlos Heitor Cony, Dina Lerner, Fausto Wolff, Fernando Cotta Portella Filho, Frederico Augusto Liberalli de Góes, João Leão Sattamini Netto, José Lewgoy, Léa Garcia, Lena Frias, Luiz Carlos Ribeiro Prestes, Martha de Carvalho Rocha, Moacyr Werneck de Castro, Nélida Piñon, Oscar Niemeyer, Paulo Roberto Menezes Direito, Teresa Maria Mascarenhas e Ubiratan Corrêa.
- ⁹ Assiste, nessa ocasião, à execução de sua obra *Estro Armonico* pela Orquestra Sinfônica Shinsei de Tóquio, sob a regência de Chiyuki Murakata. Realiza ainda palestras sobre música brasileira em escolas de música, por ocasião da execução de outras obras suas para piano, violão e quinteto de sopros.
- ¹⁰ A estreia brasileira do *Concerto para 2 violões e orquestra de cordas* se deu com a Orquestra do Festival de Londrina, sob a regência de Norton Morozowicz e com os mesmos solistas da estreia mundial.
- ¹¹ Onde imprimiu de imediato sua marca de grande empreendedor, promovendo os encontros mensais da série denominada *Brasiliana* – para divulgação da música e do músico brasileiro –, da revista quadrimestral *Brasiliana*, além da criação do Banco de Partituras de Música Brasileira. A entrada de Edino para a Academia em 1994 se

deu de forma inusitada, quase que por imposição de amigos músicos. Desde Andrade Muricy, Edino era incitado a candidatar-se. Mignone também não logrou obter êxito na tentativa de fazê-lo pleitear tal intento. Edino relutava alegando que não tinha espírito acadêmico por natureza, que muitas pessoas deviam entrar antes dele – Guerra-Peixe, Santoro e Koellreutter para citar apenas alguns – e que era apenas uma pessoa que gostava de fazer coisas. Na gestão do compositor Ricardo Tacuchian ele aceitou ter seu nome indicado, todavia fazendo a ressalva de que não iria ficar telefonando para os acadêmicos e enviando seu *curriculum vitae* na tentativa de angariar votos. Tal atitude, entretanto, era fruto de uma personalidade simples e tímida ao extremo. Edino foi então eleito por unanimidade para ocupar a cadeira nº 34 – anteriormente ocupada por César Guerra-Peixe –, fundada por Newton Pádua, cujo patrono é José de Araújo Vianna.

¹² Alceo Bocchino foi um dos fundadores da Orquestra Sinfônica Nacional, juntamente com Eleazar de Carvalho, Francisco Mignone, Edino Krieger e Adhemar da Nóbrega. Na OSB, começou como assistente de Eleazar de Carvalho, passando a presidente da Comissão Artística, antes de se tornar o titular da citada orquestra.

ÍNDICE

A

A Imprensa, 63
A Manhã, 63
A Renascença, 63
Abreu, Eduardo, 165, 181
Abreu, Zequinha de, 31
Academia Brasileira de Música, 171, 229, 235, 250, 254, 256, 258, 259, 261, 262
Academia Internacional de Música, 131
Accardo, Salvatore, 181, 199
Accioly, Mario, 145
Achcar, Dalal, 178, 185
Acker, Franck, 178
Aguiar, Ernani, 198, 224, 255, 259
Albin, Ricardo Cravo, 227, 231, 232
Albuquerque, Armando, 100, 226
Alimonda, Alteia, 92, 128, 208
Alimonda, Heitor, 38, 112, 116, 117, 121, 129, 145, 150, 151, 173, 184, 185, 193, 195, 196, 206, 207, 218, 219
Alimonda, Lydia, 128, 208
Almeida, Cussy de, 169
Alonso, Alicia, 99, 100
Altobelli, Enzo, 200
Alves, Dinah Buccos, 84, 132, 142
Amábile, Elzira, 138
Amado, Jorge, 54
América Orquestra, 23
American Composers Orchestra, 254
Anderson, Marian, 76
Andrade, Ayres de, 63, 114, 165, 166, 179, 214, 220, 222, 228
Andrade, Mário de, 150, 172, 193
Andre, Yara, 112
Anes, Carlos, 129, 136
Angeles, Victoria de los, 145, 157, 194, 195
Antunes, Jorge, 173, 174, 175, 185, 186, 224, 226, 228
Araújo, Mozart de, 67, 222, 223
Ashton, Frederick, 178

Associação Brasileira de Concertos, 75, 93, 97, 99, 100, 101, 102, 104, 106, 110-113, 135, 146, 148, 152, 153, 157,
Associação Brasileira de Imprensa, 82, 112, 113, 120, 124
Associação Cristã de Moços, 126
Associação de Canto Coral, 108, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 142, 166, 182, 187, 190, 198, 202, 203, 208, 210, 211, 219
Austin, Richard, 149, 151
Ayo, Felix, 200

B

Babo, Lamartine, 221
Bach, Carl Phillip Emanuel, 131
Backhaus, Wilhelm, 96, 97, 101, 126, 127
Baker, Charlyne, 99
Baldi, Lamberto, 83, 84, 128, 131, 132
Baldin, Aldo, 202, 207
Balzo, Hugo, 88
Banda Musical Aurora, 23
Banda Musical Concórdia, 22, 23, 24
Banda Musical Liberdade, 22
Bandolim, Jacob do, 256, 257
Baptista Filho, Zito, 44
Baptista, Raphael, 42, 43, 80, 103, 115, 131, 142, 156, 157, 158
Barata, Mário, 87
Barbato, Elisabetta, 154
Barbier, Lules, 146
Barbosa, Antonio, 192, 204
Barbosa, Cacilda Borges, 122, 224
Barnes, Virginia, 100
Barreto, Ceição de Barros, 126
Barreto, Lilian, 202
Bartók, Béla, 75, 76, 82, 113, 114, 122, 150, 161
Baruel, Messody, 85
Barylli, Walter, 79
Basso, Américo, 78
Battista, Joseph, 145, 151, 152, 153

- Beaber, Jack, 100
Békefi, George, 82, 88, 104, 105
Belardinelli, Danilo, 154
Bento, Antonio, 114, 155
Berezowsky, Abrão, 117
Berger, Erna, 103, 124, 125
Berkeley, Lennox, 55, 56, 159
Berkowitz, Marc, 44
Bernardes, Oscar, 14
Bernette, Yara, 80, 221
Bernstein, Leonard, 47, 100, 177
Bevilacqua, Octávio, 63, 107, 114
Bianchi, Iris, 120, 121
Bienais de Música Brasileira Contemporânea, 16, 163, 217, 227, 233, 236, 252, 259, 261, 262
Biro, Sari, 93, 94
Bittencourt, Elena, 257
Bittencourt, Yellê, 150
Blank, Gisela, 52
Bloch, Adolpho, 237, 239
Bloch, Ernest, 103, 105
Bloch, Hélio, 221
Bocchino, Alceo, 118, 183, 195, 211, 212, 222, 223, 243, 264, 265
Bonazzola, Tiziana, 141
Bonelli, Vânia Drummond, 245, 258
Bordes, Frau, 25
Borgerth, Alda, 54
Borgerth, Oscar, 54, 55, 76, 115, 130, 221
Born, Sonia, 89
Bosísio, Paulo, 178
Botelho, José, 172, 195, 197, 206, 209
Braga, Francisco, 127, 153
Braga, Roberto Saturnino, 54, 55
Brandão, José Vieira, 130, 224
Brasil, Laís de Souza, 72, 168, 171, 172, 199, 261
Braun, Eric, 100
Braunwieser, Martin, 109
Brazil Herald, 43
Brito, Nascimento, 64, 223
Britten, Benjamin, 55, 56, 157, 158, 159, 162
Brown, Kelly, 100
Brückner-Rüggeberg, Wilhelm, 210, 212
Brun, Herbert, 47
Bruno, Carlo, 200
Brusque, Francisco Carlos de Araújo, 20
Bukowitz, Lurette, 127
Burle Marx, Madalena, 204
Buzelin, Maria Helena, 170
- C**
- Cabral, Mário, 64
Cabral, Sadi, 99
Cáceres, Oscar, 180, 181
Cage, John, 174, 175
Câmara, Dom Jayme de Barros, 22
Cameu, Helza, 68
Caminha, Alda, 121
Capiba, 169
Cardoso, Lindembergue, 172, 173, 175, 193, 224, 226, 228, 244
Carpeaux, Otto Maria, 218
Carvalho, Eleazar de, 47, 68, 69, 79, 80, 81, 94, 95, 97, 100, 120, 121, 123, 129, 130, 145, 148, 151, 158, 166, 169, 190, 225, 267
Carvalho, Hermínio Bello de, 246, 257, 262
Carvalho, Ilmar, 261
Carvalho, Odaléa de, 154
Castelo Branco, Hermelindo, 123
Castro, Moisés, 123
Cavé, René, 81, 95, 217, 219
Cazes, Henrique, 31
Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), 33, 218
Cerqueira, Fernando, 172, 173, 174, 224, 226, 228
Chailley, Jacques, 84
Chase, Gilbert, 43
Chateaubriand, Assis, 63
Chevalier, Maurice, 109

Cheveulle, Daymond, 84
Chopp com Rosca, 22, 29
Cia. Industrial Schlösser, 20
Ciccolini, Aldo, 78
Cinaglia, Lía, 102
Clis, Watson, 187, 211
Clube Musical, 23
Cocarelli, José Carlos, 194
Coelho, Yara, 123
Cohen, Arnaldo, 180
Cohen, Isidore, 195
Colégio Cônsul Carlos Renaux, 27
Colker, Adolfo, 156
Colônia Itajahy, 19, 20
Concursos Corais, 16, 217, 224
Conde, Cecília, 72, 190, 201, 262
Conde, Mário, 144
Conjunto Serenata, 23, 24
Conservatório Brasileiro de Música, 35, 37, 38, 66, 90,
117, 118, 134, 137, 140, 148, 149, 156, 206
Conservatório de Música de Brusque, 23, 27
Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, 27, 66
Copland, Aaron, 43, 45, 46, 47, 50, 99, 100, 121, 186, 204
Coral da Comunidade Evangélica, 22
Cordero, Roque, 228, 230
Córdoba, Antonio de, 105, 106, 110
Cordovil, Marina, 123, 124
Coro Católico, 22
Corrêa, Sergio Vasconcelos, 224, 226, 228
Correio Brusquense, 43
Correio da Manhã, 43, 63, 155, 230
Cortot, Alfred, 145, 156, 157, 158
Cosme, Luís, 65, 95, 98, 99, 122, 124, 130, 135, 143,
151, 152, 155, 164, 188, 218
Cowell, Henry, 43
Cunha, João Itiberê da, 63
Cury, Alberto, 223
Cuvelier, Marcel, 157
Cyncynat, Ricardo, 181

D

d'Ambrosio, Paulina, 118, 131, 172
D'Or, 44, 63, 145
Dallapiccola, Luigi, 131, 132, 175
Dantas, Ondina Ribeiro, 63
Dauelsberg, Myrian, 73, 178, 179, 183, 188, 214,
233, 234, 235
Dauner, Wolfgang, 167
Dayde, Liane, 79
Defauw, Désiré, 124
Demus, Jorg, 95
Dermott, William, 154
Devos, Gerard, 173, 203
Devos, Noel, 209
Diário Catarinense, 22, 261
Diário da Tarde de Belo Horizonte, 43
Diário de Notícias, 43, 63
Diário de Petrópolis, 70
Diegoli, Adelaide, 23, 24
Diegoli, Aníbal, 14, 24, 29
Diegoli, Augusto, 14, 24, 29
Diegoli, Gregório, 29
Diegoli, Guilherme, 24
Diegoli, Ivo, 29
Diegoli, Primo, 14, 22, 24, 29
Diegoli, Rudi, 14, 24, 29
Diegoli, Willy, 22, 24
Diegoli, Wladmir, 24
Diniz, Fernando, 53
Diniz, Jaime, 136, 140
Djanira, 51, 217
Drdla, F., 33
Duarte, Roberto, 185, 195, 213
Dudek, Gerd, 167
Dugard, Luciene, 117
Duncan, Todd, 110, 111
Dupont, Jacques, 106

Duprat, Regis, 176
Dvorák, A., 33, 97, 137, 150, 196

E

Earp, Maria de Sá, 132
Egg, Stellinha, 54, 55, 103
Elmendorff, Karl, 156
Elsas, Walter, 51
Emmert, Harold, 209
Endres, Heinz, 171
Escobar, Aylton, 173, 184, 185, 224, 226, 228
Escola de Música da UFRJ. Ver Escola Nacional de Música
Escola Nacional de Música, 42, 66, 70, 81, 82, 98, 102, 104, 105, 109, 111-120, 123, 124, 125, 129, 130, 132, 134, 137, 138, 140, 151, 154, 156, 157, 164, 171, 173, 177, 193, 207, 212, 213, 219, 236, 259, 260
Estrella, Arnaldo, 54, 146, 153, 166, 170, 209, 220, 221, 225
Everding, August, 214

F

Fábrica de Tecidos Carlos Renaux, 20, 33
Falla, Manuel de, 114, 187, 213
Farnese, Carmen, 127
Faustini, Zuinglio, 169, 190, 210
Federowsky, Bernardo, 121, 123
Feital, Neusa, 218
Fernandez, Helena Lorenzo, 207
Fernandez, Oscar Lorenzo, 38, 39, 46, 55, 82, 83, 130, 146
Ferraz, Nelson, 114
Ferreira, Juracy, 114
Festivais de Música da Guanabara, 12, 16, 217, 225, 226, 229, 231, 232, 233, 234, 237, 258, 259, 261, 262
Figueiredo, Letícia de, 125
Figueiredo, Nadir, 110, 111
Filho, Lucy, 109
Fineberg, Riva, 188
Fineschi, Onella, 78
Fittipaldi, Vicente, 109, 172

Flores, Mariquita, 105, 106, 110
Fonseca, Carlos Alberto Pinto, 180, 199, 224
Fontainha, Guilherme, 172
Fonteyn, Margot, 178
Fortes, Paulo, 190, 206
Foss, Lukas, 47, 208, 230
Fourneau, Marie Therèse, 110
Fournier, Pierre, 110, 111
Frager, Malcolm, 205
França, Eurico Nogueira, 44, 63, 129, 155, 230
Francescatti, Zino, 144, 155, 156, 157, 158
Franck, Cesar, 94, 121, 122, 132
Freire, Nelson, 165, 190, 196
Fuchs, Gabriele, 203
Fuesers, Rudi, 167
Funabem (Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor), 247
Funarte (Fundação Nacional de Arte), 16, 72, 217, 226, 229, 234, 236, 240-248, 250, 252, 258, 259, 261, 262, 265
Fundação Rotteline de Roma, 54
Fundacen (Fundação Nacional de Artes Cênicas), 265
Funterj (Fundação dos Teatros do Rio de Janeiro), 16, 64, 188-191, 194, 204, 208, 219, 237-240, 258

G

Gaia, Lindolfo, 40, 54
Gaione, Nino, 153
Galamian, Ivan, 50
Gallotti, Luiz, 36
Gamba, Pierino, 78
Gandelman, Henrique, 130, 131, 133, 150, 156
Gandelman, Saloméa, 52, 65, 132, 138
Garcia, José Maurício Nunes, 103, 175, 252
Garcia, Pilarin, 112
Gattone, Alberto, 21
Gavoty, Bernard, 106, 107, 108, 109
Gazd, Retyl, 82
Gevaerd, Ayres, 19

Gevaerd, Vitor Ademar, 23
Gezang-Verein Brusque, 22
Ghedin, Alfonso, 200
Giardino, Jean, 152, 155
Gibin, João, 125
Giesecking, Walter, 155, 156, 157
Gigli, Beniamino, 125, 126
Gil, Gilberto, 46
Gillespie, Dizzy, 76
Gnattali, Radamés, 81, 118, 146, 164, 165, 192, 194, 202, 228, 237
Godoy, Maria Lúcia, 169, 194, 195, 213
Goeb, Roger, 50
Gombarg, Diná, 116, 117, 123, 139
Gomes, Carlos, 33, 37, 78, 126, 145, 150, 213, 218
Gomes, Milton, 226, 228
Gonzaga, Chiquinha, 31
Gonzaga, Luiz, 31
Goulart, Chléo, 103, 156
Goulart, Maria do Carmo Ramos Krieger, 19
Goulart, Sonia, 192
Gould, Morton, 100
Graça, Fernando Lopes, 228
Granchi, Marcos, 128
Greenhouse, Bernard, 195
Gregori, Nininha, 89, 102
Grosso, Iberê Gomes, 130, 170, 221, 225, 243
Grosso, Ilara Gomes, 65, 138
Gruenberg, Alfons, 79
Grupo Música Viva, 41, 43, 68, 73, 92, 96, 109, 117, 121, 124, 126, 144, 168, 169, 185, 214, 217, 218, 219
Guanabarino, Oscar, 63
Guarnieri, Camargo, 11, 12, 66, 86, 91, 93, 125, 143, 146, 149, 153, 160, 228
Guarnieri, Edoardo de, 145, 146
Guarnieri, Vera Silvia Camargo, 67
Guerra, Edgardo, 118
Guerra, Santiago, 147, 164

Guerra-Peixe, César, 40, 41, 67, 116, 117, 146, 147, 157, 158, 169, 172, 173, 218, 224, 226, 228, 230, 237, 244, 258
Gulda, Friedrich, 144, 152, 153, 155, 162
Gullar, Ferreira, 224
Gurevich, Jacobo, 81

H

Haefliger, Ernst, 203
Haendel, Ida, 124, 126
Hamburger, Zilda, 123, 138, 157
Harper, Heather, 170
Hashimoto, Eiji, 191
Heabler, Ingrid, 213
Heifetz, Daniel, 195, 196
Heifetz, Jascha, 195
Heller, Stanislav, 177, 179
Hendl, Walter, 78
Henrique, Waldemar, 235
Hermann, Woody, 76
Hernandez, Antonio, 63, 225, 231, 239, 240
Herrera, Rufo, 226, 228
Herzog, Myrna, 181
Hesse, Pastor, 21
Hindemith, Paul, 46, 78, 101, 103, 116, 161, 171, 172, 199
Hoemberg, Johannes, 228
Horowicz, Bronislaw, 152
Horsowsky, Miécio, 125, 130, 133
Horta, Luiz Paulo, 63, 65, 73, 238, 261
Howell, Leily, 145, 149, 151
Huebner, Ralf, 167

I

Iacovino, Mariuccia, 150, 153, 170
Ideal Jazz Band, 23, 24
Improta, Ivy, 123, 131
Indústrias Têxteis Renaux S.A., 20
Institute of International Education, 44, 45

Instituto Brasil-Estados Unidos, 44, 112
 Instituto Cultural Brasil-Alemanha, 57, 165, 167, 169,
 170, 171, 173, 176, 181
 Instituto Internacional de Cultura, 50
 Instituto Nacional de Música da Funarte, 13, 16, 217,
 226, 240
 Instituto Nacional do Livro, 242
 Itiberê, Brasília, 108, 127
 Iturbi, Amparo, 111
 Iturbi, José, 111

J

Jafêe, Alberto, 52
 Jank, Fritz, 82
 Jardim, Antonio, 263
 Jardim, Reinaldo, 221, 224
 Jaroff, Serge, 93
 Jazz Band America, 23, 29
 Jenner, Alexander, 182
 Johanns, Willi, 167
 Jornal do Brasil, 43, 57, 63, 64, 66, 72, 73, 74, 159-215
 Jornal do Commercio, 43, 63, 70, 171, 172, 218, 227, 242
 Jornal dos Transportes, 70
 Joyce, Ellen, 145
 Juilliard School of Music de Nova York, 47, 50, 118

K

Kachouk, Nathalie, 156
 Kali, Katha, 103
 Kalioujny, Alexandre, 79
 Kapell, William, 115, 116
 Karabtchevsky, Isaac, 164, 168, 170, 177, 182, 191,
 193, 194, 195, 197, 200, 205
 Kardosos, Eliane, 178
 Katunda, Eunice, 40, 224
 Kaufman, Louis, 145, 148, 149
 Kavofian, Ida, 204
 Keller, Willy, 57, 165

Kempff, Wilhelm, 100, 101, 102
 Kenton, Stan, 76
 Kestern, Johnvan, 166
 Kiefer, Bruno, 173, 183, 224, 226
 Kitchel, Iva, 119, 120
 Kleiber, Erich, 81, 82
 Klein, Jacques, 162, 170, 181, 182, 183, 184, 189,
 193, 213, 214, 221
 Knowles, Susan, 56
 Koellreutter, Hans-Joachim, 38, 39, 40, 41, 43, 46, 47, 50,
 51, 52, 65, 66, 67, 73, 86, 87, 88, 93, 99, 124, 127, 136,
 140, 141, 147, 168, 169, 172, 214, 218, 219, 231, 235
 Kogan, Leonid, 203
 Korenchandler, Henrique Dawid, 186, 224, 226
 Kraft, Lilly, 81
 Kraus, Lili, 162
 Krause, Frau, 33
 Krenek, Ernst, 52, 65, 76, 112, 119, 124, 127, 134,
 136, 137, 139, 140, 143, 145, 154
 Kreutzberg, Harold, 145, 153, 155, 156, 215
 Krieger, Aldo, 14, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32,
 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 47
 Krieger, Armando, 228
 Krieger, Aurora, 23
 Krieger, Axel, 14, 23, 29
 Krieger, Bertilha, 23
 Krieger, Carmelo, 24, 25, 26, 28, 29, 49
 Krieger, Carmen, 24, 25, 29, 32, 34, 47, 57
 Krieger, Cauã, 58, 59
 Krieger, Dante, 24, 25, 26, 29, 32
 Krieger, Dinorah, 24, 25, 29, 32, 49
 Krieger, Dirce, 23
 Krieger, Edino
 como crítico musical, 63-71
 depoimentos da comunidade musical, 71-74
 como produtor musical, 217-257
 depoimentos da comunidade, 258-265
 origens, 19-61
 resenha das críticas levantadas, 74
 Jornal do Brasil, 159-215

Tribuna da Imprensa, 75-159
Krieger, Eduardo (Edu), 58, 59
Krieger, Élide, 23
Krieger, Érico, 14, 23, 29, 30
Krieger, Fabiano, 58, 59
Krieger, Fernando, 58, 59
Krieger, Gertrudes Régis, 24, 25, 26, 32, 33
Krieger, Guilherme, 22, 23, 24
Krieger, Gustav Philipp, 23
Krieger, Gustavo, 14, 22, 23, 24, 29, 36, 51
Krieger, Harry Nelson, 25
Krieger, Hermann, 22, 24
Krieger, Jacob, 23
Krieger, Jeanette Aurora, 24
Krieger, Lilly, 23
Krieger, Marcelo, 24, 25, 26, 28, 48
Krieger, Maria de Lourdes Lyra. Ver Krieger, Nenem
Krieger, Melida, 23
Krieger, Mozart, 24, 25, 26, 27, 29, 32, 35, 36
Krieger, Myriam, 24, 25, 26, 29, 32, 34, 36, 47
Krieger, Nenem, 57, 58, 59
Krieger, Nilo, 14, 23, 29
Krieger, Oscar Gustavo, 14, 23, 29
Krieger, Oswaldo, 23
Krieger, Otto, 22, 24
Krieger, Raynerio Osvaldo, 24
Krieger, Renato, 24, 32, 35, 51, 52
Krieger, Walkyria, 23, 33
Krieger, Willy, 22, 24
Krieger, Zita Adelaide, 24
Kriza, John, 99, 100
Kubala, Zygmunt, 197, 199
Kubitschek, Juscelino, 221, 225
Kuchenbaecker, Augustine Fridericke Luise, 23
Kuchenbecker, Otto, 23
Kuehn, Rolf, 167
Kurtz, Edmund, 93, 97
Kussevitzy, Serge, 100

L

Lacerda, Carlos, 67, 68, 69, 70
Lacerda, Osvaldo, 224, 226
Lagger, Peter, 166
Lakschevitz, Elza, 72, 124, 203, 208, 209, 245, 260
Lambrinos, Vassili, 94
Lanzelotti, Rosana, 181
Laurich, Hildegard, 170
Lazzoli, Alberto, 65, 134, 140
Lébeis, Fernando, 201
Lehmann, Lili, 140
Lehninger, Erich, 187, 192, 211
Lembo, Antonio, 78
Lemeni, Nicola Rossi, 81
Lenz, Guenter, 167
Leoffler, Eduardo, 152
Lerer, Norma, 166
Lifar, Serge, 79
Lima, Arthur Moreira, 155, 170, 180, 194
Lima, João de Souza, 228
Linhares, Maria Yedda, 223, 266
Lins e Silva, Álvaro, 145
Lipovetsky, Leonidas, 195
Liserra, Moacyr, 209
Lloyd, Paula, 100
Lodi, Euvaldo, 69, 70
Long, Marguerite, 139, 180
Lopes, Benedito, 145
Lopes, Fernando, 164, 193, 228
Lopes, Maria de Lourdes Cruz, 96, 130
Lopes, Marialcina, 114
Loureiro, Norival, 26
Loyd, Barbara, 99
Lübcke, Frau, 26
Lucas, Lícia, 209

M

- Macalé, Jards, 257
Machado, David, 181, 182, 200
Machado, Mário, 226, 240, 245
Maciel, Jarbas, 169
Madrigal da Associação das Damas de Caridade, 22, 23
Magalhães, Abelardo, 126, 168
Magalhães, Homero de, 120
Magno, Pascoal Carlos, 97
Malcuzyński, Witold, 148, 149, 151, 152, 153
Maldonado, Thomas, 87
Malipiero, Gian Francesco, 77, 108
Maluche, Augusto, 22
Manchete, 63
Mangelsdorff, Albert, 167
Mangelsdorff, Emil, 167
Manuel, Francisco, 125
Marcondes, Geni, 53, 65, 99, 139, 161, 163, 217, 219
Maristany, Cristina, 130
Mariz, Dr. Vasco, 147, 229
Massarani, Renzo, 44, 57, 63, 64, 73, 90, 114, 129, 171, 227, 230, 231
Mattioli, Humberto, 22, 23, 29
Mattos, Cleofe Person de, 68, 84, 108, 132, 142, 176, 198, 203
Matzger, Rolando, 171
Maul, Laurita Prista, 115
Maul, Otávio, 115, 202
Maurício, José, 145
Medaglia, Julio, 199
Medalha, Luiz, 210
Medeiros, Marina, 81
Mehta, Zubin, 170, 176
Melo, Arcy Pereira de, 111, 112, 123
Melo, Edmée Souza, 104
Mendes, Gilberto, 173, 174, 208, 224, 226
Menegale, Berenice, 120
Meneses, Antonio, 178, 182
Mennin, Peter, 50
Mesquita, José Joaquim Emerico Lobo de, 251
Mignone, Francisco, 67, 68, 75, 116, 128, 130, 132, 143, 146, 153, 164, 165, 172, 206, 207, 220, 223, 224, 226, 228, 230, 237, 238, 241, 243
Mignone, Liddy Chiafarelli, 67, 68
Miguez, Leopoldo, 145
Milewsky, Jerzy, 194, 206
Milhaud, Darius, 47, 76, 107, 116, 142, 143
Mille, Agnes, 99
Mindinha, 176, 188, 220
Ministério da Educação e Cultura, 53, 77, 139, 141, 152, 163, 217, 234
Miranda, Murilo, 223
Miranda, Ronaldo, 63, 65, 73, 180, 224, 239, 241, 243, 256, 264
Mitropoulos, Dimitri, 77
Monk, Thelonius, 76
Monti, V., 33
Morelenbaum, Henrique, 72, 73, 117, 183, 190, 202, 204, 227-228, 230, 232
Moret, Constante, 169
Moritz, Carlos, 25
Moritz, Lehmann, 24
Moritz, Mathias, 24
Morozowicz, Norton, 209
Moura, Abigail, 113
Moura, Paulo, 73
Mouret, Jean-Joseph, 210
Moylan, Mary Ellen, 99
Mozart Chamber Orchestra, 50
Mozart, Wolfgang Amadeus, 13, 33, 37
Muller-Brühl, Helmut, 173
Muricy, Andrade, 27, 63, 117, 129, 222

N

- Nab, Jean Mac, 116, 146
Nascimento e Silva, Hylda do, 127

Natyam, Bharata, 103
Nazareth, Ernesto, 31
Neiva, Oswaldo, 125
Nepomuceno, Alberto, 166, 251
Neves, José Maria, 66, 74, 254
Neves, Mário, 102, 109
Nicolal, Elena, 78
Niremberg, Henrique, 144
Niremberg, Jacques, 117, 243
Nobre, Marlos, 173, 175, 202, 224, 226, 228, 237
Nobre, Nelson, 218
Nóbrega, Ademar, 222
Noras, Arto, 201
Nowinski, William, 50
Nudelman, Flora, 123, 125

O

O Debate de Brusque, 43
O Globo, 43, 63, 66, 70, 107, 225, 227, 228, 230, 231, 239, 240
O Jornal, 63
O Nacional, 70
Obino, Nise, 91
Ogdon, John, 199, 200
Oitica, José, 120
Oliveira, Jamar, 224, 226, 228
Oliveira, Jocy de, 174, 186, 208
Oliveira, José Aparecido de, 224, 245
Oliveira, Pires de, 103
Orfeão Evangélico de Brusque, 22
Orfeão Juvenil Amadeus Mozart, 23, 48
Orico, Vanja, 114, 119
Orloff, Nicolai, 75
Orquestra da Casa do Estudante do Brasil, 43
Orquestra Sinfônica Brasileira, 68, 69, 77, 78, 82-86, 90, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 117, 120, 129-133, 135, 141, 145, 146, 147, 149, 151, 152, 155, 156, 158, 163, 164, 168, 169, 170, 172, 174, 177, 179-183, 185, 186, 190-

196, 198, 199, 200, 204, 205, 207, 209-213, 264
Orquestra Sinfônica Nacional, 168, 169, 170, 172, 180, 181, 182, 194, 198, 205, 211, 212, 223, 225, 243, 264
Orthmänner, Kapelle, 22
Ortiz, Cristina, 187, 190, 201
Oswald, Henrique, 142, 144, 145, 153, 173
Otaviano, J., 127

P

Pádua, Newton, 90, 172, 221
Pagani, Caio, 193
Paganini, Niccolò, 33, 37, 196, 201
Panufnich, Andrej, 102
Papin, Leblanc, 146
Parente, Gerardo, 125
Parente, Helder, 181
Parson, Geoffrey, 166
Páscoli, Guido, 247
Passos, Lucia, 203
Paz, Juan Carlos, 65, 87
Pedrosa, Mário, 53, 225
Peixoto, Valéria, 71, 245, 250, 256, 257, 259, 263
Penderecki, Kryztof, 178, 202, 228
Penha, Maria da, 180, 194, 195
Pequena Orquestra de Câmara, 22, 24
Peracchi, Léo, 125, 127
Pereira, Clóvis, 169
Pérez-González, Eladio, 72, 208
Pergamenschicov, Boris, 179, 206
Piane, Liane, 100
Piccolowsky, Pingafogo, 83
Pinheiro, Maria Júlia Vieira, 258
Pinho, Maria Lucia, 202
Pinto, Barreto, 79, 88, 117
Pinto, Idalina Fragata Leite, 116
Pixinguinha, 31, 221
Podorolsky, Lydia, 127
Poduschka, Wolfgang, 79

Poggi, Gianni, 78
 Portella, Eduardo, 240
 Portella, Nelson, 170, 189, 237, 238
 Porto Alegre, Walter Schultz, 92
 Prado, José Antonio de Almeida, 13, 172, 193, 228
 Prêmio Música Viva, 42-43
 Pressler, Menahem, 195
 Priolli, Lenice, 202
 Proença, Miguel, 73, 192, 197, 205, 213, 262
 Projeto Bandas, 13, 242, 246, 248, 251
 Projeto Educação Musical, 251
 Projeto Memória Musical Brasileira (Pro-Memus), 13, 16, 17, 240, 243, 245, 246, 250, 251, 252, 259, 264, 265
 Projeto Oficina-Escola de Luteria, 247
 Projeto Orquestra, 250, 251
 Projeto Pixinguinha, 246
 Projeto Villa-Lobos, 13, 246, 251, 260

Q

Quadrio, Maurício, 137
 Queiroz, Bernardo José de Souza, 193
 Queiroz, Glória, 181, 206

R

Rabinovitz, Salomão, 78, 123, 243
 Rádio Jornal do Brasil, 12, 16, 217, 223, 224
 Rádio Jornal do Comercio, 41
 Rádio MEC, 12, 16, 67, 71, 105, 106, 109, 110, 116, 117, 124, 130, 132, 133, 141, 145, 156, 162, 163, 168, 182, 194, 198, 211, 212, 217-223, 225, 226, 232-234, 236, 241, 243, 245, 261, 262, 264
 Rádio Roquette-Pinto, 16
 Ramos, Nereu, 35
 Rato, Carlos, 182, 213
 Rato, Gianni, 163, 189, 190
 Rede Nacional de Música, 13
 Reeger, Wallingford, 50
 Regina, Roberto de, 168, 186, 208
 Régis, Albertina Mafra, 25

Régis, Joaquim Egydio, 25
 Renaux, Carlos, 23, 24, 27, 36
 Rescala, Tim, 33
 Reynolds, Anna, 203
 Rezende, Marisa, 224, 236
 Ribeiro, Alice, 127, 164
 Ribeiro, Lambert, 37, 38, 126
 Ricci, Rugiero, 93
 Richter, Karl, 166, 179, 203
 Rimsky-Korsakov, 81, 103, 176
 Rinaldi, Grace, 113
 Ripoche, Jacques, 102, 105, 114, 128, 136, 139, 143
 Ripper, João Guilherme, 235, 236, 260, 264, 265
 Robbins, Jerome, 100
 Robert, Elizabeth, 176
 Robert, Guy, 176
 Rodrigues, Helena, 201
 Rodzinsky, Arthur, 77, 102
 Rondest, Philipe, 203
 Rooyen, Ack, 167
 Rosenthal, Manuel, 101
 Rottenfusser, Joseph, 171
 Roubaud, Nícia, 118
 Royal Academy of London, 55
 Rubinstein, Arthur, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 192
 Rushisky, Vladimir, 113, 114

S

Sá, Leonardo, 263
 Sabino, Santiago, 181
 Sales, Lucy, 105, 106
 Sampaio, Eliane, 181, 202, 207, 210
 Sandbank, Jeanne Claire, 85
 Sandbank, Myriam, 85
 Sandor, Gyorgy, 149, 150, 151
 Sandreczki, Pastor, 21
 Sandroni, Cícero, 103

- Santoro, Cláudio, 15, 40, 41, 65, 77, 97, 102, 116, 130, 135, 140, 146, 157, 160, 165, 175, 194, 224, 228, 230, 244
- Santos, Turíbio, 72, 167, 168, 174, 179, 254, 261
- Sanzogno, Nino, 77, 78, 103, 107, 108
- Satie, Erik, 84, 174, 175, 176
- Sauer, Hainz, 167
- Schaefer, Euvaldo, 20
- Schein, Ann, 192
- Scherchen, Hermann, 84, 131
- Schlösser, Gustav, 20
- Schmidt, Adolph, 171
- Schnabel, Arthur, 114
- Schnabel, Karl Ulrich, 65, 84, 89, 134, 138, 141, 143, 146, 148
- Schnorrenberg, Roberto, 65, 136, 175, 193, 213, 228, 230
- Schoenberg, Arnold, 57, 92, 95, 107, 109, 113, 144, 159, 161, 173, 185, 193, 213, 219
- Schola Cantorum, 22
- Schoof, Manfred, 167
- Schramm, Ernest Gerold, 166, 203
- Schreiber, Ulrich, 190
- Schumann, Robert, 33, 75, 81, 106, 124, 173, 196
- Schurmann, Ernesto, 131
- Schwartz, Antônio, 22
- Schwartzkopf, Elizabeth, 144, 166
- Schwartzman, Nathan, 118
- Schweitzer, Aleida, 179, 182, 194, 205, 206
- Scliar, Esther, 40, 52, 163, 208, 224
- Scott, Dorothy, 100
- Searle, Humphrey, 56, 159
- Sebastiani, Pia, 43
- Secretaria de Educação e Cultura, 128, 188, 226, 227
- Segóvia, Andrés, 82
- Serkin, Peter, 204
- Seyferth, Giralda, 21
- Sherry, Fred, 204
- Shostakovitch, Dimitri, 91, 130
- Silva, Bernardo Morgado da, 136
- Silva, Dulcemar Lafaille, 124
- Silva, Fernando Lopes da, 104
- Silva, Flávio, 67, 246
- Silva, Paulo, 65, 137
- Silvares, Regina, 125, 127
- Silveira, Emília, 241
- Silveira, Nise da, 53
- Silveira, Noemi, 148
- Silverio, Nazareth, 203
- Silvestre, Felipe, 184
- Simon, Abbey, 194, 195, 196
- Sinnek, Hilde, 65, 140
- Siqueira, José, 15, 54, 55, 75, 110, 157, 164, 209, 221, 222
- Sittner, Hans, 162
- Smith, Carleton Sprague, 43
- Soares, Antão, 209
- Soarmec (Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC), 254, 258
- Sociedade Brasileira de Música Contemporânea (SBMC), 226
- Sociedade Cultural e Beneficente Cônsul Carlos Renaux, 36
- Sociedade dos Amigos de Brusque, 22
- Sociedade Internacional de Música Contemporânea, 81, 92, 127, 130, 131, 157, 187
- Sociedade Musical Concórdia, 22, 23
- Sociedade Schützen-Verein Brusque, 22
- Sodré, Joanídia, 102, 123
- Soler, Pedro, 180
- Souza, Honorato de, 32, 33
- Souza, Marieta Lopes de, 152
- Souza, Oswaldo de, 251
- Souza, Tude de, 90, 217, 222
- Spagnoso, Paolo, 145
- Stader, Maria, 166
- Staerke, Ruth, 170, 203, 208
- Starer, Robert, 47
- Starker, Janos, 196, 198
- Steiman, Rosa, 123
- Stephany, Frederick, 170

Stern, Isaac, 166
 Stokowski, Leopold, 211
 Stoltzman, Richard, 204
 Stravinsky, Igor, 76, 84, 92, 93, 98, 99, 111, 126, 169,
 171, 184, 186, 197, 204, 214, 219, 237, 260
 Suassuna, Ariano, 87
 Swisher, James, 204
 Sylvia, Maria, 68
 Szenkar, Eugen, 209
 Szidon, Roberto, 183, 190, 201
 Sztompka, Henrik, 162

T

Tacuchian, Ricardo, 182, 224, 226, 229, 235, 254
 Tagliaferro, Magdalena, 80, 81, 115, 116, 121, 123,
 130, 173
 Taras, John, 144
 Tavares, Mário, 117, 164, 168, 190, 193, 221, 226
 Tavora, Adolfinia Raitzin de, 82
 Teatro Álvaro de Carvalho, 35
 Teatro Municipal de Niterói, 105
 Teatro Municipal de São Paulo, 106
 Teixeira, Maria Lucy Veiga, 182
 Terán, Tomás, 65, 138
 Theatro Municipal do Rio de Janeiro, 75, 79, 80, 81, 84,
 88, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 101, 102, 104, 108, 109, 110,
 112, 116, 117, 119, 120, 125, 128, 129, 142, 143, 144,
 145, 146, 147, 149, 151, 155, 158, 161, 164, 165, 166,
 169, 170, 177, 178, 180, 181, 182, 190, 191, 193, 194,
 195, 199, 200, 208, 214, 220, 225, 227, 233, 234, 237,
 238, 239, 241, 252
 Tinetti, Gilberto, 187, 211, 246
 Tippet, Michael, 56, 159
 Tocco, Janes, 173
 Toni, Olivier, 176, 226, 228
 Tosar, Hector, 43, 228, 230
 Toumanova, Tamara, 79
 Tribuna da Imprensa, 12, 15, 16, 52, 63, 64, 65, 66,
 67, 68, 69, 70, 7, 75-158
 Tribuna Popular, 51

Tudor, Antony, 99
 Tupinambá, Marcelo, 31

U

Ulmann, Chinita, 99
 Última Hora, 63, 133, 235, 238
 Urca Jazz, 23

V

Valle, Raul do, 193, 224
 Vallier, Lourdes, 125
 Valt, Velta, 118
 Vasconcelos, Edy, 130
 Velloso, Rodrigo Cicchelli, 236
 Veltchek, Vaslav, 144
 Verdi, Giuseppe, 29, 94, 96, 114, 117, 119
 Verona, José, 178
 Viana, Frutuoso, 146, 193
 Viana, Zelito, 42
 Vieira, Silvio, 78
 Vieira, Sônia Maria, 259
 Villa-Lobos, Arminda Ver Mindinha
 Villa-Lobos, Heitor, 26, 27, 28, 41, 42, 80, 83, 96, 104,
 105, 107, 114, 116, 122, 127, 143, 144, 146, 150, 151,
 160, 161, 173, 178, 179, 184, 214, 219, 220, 224, 241,
 242, 249
 Villamil, Irma, 94
 Vita, Mirella, 38
 Vital, João Carlos, 108
 Vivante, André, 120
 Von Schneéburg, Maximilian, 19

W

Walendowsky, Adolpho, 24, 27
 Wall, David, 178
 Walton, William, 56, 160
 Wang, Cill, 144
 Warmeling, Gregório, 22

Waschitz, Jeremias, 82
Weber, Carl Maria von, 31, 205
Weisz, Robert, 93, 94, 95
Wenk, Erich, 170
Westphal, Barbara, 204
Wetzler, Peter, 170
Widmer, Ernst, 172, 193, 224, 226, 228, 231, 244
Williams, John, 176
Williams, Vaughan, 56, 160
Winkler, Wilhelm, 79
Winters, Lawrence, 102, 104, 105, 106, 108, 109
Wolfe, James, 112, 113, 114, 115, 116, 117
Wolkoff, Alexandre, 90

Y

Yana-Rudzka, 142
Youskevitch, Igor, 99, 100

Z

Zabaleta, Nicanor, 144, 147
Zaguini, Wanda Helena, 35
Zattenbaum, Carlos, 113
Zecchi, Carlo, 118
Zeigarnikas, Saloméa. Ver Gandelman, Saloméa
Zimmermann, Wilhelm, 189
Zlatopolsky, Anselmo, 82, 88, 243
Zorzi, Juan Carlos, 185, 198, 199